

COLEÇÃO

*VIAGENS NA FICÇÃO*



CHIADO  
BOOKS



[www.chiadobooks.com](http://www.chiadobooks.com)

**Uma Editora para todos!**

Conjunto Nacional, cj. 205 e 206, Avenida Paulista 2073,  
Edifício Horsa I, CEP 01311-300 São Paulo, Brasil

Rua de Cascais, 57, Alcântara – 1300-260 Lisboa, Portugal

Todos os direitos estão reservados e protegidos por lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da Chiado Books, poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer forma.

Obra disponível para venda corporativa e/ou personalizada. Para mais informações contacte:  
[comercial@chiadobooks.com](mailto:comercial@chiadobooks.com)

Para informações sobre envio de originais contacte: [originais@chiadobooks.com](mailto:originais@chiadobooks.com)

---

© 2020, Vitória Morais e Chiado Books  
E-mail: [geral@chiadobooks.com](mailto:geral@chiadobooks.com)

**Título:** A Eremita  
**Editor:** Vitória Scritori  
**Composição gráfica:** Rui Revez | **Capa:** Isa Afonso  
**Revisão:** Vitória Morais

1.<sup>a</sup> edição: Setembro, 2020  
ISBN: 978-989-52-8404-7 | Depósito Legal n.º 470628/20  
**Impressão e acabamento:** Break Media Print

VITÓRIA MORAIS

# A EREMITA



CHIADO  
B O O K S

Brasil | Portugal | Angola | Cabo Verde



## 1. A AUTOSSUFICIÊNCIA

Tudo aqui é estranho... Começo a me estranhar também por conta do ambiente em que resido – se interpenetrando em mim, aos poucos.

Fui conhecer um tal de mestre que não sei bem quem é, mas não me importa muito – pois todos os mestres são como aqueles professores, ou autoridades que se deixam suspender a um nível muito estranho acima do que realmente são, que começam a se ver pelos olhos dos outros, com tamanha superioridade – e não abrindo os olhos para o que há de mais penumbroso dentro deles.

Existem os mestres que não são mestres dos outros, mas de si mesmos – e ninguém releva muito esses fenômenos de maestria, ninguém os revela, e nem gostam de serem revelados.

Resolvo eu, desde criança – a fazer as coisas por conta própria, a não precisar de ninguém, a repercutir independência em todas as ações. Desde pequena, esta ideia sempre esteve entranhada em minha cabeça; a autossuficiência como fonte de virtude.

E há os grupos em todos os lugares. E em cada grupo, acho uma parte de mim, acho um lado meu que se torna compatível com o de todos, formando uma única rede espetacular de amores e amizades nunca antes verbalizados. Eu não faço parte de nenhum deles, talvez –

por cada fragmento meu estar sempre em algum outro lugar, que não ali. Só se está ali, quando não estou mais ali. Todos sempre possuem uma parte de mim, tornando-me onipresente, uma mestra de si que quer desconhecer a maestria em si para dar lugar a uma humildade alarmante, uma sábia aprendiz, e sapiente da vida antes de realmente experienciá-la com todos os seus gostos e temperos misturados.

Pois estão em grupos por isso: por não entenderem ainda a maestria de si mesmo. Quando souberem, não haverá mais grupos, mas sim comunhões. O ato de se unirem para um propósito maior, independente de quem esteja lhe dando a mão. Não será mais uma “panelinha”, mas sim um fogão inteiro, que ascende as chamas para incendiar as lacunas!

Por muito tempo rejeitei a vida; tentei, de todas as maneiras evitá-la, para me manter acorrentada na escuridão do desconhecimento. Porém, há sempre um relance, uma trava de luz que se desmonta para o olhar, às cinco da manhã. Há sempre os lapsos incandescentes de mantras criados pela consciência, no instante em que se acorda para uma nova geração de visão de mundo; cheguei ao meu lapso mais precioso: talvez, me escondi tanto da felicidade, por pertencer a ela. E quando ainda não conhecemos nada muito bem (o mundo), tendemos a querer nos soltar e nos desvencilhar daquilo que quer nos apossar!

Pois bem, tentei a todo custo – fugir da felicidade. Mas, como o tempo mostra as mudanças recorrentes de visões, conhecimentos e interpretações – hei de perceber que, quem foge desesperadamente da felicidade, ao final, tem a ver com ela, e quem foge desesperadamente da obscuridade, ao final, tem a ver com ela.

Chega uma hora que nos rendemos; nos trememos para as mãos da rendição, mas é inevitável: nos rendemos para aquilo que mais corre atrás de nossa alma durante esta estadia ficciosa na terra, sentindo os pés pisando o chão duro e frio. É aquilo – a miragem mais temida.

A imagem colorida é sempre mais cara do que a preta e branca – há de se pagar um preço caro pela vida colorida, ao invés da preta e branca. Porém, o preço caro que se paga são os bons e verdadeiros frutos que os corajosos tem a audácia de morder, e quando mordem, nunca mais têm vontade de voltar ao que era preto e branco. O preço caro é o preço de uma vida sublime, e é cara, somente por que ninguém está lá. São poucos os que arriscam-se na vida sublime e desejam pagar um preço alto por isto – preferem a comodidade do comum, precisando de mestres ao seu entorno para lhe auxiliarem na vida preto e branco. A autossuficiência então, se desmancha.

Hei que arrisco e assumo: sempre tive de pagar o preço caro pela vida suspensa que tenho, tão incompreendida quando saio pelas ruas e mantenho-me ativa, mas tão transcendente e com aspectos de eternidade – como clarões – quando estou aqui, sozinha, comigo! Parece-me então, que o mundo é meu, e sou capaz de tudo! Quando olho para o céu azul e sinto sua imensidão ingressando nas minhas vistas boas e coadoras de sementes.

Enfim! Estava ali sentada com várias pessoas perto de mim, e elas tentavam pedir conselhos para este tal de mestre da sabedoria. Não sei quem é – existem tantos que se é impossível se referir a um, sem se referir também a tantos outros. Não há em mim, o menor interesse em conhece-lo pela sua imagem social formada – mas sim pelo interesse que eu poderia criar se eu olhasse em seus

olhos. Assim como acadêmicos, que ao final de tudo – são pensadores que se conhece somente para usá-los em conversas vazias. Quem lhe ensina é a pessoa, ou sua própria consciência ao digerir a ideia? Ou não se aprende nada?

Estávamos ali, e eu fui para receber alguma espécie de ajuda que eu sabia que não necessitava ser de alguém de fora. Mas mesmo com minha teimosia em ouvir os outros que não sabem de nada sobre mim – fui. Estava ali olhando para todos, babando e de olhos arregalados para a postura ereta do mestre, e eu – somente o observando. Não pude deixar de notar sua insatisfação em estar ali, sentado de pernas cruzadas para tantos outros que são tão fáceis de serem sucumbidos às ideias de outros, já que as suas próprias – lhes faltou o desenvolvimento. Sua insatisfação! Mesmo com um doce sorriso no rosto.

Até as pequenas criaturas demoram a se desenvolver para chegar ao seu destino final; aonde se quer finalizar, no seu ponto de chegada. Uma aranha, uma formiga ou barata competir comigo para ver quem chegará primeiro a determinado destino, obviamente eu chegarei – mas não que isso pudesse subestimá-las de algum jeito. Pois até dentro da cozinha, as baratas pela noite costumam ser imensamente velozes e intransigentes. Isso é mais uma prova de que a velocidade que se tem, está relacionado ao objetivo que se almeja. Elas são tão minúsculas que a vontade é de segura-las com o dedo – mas mesmo assim, o meu dedo teria talvez, para elas – a força de deus esmagando os humanos. Os meus pés, as minhas mãos.

Tudo seria tão pesado que seus formigueiros estariam lotados, somente para escapar desses processos inúteis que nós criamos em ter de mexer com elas. Mas, a

força delas se rebate e volta, quando se pisa no seu território. No seu formigueiro, lhe mordendo a qualquer custo, a sola do pé, e a palma da mão.

Notei, então – uma breve poeira vinda dos uniformes transparentes da verdade: hei que sou sempre interpretada como algo estranho, porém – é quase sempre o oposto do que sinto. Talvez eu realmente seja, uma pessoa fora do comum. Quando estou sendo olhada como alguém autocrada – na verdade, aquilo seria uma timidez desajeitada que não sabe muito bem como se encaixar no mundo, e nem nunca saberei. Quando me olham como alguém quieta, na verdade – tenho todas as paixões mais inflamadas, acesas dentro de mim! Quando me olham sempre por alguma razão, de um jeito – é quando provo para mim mesma que também sou de outro jeito. E talvez isso seja uma destreza de se auto conhecer: o reconhecimento dos seus próprios fragmentos como fonte verdadeira de compreensão das coisas.

– Filha, venha cá, me dê a mão. – Uma das pessoas que estava na sala falou comigo.

Então, percebi, todos de repente se dando a mão dentro daquela sala, e com o mestre de olhos fechados respirando fundo, dando a mão para uma outra pessoa também.

Dei então, a minha mão, sem entender muito bem o porquê.

Há algo que me perturba também na realidade: o meu foco de vida é sempre voltado para o lado interno, então – quando saio de mim e vou para a vida do lado de fora, passo dias e dias passando frio e chovendo enxovalhos, retorno logo para o lado de dentro, estranhando a mim mesma, como se tudo aquilo que eu tivesse vivido

por um bom tempo longe dos meus próprios abrigos, tivesse sido uma ilusão, algo que se transpassou em outras dimensões. E de fato, é – mas como ninguém concorda com isso, então acaba não sendo. Essa sensação é extremamente parecida quando se tem noites de bebedeira e se acorda no dia seguinte, lembrando-se das coisas em miudezas.

Quando se ouve falar de algo e logo então se imagina aquilo na sua cabeça, é muito diferente de quando se está experimentando aquilo, ou vendo aquilo acontecer com seus próprios olhos. A realidade dos cinco sentidos é muito distante da realidade mental, da imaginação – apesar de que uma, é sempre o caminho da outra, dentro dos arredores substanciais. E a minha mão suave, junto à da mulher ao meu lado – e fui sentindo aquele suor percorrer todos os meus poros, até não sobrar nada que me fizesse voltar para o pensamento novamente.

Por isso que, se viver e se sentir é diferente de se falar e de se ouvir: há o contraste, e nenhum pode competir com o outro, pois ambos fazem parte de realidades diferentes, distintas. Uma, é mental, e a outra – a sensitiva, que se refere aos sentidos.

Como se pode dizer para alguém que passa fome e está em estado de desespero, audácias de uma calma mental, conformada com um outro tipo de bem-estar, vinda dos cinco sentidos muito bem agradados pelo seu plano? Como pode-se transferir palavras mentais para o desespero impaciente, quando o assunto em jogo é uma esfera sensorial carente, e não uma alma sedenta por palavras harmoniosas?

Então, há essas três realidades aonde todos ousam ou querem se aventurar, mas por vezes estancam em uma

única: a realidade mental, a realidade dos cinco (ou seis) sentidos, e a realidade virtual (vivendo apenas das informações desenfreadas somente pela acumulação das mesmas na cabeça das pessoas, e não pelo seus fiéis entendimentos). Eu poderia dizer que quase todos vivem nesta terceira, quando ela deveria ser uma espécie de serva das duas primeiras. Assim como a racionalidade, sendo uma ferramenta para o sentimento, que é o verdadeiro propulsor das ações heroicas, nobres e legítimas de serem respeitadas.

A realidade virtual controla todos eles que estão aqui agora – através de informações que muitas vezes, são inúteis. Uma prova disso é quando prestam mais atenção às informações recebidas (como uma espécie de vício do cérebro), ao invés de prestarem atenção nas nuances, em quem fala, em como gesticula, em seus olhos, em suas emoções ocultas. Será mesmo que aquela informação é relevante? Para onde está indo depois que for semeada? Para que ela servirá? Para quem? Qual é o objetivo dessas informações? Elas serão usadas para uma mudança prática ou somente a manter presa e estancada em uma área restrita do cérebro? Aparentemente, ela é benéfica, mas depois quando se percebe que há algo de escondido, algo por trás – se observa que a fantasia continua, quando ainda há coisas que não estão transparentes o suficiente para se entregar à elas.

O sol, todos os dias, ilumina a todos os seres – mas quase ninguém tem percepção da sua irradiante luz penetrando, aos poucos, nos seus poros da pele. Todos se iluminam, mas hei de perceber a iluminação do sol – há de entender que o ato de iluminar-se por ele é intransferível de ser desprezado. Pois isso é vida – e sem vida, não há

nada o que se fazer aqui. Pensamentos fracos geram um corpo fraco – uma caminhada sem firmeza nos pés, gera um cansaço facilmente penetrável.

E os pensamentos fracos são a falta de contato consigo mesmo! Tudo isso aqui que vemos são coisas que nos impedem de ver a realidade como realmente é. As aulas, as simpatias forçadas, os hospitais com suas doenças criadas pelas vítimas dos que provocam discórdia, as igrejas insanas com delírios infinitos de almas desesperadas... em todo lugar, há sempre uma razão para aquilo ser demolido. É demolido para se ver o que há por trás.

Eu não tenho receio de me expressar, ou medo – mas muito pior, não há espaço para mim aqui. Tenho um corpo extremamente sutil e uma vibração nas cordas vocais completamente harmoniosa, dando-me poucas oportunidades para libertar-me das próprias ideias, pois o caos do mundo não ouvirá os chamados sutis das ideias grandiosas. Ou melhor, a expressão se liberta de si mesma – alguns ouvem, mas tem dificuldade em entender o que quero sempre dizer; aonde quero chegar, no mesmo patamar, na mesma igualdade de todos. Porém, nem todos possuem a mesma honestidade de intenção quando se expressa; quando se liberta.

E assim, fico só – no emaranhado de expressões alheias impensadas e somente reproduzidas, que é o significado do caos do mundo, sem nenhum objetivo de tornar algo mais complacente ou satisfatório para convivência. Já a minha expressão, é sempre pensada – é sempre sentida, é sempre nutrida. Para tornar-se algo mais maduro e grandioso no futuro. E a do outro é? Com suas respostas rápidas e competitivas de se ganhar um prêmio, como se uma troca de ideias fosse uma espécie de corrida, aonde ninguém ali sabe realmente dirigir?

Ah! O que há de errado com eles? A falta de visão, a ausência do ser visionário em poder transcender as lentes e poder enxergar mais além do que está aparente, do que lhe mostram, da enganosa crosta cobrindo todo o ouro, bem na sua frente... quando se está com a cabeça atormentada, e aparece algo atormentado em sua frente, se tem medo, desespera-se e então transforma a vida em uma lama com poços aonde o pé afunda. Mas, quando se tem a cabeça com visões de coisas belas, transcendentais e que alimentem a alma, e se depara com algo atormentado, este algo atormentado de repente se transforma em algo suscetível para o entendimento, para a compreensão e aprofundamento.

Todas as questões da vida tratam-se de uma dependência da visão interior, do senso do ser quimérico, visionário – que sente-se fraco ao pensar pequeno, não se satisfaz com a pequenez dos pensamentos comuns e erráticos. Assim me sinto, no meio de todos. Assim sempre me senti, na vida. O que fazer com estes pensamentos grandiosos? Lhes digo novamente, que tenho um corpo sutil e uma voz levemente acerbada de educação – e por isso, não há espaço para mim no caos. Os pensamentos grandiosos devem ser levados até eles, mas de que forma?

Cansei de entrar nos lugares e não me sentir pertencente pois não compartilho nunca com estas ideais planas e retas de todos; escolas, faculdades, igrejas, hospitais, casas de família, bares, festas com amigos, escritórios – aonde não me trazem gosto algum de sublime; aonde me falta o gozo do espírito sendo levado para uma dimensão maior!

Claro, há espaços que são a exceção dessa regra: como os parques e as óperas. Os parques têm algo de

maior pois trazem a beleza da diversão das crianças e dos animais, e as plantas ali crescendo, se animando com aquela tamanha energia humana saltando fora dos corpos e alegrando o resto dos seres vivos. Como a sociedade do desespero sabe, precisamos de um lugar aonde a natureza possa crescer – senão, já se sabe que todos morrem sufocados pelo concreto absurdo e exausto de um trabalho minguido e atrofiado nas minorias do seu próprio valor.

As óperas! Como se dizer tudo que escapa dos ouvidos e dos tímpanos que se satisfazem de repente, com um som que combina com a imensidão do céu, compensando aparentemente, uma vida de amargura? Nas óperas há o gozo da audição, que transpassa para os outros sentidos, que se harmonizam juntamente com a força e entusiasmo do comando do maestro que coordena o som dos violinos! A ópera esconde, deixa subliminar o aspecto de natureza em suas músicas. Transformam a sensação serena de se estar em meio aos gramados verdes e terra ardente para se pisar, em gosto e prazer para os ouvidos. Tudo aonde há o sublime, há aspectos naturais ali.

– Boa aula pessoal, vamos terminar por aqui. – Disse o mestre.

Pois bem! Eu, sendo uma visionária introspectiva, pude notar seus erros de conduta e como isso irá repercutir nas outras pessoas, semeando ideias indevidas em suas cabeças. Mas eu não falara nada; eu nunca falo nada – deixo a percepção própria de cada um, trazer-lhe ao devido encaixe de sua manobra substancial, através dos ventos que sondam e circulam nas nossas cavidades mentais.

Deixo a minha introspecção fazer a minha própria vontade de imaginar um futuro breve, sem pessoas se encaixando em papéis aonde não lhe pertencem.

– Obrigada, mestre! Você é um ser iluminado. – A mulher que segurava minha mão falou.

Ele continuava sorrindo, como se nada o afetasse. Mas eu conseguia ver, ao longe, faíscas de insatisfação repercutindo em sua mais gentil expressão. Preocupações e um autocontrole exausto e fatigado de sua própria conduta, exalando as incertezas em seus próprios gestos. Ele não estava com saúde.

Sáímos da sala aonde nos encontrávamos, e uma das colegas veio até o meu lado, andando:

– Ele é muito simpático, não é?

Eu não a respondi. Apenas sorri para ela, e mantive minha concentração na andança das escadas até os andares de baixo.

Percebo que o meu conhecimento, quase todo – é a partir de coisas que observo, e não de coisas que já li em livros ou em teorias. Isso me faz pensar que, talvez – o meu maior motivador de mudança seja esse extremo contato com a realidade que me cerca, e não das reproduções do que outros dizem. Ou seja, o mestre para mim – não era um mestre pois os outros assim o chamavam e o diziam, mas era uma pessoa intranquila e preocupada para mim – e eu tinha o desejo de ajuda-lo. Será mesmo que ele se contenta com essa posição e se sim, será mesmo que este continua humilde como um mestre, ou arrogante como alguém que ganhou status? Eu não sei. Não observei o bastante para entender como isso se lampeja de repente no organismo humano.

Todas as minhas andanças durante a vida se baseiam em ir e vir no aconchego e no diálogo dos demais, mostrar minhas ideias e verdades, fazer os mesmos pensarem, e logo depois, partir. Nada de muito sólido nas minhas rela-

ções, pois nunca cheguei a construir isso sem que houvesse uma interrupção, um bloqueio vindo da parte do outro, por não aceitar alguma ideia vinda da minha parte. E quando digo ideias, é dizer a minha verdade e ainda não estarem preparados para ouvi-la. Eu aceito essa realidade – mas a conexão é primordial para mim, não quero acabar com a solidez de qualquer relação sem antes ter tido a troca, a substância que fica imaculada e se criam átomos vibrantes por todo o ar que se encontram, aquelas duas almas conectadas. E aquilo fica eternamente na alma, em forma de lembrança.

Ora, mas para onde vou agora? Eu amo ir para todos os lugares, conhece-los, conhecer as pessoas, suas enfermidades e disputas subjetivas, e ver no que posso fazer com isso. Para onde vou com tanta informação que crio após as minhas constantes observações? Pois bem. Tudo isso para mim é tolo; sinto que já sei de tudo isso que o mestre diz, por isso mesmo – não tenho muito o que estudar, mas sim, o que observar, no que o outro que passa o conhecimento, me diz.

É quem ele é, não o que ele diz.

Eu já sabia que a minha autossuficiência me traria essas constantes angústias de não me encaixar nunca. Mas, de tanto que já senti a sensação, acostumei-me com ela, e tornou-se uma segurança única. A sensação não é mais intrusa, carrasca ou inimiga. Ela se tornou minha maior fonte de virtude – com ela pude criar um filtro entre o que há de mais sagrado e mais nebuloso dentro da vida. Dentro da anatomia humana, da natureza, dos encaixes universais, dos céus, das transcendências e obsessões, e das danças da rotina do mundo comum, e principalmente, das minhas auto-observações – a forma como me sinto, como meu corpo se sente dentro do mundo.

Mas alguém há de entender isso se um dia eu explicasse? Desde criança, tive a constante mania de observar minhas sensações corporais. Como uma espécie de soldado em treinamento para guerra, sempre tive um autocontrole com base no gosto próprio e particular de analisar de onde vinham minhas sensações e para que elas serviam, e como elas chegavam dentro do meu corpo. Analisava o meu cérebro enviando a mensagem, e chegando até o coração, fazendo-o palpitar, chegando à genitália e a excitando, levando até os olhos e sentindo minha cabeça pesar e esquentar, somente para a água salgada fazer meus olhos aparentarem um brilho, e como a quentura do sangue descia até os meus braços e minhas mãos, surgindo de repente, veias espetaculares por conta da minha intensa e vasta corrente sanguínea!

Observava também, o peso absurdo no estômago que eu sentia quando cresci um pouco mais até a pré-adolescência, e decidi me enveredar para atos nocivos de uma alimentação carnívora e sofredora. Sentia o sono se apossando do meu sistema nervoso, e eu, com a minha tamanha energia que sempre tive, conseguia sempre driblá-la a hora que eu mais desejasse. Meus olhos avermelhavam, mas o sono, não sentia mais. Aparentemente, ela havia entrado por um canal dos sentidos e ter ficado ali, talvez, nos olhos vidrados em algo, não permitindo que o mesmo se sinta controlado pelo sono. Eu não me sentia controlada pelo sono. Sentia os arrepios levando meu corpo, de um estado de inércia, para um choque tremendo, modificando minha pele fina, fazendo meus poros se exaltarem e se expandirem. Às paixões, os espirros e os bocejos.

Sentia também, um cansaço estranho quando não enxergava nada na vida que estivesse me animando. Descobri com isso, que o cansaço do corpo é o desânimo da alma – é

ela avisando-lhe que precisa de coisas alegres para sentir-se com energia vital novamente.

O meu cérebro, como uma fonte primordial de transmissor, sempre foi meu aliado em perceber o que havia de errado comigo e o que não havia – o que era ilusão. Primeiro, a informação chegava em minha mente, mas eu percebia que a informação ainda continuava estancada ali na mente, ainda não havia passado para o cérebro, e do cérebro, ter passado a informação para o corpo todo. Não – ela ficava ali, estagnada na mente, e eu a controlava muito bem, para ela não descer, para ela não escorregar até as outras partes que formam o corpo humano, e fazê-lo um depósito de coisas inúteis! Não. A informação chega até a minha mente, e a analiso, assim como faço com as minhas sensações corporais, e as jogo fora depois de um tempo, depois de dissecá-la; isso talvez se chame sensatez. Mas não tenho certeza.

Até mesmo as minhas expressões! Podia perceber facilmente elas, mas não sabia muito bem o que elas representavam para o social, eu nunca tive noção alguma de socializações – e isto talvez sempre tenha me levado para um caminho solitário na vida. Mas entendi, por fim, que haviam dois polos distintos na qual todos viam as coisas a partir desta pequena ótica: o masculino e o feminino. O masculino se tratava de um viés mais agressivo, relacionado ao sexo bruto, a carne, às coisas animais – representa, em sua prática, o órgão genital, pois é dali que nasce tudo que é sem pudor. Já, o feminino, entra no mundo por um viés mais transcendental e mental, pois o feminino rege a beleza, a compreensão e a harmonia das coisas, tudo que se pode ter, somente com o equilíbrio mental.

O feminino, no caso – está mais adiantado na escala da evolução humana, por isso a energia feminina, em si, é sôfrega por vezes de resistir, dentro da brutalidade do mundo. Dentro do mundo masculino.

Quando franzo o cenho por exemplo, tenho a certeza de que há milhares de pessoas que se excitariam com esse gesto, simplesmente por ele lembrar uma expressão raivosa, e por lembrar algo que remete também ao bruto, ao masculino, ao sexo animal – e o instinto então, se ativa. Já, quando possuo a ingenuidade estampada nos meus olhos e um sorriso aparentemente sincero e meigo, há ali, o amor universal e extraordinário, a beleza aparecendo bem na minha expressão – e é encantador para todos – todos se ajoelham perante isso, pois os fazem esquecer um pouco suas vidas que vagueiam nas brutalidades do mundo. Esse é o feminino, a coisa que encanta, e que faz as sensações enviarem mensagens para a mente, alertando-lhe que o mundo então, é belo. Vira-se mental. Vira-se feminino.

Eu via em mim as duas coisas. E talvez por isso, de ter sempre tido noção de mim mesma, que meu autocontrole e a análise das sensações pôde ser muito bem arquivada e demonstrada. Demonstro para mim mesma, quero dizer. Quero provar par mim mesma, as coisas infundadas e ainda sem comprovações. É tudo sempre sobre mim mesma – por isso que compreendo tanto o outro, pois a minha compreensão para com o outro surge sempre da minha competição comigo mesma e logo depois, da anulação dessa competição, pois pude notar que existia um outro lado em mim, ainda mais inocente – e não competitivo como aquele que estava no comando, quando antes eu enraivecia.

Bom, é engraçado – mas por isso entendo o outro, pois tudo que ele me mostra e tudo que não mostra, posso sentir (suas expressões, gestos, movimentos, e o tempo que o mesmo leva para fazê-los e muda-los) – pois assim também sinto dentro de mim, ou já senti, em alguma determinada fase, e sei disso – pois todo conflito que passo comigo mesma permanece memorável para mim, e quando surge alguém com a mesma coisa, posso guiá-lo através das próprias descobertas que fiz, pois foi assim comigo, e será assim com ele – pois o corpo humano é o mesmo, apesar de sermos almas diferentes. Mas o corpo receberá as instruções da mesma forma.

Me observo tanto que chego a confundir a emoção chegando, com a emoção realmente latente e explodindo por fora! Quando digo que me estresso, ninguém acredita – pois creio que eu, na minha própria observação de mim mesma, pude ver o estresse chegar e pude captá-lo, e mandá-lo embora rapidamente, mas ninguém percebeu, pois não havia chegado em nenhuma parte do meu corpo para poder ser percebido pelos outros, que nem mesmo conhecem o começo de uma emoção vindo. Só conhecem as palavras que saem, e que ferem, mas não conheceram o momento do pensamento ainda formulando as palavras que iriam ferir.

É isso! De onde vem estas emoções que geram as sensações? De onde elas surgem, quem as manda para a mente? Os contextos de vida, de história pessoal, do nível de sensibilidade? Tudo está envolvido, mas se tudo isso fosse esquecido, então não haveria mais emoções? Talvez. Haveria somente a apreciação dos sentidos em prol de um sentimento que finda no pulsar do coração e no alarde da mente ao abrir uma porta especial para a visão mais clara das inconstâncias.

Mas enfim, eu estava indo embora, e não sabia muito bem para onde ir. Uma das colegas que estava comigo lá em cima, olhou para mim e sorriu. Ela era extravagantemente bonita, sua beleza natural era um suporte de luz para a escuridão da noite que todos começaram a ver no momento em que desceram e chegaram até o andar de baixo. Olhei nos olhos dela e sorri também. Ela acariciou meu ombro.

– Quer uma carona? Você vai para onde? – Ela me perguntou.

Mal eu sabia para onde eu iria. Eu não sabia. A minha perda material não me era estranha, mas sim, creio que todos dariam risada se eu assumisse para eles que eu não sabia para onde eu iria agora. Mas, não queria recusar sua carona.

– Quero sim. Pode me deixar em algum lugar perto de onde você mora. – Eu a respondi.

E com previsão, ela deu risada.

– Sabe aonde eu moro? – Ela perguntou.

– Não sei, mas vou descobrir agora.

– Está sem rumo hoje? – Ela foi direta ao me perguntar, percebendo a conversa se enveredando para brincadeiras.

– Praticamente todos os dias. – Eu banquei a vítima, mas creio que ela havia entendido o sentido.

Nunca me sentia sem rumo, mas eu dizia isso pela breve desculpa que eu teria que dar somente para dizer que sou alguém conhecedora das coisas, sem medo e sem apego a lugar algum, ou a rotinas maçantes. Diferente dos outros, que estavam nessa aula exatamente para tentar se livrar disso. Ainda não entendiam o prazer que é, descartar informações da mente após senti-las no coração, as analisando!

As conversas com pessoas, no geral, me eram muito bruscas quando, aonde, tudo que eu mantinha contato durante o dia eram vidas e partículas sutis – como o andar desesperado de uma formiga para chegar ao seu reino, junto com suas semelhantes. E daí me chegam palavras vindas de vibrações completamente diferentes do que eu estou acostumada a ouvir. O silêncio me era um despertador – e a chuva, um grito. Então, imagine, a voz das pessoas comuns, que vomitam toda a sua reprodução da sociedade, quando entram em contato com a minha pessoa – tão acostumada a captar coisas pequenas e imperceptíveis para os outros, que vivem na correria e na pressa de algo que não sei bem o que é, mas que não faz sentido nenhum. Não faz sentido para mim, e também não deveria fazer para eles.

Mas, o brusco tende a se tornar sutil quando se olha com extrema atenção e lucidez. O bruto se transmuta em sutil quando há a plena atenção no que se é brusco. Quando se observa os mínimos detalhes e consegue perceber que ali é apenas uma vida acuada tentando se defender.

– Vamos comigo então. – Ela disse.

– Ir para aonde?

– Posso te deixar aonde você quiser, mas antes podemos conversar.

– Conversar sobre o quê? – Lhe perguntei, desconfiando de sua proposta, achando que aquilo tudo iria me render horas e horas perdidas da noite, aonde eu poderia estar a desenvolver outro tipo de pensamento, que não com conversas banais e sem consistência, de um dia-a-dia nada vívido.

Mas não era bem isso que eu pensava, quando ela me respondeu:

– O futuro está te esperando.

Achei, então, aquela sua resposta intrigante, instigante e convidativa. Não era nada dentro do comum alguém responder isso para um outro alguém. Na verdade, ela não tinha respondido a minha pergunta, o que me fez entrar em um estado completo de interrogação. Achara que coisas desconexas que se conectavam depois, só aconteciam dentro da minha cabeça. Mas, a estranha mulher que compartilhava comigo uma aula espiritual, me mostrou o contrário.

– Como assim? – Lhe perguntei com receio.

Ela pegou em minha mão de repente, e praticou uma expressão sorridente com um olhar um pouco sonolento:

– Não há espaço nenhum para você aqui, não é? Não há em lugar nenhum, e eu sei porque. Você nunca se sentiu pertencente.

Eu estremei, então. Arrepiei-me por completo e a informação que eu tinha de acabado de receber dela, foi como se fosse uma telepatia estranha acontecida, se não agora, anteriormente, dentro daquela sala. Foi como se... Ela tivesse lido meus pensamentos, com tanta naturalidade e simpatia que eu não sabia aonde encaixar a minha seriedade de sentimento.

Eu a segui para o seu carro, então, sem dar nenhuma palavra. Entramos, e ela começou a dirigir; estávamos em completo silêncio, compartilhando uma noção aproximada de conhecimento do que iríamos falar uma para outra.

– Você sabe o motivo de todas aquelas pessoas estarem ali. Elas querem sair de onde se encontram, buscando fugas espirituais, mas elas percebem que não adianta, pois para acharem paz interior precisam se segregar. E segregar não é o caminho. Nunca é. Todos eles querem lucrar

pelas nossas costas, lucrar com nosso sofrimento! A vida atual se baseia nisso. Alguns grupos tentam escapar, fazer fugas dentro disso tudo, como os grupos de sustentabilidade, essas aulas de espiritualidade... mas sabemos aonde tudo isso vai dar. Eles não são o bastante. Mas é claro, estou te falando essas coisas que você já sabe. – Ela então, tomou fôlego para finalizar uma pronúncia malfeita – Você já sabe de tudo isso, por isso não vê sentido em nada, em qualquer lugar que vá. E em qualquer relação e interação. Você percebe todas as lavagens cerebrais e não sabe o que fazer. Você se questiona, discute consigo mesma e não chega a lugar algum.

Ela, então, começou a falar, as palavras saíam de sua boca como se fosse algum discurso decorado de sua parte.

– Essa realidade não contenta ninguém. E quando há alguns que querem se libertar, precisam abrir mão de tudo. Por isso, há outras pessoas que usam drogas, se enfiam em grupos que os levarão para um mal caminho. Querem se sentir importantes, parte de algo, satisfeitos em estar pertencentes. Mas você não. Você se rebela discretamente, sem fazer alarde, silenciosamente. Mas tem tanto amor dentro de si, lhe impedindo de ficar parada.

Eu, então, interrompi seu discurso, não entendendo aonde ela queria chegar com tudo isso, sendo mais cética:

– Qual é o seu nome? – Lhe perguntei.

– O que importam os nomes? São somente construções que usamos, como códigos, para nos definir. A carteira de identidade é um código para nos selar nessa redoma e acreditar que só somos dignos se formos números, o número que é criado na sua identidade quando vai fazê-la.

Eu então, franzi o cenho, não compreendendo a situação na qual eu estava inserida. Dentro de um carro, com uma estranha que havia tido uma aula comigo sobre espiritualidade. Ela não era louca – as coisas que ela falava faziam todo sentido, mas havia algo nela que não se encaixava com o contexto da rotina comum.

– De onde você é? – Mudei a pergunta.

– Daqui mesmo, assim como você. Vim para te ver nessa aula, e te dizer que preciso que você faça uma coisa.

– O quê? – Me mantive um pouco nervosa, esperando sua resposta.

– Preciso que você ache um cristal meu que foi roubado, o cristal das sete estadias.

– Cristal das sete estadias? O que é isso?

– O cristal das sete estadias, dos sete pontos mentais na jornada que levam à evolução completa nessa vida. Preciso que ache ele para mim, estava na minha gaveta, mas não está mais lá, preciso que o ache.

– E porque você mesma não faz isso?

– Porque me falaram de você. Na verdade, as pessoas falam muito sobre você. Sei que é alguém que sabe muito sobre tudo, e sei também que é alguém pura como um cristal, e toda pureza traz revelações, assim como o cristal também me traz. – Corrigiu-se – Trazia. E você é necessária. Sei que é independente, autossuficiente. Faz tudo sozinha sem precisar de ajuda, mas isso por que, você nasceu com algo diferente. Nasceu já sabendo, intuitivamente, o que fazer.

Eu não sabia que diabos de língua ela falava, mas era algo oculto demais para meu entendimento. Eu estava disposta a sair da minha zona de confronto que sempre estive, e disparar meus pensamentos para fora – para todos

verem? O único motivo pela qual os escondo é por crer que ninguém dará ouvidos ao que tenho a dizer. Mas se o que eu tenho a dizer, libertará a todos desses sofrimentos estranhos e ilusórios? Eu não sabia sobre o que se tratava esse cristal, e nem aonde acha-lo, mas sinto que tenho de seguir as alertas e os sinais que me pedirem para seguir.

Ela, então, parou o carro, e olhou para mim, seriamente.

– Eu não sei do que você está falando. – Eu falei, antes que ela pudesse falar alguma coisa.

– Saberá um dia, quando chegar a hora. Não terá mais dúvidas. Então, vai saltar aqui? Aqui é o lugar.

Olhei para a janela do carro, e estávamos em frente a um palácio de artes, inundado de pessoas circulando; provavelmente acontecia uma exposição ou algo que se pareça com isso. Todos muito bem arrumados, como um jantar de gala. Não sei se foi coincidência, mas constantemente sentia-me perdida em multidões, talvez ela tenha me deixado ali para me testar. Decidi aceitar.

Abri a porta e saí do seu carro. Ela me tocou no braço, e sua mão estava meio gelada. Senti algo de diferente naquele toque – como se fosse ele, essencial para alguma ação que eu viesse fazer daqui por diante. Foi como, algo proposital e também pensei em coisas esquecidas por muito tempo dentro da minha cabeça, após esse seu toque.

Depois que saí do carro, ela me olhou e acenou, e creio eu que ficou esperando eu entrar dentro do palácio.

Não sei se eu deveria fingir que isso não tinha acontecido, ou se eu poderia me focar nessa busca. Mas, pensava: focar na busca, não traria o que eu queria, pois nem eu mesma sabia o que era isso que eu procurava! Eu nunca tinha ouvido falar desse cristal, que mais me parecia

como um absurdo secreto que iria me trazer problemas por estar em minhas mãos. Não problemas – mas eu desconhecia o seu poder, se é que uma simples pedra traria todo esse poder. Não sei se isso foi um sonho ou uma cousa que poderíamos chamar de real – mas estes sempre se misturam.

Decidi esquecer isso, e só me movimentar em sua busca se me sentisse, instantaneamente, encurralada pela vida para seguir em direção a esta encruzilhada. Não me foquei mais nisso, apesar de sempre pensar no grande significado das coisas, e acreditar que a minha curiosidade tinha objetivos, e não apenas servir como meras experiências, que posteriormente se esquecerão no correr da velocidade do tempo.

Eu nem mesmo sabia o seu nome. Como iria devolver algo para alguém que eu desconhecia de sua origem?

Então, quando retornei ao lugar aonde eu estava, quando tomei percepção dos meus pés pisando o chão, e os sons barulhentos do palácio sendo ecoados para meus ouvidos, a mesma sensação retornou. A sensação de não pertencer a lugar nenhum, e a de ninguém entender as coisas que quero dizer, que quero exprimir, espremer como laranja – para que se faça um belo liquido colorido para se tomado pelos adormecidos. Até os que estão em luta, continuam dormindo! Por que será isso? Por que até os mais bravos, alguns ainda dormem com suas espadas na mão? É a falta de estratégia; a falta de se pensar, de se articular, o que muitos pensam que é uma bobagem.

Nada é bobagem, tudo, absolutamente tudo pode ser aproveitado. Nada pode ser desprezado, senão – ficará desatento para os avisos que a vida lhe dá! Os avisos para onde se deve ir e para onde se deve seguir são sobre nunca desprezar nada que cruza seu caminho.

A falta também – de se perceber o todo, o que ainda está por vir além da sua visão limitada da coisa. Tento conversar com os outros sobre as coisas, mas elas só ouvem o que querem ouvir! E o mestre, só fala o que os outros entendem – não falam coisas incompreensivas, para os tais aprendizes tentarem compreender. Está tudo sempre estranhamente mastigado. Isso não é estranho? Sim – falta o compreender além daqui. Quando tudo chega já mastigado, só se precisa engolir – não há trabalho nenhum a fazer, suas mandíbulas nem mesmo se cansaram. Quando tudo é respondido em cima da hora, precipitadamente, não há muito o que se fazer, se tudo que se importa são com as respostas e não com os significados das perguntas.

E como se faz para reformar todas as áreas da sociedade? Uma colega me perguntou uma vez, quando eu lhe disse que era essa a solução. Não acho mais que é a solução, mas uma pequena parcela dela. E ela me respondeu que devíamos todos fazer a diferença entrando em lugares aonde o sistema governa. Ora essa! Quem quer fazer a diferença faz a diferença em qualquer lugar, não importando aonde se está, em qual cargo, qual classe.

Um verdadeiro forte não mostra nunca que é forte, somente em momentos necessários e específicos, aonde o fraco não suporta mais demonstrar uma força esgotável. Habitats de salas de aula talvez seja o lugar aonde eu verdadeiramente não me encaixo! Por isso, meu eterno conflito na vida – pois para eles, tudo se baseia em entrar naqueles cubículos, engolir coisas mastigadas e depois voltar para a vida, para a rua – com coisas decoradas crendo que agora se é alguém intocável.

Não há nada muito humano dentro de lugares com salas fechadas, em lugares fechados. Não há nada humano em ambientes fechados. A liberdade é necessária para expressar minhas verdadeiras ideias! E até quando não são aceitas, nem por mim mesma, a sensação de angústia diminui, pelo simples fator de não estar em algum cubículo sólido, que prende meu corpo para não poder nunca desobedecer a partir do instante em que saio daquela sala com ares condicionados, assim como qualquer um também, que entra em sala de aula. Fica condicionado! E creê que o mundo, é um mundo de teorias infundadas, criadas por homens com capacidades de poder social extremos que puderam jorrar seus palavreados pelos quatro cantos.

Uma outra aula, falando sobre a psique humana, diz que há um distúrbio que a pessoa tem várias personalidades! Ora essa... Mas isso não é a vida? As pessoas na vida são assim. Se vestem de algo e creem ser aquilo ali, aquilo na qual se vestem, de acordo com determinada profissão que está exercendo. E assim, se cria diversas personalidades em uma só – quando na verdade, tudo está dentro de nós, não se precisa de fardamento ou diploma algum para aceitar isso. Mas por que não aceitam? Pois não se conhecem, não percebem a vastidão de riquezas existentes no mundo interior, na qual não há absolutamente nada de necessário ou extraordinário nas cousas de fora, quando se sabe explorar muito bem o que há por dentro – e é assim que se sente a verdade de ser todas as coisas ao mesmo tempo.

Eu ainda estava do lado de fora do palácio, na escuridão da noite com as luzes dos postes iluminando-me, e observando todas aquelas pessoas muito bem arrumadas passeando, olhando para os quadros muito bem feitos, emoldurados nas paredes, feitos provavelmente

por pessoas que não gostariam de que seu público fosse este, a olhar suas obras.

O problema também, é este: as obras primas nas mãos erradas! O sagrado na mão do ignorante. Como algo irá ser sagrado e uma obra prima, se quem os representa são todos desatentos e egoístas, e não entendem nada de abstração, não conseguindo interpretar nada com o sentimento, sendo limitados em coisas que lhes são passadas, sem poder ir mais além dentro da capacidade da sua própria imaginação? Assim, se despedaça, se desfarela e se desmantela o que era para ser eternamente intacto, como uma fênix, soltando suas chamas vermelhas e amarelas, em raridades necessárias.

E os rascunhos deveriam ser as principais obras-primas. As obras-primas sempre surgem das ideias primárias, e o que é o rascunho, se não algo primário? Quando se faz o rascunho, não se faz ideia do que se está fazendo, e é por isso mesmo que se sai algo tão admirável, esplendido, divino... por que não se sabe o que está fazendo. E a objeção do rascunho é esse – mas eles não sabem que o rascunho já é algo aprimorado em si, pois ele surgiu de algo que já foi lapidado, pensado e repercutido na cabeça.

Eu já desisti de tentar fazer sentido para todos eles – agora, continuarei, mas continuarei sem a intenção de fazer sentido. Pois ele dói, quando se percebe que nunca há conclusão. A lógica do sentido tem as conclusões difusas e deturpadas. Não há como persegui-lo. Mas... talvez por isso mesmo, isso seja a minha principal obsessão: a lógica do sentido da vida, exatamente por eu saber, que ela é difusa, seguindo sendo sempre um mistério. E por ser um porte de enigmas, essa perpétua bruma, preciso desvendá-la.

Percebi que meu gosto pelas pessoas e pelas conversas se desfaz e se torna inexistente quando isso torna-se rotineiro. Quer dizer, alguém há de entender isso? Eu não sou alguém de rotina – e nem mesmo de socializar em rotinas! Como conseguem sobreviver a isso? Sinto que o amor aparece quando há a espontaneidade das presenças se unindo, e não a obrigação das presenças ali, como a rotina sugere. Por isso irrito-me, e posso soar muitas vezes arrogante. Mas é para o meu próprio bem, é para o próprio bem de quem me relaciono também: a rotina não foi feita para mim – se algo está fora do seu habitat, como pode alguém se expandir ali? Meu amor por todos aumenta e se transmuta dentro da liberdade do ir e vir dos lugares! Conhecendo e desconhecendo, abrindo e engavetando, sorrindo e logo depois fechando-se na redoma, provocando reflexões e logo depois atração. Dou o melhor de mim quando estou fora desse circo que é a sociedade da corrida, dou o melhor de mim quando há o sentimento do meu “eu” ali incluso na conversa, no contato, na conexão, no aprofundamento, na seriedade da neblina que se convoca nos olhares interpenetrados. E quando, finalmente, enxergo isso no outro, sem interrupções de banalidades e trivialidades mesquinhas que não alimentam minha alma sedenta de paixões quietas.

A mentira nunca é contada por mim – pois hei de perceber, assim, que todos sabem da verdade. Todos sempre sabem da verdade! É como minha cabeça funciona. A mentira é sempre deslavada pois todos sempre sabem sobre ela. Por isso, evito tudo que instigue ela. Como agora, estou nesse lugar chique aonde pessoas ricas estão se encontrando para ver extravases e expressões lúcidas! Talvez não tão lúcidas... Mas expressões conhecedoras

do coração. Então, quando entro em um lugar como esse, com a minha consciência, já sei: todos irão saber o que estou sentindo, o que estou pensando. Sempre sabem – mas fingem não saber! Tudo para deixar as aparências como estão. Quando conto coisas impensadas, tendo ao martírio – pois sei que o outro está aos prantos do martírio também. Assim como a mentira: é contada por mim, automaticamente que percebo que o outro a notou, já me sinto suja. Eles sempre notam. Não engane-se nunca com as belas aparências! Todos ao fundo, conhecem a mentira.

De repente, vi um homem que me parecia mais como um mendigo, entrar no local – e dois seguranças o barraram, o suspendendo pelos braços e, literalmente o jogando no meio da rua, com carros atravessando ali; e eu – parada na calçada, pude ver tudo em minha frente. Ele levantou-se rapidamente, e disse:

– Idiotas! Vocês não percebem que estão sendo enganados? Segurança para quem? Para esses palermas? Que nem lhes tratam bem? – Ele então, me olhou, enfurecido – E você, tá olhando o que?

Olhei para os lados e o respondi:

– Perdi a noção do tempo. Não sei aonde estou, nem como vim parar aqui.

– E eu, que nem sei em que ano estamos. Se está perdida, então nem quero saber o que eu sou.

O que é o tempo, afinal? O que importa se ele não sabe em que ano estamos, se, por exemplo, quando volto e lembro de coisas que vivi há seis anos atrás, de repente sinto como se eu os tivesse vivido no dia de ontem? E como posso eu, perder a noção do tempo, se ele não existe? Se somos eternamente guiados pela escuridão da noite e pela luz do dia; somos guiados pelos astros, e não pelo

tempo, somos guiados pela forme do corpo (de alimentos que nutrem a alma e a necessidade do estômago), e não por horários e regras de quando comer, o que comer, e o que fazer ou deixar de fazer. Somente quando se olha para o céu, se enxerga a direção, e não para o relógio. Somente quando ouve e sente seu próprio corpo, se sente a forme – e não para o relógio.

Minha autossuficiência talvez seja também de falar o que me vem a cabeça quando precisar ser dito, principalmente com pessoas que tenho certeza que não se importam com padrões de conduta e padrões de fala. Talvez o meu receio de entrar no palácio seja esse: os padrões, que inibem, reduzem e engolem a minha autossuficiência. É dela que preciso para viver bem e ser feliz – de nada mais, e se ninguém pensa assim, é sinal de que todos ficarão doentes.

Quando a autossuficiência do indivíduo não existe, quando o mesmo não faz ideia de como fazer as coisas por conta própria, e nem quer saber – a dependência da sociedade aumenta e de todas suas criações malignas e usurpadoras de energia vital! E se decidir continuar neste caminho, sua amargura será solidificada em seu ser, e só sobrar um cadáver andando pelas ruas interpretando um ser vivo.

Para que serve a autossuficiência? Perguntam-me. Para a vida! Sem ela, não há vida, só há dependência. Dependência atrás de dependência. Talvez por isso minha mãe sempre tenha me chamado de autodidata – a vida toda sempre aprendi e fiz as coisas por conta própria, ela só me dava um pequeno guia, uma pequena instrução, e já sabia o que ela queria dizer. A autossuficiência tem a ver com o autodidatismo. Mas, nunca conheci alguém assim

– que tenha aberto mão de suas dependências emocionais para tornar-se um ser independente. Estranho. Estranho eu nunca ter achado alguém assim também.

Como este homem mendigo, será que o mesmo possui senso de autossuficiência? Se tem, por que não o usa agora, ao invés de gritar pelas ruas da cidade? A sua pobreza não poderia ser amenizada com o sendo de independência e autossuficiência? Pois com isso, surge criatividade, e com a criatividade, se consegue criar coisas – criando coisas, se vende elas, e se ganha seu sustento para pelo menos manter-se estável e fixo na rotina que eles tanto almejam, sonham, gostam, veneram. A rotina com gosto de cansaço prazeroso, de ter sido produtivo.

A autossuficiência sempre nasce de um ponto de partida de um primeiro estalo de consciência; ela nasceu em mim na infância, quando nunca precisei ser castrada para ser desapegada de minha mãe – ela surgiu, pois, minha observação nela e no mundo me fizeram um se consciente de que, estavam ali, todos – cada um por si, mas ao mesmo tempo, ajudando os outros a serem por si também! E assim, tornei minha consciência independente, suficiente em si mesma, e suficiente no que faz, sem almejar nada, senão o próprio refinamento da criatividade. Minha mãe nunca foi realmente minha mãe – mas um ser humano digno e respeitoso, não como uma figura e imagem criada pelo meu cérebro para satisfazer meus desejos primários – mas sim uma amiga, que compartilhava dos mesmos gostos que eu.

E então! De onde vêm a minha força sanguínea para prosseguir, mesmo sabendo das custas que carrego por ter uma bagagem imensa que ninguém está disposto a abrir-se para ela? Como conviver com pessoas adormecidas, sendo

eu – a pessoa que lhes traz a bagagem para abrirem os olhos, mas não abrem? Não abrem os olhos, nem mesmo para a coisa mais satisfatória e plena para o espírito, a suficiência em si mesmo!

Coisas novas virão, mas elas serão extremamente semelhantes às coisas velhas... tudo por que, a vida segue um ritmo circular, aonde estamos condicionados a fazer sempre o mesmo, por conta do nosso modo de pensar a vida. Alguns até conseguem mudar seus hábitos de pensamento temporariamente, mas nunca seu modo de ser – e como não se pode mudar o modo de ser, o modo de pensar sempre retorna novamente, pois ele nasce do seu próprio modo de ser. Então, a autossuficiência só se nasce em quem possui o modo de pensar alinhado a esta prática? Sim, talvez. E quem admira muito as atitudes autossuficientes, não se pode nunca chegar lá? Bom, talvez a função da admiração seja essa: não conseguir ser ou tocar no que se admira, e por isso somente se admira. Se conseguisse se transformar naquilo que é belo ou admirável – não existiria a admiração, mas sim o esforço para se tornar aquilo que se admira.

Então, eu observava o mendigo, e tomava conta de um imenso fardo que carrego por ser múltiplas personas secretas ao mesmo tempo: o semelhante sempre atrai o semelhante. Digo isso pelas observações de grupos, de formas de ser, de agir e de falar – enfim, pelo mesmo modo de viver a vida, e de vê-la pela mesma lente. Em um grupo de homens beberrões e maledicentes, quando chego no ambiente e estou entre eles, não enxergam minha presença, até eu falar algo que lhes comova, como palavras e agressões verbais dirigidas a alguém. Mas se estou em um grupo de mulheres femininas, elas também não me

aceitam por eu me vestir diferente, até o momento em que começo a falar de assuntos que lhes agradam, como um cuidado com o rosto e com a estética. Os grupos se formam assim.

Dirigi algumas palavras para com ele, e o mesmo percebeu em mim uma ausência de medo em entrar em contato, e então, me respondeu. Somente isso, já lhe bastava para criar uma semelhança. Quando digo semelhança, é qualquer coisa em comum que os una – e que tenha consciência dessa união. Em gostos, aparência, comportamentos, posso não ter nada a ver com uma amiga, mas há algo mais intrínseco que nos une sempre que nos vemos: a paixão por toda forma de vida. Essa é a semelhança mais forte e mais consistente que há, capaz de derrubar muralhas e construir pontes.

– E vai pra onde agora? – Perguntei.

– Pra onde deus quiser que eu vá! – Ele falou, chutando uma garrafa de plástico vazia, jogada na calçada da rua. – Ele olhou novamente para mim – E você, não tem medo de falar com drogados como eu?

– Se eu tivesse medo de falar com drogados, eu teria medo absolutamente de todo mundo. Jovens na noitada, mendigos, advogados, médicos, familiares. Pois todos me parecem estar muito drogados pela condição de vida em que se mantêm. Começam a se ver donos de coisas que dependem também da vontade do outro! Isso para mim, é estar drogado. Gritar e reclamar com os outros, quando estes na verdade, fazem a mesma coisa que eles, que é esperar receber ordens.

Ele então, deu um sorriso satisfatório e um pouco malicioso.

– Boa resposta.

– Durante a madrugada, em festas, é onde vejo mais pessoas drogadas. Bem mais do que estão em condição de rua, como você.

E, de fato – eu tinha um leve medo de entrar em contato com qualquer ser humano que vivia nessa civilização – eles se mantêm em estado de dormência, como se estivessem dopados de alguma substância que os impedisse de olhar para as coisas mais a fundo, mais claramente. Muito além do que o social fala que eles são! Eles se prendem a isso – e creem nisso com todas as suas forças! Então, aonde está a autossuficiência, se até sobre o que acha de si mesmo, depende absurdamente do outro? Do outro que às vezes não é nem um ser sensciente?

O que está por trás do ódio, é sempre um desejo de atenção. E o desejo de atenção é o desejo infantil de ser amado. O mendigo tinha um olhar de ódio – mas quando comecei a conversar com ele, desarmou-se um pouco. O desejo infantil da atenção dele havia sido visto e contemplado.

Os afastamentos existem para que cada pessoa sinta falta; sinta falta específica das coisas – às vezes a pessoa pode demonstrar determinados comportamentos frios ou agressivos, mas ao fundo, a pessoa sente tudo quando falta. Quando algo falta – algo que nos é tirado, quando há sua ausência – sentimos. E sentimos, sentimos. Até entendermos que aquilo é feito para ser valorizado. No caso dele, uma moradia, comida, boas relações. Ele entendeu que tudo isso se é para ser valorizado?

– Você já teve alguma casa antes? – Perguntei.

– Morava lá na rua de trás.

– E por que não mora mais?

– Sabe como é, a vida fica empurrando a gente para os lados errados. – Ficava andando para um lado e para

o outro, observando o que estava acontecendo por dentro do palácio enquanto falava – E um monte de canalha também, que não perde oportunidade de vacilar com os outros.

Se é preciso observar os inimigos e não ataca-los, pois a partir disso, conquistará a calma necessária para lidar com qualquer situação possível. Tudo que se precisa é atentar-se aos olhos, por mais sangue que transmitam!

– E qual é o seu nome? – Perguntei.

Ele me olhou com retidão de repente, coçando a boca:

– Miguel.

– O meu é Violeta. Um prazer.

Falamos palavras estranhas o tempo todo, e nem sequer sabemos o significado delas, e não nos damos conta – e estas palavras estranhas se chamam os nomes. São usados apenas para chamadas, sermões e alertas. Mas não sabemos, realmente – o que elas significam.

Então, como uma aparente diáspora, eis que surge a multidão se expelindo toda para fora do palácio. Não entendendo muito bem, enquanto eu ainda me aprontava psicologicamente para entrar em ambiente cheio de pessoas que me olhariam torto – decidi perguntar para uma com um vestido vermelho, e com um salto que claramente machucava seu pé – o que estava acontecendo. Enquanto isso, Miguel se despistava, indo para outra direção da rua.

– Ah! O dono daí pediu para sairmos um pouco, parece que houve alguma falha técnica, não sei direito. – Ela falou, colocando seu cabelo atrás da orelha, e sorrindo obrigatoriamente para mim, como se fosse sua obrigação ser agradável com qualquer pessoa que falasse com ela.

Decidi, com ousadia, entrar para ver o que havia acontecido de verdade – afinal, as verdades costumam se mascarar nas grandes confusões tumultuadas. O mundo está cheio, infestado de pessoas extremamente inseguras, precisando sempre se envolver em algum aglomerado ou em alguma segurança emocional, sempre prontos para seguir ordens de alguém – e isto foi um exemplo bem claro disso: as pessoas se expelindo do palácio público por conta de ordens, que nem eles mesmos sabem para que estão saindo, e o que ocorreu, de fato.

Fui entrando, passando entre as pessoas que saíam. Fui percebendo e realizando no meu raciocínio, a constante interpretação meditativa sobre os que saíam: achamos mecanismos no decorrer da vida e enquanto crescemos, para expressar nosso lado infantil, ou talvez, um resquício dele. Observo, pelas suas expressões, um traço do que é mais pueril! Mas ao mesmo tempo, esse traço pueril sendo modificado pelo lado que já cresceu em nós. Fui vendo seus olhares desesperados e suspensos, esperançosos para uma coisa que os alegrasse novamente, para aliviar a expulsão do palácio, que tanto aproveitavam.

Sinto que, à medida que conversamos mais através da comunicação verbal, mais algo se destoa, se distancia; nos afastamos da verdade. Essa incrível verdade de ver o outro como um ser infantil. E ela se distancia, vemos tudo em cor cinza – quando só sabemos a verdade do verbal, e não do que está além dele. Quando saio da conversa, há algo que fica estranho, inacabado, inconclusivo. Ela instiga o social, instiga a penetração para um mundo caótico e conflituoso! Tudo fica oco, inócuo, frívolo, e quando se acaba uma conversa, desgastamos energia em uma coisa que foi improdutiva. Como cozinhar e gastar horas ali,

para o resultado não saciar o paladar, assim são as conversas comuns, as conversas triviais, mundanas. As conversas sociáveis. Não saciam a alma. E daí, como não sacia, fica-se querendo mais e mais, crendo que isso irá acabar com a saciedade da alma, mas não acaba. Não acaba, pois, a alma não se alimenta disso – só se precisa calar a boca, e não falar mais – como o vício em alguma droga, aonde a verdadeira solução da abstinência é passar por ela, e não procurar mais substâncias aliciantes para driblá-la.

Nunca temos total certeza do que estamos falando, então qual a razão para esse desenfreado consumado para falar?

A alma necessita de alimentos frescos e maduros – e para isso, há de ver tudo que a prepare para a mesma se saciar. E a sociedade não a alimenta.

À medida que crescemos e invertemos os papéis na vida (o seguro se torna inseguro, o inseguro aprende a ter segurança em si, etc) vamos percebendo como tudo dá voltas e que nada existe para um fim, nada existe para sua perda ou completa deterioração. São processos a serem transformados, como a natureza – onde não há perdas, apenas transformação. Assim são conosco, assim é quando invertemos os papéis. E eu não sei bem se isso é triste ou lamentável, mas é digno. É justo. Sempre sentiremos falta de quem nós éramos, mas algo está e sempre permanecerá guardado; a sabedoria do início de tudo, de onde começamos e por que começamos de tal modo. Isto sim: é um diamante, impossível de ser roubado.

A retrospectiva de tudo me faz querer guardar quem eu sou, mais e mais – e os papéis se invertem! Deveríamos ficar felizes com isso; de saber que nada é realmente eterno, a não ser a segurança e a liberdade interior. Esse é o

meu tesouro. E não há tesouros externos que possam acabar com esta! Pois ela transcende, não é material, não é tocável – está comigo e somente eu a entenderei. Não há como ser explicada, é uma atmosfera de sentimento acima do que os cinco sentidos ousam ver. Acima dos cinco sentidos que todos insistem em apegar-se, e assim, viverem sôfregos.

E claro, dentro dessas retrospectivas, percebemos que tentamos sempre imitar aquilo que nos comove, nos toca, nos atinge! Tentamos imitar aquilo que assistimos, lemos, ouvimos. Tudo que, em potencial – dá uma emoção a mais para nós. Por isso, quase todos estão fadados a não se realizarem por completo por conta das constantes imitações que resolvem viver. Não se concentram no eu, pois se se concentrassem, perceberiam a dissolução deles mesmos e de suas próprias conquistas, e ninguém entende essa dissolução, ou ficam loucos e enveredam para a vingança de algo, ou se tornam completamente conscientes, e é nos instantes de supostos sufocos materiais que se percebe como é realmente a alma de alguém, pois ela fica a mostra, exposta, a alma fica praticamente nua quando não há nada mais que sustente o corpo dela. Como esse Miguel agora, mostra sua alma, sem abrigo, comida e relações.

A imitação é diferente da inspiração. Inspirar-se em algo vai de contra, oposto do imitar algo ou alguém. Na imitação, se dissimula seu próprio eu para tentar ser um outro. Na inspiração, há a presença com sua própria verdade, mantendo a inspiração apenas como uma lembrança intensa para fortalecer sua presença. E não há como fugir da presença, pois ela é a verdade – e já se sabe: se você não vai até a verdade, a verdade sempre vai até você.

Mas ora essa! Para qualquer lugar que se vá dentro da sociedade, por onde se caminha pelas ruas, em que ambientes frequenta, em todo lugar – há um excesso de informações constantes, usando como meio, principalmente, as palavras, a linguagem, o vocábulo. E assim, ninguém consegue mais entender nada do que sente, do que pensa, de si mesmo! Pois estão presos, atados com cordões – às informações que recebem, desde o seu nascimento. E com essas informações, a pessoa vai criando sua personalidade, se moldando, a partir do que foi mais bem quisto pela sua alma, encantada pelos estímulos externos. E sendo encantados pelos estímulos, estarão eternamente desligados de uma verdadeira vida, transformando tudo isso aqui que vivemos em uma brincadeira, ou uma espécie de jogo. É como vejo: um jogo.

Passsei por lá diversas vezes, e confesso que aprendo as coisas rápido demais. Sofri, e tirei o melhor disso – para perceber, somente com uma vez passando pelo redemoinho do sofrimento, que não vale a pena se apegar á isto – e nem a nada, enfim. O processo foi rápido para mim, mas para alguns – parece que durará a vida inteira, não refletem sobre seu próprio sofrimento, crendo que da próxima vez vai ser diferente; que não irão mais sofrer. Ilusão. Para se cortar, se anular isso – é necessário anular a fonte do mesmo, a causa. Sim, a alma necessita de equilíbrio, mas as decisões da vida, precisam ser algum extremo! Ou é um lado, ou é o outro. Ou sofre, ou se liberta. Nisso não há meio termo possível.

Surgiram policiais então, cercaram o lugar e jogaram algumas pessoas no chão que estavam tentando entrar, e estas pessoas que tentavam entrar, eram pessoas que não estavam adequadamente vestidas como aquelas

que estavam saindo. Miguel, o mendigo, então – tentou pará-los de alguma forma, e os mesmos começaram a bater-lhe com um cassetete. As pessoas que viram, imediatamente, foram sensatas em ajudar, mas de nada adiantou, pois eles estavam tão violentos que empurraram uma mulher ao chão jogaram algo nela que não pude enxergar o que era. Todos começaram a gritar inesperadamente, e eu estive observando tudo, enquanto eu tentava entrar no palácio. Todos revoltaram-se, assustados com tamanha truculência dos tais servidores do estado.

– Seus monstros, animais, truculentos! – Gritavam.

– Irresponsáveis! – Um homem mais alto que todos os policiais, chegou bem na frente – Não deviam estar aqui para nos proteger?

É duvidoso combater a violência com a revolta. Digo isso para o povo, pois muitas vezes a revolta se dá como um estado involuntário neles, mas é inútil usá-la como artefato de mudança. Tudo por que, a revolta é algo já esperado pelos que cometem os atos violentos. Eles já esperam pela revolta de quem eles violentam. Esperam indignação, raiva e revolta. Pois também, é tudo isso que eles aprenderam a ter – por isso violentam. Por algum processo anterior ao que fazem agora.

Mas quando digo para não ceder ás emoções de revolta, não é deixar-se serem oprimidos. Mas sim, ver as coisas de um outro jeito, através de uma sensação mais limpa, para poder também, limpá-los. Quando não se reage, se fica inexpressivo, neutro e sereno, os que agridem, com o tempo – estranharão o comportamento dos oprimidos.

Estranharão, e esse estranhamento dará abertura para um estranhamento de si mesmo e dos seus próprios comportamentos. Assim, gerará uma nova fonte de conhe-

cimento para eles; não se é preciso fazer nada, apenas não reagir. Mas a ausência de reação de que falo, é a com posicionamento e a coragem de posicionar-se no meio do caos, e não a ausência de reação vinda do medo e da omissão. São sensações diferentes, e por serem elas diferentes, gerarão reações diferentes nos que entrarem em contato com ela.

Os agressores reagem á não-agressão. São eles que irão se revoltar, e não mais o lado oprimido por eles. O lado que se revolta – serão o lado deles! Pois irá ver a revolta dos injustiçados totalmente pacificada. Então, se revoltarão com a ausência da revolta, mas logo depois, se afastarão. Pois não suportarão tamanha paz. Ou até alguns suportarão, e irão querer fazer parte dela. E quando os mesmos lhe pedirem para fazer algo que fere seus direitos como ser humano, há de se lutar contra isso. Mas não reagindo ou afrontado, mas sim boicotando. Boicotando suas ordens, e não as contrapondo.

Reagir é não querer fazer por aquilo lhe ferir, e por isso, não tenta entender do porquê o outro lhe manda ordens para serem seguidas. Reagir é levar para o lado mais pessoal. Mas boicotar é entender o lado do outro, e optar por não fazê-lo depois de ter entendido, pois aquilo lhe fere como indivíduo. Boicotar é compreender a si mesmo e o outro.

O que as pessoas não conseguem entender é a força do amor e da paz – creem nestas duas palavras como fraquezas submetidas ao poder e ao serviço do materialismo sanguinário e deturpado. O que seria fraco talvez, seja o espírito de alguns que lhes dizem isso, e assim – se crê que estas forças são fracas, igualmente ao espírito que semeou a ideia. Mas há de distinguir e separar também: o

espírito que fala, da ideia que se propaga por ele. São poucos os que conseguem, tornar compatível ambos – aquele espírito cujo nível está no mesmo que a ideia que propaga. Há espíritos que não prestam atenção às suas palavras e há alguns espíritos que prestam muita atenção ao que ouvem, e por isso – vai-se criando uma rede de incoerências, por aquilo que se ouviu não condizer com as ações daquilo que falou.

E muito menos, agirei assim – mesmo não concordando com nada do que se passava bem em minha frente. Pois poderia ser eu, em qualquer um dos lados! Qualquer um dos lados poderia ser eu, uma oprimida ou uma opressora.

Não há absolutamente motivo algum para agir com revolta ou ódio contra eles. Quero dizer, não há como eu reagir diante de forças opressoras com sentimentos nas quais eu não possuo dentro de mim. Não há como eu reagir com ódio, quando, talvez eu mesma nunca cheguei a sentir essa coisa roendo meus órgãos. Mas imagino, que para os que o sentem, deve ser como viver dentro de um pesadelo.

Em mim, sempre existiu a resistência, mas nunca a revolta.

Em mim, sempre existiu a força e a coragem, mas nunca o ódio.

Em mim, sempre existiu a vontade de comunhão, mas nunca me encontrei fora da minha individualidade.

Em mim existe a vontade de mudança, mas nunca a vontade de vingança.

Eu tenho o meu centro, e ele se chama prudência.

Quando ajo, não há motivo algum para falar com eles de forma agressiva ou até mesmo intolerante, pois comigo – a verdade é expressada sozinha, sem nenhum companheiro

do lado, como a intolerância. É por isso que essas duas coisas se confundem; a verdade não devia machucar, mas quem a fala, fala em tons assustadores. A verdade deveria libertar, mas não liberta pois quem a fala é dono de sentimentos perversos.

Mesmo com todas as porradas possíveis, estranhamente – ainda transbordarei amor. Eu tenho pena deles, que mesmo não levando porrada alguma, continuam cheios de ódio. Não houve nada que os impulsionasse a essa emoção, como uma situação de injustiça – e mesmo assim – a sentem. Isso só me prova mais uma vez, que alguns espíritos já nascem com devidas tendências ao terror.

O amor é o meio mais exato de parar o ódio, pois ele não suporta tamanha imensidão e grandeza diante dele. Até o impulso para matar é pausado para admirar tamanha beleza. O problema é achar este amor nos corações de todos em tempos de guerra – só se pode achar isso libertando a verdade, acariciando a derrota e revertendo os temores em pontes para virtude.

O amor é tão grande e nobre que nele, não há mais reação em frente ao que lhe fazem, mas sim admiração por si mesmo, por conseguir ver a violência e a tragédia de modos diferentes.

De onde vêm as opiniões? Elas, atualmente, são talvez as coisas mais importantes para as pessoas tendo em vista seu determinado caráter. As opiniões de alguém definem seu caráter, é o que quase todos pensam. Mas eu lhes digo, elas são separadoras. As opiniões são comuns, mas não deveriam ser prioritárias. Elas segregam os seres, quando na verdade, todos estão em busca de uma mesma coisa, o entendimento sobre eles mesmos e sobre como

relacionar-se melhor com os outros, por que em verdade: eles não sabem o que fazem, e nem mesmo o que querem.

Vão se adequando às opiniões dos mais próximos quando por dentro, não sabem o que fazem pois são mandados por outros que vieram antes.

De dois lados que pude conhecer em vida, de modo político-partidário, tinham princípios amplamente distintos, um alegava igualdade, o outro lado, o esforço próprio, o merecimento. Digo que ambos possuem o mesmo comportamento perante as vitórias e as derrotas. Lhes digo, antes de tudo, que ambos possuem defeitos, raiva, revoltas, pulsões, impulsos, ambos não procuram perdoar os erros alheios. Mas também lhes digo, que ambos os lados se comovem com algo que os faça tocar ao fundo da alma, se comovem e se indignam, pois, são seres vivos, com subjetividade e ao mesmo tempo necessitados de relações.

No fim de tudo, acredito que o que estão do lado esquerdo, estão por revoltas pessoais e influências, e os que estão do lado direito também. Pois provavelmente lhes foram negados algo essencial que não se deve nunca negar ao ser humano, ou simplesmente lhes faltavam emoções fortes a serem sentidas e foram guiadas pelas influências dos mais próximos a lutar por algo que acreditam ser injustiça. Ou seja: somos iguais em relação ao que sentimos quando chegamos no mundo, mas nunca iguais em opiniões e aparências. E as opiniões passam por cima de um sentimento universal e mais brando: o da paz de espírito, o da ausência de opinião, que leva à ausência de separação. E a separação é aquilo que se faz quando se olha para o outro com um olhar de estranhamento. Não foi assim que chegamos ao mundo, chegamos ao mundo sem opiniões.

Qual a diferença entre um bandido e um policial, se ambos cometem violência contra qualquer um? Mesmo que este seja inocente? Eles não se importam com as inocências, eles querem fazer a guerra para que a população veja e que a população se mantenha motivada por ela! Tenha medo do que acontece. Mas, que pobre pensamento, os deles. Eles querem porque há algo neles que clama pela destruição de algo, senão deles mesmos.

Veja as aves por exemplo: tem modos diferentes de alçar o voo, mas nunca deixam de estarem em bando simplesmente por voarem diferentes umas das outras. Como são raros, os seres que aprendem e aprenderão com os animais.

E eu não possuo medo das minhas ideias. Sim, possuo medos – como todo mundo – mas meus medos são de caber em coisas pequenas, são de coisas pequenas! Não possuo medo de coisas grandiosas, de ideias que mudem o mundo, de guiar o mundo. Este medo não é medo – é revertido em ousadia.

Este é um tesouro que felizmente o achei, mas me deixa sem aliados no lado de cá, porém quem o acha, se encontra finalmente, livre das amarras da guerra que todos pensam ser um caminho correto e valioso para a paz. Não. Não é. A guerra tem de ocorrer e ser finalizada dentro de si, e não é e nem nunca deve ser externalizada. Na verdade, nunca deveria ter sido em toda a história da humanidade.

A intolerância surge das opiniões – elas não são, de forma alguma, nascidas com os indivíduos ditos intolerantes. Há pessoas autoritárias, mas, por conta das opiniões, usa-se esse autoritarismo para o desprezo e mutilação do próximo, e não para o bem-estar. Está cego em relação às coisas, por conta das suas próprias opiniões.

As guerras são parte de emoções, criadas por elas – e não deveriam fazer parte das ações.

Todos querem a paz, mas acham que, só podem tê-la tirando a paz do outro, que possui a opinião diferente. Mais uma vez: a opinião emotiva diverge. Quem não a tem, encontra-se plenamente lúcido. E em paz. Se as pessoas abandonassem suas opiniões sobre as coisas, tudo estaria pleno. Mas isso lhes dá uma falsa sensação de segurança. Ter crenças, no que acreditar... São seguranças temporárias.

– Vocês vão pagar por isso, seus lixos escrotos. – Diziam, quando os policiais voltavam para seus carros.

Não há nada a se fazer, senão procurar um centro em nós mesmos em situações conflituosas. Quando estamos centrados em nós mesmos, não há nunca como eles nos roubarem a paz, dignidade, a humanidade. Pois, neste quesito, o centro é subjetivo – sendo ele parte de sentimentos, não há nunca como ser visto a olho nu, nem descrito, nem transcrito em palavras. Ele existe, mas não pode ser visto ou tocado. O centro em si mesmo é uma força completamente imune. Ela é capaz de libertar qualquer um que está acorrentado. Mesmo que esteja acorrentado contra sua própria vontade fisicamente, estará liberto na mente – graças ao que se prezou de centralizar-se em si mesmo. Uma monstruosidade impossível de ser derrubada, maior que a força de uma bala, que um carro atropelando as pernas físicas! Ser autocentrado é a minha maior arma.

Alguns dizem-me que passo algo respeitoso. Ora! Mas é claro... se eu me respeito, por que eu não transporeceria isso para os outros também? Não há como ser respeitado verdadeiramente, se não se entende e não procura

saber os seus verdadeiros limites e até aonde pode ir naquele momento específico. Isso não é se respeitar, é se violentar – e quando violenta a si próprio, violenta também o outro, pois está cheio de amargura, e passa isso em todas as suas ações.

Eu, enfim, me retirei, e consegui finalmente entrar no palácio. Estava agora tudo vazio, e as pessoas que cuidavam de tudo, os funcionários e balconistas – do lado de fora, querendo saber de todo o tumulto e confusão. Fiquei então, pensando depois desse acontecimento: precisamos extinguir todas as muletas imaginárias das nossas vidas! Tudo aquilo que não nos permite andar como viemos ao mundo. Como estar descalço, e quando se vê um par de sandálias em bom estado, é claro que se tem vontade de calçá-las! Mas o estar descalço é a melhor maneira de usufruir do andar seguro, pois ele é uma das coisas que dá centro em si mesmo: sentir os pés verdadeiramente pisando algum chão. Obter a sensação do pisar e manda-la para o sistema nervoso. Os pés precisam conhecer outra textura, além da borracha de uma sandália.

Então, entrei lá, estava absolutamente vazio. Estranho é o clima que está agora, pois há um minuto atrás estava tudo contrastando com o vazio e o silêncio de agora. Tumultuado e com conversas triviais por todo quarteirão do palácio. Mas, este silêncio agora, que eu sentia – era um silêncio duvidoso, um silêncio ensurdecedor, incômodo e suspeito. Como se, ele quisesse, não lhe confortar, mas lhe causar dores mentais por sentir pressentimentos suspeitos. Era um silêncio fatal. E eu, de tanto duvidei desse silêncio ao entrar no palácio, decidi peregrinar mais no fundo, desenterrar mais aquelas masmorras vazias. Vislumbrar o errado, dar coragem ao morto.

Subi algumas escadas brancas que estavam ao lado de um bar-cafeteria, afastados do portão de entrada. O silêncio tinha surgido e feito uma entonação tão grave que, eu poderia ouvir até os meus próprios sapatos triscarem os degraus.

– Ei! – Um dos seguranças que trabalhavam lá, aparentemente me notou – Pare aí! Não pode subir!

Subi rapidamente as escadas e me escondi em um lugar fechado, atravessando uma porta estreita.

O engraçado desses acontecimentos é que, tento fugir de alguém, que também sou eu. Anseio pela fuga de alguma coisa viva que me chama, mas que na verdade – se eu entrasse em contato, se eu me aproximasse mais, se eu ousasse usar a comunicação verbal um pouco mais, perceberia, que aquele ser que reclama comigo agora por eu estar fazendo algo aparentemente errado, é um ser igual a mim. Pois um dia, já reclamei com alguém por coisas que eu julgava erradas de se fazer, e irritei-me por isso. Talvez seja isso o meu pote de ouro: o de reconhecer que nada nos outros são distantes de mim, nem mesmo Miguel, quem acabei de conhecer no portão – pois quem sabe eu, não envolver-me-ia em emoções sombrias e obscuras com a falta de tudo isso, que é necessário para a sobrevivência de um ser humano, forte e sadio?

Não há. Não há como dizer que alguém é diferente de você, quando a todo tempo surgem situações e momentos que lhe provam o contrário. Tudo que se precisa é ligar os pontos – é fazer acender as ligações dos momentos, e perceber que nada está deslocado do seu ponto, e tudo está aonde deveria estar; só basta perceber. E assim, ascender-se também, aos seres. Até mesmo, a abelha que agora me acompanha dentro da sala na qual estou escondida.

E a abelha faz um barulho no meu ouvido. Quem me diria que eu também nunca fiz esse barulho irritante no ouvido de outros? Creio que fiz. Como o faço, provavelmente. Quem nunca foi algum papel que nunca imaginou que fosse? O imaginário é grande – mas é ele que traz vida para os papéis e interpretações diversas que temos durante a vida. O imaginário é grande – mas é real. Ele não se separa de forma alguma, da realidade, pois ele em si, é a base da realidade. Sem ele, não há realidade, somente zumbis.

A imaginação é tudo que existe – e sinto-me honrada em pertencer a ela, desde a tenra idade, em seu próprio mundo particular na qual a mesma me trata como pessoa de casa.

E todos sabem disso! Todos sabem dessas verdades, e de como somos todos parecidos ou até quase iguais na forma de sentir. Porém, a vida que nos é dada exteriormente é tão frenética e densa, que quase todos se deixam levar por elas, a um nível que não identifiquem mais suas próprias visões de mundo e nem mesmo consigam se expressar de um jeito que todos entendam a vastidão que é, sentirmos todos, uma mesma coisa. E como isso se torna grandioso quando percebido na prática do dia a dia!

Perder a noção dos dias, das horas, é normal, quando a alma já está em alto estado de êxtase e o relógio não lhe é tão mais necessário assim. Sinto isso comigo às vezes, quando sinto a desnecessidade de dormir, de contar minutos ou meses para determinada coisa acontecer, quando tudo isso – pode acontecer agora, e talvez já tenha acontecido em algum outro lugar. Quando estou, naturalmente, em contato com outras dimensões, sem precisar dormir, pois é no sono que as pessoas normalmente vão

se encontrar em outros universos. Mas o que fazer quando não se precisa mais disso? E ainda, quando a meditação já me basta, para repor todas as minhas energias? As reflexões constantes... tudo isso, me basta. Então, o que fazer?

– Menina! Ande, saia daí! O que está fazendo? Não viu que todo saíram? – Ele então, subiu na mesma rapidez que eu e me encontrou escondida no canto.

Olhei em seus olhos. Ele não parecia bravo ou algo do tipo. Não! Pelo contrário. Eu o estava conhecendo pela primeira vez, e quando conheço alguém novo, algum rosto novo ou olhar novo, é como se eu estivesse conhecendo uma parte de mim, antes desconhecida, e agora conhecida, familiar, próxima. Entende? Como se o outro fosse eu, e eu fosse o outro. Como se eu o conhecesse há tempos atrás, por conta do mesmo ter feito parte de mim, do que me conecta às outras coisas. Há algo de engraçado na minha observância nas pessoas: que, não importa o quão agressiva ou fria a pessoa pareça, sempre há algo que eu vejo nela que me aproxima dela! Algo de humano, algo em sua fala ou em seus gestos, algo em sua expressão. Sempre. E daí me lembro: também já devo ter feito ou falado isso em algum momento também.

Sinto a sacudida do mundo em meus ombros largos e ossudos: sinto que ele me diz para sacudir de volta os outros! Acordá-los para as reais experiências da vida, ao invés de se posicionar de modo distante sobre as coisas que acontecem, como pude ver, depois que sai do andar de cima – as pessoas conversando sobre o ocorrido com a polícia. Sinto a sacudida do mundo! E ele me diz, que eu poderia ser qualquer um ali, meu inimigo ou meu amigo. Acordar para a experiência real que eu digo, também é sentir-se interpretando o outro por uma oportunidade. E

então, sentindo seu coração pulsar vivo, por estar percebendo o outro como um ser que sente, assim como a si mesmo se sente. E depois dessa experiência, nunca mais se tornará vítima do mundo – pois perceberá: todos sentem isso também. Então, para que falar?

– Não me leve a mal – O segurança então, demonstrou interesse em iniciar alguma forma de diálogo ou interrogação – Mas de onde você é? Sempre te vejo andando por aqui pelos arredores, por esse lado de cá da cidade. Mas sempre sozinha, e parece sempre não ter destino.

Queria lhe dizer que meu destino já está dado e fadado, pois o mesmo é completamente integral, íntegro, ao que se chama de consciência. Ela está encapada e protegida pelo véu da consciência. Queria lhe dizer que não necessito de destino, pois eu mesma já sou o destino, já o conheço intuitivamente, e por isso, torno-me ele. Como viver também é extremamente intuitivo para mim. Estudantes de direito de uma academia, por exemplo, em sua maioria – estudam as teorias do que significa aquilo e do que significa tal coisa e do porquê é moralmente errado. Mas, creio que sua grande parte não saberia identificar o que seria cada coisa que aquela teoria fala dentro da vida cotidiana. Não sabem, principalmente por que seu universo gira em torno do mundo fechado de um conhecimento restrito, e por isso, impedem a si mesmos de fazer a diferença no mundo real, não conseguindo unir o que se aprendeu na teoria dentro da vida.

Mas é nisto que me diferencio: eu sei que algo é ou está errado apenas pelo meu grau de intuição. Não é nada rarefeito, e muito menos sobre inteligência racional, lógica. É puramente intuição – e quando estudo teorias, aquilo só me comprova que eu já sabia sobre aquilo – porém, no

nível intuitivo, e não racionalizado, raciocinado, como ratos e roedores de conhecimento geralmente o fazem. São conhecedores de ideias dos outros, e não de suas próprias ideias. E para ser sincera a mim mesma e com a minha própria e particular visão de mundo: prefiro que a intuição deixe-me guiar, para eu mesma racionalizá-las, e não me entupir de ideias que não fui nem eu mesma que as tive; só para impressionar os ignorantes, os que não conhecem. Isso chama-se violentar a mente, força-la a prestar atenção em cousas nas quais ela não tem interesse algum em focar-se. E eu não tenho interesse algum em focar-me em ideias de outros, mas sim, aprimorar as minhas.

– Eu sou de todos os lugares. – Eu disse – Sou tudo ao mesmo tempo, e sou todo mundo também.

Ele fez uma expressão interrogativa assustadora, como se estivesse falando com um debilitado mental. Mas claro, a minha fala realmente iria parecer-lhe isso para as pessoas comuns. Então, eu dei risada para quebrar o gelo do momento.

– Estou brincando. – Eu falei, mas claro que eu não estava – Moro por aqui mesmo, ando para lá e para cá, para acalmar os pensamentos.

Ele então, mudou sua expressão – para um alívio e uma satisfação irrevogável. Sua temperança era domesticada pela reação de outrem.

Por que somos intérpretes tão eternos do que os outros nos dizem? Por que precisamos estar ali, sempre interpretando de nosso jeito, o jeito único e com valor de ser o certo? A minha primeira resposta fez mais sentido para mim do que para ele – já a segunda, fez mais sentido para ele, e para mim, quase nada. Foi vazio, inócuo, trivial. Não teve relevância alguma para mim, a minha segunda

resposta – mas por que para ele, houve tanto alívio e satisfação em seu coração? É o comum. Eles querem coisas comuns. O que fazer, quando quero tudo que é fora do comum, e se sou tudo ao mesmo tempo, como disse ser, não deveria eu, aceitar também estar entre os comuns? Questionei-me. Não me sinto no meio das trivialidades. Mas, me sinto preenchida quando minha profundidade é aceita no meio trivial. Quando olham, mas ao menos olham com algum acolhimento, e não desprezo. É quando há finalmente, uma conciliação e uma harmonia vigente entre o que é frívolo e o que é fecundo. Quando ambos se tornam amigos e se deixam em paz quando é a hora, quando precisam se afastar.

– Você já deve ter feito isso antes também, não? – Perguntei.

– Não, eu nunca fiz. – Diz ele, apoiando as mãos na barra de ferro – Mas gostaria de fazer um dia. Agora que você me falou o que você faz, faz mais sentido. Achei que você só estivesse vagando por aí.

– Mas percebe que é a mesma coisa? Ando para acalmar os pensamentos, e vagar por aí talvez seja um sinônimo disso. Talvez seja isso.

Na sua redoma exploratória de uma expressão convidativa, interroguei a mim mesma se essa tal pessoa comum na qual julguei anteriormente, estava sendo realmente capaz de entender a complexidade esclarecedora dos fatos que são ocultados. Ninguém é estúpido ou incapaz, mas acreditam que o são – e não pensam em mais nada que os eleve para um outro estado maior de ousadias e audácias permanentes!

Ele disse que se chamava Manoel, mas todos por ali o chamavam de Fuinha. Não perguntei o porquê, pergun-

tar a origem de um apelido é como perguntar a origem do nome. É profundo, e leva tempo e horas de conversa para que se explique, se absorva, e se faça perguntas acerca disso. Até chegar na própria história individual da pessoa, aonde imagino por horas a sua personalidade perpassando pelas fases da vida, através do seu apelido, que é como se fosse seu carimbo; um terceiro pé ambulante, um embuste carinhoso. Eu gostava de chamar outros pelo apelido, me dava uma sensação maior de intimidade e de proximidade, diferente do nome – que sempre me pareceu muito formal para ser usado no dia a dia. Ele parecia ter mais ou menos a minha idade.

Mas enfim, eu sou uma pessoa livre! Livre de pensamento. Não há de forma alguma, como eu me adequar à ordens estabelecidas por pseudo-autoridades, vindas de protocolos falhos e disformes, de instituições que muitas vezes não vejo sentido algum em me estabelecer e pertencer. É como se, eu fosse um brinquedo enorme, e uma criança quisesse me guardar em uma caixa quatro vezes menor o meu tamanho, junto com outros brinquedos. Não dá – é ilógico. Minha subjetividade não alcança o que, para mim, já foi alcançado, aonde já passei de fase – esta, a fase da ingenuidade, do desejo de não ser livre somente para se adequar. Esta fase, não há mais sentido em penetrar, não há mais nada para mim aqui. Ou ali. Tanto faz, não sei aonde esta fase esteja, talvez esteja em todos os lugares que ando, pelas ruas e com a maioria das pessoas que falo.

– É, pode ser. E por que estava se escondendo quando eu te chamei? Tem algum medo de seguranças? – Ele brincou.

– Não, pelo contrário. Muitos amigos que já fiz nessa vida são seguranças de estabelecimentos. – Eu disse.

Olhei para cima, de repente, e as nuvens estão perdidas, esvoaçadas, atordoadas. O céu estava azul, bonito e cintilante – mas as nuvens faziam separações entre elas, formando minúsculas nuvens, sem se mexerem, sem tocarem umas nas outras, sem se integrarem em si mesmas. Me perguntei talvez se isso não fosse um vero e destrinchado reflexo do que seriam as relações humanas: um dia então, acorda e se olha para cima, e decide separar-se daquele mais próximo, desintegrar-se da condensação que se chama conexão, de toda formação do ar – crendo eles serem diferentes somente por que olham para cima. E assim, se separam; as nuvens então, não existem mais, somente pequenas partículas de brancura contrastando com um céu azulado. Mas o ser humano sabe, porque sente: não se pode viver destacado e desmembrado do resto, por toda eternidade. Nem o mais supremo deles; não se arrisca. Não se lampeja, nem troveja, quando não há ninguém. Então, eles retornam. Sempre retornam. Assim como as nuvens também retornam – para seu verdadeiro domicílio, seu verdadeiro lar: mostrando a si mesmo em frente aos demais, pois uma visão de mundo que não se mostra, é menos um aprendizado para o resto. É o conforto de estar dentro de si, caminhando e fazendo viagens por dentro, mesmo sem nada no externo para lhe dar uma noção de vã segurança.

Meu crescimento sempre é por dentro, e não por fora. E alguém que me olha de fora, acha-me sempre que não mudei. Mas, ora! É claro que não mudei, se a mudança é por dentro, então tendo a reconstituir sempre as partes antigas, porém valiosas – do meu ser, integrando aos novos aprendizados do presente atual. Não há, para mim, crescimentos externos, pois é algo que se perde com

o tempo – não há utilidade, fim, ideal. Só em mim, só em mim há ideal. E acredito piamente tanto nisso, que às vezes me engano, crendo que todos mudam e os conhecidos “ganham a vida”, e eu só, permaneço, parada, intacta, no mesmo lugar. Mas talvez seja o contrário. Depende da perspectiva. Sinto-me realizada e plena, pois o meu crescer é por dentro, ganho a vida por dentro, não por fora. A autosuficiência talvez parta daí: é o ganhar a vida por dentro, e não por fora.

– Viu o que aconteceu aí fora? Os caras acham que são donos de tudo aqui e podem acabar com qualquer coisa! – Ele falou.

– Mas recebem ordens, não é? – Perguntei.

– Recebem, mas cabe a eles escolherem, por livre e espontânea vontade, se irão seguir essas ordens ou não.

– Mas perderão o emprego. – Eu falei, o provocando, querendo saber a forma como o mesmo pensava.

Ele então, parou, pensou um pouco e disse:

– Uma pessoa com caráter aceita perder qualquer coisa, menos algo que vai contra os seus valores. Se eles aceitam violentar os outros, então não possuem valores que visam o bem das pessoas. Ou talvez não saibam o que é isso.

Talvez seu senso comum tenha se alargado, de repente. Ou talvez, dentro do senso comum possua a incrível habilidade de ir mais a fundo quando se passa tanto tempo contemplando o que vem e o que vai, como um segurança. Talvez os seguranças sejam eternos contempladores no dia a dia. E é impressionante o quanto a vida nos mostra e nos comprova deduções, em tão poucos minutos!

Tudo que a vida nos dá em sentido metafórico, a coisa tende a aparecer em sentido literal. E quando é em sentido

literal que nos é dado, há de surgir o sentido metafórico para aquilo. É só estar mais atento aos sinais.

Depois de ter uma troca de ideias com o Fuinha, desci e fui passear pelo restante do palácio. Acidentalmente ou, por coincidência talvez, esbarrei-me em uma pedra de tamanho médio no grama, que mais me parecia como um cristal brilhante. Era tão brilhante que pude eu mesma me ver como um espelho através dela, e o contraste que minha roupa fazia na pedra. Estar atenta aos sinais, eu pensei. Será que essa pedra tem algo a ver com o tal diamante das sete estadias, na qual a mulher que assistia a aula comigo, mencionou? Achei aquilo misterioso, e suspeito. Mas, tudo que é suspeito tende a ser mistério – mas não é macabro, e sim sereno, abundante de sentimentalidades desconhecidas!

Decidi levar para casa sem ninguém ver. Sem os guardas pronunciarem seus olharem perante minha pessoa. Não desrespeitarei ninguém, mas também não irei obedecer. Assim sou, e sigo sendo. Assim como uma criança detesta ser tratada como criança, pois não a percebem como ser próprio e pensante, assim como tratam os deficitários, como tratam os diferentes, detesto ser tratada como quem nunca viu nada de novo antes.

Ainda não tinha descoberto o que havia acontecido dentro do palácio para todos saírem, e esqueci também de perguntar para o Fuinha. Subi de novo, no andar que eu estava, para tentar achá-lo. Ouvi meus passos fazendo uma harmonia com minha respiração, no sentido de ir e voltar. Aquilo me deu contentamento. A madeira velha do piso fez barulho. Bati na porta duas vezes, que agora estava fechada. Imediatamente, houve uma abertura. Era ele.

– Esqueci de te perguntar... por que todos saíram do palácio de repente? Não estava tendo uma exposição aqui?

– Ah... – Ele falou, fechou a porta e começou a falar com um tom mais baixo – Estava sim, e os quadros e as pinturas ainda estão lá embaixo.

– Sim, e o que houve? Por que todos saíram?

– Bom, a administração do palácio soube que todas essas exposições lá embaixo foram roubadas. Expostas, sem autorização de ninguém.

– Roubadas de quem? – Perguntei – Estranho, o ambiente e o clima me pareceram tão familiar e comum.

– Eu não sei. Só receberam um aviso que foram roubadas e estavam em exposição aqui sem ninguém saber de nada. Não houve organização para tal, alguém só as colocou lá embaixo, e esse pessoal de repente apareceu para olhar.

Estranhei. Como assim, surgir eventos organizados por seres que nunca se ouviu falar? Por seres que não se pronunciaram?

– E já procuraram saber quem foi que colocou lá embaixo?

– Como saber? Provavelmente entraram aqui de madrugada devido à má segurança.

Eu digo isso, mas também, nunca me pronunciei sobre nada do que ousou fazer. Nunca me pronuncio sobre as coisas que organizo para uma determinada ação, com determinado objetivo. Não me pronuncio, e talvez eu saiba o porquê de as pessoas também fazerem isso sem pronunciar-se, ou revoltar-se sobre algo. Fui para perto do portão pensando sobre as inúmeras possibilidades de o palácio ter sido invadido pelos embelezadores da vida, os amantes da arte, que são obcecados pelo lado positivo e alegre das experiências.

Me encontrei parada perto do portão de saída do palácio, ouvindo alguns maldizeres sobre mim, dos que estavam começando a entrar no palácio novamente:

– É um homem ou é uma mulher? – Perguntaram um para o outro, enquanto me viam parada, apoiada na porta.

Não me importo como estou aparentando para eles, já que – me sinto muito bem equilibrada entre o masculino e o feminino dentro de mim, talvez por isso tenham dúvidas quanto a minha aparência, sobre o que sou por fora – pois é isto, se estou equilibrada entre eles, hão de notar que há algo de diferente no ser. Tenho a saúde perfeita, pois nenhum destes saem do equilíbrio, do caminho do meio, eles sabem aonde querem chegar, querem chegar sempre juntos! A fusão de ambos em um só é espetacular, ninguém ousa mexer com alguém que entende ambos os lados e ainda assim consegue andar por aí como um ser humano comum. Fingindo que não entende de todos os segredos universais. Eu vivo fingindo que não sei. Mas acho que não se esconde o que se é, os segredos estão escritos na minha aparência.

– Acho que é uma mulher... olha os olhos, a boca, o rosto... Traços muito femininos.

– É, mas olha os ombros! E tem um jeitão de homem também, másculo. – Um outro respondeu para a mulher – E o queixo definido.

O engraçado disso tudo é a necessidade de rotular-me como algo que nem eles mesmos sabem o que é. Estão acostumados a ver determinadas características em homens ou mulheres, mas isso não significa que este sexo é dono de tais características, que muitas vezes são construídas pelo social. São uns tolos. Tolos, porém, ingênuos.

Decidi me mexer e parar de ouvir o que eles tinham a dizer sobre mim, como se eu não estivesse ouvindo tudo.

Fui acorrentada pelos meus próprios pensamentos agressivos de sair dali e não desejar mais ouvir as ignorâncias alheias. Fui acorrentada então, pela ignorância alheia. Que ignorância é esta, que acorrenta até os que não querem fazer parte dela!

Decidi voltar para casa. Caminhando pela rua observei: o galho da árvore despencando, quase caindo em minha cabeça enquanto passava. Ele finalmente caiu. Mas quem se assustou, foi quem não olhou para cima antes, para ver o mesmo querendo descer até o chão. Mas eu já tinha olhado, eu já tinha visto, previsto, intuído sua queda. Senti um peso no meu bolso direito. Toquei nele, o senti, enfiei a mão no bolso para ver o que era. O cristal. E de repente seu brilho tinha ficado mais intenso e gritante, como se quisesse ajudar o sol a esquentar tudo que lhe tocasse.

Quem previu a queda, foi quem primeiramente, olhou para cima. E logo então, a coisa brilhante pesou, e fui obrigada a erguê-la. Lá estava: o poder estranho da atenção. E eu já sabia de tudo isso. Sempre soube, sempre senti o saber.

Voltando para casa, senti-me autoridade de mim mesma.

Não há nenhuma autoridade maior do que o saber. O saber que se sente, e não que se pensa.



## 2. A ACEITAÇÃO

A aceitação é aquilo que se sucede logo após a revolta. E é aquilo que, quando se tem a autossuficiência em si, fica muito fácil ressignificar a revolta para algo muito maior – e aceitar a aceitação como parte de si, pois o aceitar ingere a condição de ir mais a fundo na realidade da vida. E ir mais a fundo significa ver a revolta como uma ajuda para sair das fantasias, e não como uma coisa que faz parte de si.

A revolta só existe pois lhe é constantemente tirado do seu estado natural, diversas e diversas vezes durante a vida, pois se está inserido em artificialidades cotidianas. Que querem por que querem, lhe retirar do seu estado natural de ser. Através de intensas lavagens cerebrais, que não se percebe pois já está imerso demais no mundo cotidiano para se desligar de tudo e ver as coisas como realmente são.

Mas para isso, se é necessário aceitar a condição. Aceitar a condição de si mesmo – só assim abrirá os olhos e verá a realidade. Aceitar-se. Aceitar-se como é, e não como foi programado para ser. E ao contrário, quando me destruo, firo o outro, pois a minha destruição faz eu me sentir mal comigo mesma, e entrarei em contato com o outro – que irá sentir, todo o peso da destruição.

E quando se aceita, se percebe que os temores não são monstros, só se tornam grandes quando se cria fugas para afastá-los. Cheguei em casa, ouvi a porta se fechando e minhas mãos fazendo esforço para fechá-la, e tive certeza que meus móveis estavam parados demais por alguma força, pois senti os mesmos empoeirados após minha chegada. Decidi aceitar isso, essa impressão real e profunda que minha percepção obteve através do meu sentido apurado: a visão focada.

A aceitação também poderia ser chamada de renúncia. A aceitação natural dos estados presentes faz com que se renuncie aos artefatos do passado e das coisas desnecessárias para o estado de consciência atual, que está sempre em progresso. E quanto mais se progride, menos se precisa. Por isso, se renuncia. Renúncia poderia ser um nome substituto para aceitação.

Decidi ser analisada por especialistas de pessoas, para os mesmos darem sua opinião sobre o porquê nunca me encaixei em lugar nenhum na sociedade. Esses especialistas contam com psicólogos, detetives, policias, malandros de rua, ciganos, grupos menores rejeitados, e tudo que englobe a vida em seu meio social. Todos eles juntos criaram um pacote para lhes dizer quem se é. Eu sei quem eu sou, mas decidi aceitar a condição de estar a mercê da opinião dos mesmos. Pois, quem sabe, posso tirar mais novas conclusões sobre mim mesma com isso? Eles acidentalmente ligaram para o meu número, e fizeram sua propaganda mais exótica e fora do comum possível. Tanto como achei interessante que decidi aceitar.

A aceitação é a melhor arma para o temor. A aceitação percebe que não há nada de errado em nada, a não ser que se resista. Quando se resiste às coisas, se deixa levar

pelas emoções e perde o controle de si. Quando se aceita, mesmo não concordando com algo – tira-se proveito pois reflete profundamente, e ainda percebe que o outro se integra a você de um jeito fácil e harmonioso. Talvez seja por isso que ninguém aceita a aceitação das coisas. Pois a aceitação gera a integração de todas as partes, de todos os humanos, de todas as forças.

E ninguém gosta de deixar tudo para trás, suas poses, opiniões e crenças para se juntar e sentir o que o outro acredita, quando na verdade, o que o outro sente é o mesmo que se sente no seu coração, apenas estão separados pelas lavagens cerebrais, crendo que possuem opiniões diferentes que lhes tornam seres diferentes. Ninguém. Nem mesmo eu! Pois é perceptível que, se perde a individualidade com isso. E precisamos da individualidade – aquilo que nos deixa sozinhos por um tempo, pois quando o foco está sendo pesado demais, é a minha individualidade que me acolhe. É a solidude dos meus braços.

E é aí então, no meio da aceitação, precisa-se da reflexão, para criar o equilíbrio. O equilíbrio de quando é a hora de se ter resistência, e a hora de se ter aceitação.

Minha resistência é para proteger a minha aceitação.

O grupo chegaria hoje aqui, e bateriam na minha porta. Eu podia sentir todo o peso do bater na porta como se estivesse acontecendo agora.

Nunca me dei bem com escolas, universidades, locais de trabalho, ou qualquer lugar desse tipo. Nunca! Nunca senti que meu dever era esse, assistir a métodos entediantes e inúteis, para trabalhar com coisas entediantes que não dão prazer. Sempre senti que o conhecimento não estava ali, e nem mesmo a verdadeira satisfação de fazer algo prático. Em nada disso. E essas pessoas finalmente

me analisariam, e veriam a verdadeira exclusão da sociedade, o que uma velha amiga me chamou uma vez: de uma autodidata excluída da sociedade. Eu ri, e concordei com ela. Talvez eu seja isso. Talvez eu goste de me nomear assim também.

Alguém que se prende a dogmas de estudo e trabalho, mas não sente prazer algum no trabalho que tem, é alguém preso em seu próprio pesadelo. E está tão imerso nele que não consegue mais aprofundar-se nesta crença, e ver a mesma como algo vazio e sem sentido, como tudo isso que é programado artificialmente. Ninguém quer alguém que pense, como eu sempre pensei, desde criança. Querem pessoas insensatas, que não reflitam sobre sua condição. Querem pessoas infelizes, usando-as como massa de manobra.

Eu nunca abri mão da minha felicidade por uma vida frívola. Talvez seja esse o problema: eu nunca quis abrir mão da felicidade, pois quando sentia ela sendo ameaçada de ser tirada de mim, a agarrava intensamente, e logo então, fugia, me distanciava de tudo, de todas as loucuras na qual me induziam a fazer parte. Mas os outros não, os outros não sabiam que aqueles pequenos prazeres de criança eram sua verdadeira felicidade. Creem eles, ser somente uma fase ingênua da vida, que agora é passado. E se perdem depois, se identificando com suas próprias imagens.

Mas agora, eu passeava pelo inconsciente da minha mente, enquanto eu ia saboreando o silêncio e os pequenos ruídos das pequenas coisas. A chaleira no fogo, a moto em alta velocidade na rua transgredindo a vontade dos pássaros de se comunicarem, e eu, impedida de ouvir também, elas chegarem e se encrostarem na janela da sala.

Fui ao banheiro, e o barulho da descarga de repente me pareceu tão violenta, como se puxasse a água para baixo com a força agressiva de um incêndio, ou redemoinho. Tirei minha roupa apresentável, e vesti a minha confortável – a melhor para sentir-me bem e em paz comigo. Vestindo ela, tive a sensação de estar me libertando de um buraco. A luz do sol começava a refletir meu corpo inteiro, e quando coloquei a camisa, não enxerguei nada – até que o buraco de se colocar a cabeça da camisa finalmente surgiu, e o sol pôde fazer toda sua função em nascer.

Os pássaros começaram a cantar novamente – e eu pude ouvi-los, mas os meus tímpanos se incomodaram quando o canto foi interrompido por barulhos incessantes de construção.

Descargas, motos, barulhos de construção de edifícios – eram para existir? Os redemoinhos e incêndios existem por conta de agressividades que não nasceram para existir. Todos os sons agressivos que escutei nestes poucos minutos – advinha sempre de uma cousa fora de seu estado natural.

Fui abrir as cortinas, que se enlaçavam fazendo uma dança com o vento – e quando o fiz, a sensação é que tinha interrompido uma grande obra para dar espaço ao que é verdadeiro e não ao que é esteticamente belo. Interrompi a dança do vento com a cortina, para dar alas ao luminar do sol. É correto interromper uma obra para se dar lugar ao nu e ao cru das emergências?

Me sentei no sofá e fiquei no aguardo do grupo chegar. Não demoraram muito, logo bateram na porta. Me levantei e abri, cumprimentei todos como velhos amigos, mas não me pareceram tão amigáveis. Eram todos muito altos e engravatados, com um aspecto estranhamente sério. Interroguei-me sobre isso, mas logo depois deixei para lá.

Sentaram-se á vontade em meu sofá, sem eu dar uma palavra sobre. Então, sentei-me na poltrona, que ficava em frente ao sofá.

– Então, senhora, vamos começar. – Um deles abriu uma caderneta que trouxe embaixo do braço e tirou uma caneta do seu bolso – É solteira?

– Sim.

– Desde quando?

– Sempre.

Essa minha resposta já foi o bastante para assustá-lo, e pará-lo por alguns segundos. Começou a cochichar com os outros.

– Por quê? – Um outro me perguntou.

A minha vida toda, sempre busquei constantemente relacionamentos significativos e profundos, mas com o tempo fui percebendo que essas relações são intensas de sentimento, mas de curto prazo no tempo ilusório da vida. Elas me marcam, mas depois vão embora. Todas essas relações, vivi em momentos muito pontuais e apenas em momentos para saciar minha memória de encontros românticos e imagens marcantes. Foram significâncias e profundidades que, se bastam nos momentos em si, e não na convivência de uma relação. As relações comigo são feitas para serem sentidas, e não para serem usadas para métodos pragmáticos na vida, como a grande maioria esmagadora das relações se constrói, em uma rotina, dentro do modelo que a sociedade impõe.

Algumas pessoas que não conhecem-me tão bem, já chegaram ao ponto de me nomear de pessoa breve, pois nunca me viram em relacionamentos sérios, firmados, aonde se têm aquele acordo, e regras a cumprir. Relações do dia a dia, vistas frequentemente. As questões que eles

desconhecem, é que relacionamentos são coisas muito mais complexas e ambíguas do que isso... do que simplesmente estar por alguém por estar, e assim, nomeiam-me de superficial, somente por que na solidão encontro relação, somente por que... sinto-me bem sozinha e analiso cada milímetro dos meus passos no mundo.

Há valores meus envolvidos, a partir do momento em que começo a me relacionar, tenho de abrir mão de valores altíssimos! E isso para mim, jogaria fora uma parte de mim. Quando estou com alguém, vejo que, dentro disso, eu afeto outras pessoas: amigos dessa pessoa, familiares, pessoas que já se relacionaram com ela e agora souberam do feito, desonro algum acordo que a pessoa provavelmente tinha com outras pessoas... E acabo também, ferindo outros seres que nem mesmo conheço, indiretamente. Coisas mal resolvidas de relacionamentos passados da pessoa, voltam, por que agora ela está em uma nova relação comigo.

E isto me afeta, pois afeta o outro que nem conheço.

E quando essas coisas acontecem, me privo de tudo que me dá algum resquício de prazer e de vida, para poder me acertar comigo mesma perante o ferimento que provoquei no outro, que nem conheço. E às vezes o ferimento é, na própria pessoa que me relacionei.

Entende? Antes da relação, enxergo toda uma teia enorme por trás da suposta relação, e assim não posso progredir, quando observo um mínimo detalhe que vai contra o que eu acredito. Não quero ferir ninguém, não quero machucar em prol do meu bel prazer, um prazer na qual nem mesmo faço questão no cotidiano... os sentimentos, o fervor interno que se acende, são a coisa mais primordial que existe, ele sustenta até mil muralhas de fogo. Agora,

uma relação? Ela pode ser desfeita facilmente, pois se trata de acordos firmados. Agora, quando se tem o verídico sentimento por alguém – a relação acaba, mas o sentimento sempre está lá. E sempre estará para guia-lo, aonde for.

As pessoas nas quais nutrimos afeto eternamente, costumam ser nossos guias principais na jornada da vida. A amizade e o amor eterno são mais elementares e fundamentais, do que paixões efêmeras e competitividade entre amores morredouros.

Mesmo que a relação funcione na prática, há sempre algo por trás. Sempre. E esse algo por trás, normalmente foi um pouco da teia que estava emaranhada, que não teve a devida atenção de olhar, e perceber o quão contraditório e hipócrita soa, o que posso estar fazendo agora.

Principalmente para mim, que tenho relações íntimas com mulheres, torna-se ainda mais distante – a coisa de construir este modelo de relação padronizado, que é na verdade pura lógica e muito pouco sentimentalismo, avança para o casamento, que é mais uma armadilha do sistema para gerar lucro através da perpetuação da espécie humana, e para uma troca de favores através do modelo de construção masculina e feminina. O homem sai para sustentar a casa, e em troca, a mulher dá seu sexo para ele – quando isto deveria ser algo sagrado e momentâneo, espontâneo e natural. Não como um favor. O casamento é uma tradição, e por ser tradição, não pode ser mudada – e o que não muda é algo de natureza retrocedente. Sendo retrocedente, não favorece o bem-estar de todos que aqui estão. Quem casa por amor ou pela paixão do sentimento, acaba sempre sofrendo durante o processo, pois casamento não nasceu para confortar os sentimentos humanos, ele é funcional para interesses de famílias e lucros.

Percebi que, ao final das contas – tudo isso é uma armadilha. Há de conhecer pessoas que percebem isso também!

As relações suprem e supriram minha constante necessidade de aprofundamento e de sentimento, mas as pessoas não suportam viver assim – elas dizem, que precisam fazer sua própria vida, ganhar sua própria vida, avançar, e para isso – precisam estar em cima do que é profundo, precisam estar na superfície para isto acontecer. Pois então, eu continuo sentindo, plenamente, às vezes sozinha. Às vezes com alguém. Apesar de sentir como qualquer um, e de sentir falta como qualquer um. Eles não aceitam quebrar as barreiras.

A humanidade tem de ser sentida e exercida sem nenhum contrato interferindo em absolutamente nada. Se existem contratos ou artefatos que visem o público e a imagem social, há algo de errado. A humanidade do sentimento genuíno irá se desmanchar.

O sexo é um nível maior de intimidade que se pode ter com alguém, e quando esse nível chega, a convivência já não é mais a mesma. Assim como a convivência é pragmática, e o sexo é íntimo – ambos juntos formam um equilíbrio. Mas este equilíbrio, muitas vezes é desequilibrado por uma das partes.

– As relações sempre existiram, e eu sempre as vivi. O meu modo de me relacionar com as pessoas só é diferente do costume. Me relaciono com a alma, e a alma não entende construções sociais. – Respondi – Preciso de solidão.

– Você mora sozinha?

– Sim.

Na verdade, eu tinha uma colega que havia se mudado recentemente, mas que também, havia ficado pouco tempo

comigo. Talvez ela tivesse percebido, que não sou muito de falar e ela era – e o clima da casa talvez ficasse um pouco misterioso para ela, e para todos os outros que têm dificuldade em se aprofundar na maré do silêncio e das carências de ruídos. O que para mim era estranho, é que – a pessoa se muda, depois de tempos de convivência, e não percebo lucidamente, a falta de sua presença, senão após muito tempo. Quando vou entender o que realmente aconteceu – o tempo já passou, a vida já andou, e eu continuei aqui. Pensando em tudo que já se foi, em tudo que partiu, e eu não tive a audácia de abraçar como deveria. Não sei se isso é um fato triste; é só o modo como vivo as coisas. Entendendo o agora, e sentindo ele depois. Depois de tudo já ter acontecido.

– Por quê? – Me perguntaram.

– Conservo minhas amizades antigas, trago pessoas para cá para fazermos alguma coisa, aprimoro mais ainda minhas relações, mas digo novamente, preciso da solidão.

– Por que você precisa tanto da solidão? – Me perguntaram em tom ameaçador; apesar de me parecerem todos muito profissionais.

– Para refletir. – Falei.

Olhava para essas dez pessoas bem em minha frente, e minha memória gravava então, como se fosse uma foto de todos os rostos, nesse cenário bem em frente à minha parede bege da sala. Cheguei então, ao pensamento no meio das perguntas e respostas, de como o corpo humano é meramente original, sendo o restante das máquinas, cópias obsoletas de tudo que nosso corpo produz.

A máquina fotográfica é como a visão humana: quando olho para algum lugar e me centro completamente naquilo em que estou olhando, é como se meus olhos

tirassem fotos, e armazenasse dentro da minha memória, para ver a foto depois, ou talvez, o vídeo, quando o que foi gravado, foi a imagem vista com o som ouvido, aonde a audição já entra como companheiro da visão neste ponto. Isto é o que chamamos de lembranças – o arquivo de memória que nós temos. Então, a partir daí a máquina fotográfica faz o mesmo, mas creio que nossa memória seja mais potente que a dessas máquinas; sendo a nossa ilimitada e transcendente, quando não há nenhum defeito sondando ela. Então, a visão seria uma máquina fotográfica embutida em mim – e eu saber desse seu poder, não me resta dúvidas de que não precisamos de nada para nos satisfazer, quando há tudo em nós mesmos, só basta estar em estado sadio para sentir.

Observemos os celulares e automóveis também; qualquer forma de máquina já inventada pelo ser humano foi criada a partir do que se viu na anatomia humana, ou até então, na natureza.

Os carros correm ou andam, assim como nós – e temos descarga de energia alguma hora, aonde precisamos recarregar, assim como os celulares. Mas, alguns celulares são mais potentes que outros – em sentido de bateria, assim somos também, em sentido de energia. E poderíamos correr tão rápido como os automóveis, se nós fôssemos criados para isso e nos esforçássemos. Os maiores e com maior massa andam mais devagar, os ônibus são mais lentos do que os carros. E assim também, somos nós. Quanto menos massa ou peso tivermos, mais velozes e flexíveis ficamos, como as motos também o são, por exemplo. Pequenos, mas mais rápidos e flexíveis do que qualquer carro ou ônibus. Quanto menor a massa, maior a velocidade. E quanto maior formos, e todos os equipa-

mentos também forem, mais dificuldade terão, e teremos – de movimento. É entendível: só basta atentar-se mais a si mesmo e ao que acontece no dia a dia.

Há as doenças também, fazendo parte do enredo da falta de eletricidade – que significam um eletromagnetismo deficitário, formando um metabolismo baixo, impedindo das vibrações dos glóbulos e dos átomos corporais se protegerem. Seus pensamentos não condizem com a forma como se sente, não se interrogam e não entram em acordo, gerando um estado conflituoso no organismo. Quanto maior o eletromagnetismo de um corpo, maior seu metabolismo, maior sua vitalidade. Nunca entendi quando me chamavam de magnética algumas vezes, mas talvez isso explique do porquê nunca fui de ficar doente. Minha personalidade tem a ver com meu psicológico, que tem a ver com minha saúde.

O que para eles, é de difícil compreensão, é isso: a vida é uma eterna brincadeira. Quem sofre, trata a vida com rigidez e assim ela lhe entregará cousas rígidas, e não brincadeiras. Quem a trata com severidade, tem receio de ser chamado de irresponsável ou de algo que o mesmo não é, por isso não suporta ver a vida como brincadeira, quando na verdade, a brincadeira é que faz a vida fluir dentro de suas marés. Uma brincadeira com sentimentalidades, que se tornam palcos de diversas subjetividades. Ter seriedade é diferente de tratar a vida com rigidez – ser sério significa estar sempre à mercê dos seus próprios pensamentos dentro das situações da vida, e o tratar a vida com rigidez, significa viver essas situações em tons extremamente racionais, ignorando a vitalidade. Não se engane com as interpretações dos vocábulos. Eles têm esta artimanha de enganar-nos.

Quando entender uma coisa sobre algo, pense de novo sobre ela, e irá entender outra.

A brincadeira está lá no fundo da profundidade. Quem brinca é quem percebeu o não-sentido das incoerências de tudo que despedaça o coração. Catástrofes, doenças, tragédias... Resultados de uma supérflua rigidez. As pessoas, em sua completude, falam sobre coisas superficiais, mas não são pessoas superficiais, só aprenderam a ser, pois creem que suas conversas pouco significativas são o bastante para nutrir sua alma de alegria, que está acorrentada nessas moléstias mundanas. Mas nunca nutre – as conversas triviais são somente um paliativo, e não um tratamento preventivo para o que a alma realmente almeja.

– E por que precisa tanto refletir? – Uma mulher de óculos escuros falou me olhando, seriamente. – Não gosta da vida?

– O gosto da vida para mim é refletir.

– E por que vê tanto gosto nisso, senhora?

– Por que me fazem tantas perguntas cavadas? Aonde vocês querem chegar?

– Agora, queremos lhe conhecer melhor, depois partimos para coisas mais objetivas da vida. Estava esperando por esse tipo de pergunta?

– Não, acho que me surpreendi um pouco.

A mulher de cabelos grisalhos deu risada e olhou para baixo.

– Não, não. Não estamos interessados em saber onde estudou, mas como e por que estudou. Entende? – Ela disse – Não estou surpresa pela sua surpresa.

– Eu sempre estudei por conta própria, minha criatividade nunca se submeteu ao domínio de outros. – Falei, em tom rígido.

- Uma autodidata então? Nunca foi para a escola?
- Já fui, mas... meus aprendizados não partiram dali.
- Não?

– Tudo que se aprende lá, se aprende na vida. A teoria de lá é um apoio para o que se deveria entender na vida, e não dentro de um cubículo.

– Então você já sabe tudo? – Um dos homens questionou-me com um tom pejorativo.

– Sei os segredos para se saber tudo, mas não significa que já sei tudo.

Pensava agora o que estariam pensando de mim no instante em que me olham. Quando me olham, olham para o quê? O que será que veem? Um rosto, uma aparência, um boneco, um fantoche – ou alguma cousa imaterial, impossível de ser percebida? Pois eu vejo o que está sendo processado por dentro, e não a realidade mínima do que aparento ser; não vejo minhas fantasias, quem as vê são os mesmos fora do processo que acontece internamente. E eles estão engolindo a minha imagem, de acordo com os seus próprios processos que acontecem por dentro também. Então, a minha imagem agora não sou eu – mas sim frutos dos processos deles. E quando ocorre de todos pensarem o mesmo, seus processos internos estão contaminados pelas ideias massivas dos padrões.

– Consigo juntar todas as áreas da vida, e posso transformar o feio no bonito e o bonito no feio. – Completei.

– Eu não sei se entendi, senhora.

– Consigo transformar as coisas, senhor Hélio. – Eu falei, olhando seu broche grudado no paletó – Dá para perceber que menosprezar algo não faz sentido, se o que você menospreza é algo muito valioso para o que se aprende hoje.

Ele franziu o cenho.

– Não sei aonde você quer chegar. – Ele disse.

Claramente, eles seguiam todo tipo de regras possíveis para fazer perguntas, e quando as respostas saíam do trajeto que planejavam, não entendiam nada. Como robôs coordenados a receber a mesma montagem, e quando uma engrenagem falha, todos eles falham. A questão é que nunca me importei com regras – não, não são com as regras que me curvo, me ostento, me enobreço! São com as pessoas que estão seguindo aquelas regras, é para a humanidade daquelas pessoas que estão ali, seguindo as regras e não lembrando de sua própria humanidade. São com elas para qual eu me curvo, e não para as regras em si, que são projetos de um mecanismo. E sei, tenho a ciência de que – se eu desobedecer às regras na qual fui submetida, alguém que também é vítima destas regras, e que está em posto de comando, também sofrerá. E isto eu não quero. Sigo as regras para salvar o outro, e não pela obediência cega, que é fonte do medo.

– Se sabe de tudo mesmo, como não está nos mostrando? – Um outro aparentemente mais novo disse, ingenuamente.

São uns tolos; esquecem que a verdadeira fonte de tudo é o não mostrar, e não o mostro – para não parecer arrogante, e que deixa as situações da vida mais engraçadas ainda: pois as pessoas falam comigo, e sei de tudo que elas estão falando, e de todas as emoções que estão aflorando nela, e de onde elas vieram, seus gestos, trejeitos, etc.. E então fico como uma espectadora de um filme que já sei sempre o que vai acontecer. Não mostro pois não necessito, ao menos que alguém precise para emergências. Sei de tudo, mas não mostro para não parecer

uma coisa que eu não sou. Já, quem sabe demais, mostra, e passa superioridade. E quem não sabe, não mostra, e vive humildemente. Todos creem que só existem estas duas opções. Pois bem, eu transpareço; posso ser um meio termo, o equilíbrio de ambos.

– Não é necessário. – Falei – Vocês também já sabem de tudo. O que posso lhes mostrar, talvez, seja um jeito diferente de explicar o que já sabem.

Todos, então, se interrogaram, uns aos outros, cochichando, como se quisessem falar sobre mim a distância. Como se eu não pudesse dar ouvidos a nenhum som emitido. Se mostraram confusos novamente com a minha palavra.

Passaram-se algumas horas desde que começaram a cochichar e não pararam mais. Trouxe alguns materiais meus para eles observarem também: escritos, desenhos, fotografias, correspondências, de tudo que já vivi. Fui arrumar quarto e banheiro, fazer café, tomar um banho, e folhear revistas. Neste tempo, fiquei há me olhar no espelho por longo tempo.

Não que eu gostasse de me olhar no espelho por razões narcisistas, pelo contrário: o faço como hábito para me lembrar de que tenho uma imagem que as pessoas costumam ver todos os dias. Se eu não me olhar, acabo esquecendo que tenho um rosto, que é visível e ainda tocável. Então, é mais pelo saber da certeza que ainda habito uma matéria, e de como esse corpo se movimenta, se forma e interage dentro do mundo – do que, de fato, uma obsessão por si mesmo. Preciso do espelho para lembrar-me que minha alma habita um corpo, e este corpo, não sei como reage, pois somente o possuo e o sinto, me sustentando nas andanças, mas não sou ele. É como uma mochila que

carrega em suas costas – se sabe o peso da bagagem, mas quando se tira das costas, percebe que aquela bagagem era somente um auxílio para se pôr e para se retirar cousas de dentro durante a viagem, e não seus pés, que fizeram todo o percurso.

Quando fui visitar novamente a sala aonde o grupo se encontrava, eles finalmente começaram a falar.

– De fato, senhora Violeta. – Uma das mulheres ali tirou o óculos escuros, e pude ver seu rosto nu – Assumimos agora que estamos lidando com alguém... Diferente. Precisamos de um tratamento específico para você. Tem certeza que é daqui?

Um deles havia pego um globo e um mapa mundi e pôs em cima da mesa, fiquei a observá-lo, discretamente. Ele agora colocava seu dedo indicador no mapa para enxergar as cidades dos países e dos continentes. Concentrado, fazia sua manifestação intelectual pesquisando em um livro que trouxe na sua bolsa. Parecia pesquisar características psicossociais dos indivíduos de cada nacionalidade.

Mas que maravilha seria, se nós retornássemos a uma era única e indivisível, a alegria e força de uma Pangeia. Se todos os continentes do mundo se formassem um só, não haveriam também divisões de outras formas! O diferente não seria tão diferente, mas simplesmente só seria tratado como todos e não precisaria ser chamado de diferente por isso. Sou diferente pois os continentes do mundo estão separados, e vivo neste planeta – consequentemente, hei que haveriam também outras separações que me afetariam em outros campos. E eu não sei lidar com separações; tudo é unificado, como seria, se existisse uma terra só para todos e o mar todo refletido em si mesmo, sem divisões entre os oceanos, sem precisar atravessá-los

somente para se chegar em um território que deveria ser livre de se passar. Pois aqui nascemos e aqui residimos. Do planeta somos filhos, e não de um país.

Talvez eu não seja daqui por almejar sempre ao retorno das coisas unificadas. Aos continentes e aos oceanos: não seriam controlados por tantas leis se fôssemos respeitáveis com a ação dos elementos diante das tragédias. A questão é que, creio que os elementos sentem o atrito sob eles, algo em cima deles os faz desmornar por serem suscetíveis – e decidem então, se separar, pois o atrito dos seres humanos se formou demasiadamente denso durante os séculos para subsistir somente sendo um mar e um solo. E se a densidade continuar, os elementos se autodestruirão para destruírem a densidade dos que os usam os poluir e os intoxicar! Para nascer um mundo novo, um mundo de retorno a Pangeia. Os continentes se encaixam como um quebra-cabeças.

Não precisaríamos de aviões para nos levar a qualquer outro lugar que precisasse atravessar o mar, pois nós mesmos, por livre vontade – iríamos a pé, sem as limitações comunais, parando em cada lugar que lhes oferecesse abrigo por alguns dias para repouso.

Nenhum território é de ninguém a não ser dele mesmo, pois o território possui vida. Criam limites territoriais para quê? Se a qualquer momento, aquele território pode rebelar-se e causar terremotos, inundações, furacões, incêndios? Tudo é ilusório se formos olhar com mais critério e profundidade. É impossível controlar a força de um elemento.

– Sim. – Eu disse – Sou daqui.

– Vamos ter que resolver o que iremos fazer. – Ela disse – Há quanto tempo percebe que é assim?

– Eu já disse, desde sempre. Não há o que resolver.

– Por que marcou isso aqui, então, se sabia que não tinha o que resolver com a sua pessoa?

– Bom, porque... queria saber se vocês tinham uma resposta diferente para o que eu seria, ou para o que eu poderia ser dentro da sociedade.

– Então resolveu brincar com nosso tempo e paciência? – O homem que olhava o mapa disse levantando-se, sendo levado pelo pela emoção – Menina, vai embora daqui.

– Para onde eu vou? – Perguntei-lhe sinceramente.

– Eu não sei, mas claramente há algo de estranho. Suas características são típicas de todos os lugares do mundo que venho pesquisando.

– Sim. – A mulher de cabelos grisalhos, que agora fui descobrir que era psicóloga, pois carregava um livro de teoria de personalidade em mãos, disse – E a mesma coisa com as personalidades... estranhamente, você parece ter características de todas elas. Como se, cada fragmento seu tivesse sido posto em cada humano, região, áreas profissionais, trabalhos, cursos. Até o nosso amigo aqui, especialista em todas essas áreas, obteve resultado parecido.

Ele continuou:

– É, seu interesse e conhecimento é extenso e profundo em tudo. Nunca vi algo assim. E quando falo conhecimento, parece que a senhora vivenciou tudo na pele, e não simplesmente sabe por que leu, parece que sabe porque viveu. Mas, isto também seria impossível, pois a senhora tem poucos anos de vida, ainda é jovem. Ou pelo menos parece ser.

– O resultado que chego é que a senhora possui um dom intrapessoal, sendo assim – fica fácil se colocar no

lugar dos outros e das situações. – Um homem japonês disse, especialista em neuro-linguística; sei disso pois olhei seu crachá de identificação.

– Não concordo, ainda acho que ela talvez não seja desse mundo. Provavelmente, uma extraterrestre que veio para cá e não se lembra para que veio, ou já tenha nascido assim. – O que olhava o mapa mundi disse, muito convicto.

E, de fato, haveria algo de suspeito nas minhas formas extraterrestres. Pois, sentia constantemente que, sempre quando eu entrava em contato com alguém do planeta terra, meus níveis de consciência diminuía absurdamente! E eles voltavam a elevar-se quando eu permanecia sozinha novamente. Nada explica isso, se não a minha vida ter nascido aqui, mas pertencer a outro planeta – a minha casa, na qual desconheço, e se conheço, também não me lembro muito bem aonde fica dentro das galáxias. Como aprendo e vivo as coisas por aqui em velocidade incalculável, na velocidade da luz – aonde somente, no final, deixo pegadas e rastros por onde passo; sem tamanha importância da minha constante presença, pois a minha presença começa a existir nos rastros deixados pelo meu jeito de viver na velocidade da luz, quando meu corpo todo vibra em escala macro, como se o sacudir de algo por dentro fosse explosivo se não se perpetuasse no meio!

De fato, eu achava sim – todos os seres com quem já encontrei e troquei afetos e relações, todos eles seres muito atrasados no ponto de vista de perceber as coisas. Não percebem, parece que ficam presos em alguma redoma que os impede de entender o que está acontecendo no mundo, e que, o que acontece, não é algo normal. É tudo sujo, cinza e fétido. São assim que todos vivem, e tem até alguns que, com seus grandes discursos e algumas emoções fora

de controle, parecem se importar – mas quando eles estão distantes do calor do momento de um debate, na vida cotidiana, não parecem perceber nada, estão ainda submersos em seus próprios problemas estranhos, que eles mesmos criam, fugindo dessa estranha realidade, que mais me parece um mundo paralelo, a cada vez que vagueio por aí. As minhas fantasias de um mundo perfeito são, na verdade – o que deveria ser a realidade. E essa realidade que todos costumam chamar de realidade, é tão estranha e acinzentada, que mais me parece um mundo paralelo.

Os canais estão invertidos; atente-se à imaginação, ela é o portal da verdade.

Um sentimento estranho se apossa de mim quando entro em contato com determinadas pessoas e circunstâncias – como se eu tivesse sido oprimida sem ter comprovações concretas disso; sem nada ter acontecido! O apego comum e instantâneo que todos sentem pelos familiares, amigos, não o sinto nunca comigo – somente uma forte afeição por todos. Lembranças, que tornam-se reais, quando penso nelas. Alergias de diversas formas ficam presentes em mim quando penso e vivo demais no lado terrestre imundo e sem vida.

Nunca senti meus pais como sendo meus pais, mas como pessoas que viveram comigo desde que nasci, e a quem devia imensas obrigações e satisfações para com eles – por motivos que conheço; mas não entendo o porquê. Esta espécie de hierarquia existente por aqui.

– Você acredita em vidas extraterrestres? – A mulher de cabelos grisalhos perguntou, crendo que o outro estava sendo lunático, dentro de seu ceticismo estudioso – Olha para ela, é um ser humano. Como pode ser alguém que não é daqui?

– Mas os seres humanos também existem em outros planetas. – Um outro alegou – Só que são bem mais adiantados que nós. Olha para ela, é alguém muito estranho, podemos dizer assim. Pois nada explica esse fenômeno diante de nossos olhos.

– Digamos que ela é alguém abstrata, está fora das definições. – Um outro que ainda não tinha falado, se pronunciou; também usava óculos escuros e tinha um sotaque pomposo, gesticulando excessivamente, como se quisesse chamar atenção.

Toda aquela conversa desafiadora e competitiva deles entre eles mesmos, deu-me fome, pois senti-me deslocada e estranhamente entediada.

Aqui é algo extraordinário que senti após a percepção da minha fome, e dela não poder ser saciada: o mundo transformou a fome do corpo em algo muito maior do que ela realmente é. Digo, quando sinto fome, não é como se isso fosse um presságio para desesperador para a fraqueza ou para a morte do corpo. Não; a fome significa que há algo que precisa ser nutrido e algo não vai bem aonde seu corpo está parado. Mas isso não significa necessariamente uma necessidade instantânea de qualquer forma de alimento comestível. O corpo necessita limpar-se e depois nutrir-se, e para limpar-se, precisa-se de um longo tempo de isolamento sob os esforços dos órgãos – assim como quando precisamos nos limpar mentalmente, nos afastamos das ideias prejudiciais – e quando o corpo precisa limpar-se, precisa afastar-se de qualquer coisa que faça seu estômago cometer algum tipo de esforço. Inclusive das emoções – pois o estômago também se nutre delas. Só se sente horrível quando está com fome, quando se lembra da

fome – e essa lembrança produz sensação de falta, então o estômago digere essa sensação que se fabricou pelo corpo.

E a fome precisa ser sentida – para se saber como está o corpo, e ela precisa ser nutrida aos poucos. A fome arquitetada pelo mundo é uma fome desesperada, gulosa e miserável. A verdadeira fome é necessária; para a limpeza e para melhor conhecimento de até aonde se pode ir com seu corpo. A fome é testadora de limites, e não um projeto de miséria.

Assim como os animais voadores, precisamos da visão do todo – mesmo sabendo que somos animais terrestres que só conhecem a visão aproximada ou detalhada, necessitamos das viagens! Só com as viagens sabemos o significado sagrado de enxergar o todo. Só com as viagens, como os animais voadores fazem – vivem de viagens. O aprendizado para voar é urgente. Olho para o alto, para o mar ou até para os prédios sem vida em algum lugar alto – e sinto os prelúdios das imagens me dando sensações de um outro horizonte, que talvez seja um começo da visão do todo.

E eu estava em casa, olhando todas aquelas pessoas conversarem entre si – quando se está em casa, não se vê nada acontecendo, e quando não se vê nada acontecendo, está parado, inativo, no mesmo ponto, reflexivo.

Todos os seres deveriam ter gosto por sair de um local fechado às vezes, respirar um ar puro – é um instinto natural de todos, ver as coisas acontecendo, ver o movimento de outras vidas... criamos uma conotação negativa para o sair de casa, por conta da falta de segurança e de conforto que há nas ruas e nas avenidas, alegando que esta segurança só se encontra em um lugar fechado. Meus períodos de isolamento quando preciso, são sempre ao ar

livre, em lugares aonde nada me perturbe, nem mesmo a sensação de sufoco de não poder respirar um ar puro.

Em tudo, há o equilíbrio. A casa deveria ser usada para o repouso reflexivo e para a sacralização de si e do corpo, e não como um escudo da vida. E a casa se torna lar, quando sua função é bem-sucedida.

A segurança se cria consigo – pois se depender de agentes que não se pode controlar as vontades, logo em breve, a tranquilidade dará lugar ao desespero e ao pânico.

– Já pensou em fazer quais profissões? – Um deles me perguntou.

– Pensei em fazer todas. Não há muita diferença para mim.

Acredito que tudo isso que chamam de profissões e de áreas profissionais, são as mesmas coisas agregadas e que criam vínculos entre si. Uma área sempre leva a outra, não importa do que se esteja falando. Pode-se estar falando de física, mas o diálogo lembrar-me uma poesia ou a história dos meus antepassados, e este meu pensamento não está errado – pois eu poderia transcrever a lógica da tal conversa de física para um outro contexto que eu tivesse associado em minha cabeça, mudando apenas alguns nomes e os métodos de se falar daquela ideia. Mas é sempre a mesma coisa – tudo é sempre a mesma coisa que se fala. As ideias são as mesmas, mas estão sendo maquiadas e vendidas como desagregadas e inimigas. Somente para os outros também se personificarem em uma área e acreditarem que estão separados das outras ideias das outras áreas, das outras pessoas – quando não; tudo aquilo que ele pensa, é também – pensamentos de todos os outros das outras profissões, porém – os outros os usam para outros fins.

Quando se fala da psique, se fala da origem das coisas, quando se fala de filosofia, se fala de história, da história surge o mundo das relações e a geografia, e de conhecer a vastidão do mundo, conhece-se a literatura e os dons poéticos, e de dentro disso, se percebe que existe também um mundo objetivo que reflete o subjetivo – e daí, temos a física e a química, a partir da matéria, percebemos a sociedade; que entra a matemática como fator incisivo de controle de horários, trocos, salários, etc, e dentro da matemática existem códigos – e os códigos também são, aspectos da alma, quando a alma fala com outra, sem a linguagem. E por aí vai...

Todas as áreas se encontram, são almas gêmeas em algum fator, em algum espectro de radiação. Pois todas elas são necessárias e desnecessárias ao mesmo tempo. Todas elas representam a mesma coisa. São representações do que almejamos saber – do que nossa curiosidade indaga e omite para nós na vida.

– Não há uma que lhe atrai mais que outra?

– Claro que sim, mas quando vou ver mais a fundo, é algo que não contenta, pois não sou eu pensando, e sim um curso, uma obrigação, dogmas e teorias criadas por algum desconhecido. Perde a graça.

Para ser sincera; todas as teorias existentes apenas tentam exprimir o que há de mais profundo no ser humano, mas são somente desenhos, rascunhos, das ideias que presumem. Assim como os dinossauros – aonde ninguém sabe realmente como eles eram, mas os artistas fazem seus rascunhos, seus desenhos – se baseando nos achados dos seus esqueletos. Assim são as suposições sobre as cousas: uma amplitude de esqueletos de dinossauros e tiranossauros; e os rascunhos dessas anatomias históricas são nosso

poder de raciocínio, enquanto os desenhos prontos são um raciocínio pronto.

O movimento gera a mudança de percepção e de visão sob os objetos externos. Quando nos movimentamos em qualquer âmbito, estamos com as portas abertas para que os objetos externos que a nossa visão alcança, mude completamente seu significado. Isso é movimentar-se! Quando ando pelos lugares, olho para o lado e para o céu e percebo como os edifícios se movem quando dou cada vez mais passos. O objeto externo muda quando existe nosso movimento.

– Por favor senhora, fale um pouco mais. Deveria falar mais.

Eles ainda me interrogavam, mas na minha intrínseca verdade, pessoas falantes demais são seres nascidos para serem adaptáveis. A linguagem e as línguas foram formadas, principalmente para isso: para a adaptação no convívio social. Após muito tempo de silêncio nos primeiros anos de vida que tive, e de ter saído disso somente para minha comunicação verbal conseguir um ponto de apoio no mundo, observo a magnitude da função do seu nascimento: como uma ferramenta para um melhor convívio com os outros; pois quando entro em contato comigo mesma, ela é sempre completamente inútil e vazia. A esqueço completamente e quando tenho pensamentos linguísticos, eles nada mais são que uma preparação para um falatório meu posterior, na próxima vez que entrarei em contato com o social – ou seja, não nutre nenhum contato comigo mesma.

As interferências e as turbulências no convívio surgem por conta da linguagem; quando se acredita na mentira, é a linguagem lhe impedindo de ver por debaixo do véu. A linguagem engana e trapaceia, quando sua função

era somente o de comunicar as necessidades. Ela tornou-se louvável; é como uma ração que algum animal se alimenta, ser mais importante que o próprio animal. É como o que a pessoa fala, ser mais importante que a própria pessoa, que a sua própria conduta vinda de raízes mais profundas. E as palavras não comunicam exteriormente, nem um metro de profundidade que temos, entre tantos milhares de metros ocultos na psique, ainda a serem revelados. Elas são feitas para limitar a profundidade – e tornar sua parte externa usável pelos outros, como meio de se conseguir aplausos; para se depois descartá-la aos ventos.

É como se, a palavra errada expressada com o tom errado, formasse uma combustão de emoções erradas no indivíduo que recebe elas. Além de que, na linguagem existem os termos pejorativos em toda parte.

As línguas são a verdadeira personificação da socialização – e como ela se formou em cada país, em cada parte do mundo, ou em civilizações antigas – explica muito bem como cada um deles se tratam e convivem uns com os outros. A partir de sua própria linguagem. Os modos, os jeitos, as posturas das falas. Tudo isso reflete o significado da coabitação das espécies.

– Eu não sei o que vocês querem que eu fale.

– Realmente, você vai contra a maré, não é?

– Como assim? – Perguntei.

– Vai pelo caminho oposto. Ou estou errada?

– Muito pelo contrário, continuo meu caminho; os restantes que se perdem em rochas altas e esquecem de fluir de novo. – Falei.

E é assim como deveria ser a população: como o mar, suas ondas fluem, mas no meio do caminho há as rochas gigantescas que derrubam as ondas e depois o

mar se esquece de fluir com a onda novamente. Porém, as ondas não se interrompem por conta das rochas – e assim deveriam ser conosco, elas são desfeitas pelo seu alto relevo, mas voltam a se formar novamente mais atrás no fundo do mar. O que acontece com a maioria das pessoas é de não lembrar sobre como fluir com a maré: há uma rocha, e suas ondas não aparecem mais por saber que a rocha está lá, e sabe que será interrompida em breve. Então elas passam a ser água parada, e vão contra a maré.

– Você é muito profunda. – A psicóloga falou, debochando e rindo com o canto da boca – Me encanta suas poucas palavras. Mas infelizmente não posso fazer nada com elas. Estamos aqui para lhe ajudar a entender aonde você deveria estar.

Um dos homens que lá estava declarou, contrariando a psicóloga:

– Tenho a leve impressão de que se sente superior á nós, e provavelmente, ás demais pessoas.

– Não. – Eu rebati rapidamente – Eu sou assim naturalmente. Essa é a minha forma de responder e de me portar naturalmente. Se esse é o meu jeito natural, não há como me sentir superior, pois não tive nenhuma fonte externa para me fazer sentir dessa forma em relação a mim mesma. Só há superioridade ou inferioridade quando há algo que está distorcendo o estado natural.

Eles então, se mantiveram calados, porém começaram a escrever compulsoriamente algo em seus cadernos, compenetrados na ação. Como se fosse suas maiores pulsões instintivas.

Eu, em pronta defesa, analisava suas reações para com as minhas falas, e meticulosamente, sendo discreta, articulava comigo mesma suas próprias personalidades.

Quando reagiam de forma agressiva, não era pela minha fala – mas sim pela pessoa naturalmente ter comportamentos agressivos. Quando não respondia, é por que naturalmente, a pessoa possuía o silêncio como maior virtude. Então, o problema não era o que eu falava, mas sim – o comportamento do indivíduo alardear reações naturais, nas quais – se não fosse eu falando, seria um outro alguém. Assim o mesmo para comigo, minhas reações são a mesma para com todo mundo – então por qual razão eu teria que escolher um culpado, apenas – e elegê-lo por ser o maior ignorante possível? Quando, na realidade – se acho algo dele, acho isso de todos? Se critico ele, critico também, todos os outros?

E eu sei de tudo isso, eles acham isto algo surpreendente e especial – mas eles também sabem de tudo. Tenho de repetir novamente para entenderem. E quando já sei, tenho ciência de tudo isso – e eles também têm, mas se esqueceram, não lembram aonde deixaram estas memórias – que em seu fundo, pertencem a todos. O autodidatismo não passa de uma memória excelente e completa sobre toda a história da humanidade. Quem não o é, é por que nega e recusa o seu raciocínio e consequentemente, a sua memória de trabalhar para lembrar-se de coisas, vindas e nascidas para todos. O conhecimento é para todos – mas os esquecidos se vestem da ignorância de crer que não os tem.

Não é que eu aprenda rápido, mas sim, que eu me lembro rápido. O aprendizado, em seu fundo – é uma lembrança do que já se sabe, mas tornou-se a reservar por conta de fraca memória em atribulações sociais sendo penetradas na psique, interrompendo o processo de recordações constantes. As recordações são a vida nascendo de

novo para poder apreciá-la com uma outra fisionomia, na perspectiva de um outro formato de cores e tons, como se fosse, assim, uma outra figura a ser vivida e sentida.

As recordações são a vida acordada em sua plenitude – as recordações vivas na memória significam ser indestrutível. E há quem saiba disto hoje em dia! Será que somente eu?

É como se, a minha vida fossem os meus pensamentos – pois dentro deles existem as recordações, que tornam a vida mais entusiasta de se viver. Só com as recordações se é possível realmente viver, pois dentro delas, se ressignificam acontecimentos, desmistifica pessoas que antes só tinha se visto a capa exterior, aprende a ir mais além do que seus olhos foram capazes de ir, visita lugares e povos aonde seus hábitos e pressentimentos só eram possíveis em imaginação, graças a limitação da nossa civilização, entende que tudo que pensa é parte de uma cousa que une todas as outras coisas dissemelhantes. As recordações são o verdadeiro alicerce da liberdade interior. Quando falo recordação, não é só a recordação da vida individual e pessoal, mas também – a recordação humana, a recordação de toda a humanidade, a recordação de todos em comum.

E estranhamente, quando comunico a um outro alguém sobre aquilo que recordei – ele no instante, também se recorda, e existe então, uma lembrança mútua de algo que nem sequer vivemos, apenas estava se orbitando sob ele. Isto se chama conexão – ou talvez uma espécie de despertador. Para tudo que ainda falta ser lembrado.

– Mas vamos ter que fazer um tipo de retrospecto com você.

– Como assim? – Não havia entendido, perguntei pelo não entendimento, e não pela curiosidade.

– Retrospectiva. Lembrar-se de onde veio, para onde vai, qual foi a sua trajetória até agora, etc.

– E como fariam isso? – Perguntei.

– Temos uma especialização. Deitamos você em uma espécie de divã, e enquanto dorme, usamos frases chaves que ecoarão pelos seus ouvidos e despertará sensações em seu cérebro, e daí poderemos ver a sua vida toda já vivida, guiada por essas sensações que foram despertadas.

– E como iriam ver essas sensações do meu cérebro?

– Temos uma máquina, e colocaremos ela na sua cabeça. Criamos ela, na verdade. Mas ela é ilegal no país, sua tecnologia é tida como demasiada avançada para nós. Mas isso é tudo desculpa, só não querem que saibamos da verdade.

– Que verdade? – Perguntei.

– A verdade que se esconde atrás dessas barreiras invisíveis. A nossa verdade.

– Sei... – Fiz uma expressão de como estivesse suspeitando de sua equipe, mas ao fundo, estava crendo que tudo aquilo era verídico e funcional.

– Mas antes, preciso fazer alguns telefonemas, e me preparar.

– Não se preocupe, não vai doer. – Um dos homens riu, exibindo sua infame fala hilariante.

– Não é isso. Queria uma amiga comigo antes de fazer esse processo.

Não responderam mais. Por fim, me levante do sofá e telefonei para Amélia. Amélia era minha melhor amiga desde a escola, nos conhecemos na quinta série. Queria ela comigo tanto para observação do meu estado, quanto para verificar as recordações. Digamos que, não seriam exatamente recordações de coisas que vivemos, mas ela saberia se seria sobre mim pois sabe como sou.

Apesar de eu mesma me considerar indecifrável, também posso ser descrita em termos racionais, mesmo que estes me limitem.

Amélia não atendia o telefone, então decidi andar alguns quarteirões e bater na porta da sua casa. Avisei a eles, e pedi para os mesmos voltarem após algumas horas depois. E assim, o fizeram. Saíram da casa aonde eu residia quando lhes pedi para fazerem, e troquei de roupa rapidamente para sair. Estranhamente, quando estava saindo, dei uma passada no banheiro, e notei o espaço aonde eu havia deixado o cristal que tinha achado no palácio. Havia mais um cristal próximo ao que eu tinha achado; agora são dois idênticos. Será que algum deles usou o banheiro enquanto eu não via seu movimento, e deixou um cristal ali, do lado do outro? Eles eram minúsculos, do tamanho de um ovo de quintal.

Fiquei pensando por alguns instantes e pode ter sido provável. Mas, a minha grande indagação é por que dois e não apenas um, se a mulher desconhecida que deixou-me na porta do palácio mencionou apenas sobre um cristal? De qualquer maneira, por qual razão este segundo era tão importante e por que teriam deixado ali? Tudo que me custa a concluir é de que estas pessoas estão ligadas à esta estranha mulher, e ambos conhecem se assemelham em seus afazeres e nos seus planos estratégicos. Não me enganam nunca as pessoas, em relação às suas intenções. Podem enganar-me de outras formas, mas nunca sobre o que são e o que seriam capazes de fazer; ou até mesmo, sobre o que já fazem.

Me arrumei, desci a escadas e comecei a andar pela rua.

Desci algumas ladeiras e cheguei a rua principal; quase no meio da caminhada, deparo-me com a visão de um açougue; no mesmo milésimo de segundo, tive instancias de náuseas, mas logo depois voltei minha atenção para os nomes ali expostos juntamente ás partes degoladas e lapidadas. Músculo dianteiro, osso, coração de galinha, tripas...

Não é assustador, e ao mesmo tempo, tão comum para nós – que se venda cadáveres como alimentos? A serem passados pelo processo de mastigação e digestão, de uma parte de um ser? E que se exponha eles, ainda por cima – sem medo e sem vergonha dos próprios açougueiros se perceberem como assassinos, só de estarem presentes ali naquele lugar, todos os dias, como um trabalho digno? Isto é ser fiel a vida? Trabalhar com mortes diárias? E enquanto também, se compactua com isso – ao comer, cortar, cozinhar e celebrar a carcaça de um sofrimento alheio, que foi pego e morto à força, degolado e enforcado – em cima da mesa do jantar? Diga-me: não lhe parece estranho? Ou ainda, depois de saber de tudo isso – ainda lhe parece um modelo exemplar a ser seguido? Ainda lhe parece normal? Espero que não... se sim, a humanidade está a um passo de perder a única cousa que lhe deixa com fama de superior aos outros seres.

Mas como já é algo normalizado, não creem que seu processo é de dar arrepios e de causar tonturas a quem o assiste ao vivo e a cores. Como o mar – todos vivem falando sobre o mar mas não imaginam o tamanho da sua vastidão e do que ele é capaz quando se está em estado de revolta ou reclusão. Apesar do mais pacífico ser denominado assim, ele possui intensas turbulências em suas águas profundas. Assim como algo que é em

aparência – inofensivo, seu processo e seus negrumes surpreendem até os mais precavidos.

Não há nenhum elemento tão misterioso e tão inesperado quanto as reações dos mares. Ela representa tudo que há de mais vivo e ao mesmo tempo, desconhecido e inexplorado, dentro do mundo. As águas do mar lhe mostram ainda, o tamanho de desconhecido, a ser vislumbra-do. É só olhar para ela e sentir sua verdade. Ela não fala, mas possui vida.

Enfim – tentei tirar as imagens da minha cabeça e continuei a andar pela rua.

Quando ando pelas calçadas, observo tudo que há por vir em meio aos meus pés andantes e acelerados – levando-me ao destino certo, mesmo eu não sabendo aonde quero chegar. Vi duas crianças de mais ou menos quatro ou cinco anos de mãos dadas, e adultos, lhe parecendo seus pais – tirando fotografias suas. O menino estava sorridente, e a menina – reclusa. Vi aquilo e senti-me nostálgica e preocupada: nostálgica pois eu voltara ao meu enredo infantil com aquela cena, e preocupada, pois me perguntava o que aquelas crianças sentiriam anos depois, após olharem essas fotos. Sentiriam vergonha, alegria, to-cadas? Quando se olha para uma foto sua quando pequeno, e é capaz de perceber quem se era ali, percebe-se que aquela pessoa continua viva – porém, despercebida pelo meio. Somos as eternas crianças das fotografias que foram tiradas de nós e das constantes observações dos adultos que nos guiavam aos caminhos.

Tudo surge daí e parte dali; me olho na foto de décadas passadas e parece um outro alguém, mas não o é – me olho no espelho e percebo as semelhanças: o mesmo modo de se expressar, de agir, de sentir, os mesmos olhos.

Me achavam estranha quando criança, e isto não mudou após anos – a diferença é o comportamento dos outros perante a estranheza: eles aprendem a não falar mais sobre isso. Ocorre uma certa dissociação com o tempo presente e o passado, eles acabam se confundindo – pois no fundo da confusão, há a certeza da ausência do tempo.

Outra vez, passei pelas crianças e as esqueci rapidamente, em um vulto momentâneo de pensamentos. Olhava para os lados constantemente, gostava de que minha observação tornasse um alvo eterno de reflexões e indagações particulares. Mesmo sabendo que meus pensamentos particulares, são públicos – quando creio que é particular, descubro o tamanho da publicidade e da política que aquele pensamento íntimo meu, está inserido dentro do todo.

Observei um quadro de uma criança olhando-me, com olhar doce e sedutor. Claramente, transformaram a inocência da criança em um espetáculo erótico no desenho. O quadro estava no lixo, esperando para ser decapitado. Não me impressionava que esse tipo de arte estivesse no lixo, jogado lá por alguém minimamente sensato. Mas a criança do desenho, olhava-me tão profundamente, que parecia alguém real – o artista tinha este dom: de converter sua fantasia em uma miragem concreta e tocante.

Porém, de fato, isto era algo estranho sobre o erotismo e o sexo nele envolvido: a vontade de todas essas coisas, só se dava quando a ideia me estimulava intelectualmente – e não pela vontade de algum ato físico em si. Como se, os pensamentos movessem a vontade secreta do erotismo, o motor principal das ações – e quando lhe concretizam isto em um desenho infantil, represen-

tando a inocência e a ingenuidade, há de se deturpar e constranger as ideias fixas dos mais firmes e honestos, e estimular e excitar mais as ideias estranhas dos malandros e sombrios.

Olhava os ônibus passarem nas ruas e me lembrava de todas as interpretações das pessoas para comigo quando estou fora da bolha das minhas relações. Não só das pessoas de dentro do ônibus, mas as que também estão fora dele. Todas elas, e suas interpretações perante a minha imagem, a minha aparência e a minha ausência de palavras. Me comunicando ao máximo, em gestos com elas. Como as más interpretações são fáceis de serem consideradas!

Como não sou muito de falar, podem interpretar esse meu jeito estranho e peculiar, como má educação ou arrogância. Mas erram feio... erram feio pois, quem mais que eu, pensa sobre as subjetividades das pessoas, todas as horas do dia? Quem pensa em como elas são ao fundo, e devem estar pelo mundo? Quem pensa em todas as coisas e as sentes todos os dias? Quem tem tempo para isso? Eu disponho meu tempo para isso. Eu disponho, e sou má interpretada como arrogante por reservar meu tempo para pensar nas pessoas e em suas necessidades, sentimentos e vontades. Em pensar os que os move, e os que os deixaria de movê-los.

Sei que a grande maioria deles não se importam muito com o que esses meus pensamentos, mas sei bem eu: se elas não se importam, hei eu de me importar. Calada, taciturna, sendo vista como grosseira por não falar nada – sou a que me importo com o sentimento de quem chamou-me de grossa: e ela nem sequer sabe, que eu me importo tanto. Eles nem sequer souberam, que eu cheguei

a me importar tanto com todos eles. Nessas horas, quando a má interpretação ocorre, dá-me vontade de beber; de embriagar-me, para causar desinibição em mim, e eles poderem enxergar realmente o meu real desespero em querer fazer eles entenderem as verdadeiras intenções; as minhas e as dos outros. De fazerem eles entenderem, que nada parece ser o que é. Que a vida é envolta em um véu eterno de mistério!

Pergunto-me no meio destas lembranças, que imagem será que as pessoas têm de mim? Nas minhas relações de bolhas relacionais, sinto-me como se me vissem como alguém inofensivo, mas depois – falam-me que é uma outra coisa, que a minha seriedade é latente. Mas quando estou na vida cotidiana, na vida comum, com pessoas comuns – imagino que me veja como alguém fechada demais – porém, falam-me depois que tenho expressões de criança. Ora, qualquer um pode achar que pode falar o que quiser para mim, até que eu abro a boca e rebato o que eles me disseram – mas sempre prefiro não fazê-lo, pois isso arrecadaria um conflito que nunca estou disposta a me comprometer. Por isso, me calo. Mas se eu gostasse de conflitos, eles não falariam nada, temeriam a minha boca se mexer – pois se assustariam com minha tamanha força e veracidade mental com que posso lhes calar, assim como eles acham que assim, também eu sou: calada.

E ainda falam sobre privilégios sociais comigo... ora! Fazem-me rir. Seriam sim, inúmeros privilégios, se eu gostasse deles e achasse que eu necessitasse deles; seriam sim, se eu cresse com a minha força de que preciso deles para viver. Mas não acredito – não sinto-me apegada a nada que vêm do social, como posso obter privilégios, se nem do social, gosto de estar perto? Todos estão

muito imersos em guerras, conflitos, semeando emoções que nem sabem de onde vêm, preocupados com bens materiais efêmeros e inúteis, são batalhas que não acabam nunca... não sinto-me pertencente a nada, sinto que nada me pertence também, e nem tampouco tenho alguém para me guiar.

Meu único guia sou eu mesma, é a minha lanterna acesa na hora do espetáculo que me faz ter coragem de seguir para fora da sala, aonde todos se sentam durante horas sem saber o que se passa lá fora. Privilégio é para quem o sente, e para quem perderia sua felicidade se aquilo lhe fosse tirado. Não sinto-me privilegiada. Não sinto-me privilegiada pois não sinto adequação em lugar nenhum, muito menos felicidade. Ah! Pelo contrário, talvez fosse – creio eu, que estaria mais adequada, se não houvesse nada ao meu redor. Aí sim, eu teria privilégios. Quando me tirassem tudo, e só sobrasse a minha alma. Então, sim: eu chamaria de privilégio. Pois é um privilégio viver somente da alma! Sou uma privilegiada de alma, então.

Dizem-me: escolas particulares, escolas públicas. Privilégio por ter estudado lá. Eu digo: errado. Vocês estão errados. Acontece que nunca senti que aprendi algo pelo aprendizado de escolas, de famílias, de amigos... me comporto como uma felina desde pequena, observo o lugar na qual estou e minha observação se torna meu motor para a vida.

Nada disso seria necessário para mim – a vida fora da civilização me agrada mais. E estes loucos, insistem em dizer loucuras para mim, como se eu fosse alguém que também fizesse parte dessa loucura. Não sou! Não falem comigo, se for para falar de suas loucuras diárias. Tanto

acadêmicas quanto de trabalho ou relacionamentos amorosos. São todos uns loucos, morrerão de tanto desgosto das suas próprias podridões que irão se encontrar após algumas décadas de enganos sobre quem são eles e quem são os outros.

E algo em mim me diz para eu continuar agindo como sempre agi, independente dos outros. Assim como os tais privilégios, sinto a voz dos outros de reclamações e julgamentos sendo internalizadas, mas é como se – alguma força poderosa me fizesse ignorar todas essas internalizações na hora de agir, pois eles me dizem que isso é auto repressão, e que não nasci para isso – a minha voz interior é muito alta e tarda a falhar; provoca ruídos até do lado de fora, ela ouve vozes de sonoridades mais sutis e extasiantes – dizendo-me que a voz dos outros não é o caminho. Não é, e nunca será.

Talvez por isso, eu tenha conflitos por pequenas coisas – talvez por isso, eu me desmorono facilmente em cima de pontes celestiais intensas. Mas toda essa contemporaneidade infernal são artefatos que, olhando de perto – são tão significativas que até os homens agressivos se afastam por conterem tamanhas sutilezas envolvidas em sua redoma, feita de vidraças blindadas.

As pessoas falam comigo como se eu fosse uma pessoa normal! A questão toda é essa. Como lhes mostrar que não sou normal? Não dá. Eles estão penetrados em estados agressivos, eufóricos, ensurdecidos e loucos demais para se depararem com a anormalidade travestida na normalidade. Somente algumas almas sensíveis com quem tive o prazer de me deparar durante a vida me perceberam como realmente sou. Isto porque, me sentiram – com seu coração, e não com a ilusão das aparências.

É como se, quem eu sou no externo fosse somente uma máscara de plástico muito bem enganosa, e me fizesse passar por determinada pessoa, e esta máscara me sufoca tanto, e tanto... que não suporto mais seu calor em meu rosto e inibindo minhas verdadeiras expressões e necessito voltar para casa, para retirá-la e ser quem eu sou, e então – minha energia toda retorna novamente. Não exatamente a casa, mas um ambiente que tenha sensação de lar. A solidão é o principal ingrediente da força das minhas mãos fazerem o movimento para retirar a máscara.

Sou um ser individual e autônomo. Como posso me permitir estar amarrada e atada, aos inventários do social?

Cheguei na casa de Amélia, finalmente, após uma longa caminhada com observações e reflexões contínuas e diárias. Não precisei tocar a campainha, ela estava do lado de fora, na varanda, regando as plantas. Tentei abrir a boca e soltar alguma sonoridade antes que ela me visse, apesar de saber que absolutamente tudo que eu falava provocava um certo susto nos tímpanos e no espírito que ouvia. A comunicação para mim, tem de ser completamente harmoniosa e límpida – sem ruídos. Quando os ruídos estão presentes, as dores na minha cabeça começariam a mover-se entre os nervos cerebrais. E precisaria de outras ideias límpidas para formar a clareza dos meus ideais novamente. Ou talvez minhas ideias só sejam extensas e vastas demais para os raciocínios dos demais, que não estão acostumados a pensarem com tanta velocidade e constância quanto eu.

– Tem alguém em casa? – Perguntei, ironizando sua presença. Ela imediatamente me olhou e sorriu, alardeando um brilho nos seus olhos.

Ela correu para me dar um abraço, mesmo sem dar uma palavra. Sem vibrar um som sequer de suas cordas vocais.

– O que te traz aqui de inesperado? – Ela perguntou, após me dar o abraço.

– Preciso conversar.

– Espero que sejam boas notícias.

– Não dá para perceber pelo meu rosto?

– Hm... Não. Você não deixa essas coisas muito a mostra, eu acho.

Eu deixava, e bastante – mas era preciso muita sutileza de espírito para perceber as nuances dos meus estados emocionais. Em tudo, os detalhes mostram o caminho.

Fomos caminhando até a porta de sua casa – observei seu jardim e como todas as plantações estavam muito bem cuidadas e regadas, formando um ambiente arejado e confortável. Observei que ela havia colocado algumas cercas em volta do jardim, e este fato me desanimou. O jardim dela era mais bonito sem aquelas cercas. Ela percebeu minha constante observação e o desânimo vindo dela, e disse:

– É só para proteção. Eu sei que elas não ficam tão bonitas assim. Não pretendo deixa-las aí por longo tempo.

– Proteger de quê?

– Dos invasores. Você sabe quem são.

Eu não sei qual forma de invasores ela falava. Se dos insetos, das pessoas de verdade ou simplesmente do tempo. Não perguntava essas peculiaridades muitas vezes, pois eu tinha o receio de enlouquecer as pessoas com meu raciocínio tão complexo e emaranhado. Não sentia tanto isso com Amélia, mas pelo costume de já deixar de fazer com as outras pessoas, acabara eu rompendo sem querer, com meu jeito natural para me relacionar com os outros. Pois inibia

meu raciocínio para com eles – para não crerem que eu era meio fora do normal.

Eu tinha de depurar isso em mim – de tanto ouvir diversas opiniões sobre minhas estranhezas e meus pensamentos diferenciados, acabo inibindo e tolhendo a melhor parte de mim, crendo que isto é um defeito. Mas descobri depois, que é só uma porta estreita para um universo brilhante e sagaz... sendo ele, o meu centro.

Gosto de chama-lo de meu centro pois é um espaço único e autêntico, aonde posso tirar minhas roupas e vestir a verdadeira pose de bem-estar, aonde é o meu domínio, aonde minhas energias se renovam e não sinto medo, nervoso ou tristeza.

A minha imaginação rouba o lugar de tudo que existe e que ainda quer existir por ventura, distanciando-se da minha longa história estranha com o mundo de fora. E pelo visto, é o meu centro, quando me estabeleço dentro dele – que me move e me motiva, ignorando as sombras atormentadas de um fim de tarde. O problema é quando saio de mim – saio do centro, e busco o centro em outras coisas de fora. Objetos, pessoas, situações. De repente, o medo e o desespero ficam suscetíveis a se reunirem e se apossarem do meu corpo. Mas daí, tento recuperar meu centro. O meu centro – o inibidor de todos esses males.

Depois, olhei ainda a poça de lama próxima da sua casa, ser atingida por pingos de chuva caindo do céu. Essas gotas caídas deixavam as gotas paradas da poça com um aspecto silencioso de movimento. Transformam a água parada em uma realeza prestes a fazer uma ação, a mover uma mão, a mobilizar-se. Toda diferença é primordial na mudança – tudo que estava parado e começa a se mover pode ser considerado um milagre.

Rapidamente entramos na sua casa, abrindo a porta da frente. Estava tudo escuro, e seu gato preto estava lá dentro. Não lembrava seu nome, só tinha o visto uma vez. Sentei no sofá e esperei ela se aproximar.

– E então? Quer me falar logo o que é?

– Não sei. Acho que vou esperar você sentar no sofá.

– É, por enquanto estou aqui bancando o herói, cuidando de tudo e do andamento das coisas de casa. – Ela disse.

– E aonde está o vilão? – Lhe perguntei.

– Deve estar usando algum poder de se tornar invisível. – Ela brincou – Ele não é exatamente uma pessoa normal.

Mas o que seriam dos verdadeiros heróis sem os seus vilões, para lhes dar todo o crédito de vitória e a fama e o nome de os ter derrotado? Alguns não percebem, mas após o vilão estar na luz e presenciar sua própria derrota perante o herói, ele está lhe dando, na verdade, uma chance para ser amado e venerado. O vilão não o faz por que sabe que perderia seu poder se fosse idolatrado; então, ele doa esta chance ao herói, que é com quem luta durante as situações. Quando o herói – ingênuo – vence a batalha e esquece de agradecer imensamente ao vilão por ter perdido, está dando vazão para o próprio inimigo atormentá-lo novamente. Pois o vilão domina a escuridão; e o reino da escuridão é misterioso, complexo e relativo. Nunca se sabe o que se pode sair de lá, se malefícios como muitos pensam – ou benefícios para posterioridades.

Não haveriam heróis sem os vilões. Os inimigos surgem para fazê-lo dele um resiliente autônomo – e quando assim o faz, percebe o erro de não abraçar seu inimigo – pois ele também é um amigo, se olhar mais de perto, com mais vontade e menos aversão.

Eu a observava intensamente, arrumando a cozinha, que ficava ao lado da sala. E ela percebia a minha observação, e não custava a perguntar-me o tempo todo:

– O que está olhando?

Percebia um fato interessante: sempre quando a minha observação penetrava na consciência ou na percepção do outro, imediatamente seu comportamento ou sua forma de agir perante as coisas, mudava, se modificava. Simplesmente por que, o ato de observar, reverbera em um instante solene na mudança dos colapsos das ideias pessoais do indivíduo. Quando ela sente-se observada, seu modo de agir, antes sendo automático ou concentrado no que faz, muda. E o mesmo, talvez, funcione com as situações, objetos, etc. Aquilo na qual eu observo, transformar-se em uma instância já diferente, não mais a que era antes, sendo agora controlada por mim; pois não é mais algo deixado a mercê, automático. E não digo que eu observo, também – por tédio ou falta de tarefas, mas sim com afnco, com compenetração, dando atenção e certeza ao que vai acontecer nos segundos ou minutos seguintes, em que ainda estarei observando aquilo. E não acontece nada, pois a pessoa que está sendo observada sente-se incomodada com a invasão.

Por trás dessas superficialidades dos pensamentos coletivos e das análises constantes sob as ações dos outros – há algumas certezas ocultas dentro de nós. E essas certezas não se deixam a mostra, antes que surja algo dentro da vida que as faça serem expelidas de modo explosivo, fazendo a rotina morta e as trivialidades recorrentes serem jogadas para o escanteio.

– Estou te esperando! Venha logo.

– Quer um chá? – Ela perguntou.

– Não.

Ela finalmente sentou-se perto de mim.

– Me conta então.

– Eu preciso fazer algo e quero que você esteja comigo.

– Certo... – Ela estranhou – E o que é que você precisa fazer?

– Bom, eu vou ser submetida a ser um tipo de cobaia para um grupo de pessoas analisarem meu passado. Em uma máquina avançada que ainda não existe aqui no país.

– Violeta, que maluquice é essa? Não estou entendendo essa brincadeira.

– Não é brincadeira. Se quiser te levo lá.

– E quem são esse grupo de pessoas?

– Especialistas. Autorizei eles a entrarem na minha casa.

– Por quê?

– Eu não sei... sabe que nunca me encaixei em lugar nenhum, e esse sentimento sempre foi difícil de definir. Queria saber o que os outros achavam.

– Ah, meu Deus! De novo isso? Achei que já tinha aceitado o fato de você ser assim; você só é uma pessoa incomum para o nosso tempo, talvez uma pessoa inteligente demais, e pessoas inteligentes demais normalmente não são muito bem compreendidas, e nem se dão bem em nenhum lugar.

– Tenho minhas dúvidas. – Eu lhe respondi.

Enquanto ela fazia duas coisas simultaneamente, preparava o café e conversava comigo, notei em cima da bancada, em frente ao sofá aonde eu estava sentada, um pedaço de papel meio rasgado e amassado; tentei ler o que estava escrito, rabiscado com caneta preta. Peguei o papel e o desdobrei ao máximo.

## CONTRA A INTERPRETAÇÃO DE TEXTO!

*Minhas sinceras desculpas a todos vocês, mas me recuso a fazer parte disso. Estão matando todos nós com esse negócio de interpretação. Eu não entendo o que vocês querem que eu entenda, então eu não sei interpretar? Então eu sou um ignorante? Me reprovam por eu ter meu próprio jeito de ver as coisas? Nada que sai de mim é válido? Os inovadores, revolucionários e autênticos creem no começo da vida, que eles são burros e bestas quadradas, e os idiotas uniformizados sabem interpretar um texto do jeito que vocês querem, e merecem crédito por tudo considerado bom pelo mundo, sendo que nem pensaram, só repetiram. A interpretação de texto é uma mentira, não existe tamanha coisa que vá contra aos princípios de como os itens no mundo são relativos. Quem inventou a interpretação de texto?*

Havia mais alguma coisa ali abaixo do papel, mas não consegui ler pois o mesmo se encontrava rasgado. Mas de modo geral, achei aquilo impressionante. Não sabia de quem era, não identificava essa letra minúscula, acho que não era de Amélia e decidi guardar no bolso da minha bermuda, claro – sem a minha amiga olhar, estava compenetrada demais em coar o café. Achei aquilo impressionante pois o fato mexeu comigo de um modo absurdo – foi o que passei durante meu período nas instituições educacionais. As ditas interpretações de textos não foram feitas para serem interpretadas de um modo individual, mas sim – de um modo enquadrado, correto, de acordo com o que lhe disseram. Se não falar o que lhe

disseram, se está fora! Fora da nota, da escola, da vida, de si mesmo. Definitivamente, nada aqui me pertence; não pertence também a nada.

– E porque você quer que eu vá com você? – Ela gritou da cozinha.

– Para certificar-me que não vão fazer nada comigo. Nada que não saia do nosso acordo.

– E qual é esse acordo?

– Ainda vou ter de ler as regras antes de usar, não sei quais são, mas deve ter alguma, não vão me submeter a alguma máquina sem eu saber como será o processo.

Mesmo eu sabendo aonde tudo isso iria dar; eu buscava fazer algumas tentativas acerca do que eu nunca havia vivido. Tudo isso por que, tenho a necessidade de comprovar para mim mesma de que estou certa. Não provar para alguém definido, e nem mesmo para mostrar algo a alguém – mas para mim mesma: eu tinha dúvidas sobre as minhas próprias certezas, e há um lado cético em mim que às vezes se sobressai, indicando-me a tentar experimentar pela primeira vez, aquilo que é desconhecido, e deixar de conjecturas e alegações – provando-o, somente para minha aguçada intuição se tornar superior ao meu ceticismo após ter presenciado provas concretas.

Lembrei-me o quanto é importante voltar-se para a mãe em momentos como esse: a mãe é o sentimento de amor universal, aquele sentimento aonde se ama e odeia ao mesmo tempo, pois se está vendo a intimidade crua sem máscara alguma. A intimidade que se tem com a mãe, é atraso e ao mesmo tempo tão sacralizado. É aquilo da qual se quer soltar, mas se quer guardar. Aquilo na qual se quer desmanchar, mas sempre retornar. As raízes, a infância, o primórdio. Soltar-se, mas retornar após um tempo.

Quando se olha profundamente para todas as relações, percebe-se bem no fundo, que há ali, mães vivas e latentes dentro das relações de cada ser. Modos e gestos aprendidos, hábitos, mágoas ou rancores, fugas e segredos... em tudo habita uma mãe. E o meu retorno para pedir ajuda a Amélia, é como se fosse a ação da minha mãe. Independente, mas alguém que sabe a necessidade da partilha.

Há sempre diversas mães dialogando, interagindo entre si – através das relações humanas. Por detrás das brigas, discussões, atos bondosos, carinho e afeto, há sempre uma mãe ali. Há sempre um ensinamento vindo de mãe. As mães, mesmo ausentes em corpo, continuam entranhadas nas almas. A mãe é o amor que une todas as cegueiras levando-as para lucidez, e o parto é o momento em que se atravessa essa porta.

Percebi que Amélia falava mais algumas coisas para mim, mas eu não havia a escutado atentamente, desatenta – mergulhando sempre em mim.

– Ei! – Ela disse – Está embriagada em suas próprias reflexões aí, não é? Aterrissa aqui.

Dei risada do seu comentário.

– Eu fico embriagada com meus próprios pensamentos? – Completei.

– Sim. – Ela exclamou – Parece isso.

Outra coisa: não gostava de compartilhar minhas embriaguezes intelectuais. Dava muito trabalho fazer com que os outros entendessem as minhas ideias, intenções, palavras e atitudes. Dava muito trabalho principalmente porque, elas raramente estão profundamente dispostas a saírem de si e compreenderem o outro, como as coisas funcionam, por que são assim e por que as pessoas fazem o que fazem. Eles querem tecer comentários julgadores e

logo depois, se afastarem para ficar longe, distante – do que creem ser algo incompreendido. Mas não é – nunca é; basta olhar mais de perto.

– Tenho vontade de ser amiga de todo mundo só para poder jogar essas minhas incessantes reflexões em cima deles.

– Tem vontade de ser amiga de todo mundo? Logo você? – Ela disse – Tão retraída assim como é?

– Não, ser amiga de todo mundo não. – Me corrija – Mas interagir com todo mundo, para poder ajudá-los.

– Ah! – Ela exclamou para si mesma – Então são coisas diferentes.

Não para mim, eu repetia em minha mente tagarela. Veja! Como posso ajudar alguém se o mesmo não confia em mim? E a confiança sempre surge a partir de traços fortes de amizade. A amizade, em sentido mais amplo, significa confiança. E para se ajudar verdadeiramente alguém, a pessoa necessita confiar naquele que a ajuda. Senão, não é uma ajuda, é uma mendicância! E ambas são diferentes, apesar da ação da segunda, realmente parece expor a verdade da primeira. Mas não: a ajuda é amorosa e envolve as habilidades primordiais da bondade sentida por dentro, por alguém que é sublime demais para somente dar esmolas. Envolve tocar o outro com o coração, através das atitudes e palavras bem-intencionadas para com ele, sem desconfiança. Esmolas se dá pela pressão social obrigando-lhe a fazer sua parte, não se sabendo quem se é e nem aonde pertence. Se vê a imagem de um mendigo e automaticamente associam a dar esmolas, sem saber quem é o sujeito. E isto não é ajuda – está se fazendo por que lhe obrigam e concorda com o que é dito, mas não sabe aonde essa concordância pode se encaixar na prática da vida pessoal.

Para se ajudar, é preciso ser amigo verdadeiro dos incompreendidos e dos infelizes. Quando não se é amigo, a ajuda não vale de nada – não é concentrada, imaculada, sagaz. Se é preciso dar a mão para eles como se dá a mão para seu melhor amigo, mesmo que a mão do mesmo esteja suja e malcuidada. O amor ultrapassa a importância das coisas cotidianas; as esquece por um tempo para elevar o coração de quem está ali, até o sublime do seu próprio mundo interior! Para ajudá-lo a ver o seu impressionante mundo também.

Olhava então, para seus pertences em cima da bancada da cozinha. Pães branco em sacolas de plástico... perguntava-me se isso será sempre uma analogia para a vida, assim como tudo á minha volta, fazendo-me lembrar das coisas na qual ainda estou para re-conectar em minhas eternas fontes de fios elétricos se enfileirando como gavetas; um pão e uma sacola de plástico são feitos de formas completamente diferentes e para diferentes finalidades, e mesmo assim, um serve para encobrir o outro, para preservá-lo, evitando sua total inutilidade. E qual seria essa sua finalidade? Ser comido.

O plástico protegia e preservava um utensílio que era ingerível, pouco durável, feito para nutrição. A nutrição era protegida por aquilo de mais frágil e descartável. Nossa nutrição era preservada por embriões e ideias completamente ordinárias, escassas e rasas. Isso é o que significa ser realmente alguém feliz e realizado em um lugar aonde todos são infelizes e querem levar-lhe para aonde eles estão: é como ser um pão dentro de uma sacola de plástico, quase sufocado, sem ser ingerido por nenhuma boca saudável.

– Então, tirando essa grande aventura sua por qual irá passar e quer que eu vá com você, como está sua vida comum?

Quando ela me perguntou, lembrei do porquê eu passava tanto tempo distante de grupos, amigos e qualquer outro ser adulto: tentam penetrar o comum em mim, sendo que ele é a principal causa da minha morte e cansaços. O comum não enaltece, não resplandece, nem mesmo faz crescer. Ele foi feito para acomodar.

Me pegava pensando na possibilidade das pessoas construírem novas formas de se comunicar – usar a verbalidade como uma construção de ideias; aquela verbalidade na qual insistem em usar somente para jogar palavreados e saliva fora, sem acrescentar absolutamente nada em ninguém, sem tocar corações, sem aliar mentes ao altruísmo sem conceitos, a desatar nós. Ouvia conversas de outras pessoas, e me entristecia o fator principal: suas conversas eram baseadas em conversas inúteis, coisas vazias pois não se tem muito o que falar.

Ora, sempre tem sobre o que se falar! Basta centrar-se nos poços, nos esconderijos, calabouços e demais lugares inabitáveis em si mesmo, de acordo com seus únicos pressentimentos e sentimentos sobre o que lhe circunda. E os ditos intelectuais modernos, não passam de meros conversadores e sedutores também, porém – possuem este status pois pegam o raciocínio de outros que também tiveram status e transferem para a atualidade, dando a impressão de que são eles os pensadores verdadeiros. Mas não passam de mais alguns que também não pensam.

– Vai bem. – Respondi, com a voz baixa e desinteressada na minha própria resposta, na minha própria altivez em corresponde-la do mesmo modo.

– Desculpe, sei que não gosta desse tipo de pergunta. Não lhe agrada os ouvidos e nem sabe responder a elas.

Quando eu era mais nova, perguntavam-me como eu estava, e geralmente eu respondia bem sinceramente, que não estava bem, e começava a listar os motivos. Hoje eu entendo! Entendo que estas perguntas não são realmente perguntas interessadas, mas sim, perguntas automáticas. Ninguém queria saber realmente, como eu estava. Ora, não sei bem se era ingenuidade minha – mas sim, a capacidade e o dom de não entender como é ser automático em alguma coisa, ser uma máquina. Isso pode ser uma representação da minha maior virtude: o inconformismo. A ousadia de não conseguir entender, e nem de querer entender como isso se forma e se dá dentro do organismo. A robotização; que antes eu achava ser fonte genuína e primária de importar-se com o próximo. Cachoeira invencível de águas altruístas; caindo na terra fértil de sacrifício e renúncia, entregando-se para o outro com vigor. Parece-me que não. Mas tudo bem, pois isso existe em mim e é o bastante. Talvez exista neles, quando eu assim, os transformo com minha imaginação.

– Pelo menos você me conhece a este ponto de saber que não gosto e fico sem jeito com essas perguntas! Pior seria se eu estivesse conversando com outra pessoa.

– É... – Ela riu – Quer ir lá para fora? Aqui dentro de casa está muito abafado. Pegue seu chá.

O chá ainda estava quente, sua fumaça podia ser sentida pela minha pele fina, a erguendo e preenchendo seu calor com o tato humano. O meu tato delicado e abnegado, mas ainda continua sendo um tato. Um tato com o calor momentâneo da fervura. Quando olho para a minha mão pegando o chá; quem na verdade está fazendo esse movimento, eu ou a minha mão? Quando olho para mim, me percebo dentro de um corpo pronunciando gesticula-

ções e movimentações, quem está fazendo isso? Sou eu ou o corpo? Digo, a alma ou o corpo que sente? Quando sou sugada para dentro, me dando formas introspectivas de agir, quem está fazendo isso comigo? É o cérebro, o corpo ou a alma? Quem realmente está comandando as nossas ações? Quem? Enfim. Peguei o chá fervendo dentro da xícara, e fui me acalantar no jardim verde vivo do lado de fora, junto com Amélia.

– Olha como a mangueira está linda. Foi cultivada inicialmente por minha mãe. Agora ela pensa seriamente em plantar uma nogueira aqui também.

E ela começou a discursar sobre seu grande hobby de cuidar do crescimento das plantas e árvores. Eu então, comecei a entrar nesse universo, juntamente com ela. Facilmente, pude sentir-me uma jardineira.

É como se, a minha cabeça fosse uma eterna biblioteca gigantesca com imagens ilustrativas nas prateleiras indicando sobre o que aqueles livros, discos e filmes falam. A cada momento em que alguém fala algo, vejo determinada coisa, a minha sensibilidade capta chamadas, ou começam-se a emergir determinadas sensações em mim, noto que um livro está sendo pego pelo meu nervo cerebral: de repente a ideia vem como uma flecha na velocidade da luz e atinge minha consciência. Sem mais nem menos, penso, reflito, indago sobre este livro – falo com outra pessoa sobre, mas ela parece girar para o lado contrário, para o lado inverso aonde este livro começa. Apesar de saber sempre o fim da história do livro, começo do começo para ver as reações sobre o meio dele. Alguns possuem continuação, e os que não possuem – as pessoas inventam para mim! Essa é a troca. Terminar um final e exibir uma continuação para ele.

A minha biblioteca de saberes sou eu. É como se, tudo entrasse em mim de forma intensa e desesperada, e eu me tornasse aquilo de repente. Agora, sou uma jardineira; sinto o conhecimento da jardinagem descendo até as minhas tripas e condensando todo meu sistema imunológico. As informações se incorporavam tão forte no meu corpo que seria possível especializar-me de verdade numa área sem realmente saber conscientemente o que estou a fazer. Mas, logo paramos de falar disso, pois Amélia decidiu mudar de assunto. Mas ela falava tanto, que já tinha me perdido da personagem e dela também.

Percebi, então: quanto mais se fala, menos se é compreendido.

– Lhe incomodei com esse assunto de jardinagem, não é? Me desculpe.

– Não incomodou, você só se perdeu no seu entretenimento.

– É que acho importante, sabe. Plantar a própria alimentação. É autossuficiente.

– Eu concordo, acho que aprendi isso com você.

– Aprendeu não. Creio que você já sabia sobre isso há muito tempo, mas resgatou isso quando me conheceu.

– Ela ergueu-se de onde estava agachada olhando as raízes da árvore, e prendeu o cabelo, olhando para mim atentamente – Mas enfim, voltando ao seu assunto.

– Ter te conhecido realmente foi um grande acontecimento na minha vida. – Eu finalizei, antes de começar a entrar em um outro assunto.

Ressaltei nossa imensa subjetividade uma pela outra, começando a olhar em seus olhos. Aquilo se emergiu em um eterno silêncio dourado e de repente, trocamos carícias com os sorrisos, ultrapassando o poder do contato

físico. Aparentemente, entramos em um acordo simultâneo de amor naquela hora. Amélia além da minha amiga atual, já foi minha amante – nos conhecemos quando sentimos atração uma pela outra. Fomos por este caminho da intimidade sexual antes de criar algum laço de amizade, e quando percebemos, já éramos grandes amigas e a atração sexual já não nos satisfazia tanto quanto o simples contato da diversão e confiança que uma amizade verdadeira possui. Mas nosso contato do momento de agora me fez voltar no tempo, aonde estávamos apaixonadamente perdidas uma pela outra, por conta da vibração excessiva do corpo.

– Uma mulher me deu uma carona ontem. – Eu fui ao ponto do que queria falar – E me disse algumas coisas estranhas.

– Que coisas estranhas?

Após sua pergunta, decidi sentar-me em um barco no seu jardim, para melhor pensar sobre e observar o que estava ao meu redor, e o que estava prestes a me ouvir. Não só Amélia, mas como toda forma de vida existente ali. De pessoas civilizadas, até as folhas mortas que caem dos arbustos das árvores, e se deixam ser levadas pela ventania, correndo como loucas, mas caindo no chão como inocentes. Este é o problema em perceber que absolutamente tudo há vida: o extremo cuidado e cautela, aumentados ainda mais com as coisas que faz e diz.

Aquelas árvores me pareciam sorridentes e alegres com aquele vento levando embora as pequenas folhas na calçada. Me pareciam alegres, pude sentir seu êxtase quando se mexiam de um lado para o outro – e quanto mais minha visão penetrava nelas, de fato – me parecia de repente, que eu me tornava aquilo na qual estava sendo o meu objeto de observação. Eu me torno o que eu ob-

servo, o que eu vejo com profundidade. Assim como todo pensamento meu: quando penso em algo, ocorre um extravio em meu organismo, e coincide mesmo, a um começo de me tornar aquilo em que penso, de tantas vezes mergulhado a fundo, no meu próprio pensamento. Afundo, desço, me afogo. Como se minha vida estivesse sendo esquecida para dar vazão e abertura a uma outra vida, que é agora, o que penso – o meu pensamento atual. Uma outra vida.

Eu me afogo nos milhares de metros de profundidade de um oceano chamado contemplação.

Mas quem iria compreender, de qualquer forma? Para todos eles – um pensamento é só um pensamento, nada mais! Quem me dera fosse assim... E assim quando penso essa ideia, logo um parafuso meu alerta-me sobre o cuidado de retirar todas as camadas do pensamento, todas de uma vez. Alerta-me, para que eu deixe algumas poucas camadas. Se há de retirar todas, a incidência com a realidade circundante nunca mais será a mesma, e nunca mais poderei entrar em contato com os possuidores de todas as camadas de pensamento. Provocaria um contraste obtuso de sensações, uma amarga lembrança do vivido pensando-se não ter vivido. Hei de deixar algumas poucas camadas, para o bem do contato, da conexão com o outro. O pensamento precisa sempre ser arrancado a raiz, mas minha profundidade poderia me fazer retirar tudo, me desnudar até o centro total!

E geralmente o faz – mas se eu continuo desse modo eternamente, sem uma persona – não posso correr para salvar todos os outros, ainda com vestes, com vergonhas veladas. Preciso de uma pequena veste ainda, para eles me perceberem como alguém familiar, como eles. Preciso. Preciso da intimidade familiar.

Perceber a minha contemplação e observar o processo, na qual com o passar dos segundos, me torno aquilo que observo, de tanto que a minha atenção se perde nessa integração completa do objeto com o observador – é simplesmente afirmar a compaixão. Aumenta-se a cautela, o cuidado e o zelo – pois tudo que se olha e se pensa, poderia ser a si mesmo. Poderia ser o seu próprio ser – se já não o é! Já é. Já se tornou, na ocasião na qual se penetrou.

Amélia percebeu meu silêncio e a contemplação pelas árvores cintilantes e o som abundante do vento, fazendo eu mesma me desencaminhar da nossa conversa. Ela sentou do meu lado no banco, atenciosa, falando:

– Tem certeza que isso não é algo que você está inventando? Não a história, mas assim... Tem certeza que não está transformando isso em uma coisa maior do que é? Será que isso não foi um simples acontecimento da vida comum, e está transformando isso em um sinal para si mesma?

– Você acha isso? – Lhe perguntei.

– Eu não sei. Você geralmente faz essas coisas. Transforma o morto em encantado. Transforma algo que acontece com todos, em pura mágica.

– Isso é ruim? Transformar o comum no extraordinário?

– Não disse que era ruim, é um dom. Mas às vezes é desnecessário alertar alguém sobre determinada coisa, quando a mesma não irá dar a atenção que você quer que dê, pois ele não consegue adentrar nesse seu mundo.

– Mas não estou chamando qualquer pessoa, estou chamando você! – Disse, com um tom um pouco irritadiço, mas velando pela minha temperança.

– Eu sei. Só lhe perguntei se era algo realmente necessário.

– Como saber se algo é necessário, então? – A questionei imediatamente – O que é o necessário senão uma parte misteriosa do comum? Ele não pode existir fora do comum, pois o comum é o que vemos todos os dias; e a rotina sempre guarda e espera por um acontecimento inesperado. Que eu chamo de algo necessário.

– Tá bom, eu já entendi. – Ela falou.

– Sabe de uma coisa? – Falei, me levantando do banco – Se não acredita, então pode ficar aí. Agora, se realmente se preocupa e quer saber do que se trata, venha comigo.

Fui embora então, sem virar as costas. Desci os degraus da sua varanda, e comecei a caminhar pela rua. Andei lentamente, sem pressa – pois não estava com raiva após ter pronunciado essas palavras, apenas um pouco frustrada e descontente com o ceticismo insatisfeito de uma amizade leal. Sabia da lealdade não pelas palavras pronunciadas pelo outro, mas pela astúcia de manter-se em pé, crente daquele indivíduo. A lealdade se baseia nesta faculdade: de ter a crença, acreditar no outro, como se este fosse um deus. A lealdade transforma os seres em deuses; a amizade a partir desse conceito, se torna religião. A nobreza e a justiça se encontram no ato mais despercebido (para os olhos desatentos) de lealdade – um braço estendido para uma mísera picada de inseto. Pois aí se encontra a fórmula mágica da pureza, das composições íntegras e dos artefatos sóbrios.

Lealdade: uma diversão prazerosa com uma fisionomia de seriedade. Uma anatomia de aceitação de tudo pelo outro. Um vestígio de renúncia. E é o único instrumento menosprezado que me faz rugir para que seja visto como nobre.

E a lealdade desprezada é sempre auto percebida pelo indivíduo leal: Amélia então, pegou seus sapatos da varanda, os calçou, e correu para me alcançar andando na calçada.

Ela entendeu o remédio natural da aceitação.



### 3. A RETROSPECTIVA

Chegamos na minha casa e os pássaros ainda se comunicavam na janela. Não havia sinal de qualquer intruso, ela estava do jeito que a deixei. E o grupo ainda, sem me dar a resposta de sua segunda vinda para cá. Desta vez, com a estranha e desconhecida máquina – para ser colocada em mim, e ser usurpada para a retrospectiva da vida – tragando só o comestível e de fiel digestão para os motivos da minha exclusão eterna.

Amélia estava desconcertada: nunca havia entrado no meu apartamento antes e sentiu-se constrangida; não precisou me falar, olhei em sua expressão. Estava encantada pelo nunca visto antes de alguém na qual se conhecia tão bem. Conhecer a residência de um ser amado é conhecer uma parte fragmentada dele, materializada em objetos e propriedades.

Sobre a equipe que demorava, talvez isto tenha me feito chegar a um raciocínio sobre o porquê normalmente grupos e coletivos não conseguem muito bem tocar com a alma, o objetivo de todos os outros na qual entram em contato. Deveriam tocar, pois sabemos que todos os seres do planeta, lá no fundo – querem sempre a mesma coisa.

Mas, os coletivos normalmente tardam ou até mesmo falham, em tocar no coração ferido dos indivíduos. Tudo por que, a união das causas tem de estar sempre

intimamente conectada com a intimidade e a personalidade de cada um que ouve e sente. Se não há personalidade – nada que remeta a algo de específico em suas vidas íntimas – como espera a importância e a entrega de todos dentro da causa? Isto é algo talvez, pouco desvendado no humano – não o seu egoísmo, mas um senso de individualidade inerente, que surge como uma potência e deve ser validada e aprovada pelo coletivo. E quando for aprovada, essas individualidades podem, finalmente – entregar-se ao sacrifício de si mesmas.

Talvez a minha reação teria sido diferente se viesse somente uma pessoa conversar comigo mais cedo aqui em casa. Mas ao contrário – chegou-se então um grupo, desmanchando completamente a intimidade latente que deveria existir na personalidade. O coletivo não existe sem o pessoal; e o pessoal só se rende ao coletivo e suas causas quando é aceito por ele. Enquanto um menosprezar o outro, não haverá nunca essa querida e idolatrada paz, tão esperada.

Deixei Amélia na sala e fui para meu quarto. No meio do amontoado de quadros aonde eu tinha deixando-os em um canto escondido, vi um antigo na qual me gabava de olhar: uma pintura de uma mulher com as costas nuas. O que isso representava? Sensualidade, intimidade, reclusão, meditação? E ela estava com a mão direita posta entre os seios, representando o toque no coração. As costas nuas são a representação fiel do coração sereno e tácito. Todas as mulheres deixando suas costas à mostra, estão mostrando sua intimidade sem parece-lo pertencente ao observador. Está dominando seu território silenciosamente e transgredindo a norma sem apresentar agressão.

– Violeta? – Amélia me procurava pela casa, e pude sentir suas pegadas chegarem até a porta deste quarto, o ultimo cômodo do corredor.

Sou uma formiga minúscula no meio de um formigueiro! E dentro deste formigueiro, há o mundo inteiro, aonde a formiga aqui desconhece. Eu pensava, enquanto minhas analogias sobre os quadros pairavam em minhas constantes leituras imagéticas. Pensava nos sarcófagos nas pirâmides egípcias, em saúde, vícios, tecnologias antigas usadas por antepassados, conceitos e estilos de vida ultrapassados, atos sexuais feitos sem qualquer forma de aproximação entre genitais, faltas de entendimentos dentro de conversas, nas partículas de amor dentro das guerras mundiais, e pensava em como tudo isso se encaixava em uma única vertente de pensamento. É difícil de acreditar? Entenda – quanto mais algo está longe, mais está perto no sentido contrário. Talvez a minha retrospectiva esteja somente começando. Retroceder é voltar ao entendimento, ao saber, ao entender! Quando se avança, é tudo perdido – pois se avançou, já se sabe, torna-se professor e não mais aluno. Torna-se conhecedor, e não mais ingênuo.

O retrocesso é sinal de maturidade. O avanço lhe mostra formas perdidas sem ainda terem sido entendidas completamente o seu amplo significado; e por isso, retrocede. Para se aprender novamente, a verdadeira aproximação de um conhecimento tornando-se ela, mais um fragmento captado de tudo isso chamado de vida.

Não há hora certa para ensinar a ninguém, pois nunca se para de aprender – quando se para de aprender, se para a vida, se estanca. A chave é ensinar sem saber, pois, mesmo não sabendo, se sabe, mas não tudo, pois ainda está em processo de aprendizagem. E sempre estará. O

professor que não quer mais aprender, ensina, mas sua vida estanca, apodrece em seus próprios ensinamentos; não permitindo-se levar pela vontade da sua antiga posição de aluno, em conhecer mais.

Eu olhava para os quadros, mas mesmo assim – possuiriam os mesmos significados mesmo se eu não soubesse que aquilo foi feito e nasceu para ser admirado. A arte seria arte mesmo sem ninguém saber para quê aquilo serve. Pois ela surge da admiração da observação – então tudo é arte; sempre se precisa observar as coisas para identifica-las, mas ao mesmo tempo ela precisa ser nomeada para nós em categorias.

Não é estranho quando se olha para algo sem nomeá-lo ou sem pensar em alguma palavra para defini-la, quando já se está acostumado e viciado ao vocabulário verbal, linguístico? É estranho – assim como o julgamento, fiel à língua e aos costumes. Ainda bem que me julgam e me dizem o porquê de terem julgado! Senão, nunca saberei como elevar mais ainda meu pensamento e minha imaginação para algo ainda maior! Quanto maior o julgamento, maior minha capacidade de visionar com grandeza. Cada meticulosidade no julgamento é precisa e necessária – se não tivessem isto, não saberíamos o que nasceu e o que morreu em nós, o que ficou para trás e o que cresceu, o que é meu e do outro (apesar de saber da virtude conjunta de união entre costumes diferentes).

Não é estranho quando imaginamos nossos antecessores em relações sexuais quando experimentamos, imaginando como deveria ter sido para eles também, e para todos os outros que amamos? Pois o sexo não é malícia, mas o transformam nisso – e assim não conseguimos mais imaginar os seres respeitáveis e amados demais em

atos como esses – mas fazem sim, e a invenção da malícia neste ato é um fato para ser analisado na cultura de destruição. E não é estranho como o tato nos faz sentir prazeres, excitações, quando nos concentramos demais na sensação intensa do toque? Não, não o toque! Qualquer sentido, aguçado e intensificado pela concentração, torna-se excitante e impressionável para o nosso corpo. Não é incrível como isto está relacionado ao cerne supremo de se ser alguém vulnerável e simultaneamente indestrutível na corrida e nas viagens ao mundo? Neste formigueiro imenso? E como espinhas no rosto podem significar milhares de coisas sem ser má alimentação; e como olhares se cruzando e elevadas posições sociais podem, ao final das contas, não significar nada de grandioso, senão a própria intensidade de quem transforma isso em um evento romântico e cinematográfico.

E que bom, como as ruindades do humano são desmascaradas pouco a pouco – destruindo assim a ingenuidade atordoada da população, e as bondades ocultas sendo também transparecidas, causando espanto novamente, em suas ingenuidades. Acreditando que todo ser humano que conhecem é uma coisa só e está fadada a ser somente isso, o seu próprio rótulo social. Destruam esta infante ingenuidade!

Tudo isso poderia ser posto em um quadro, pintado para ser abstrato; sendo nada muito lógico e racional, mas agradando aos sentidos. Talvez até no quadro que eu olhara – o quadro da mulher com as costas nuas; símbolo particular e eterno de beleza com sabedoria. O quadro é uma informação.

O que é a informação? Ao mesmo tempo em que ela inibe o processo de raciocínio particular e próprio de

alguém, este mesmo raciocínio próprio só pode nascer com as informações. Então, a informação é sempre esta flecha, vindo para causar impacto em sua forma de pensar atual e causar indagações e questionamentos. Toda forma de informação – não somente as modernas. Quando nascemos, o contato com a visão, a audição, o toque – são informações. Então, o raciocínio sobre elas só surge por que elas puderam chegar até nós. A informação corrói o raciocínio, mas ao mesmo tempo, faz ela avançar. Tudo depende do nível de crítica do indivíduo.

Amélia chegou no quarto, mas não entrou, me olhava da porta.

– Acho que são eles. Ouvi a campainha tocar. – Ela chegou no meu quarto.

– Não olhou no olho mágico? – Perguntei.

– Olho mágico? Eu não vi.

Fomos caminhando até a sala de estar e eu pude ver seus rostos. Eram eles – um deles segurava algo preto e pesado, provavelmente era a máquina, e tinham vindo somente cinco, e não dez, como mais cedo.

– São eles? – Ela me perguntou.

Fiz que sim com a mimica, e esperei eles tocarem novamente; queria ver sua insistência em serem recebidos, ou se eram somente mais alguns impacientes.

Usamos qualquer especificidade para fugir das atrocidades humanas e mundiais. Acreditamos que os extraterrestres podem vir nos buscar ou exterminar a todos, acreditamos nas lutas das causas sociais, acreditamos na segurança de casa e nos filmes românticos, acreditamos na nossa negação sobre nós mesmos, nos sonhos perdidos... enfim, a lista é grande. Talvez suas formas de se apresentarem seja só mais uma especificidade para fuga dessas atrocidades.

Matar uma formiga significa intolerância. Os extraterrestres se vissem essas cenas passadas repetidas vezes ao redor do mundo, lamentariam pela nossa imensa ignorância. Assim como, matar a oportunidade de aceitar as diversas formigas andando por aí – seria também um significado aproximado ao da estupidez. As diversas formigas são as outras vidas e suas condutas aceitáveis para eles mesmos. Por que mata-los e continuarmos pisando no concreto como se não tivéssemos feito nada? Isto é a ignorância miúda – a formiga é merecedora da vida e se isto não acontece é alvo de opressão, um casto, um pássaro sem asa e sem bico. Assim como todos os demais animais – são os verdadeiros merecedores da liberdade e a usufruem dentro da nossa própria prisão. Os extraterrestres não nos raptariam, mas nos amordaçariam.

Talvez eu permaneça me sentindo dando voltas o tempo todo, por que eu não saio do lugar. Então, exatamente por isso – que preciso das fugas de expansão, como conversas e ideias novas para poderem saciar esta minha imensa vontade de expandir sem a fuga, e sim com o corpo e a alma – saindo do lugar, movimentando-me em todos os arredores, lugares e se possível, até planetas. Sem o movimento, não há nunca a sensação de dar voltas; pois ela existe unicamente no corpo parado.

Abri a porta. Todos sorriram ao mesmo tempo, ou pelo menos, tentaram.

– Boa tarde, senhora. Tudo bem? E quem é essa com você? – Olharam para Amélia com desdém.

– É uma amiga. Ela vai ficar aqui comigo durante o processo. Tudo bem?

Eles se entreolharam, demoraram alguns segundos para responder. Mas, ao final de seus cochichos e olhares,

decidiram permitir sua presença. Amélia tinha uma aparência um pouco ingênua e meiga ao extremo, então creio que poderiam ter se deixado levar pela sua aparência e crer veemente que a mesma nunca saberia sobre o que se tratava seu raro experimento em um ser humano. Não sei se estou sendo a primeira, mas não importa – se houvessem vítimas disso, a justiça seria interrogada no meu caso. Pois, ao contrário do que pensaram, Amélia não é ingênua; ela entende tudo e finge, na verdade, que de nada entendeu. Essa dissimulação inata pode servir para livrar-se de autoridades opressoras em alguns casos.

Abriram uma espécie de almofada gigante no meio da sala, que no final, tornou-se um divã. Deitei, e, antes deles colocarem a máquina na minha cabeça, olhei para todo meu entorno para me lembrar de onde estava. Em casa. Eu estava em casa!

Tudo começa em casa e se cria em casa. A criação de tudo vem da casa. Do lar – não haveriam criações sem as sensações de lar que nos interroga, nos proporciona e nos pede por um canto de segurança. Quando digo segurança, é simbólico – qualquer forma, abstrata ou tangível, para sentir-se no lar, seguro, em casa. De um fio de cabelo caindo no seu travesseiro enquanto dorme, até de achar roupas antigas em um cesto velho de roupas sujas, tudo isso é simbolismo do lar, da casa aonde verdadeiramente pertence. De um saco de lixo, do ferro de passar roupa, até a vista do pôr do sol da sua janela, e a vida dos vizinhos sendo anunciada para seus ouvidos. Tudo isso são simbolismos, significados, para dizer-lhe: tudo começa na casa. Em como o sol se esconde atrás das nuvens quando está perto de rodar o outro lado do mundo; a noite toma o lugar dele, a lua brilha através

dele. Por que? Para dizer-lhe: para tudo sempre tem um repouso! Até para o sol, aonde seu brilho é impossível de ser apagado.

Estas observações sobre as operalizações e praticidades das cousas é visto em casa! Quando se sai, na rua – se tem que agir e estar em ação a todo tempo, se estar atento! Diferente da casa – aonde se tem que observar, observar-se; e logo depois, repousar. A casa é análise, reflexão e repouso. A rua é ação, atenção e sucesso.

Pois bem: eu estava em casa. Tudo isso irá começar em casa, principalmente as retrospectivas. Pois, como eu disse – casa é o local ideal para se retroceder e voltar para o que foi vivido e refletir sobre, mensurar, alarmar, expandir o vivido e criar um significado inovador para aquilo! A casa é sagrada. Por isso ela é, entre tudo, lugar de aconchego, aonde a alma sente-se aquecida. O lar é uma mãe.

Quando se entende a casa, passa a entender o mundo.

Eles ligaram a máquina e a estenderam, com a intenção de colocar na minha cabeça. Ela era bem grande, eu possuía cabelos crespos, mas estavam bem baixos, então – a máquina provavelmente não iria ter tanto problema de encaixe.

– Está pronta? – Um deles perguntou.

– Sim.

– Pode colocar o cabelo um pouco para trás, por favor? – A mulher disse.

E assim, o fiz. Olhei para Amélia, ela sorriu com ares nervosos, e segurou minha mão. Me mandou um beijo com a outra mão. Eu sorri. Senti a máquina se encaixando na minha cabeça.

– Feche os olhos. – Eles disseram.

Fechei, e ouvi a máquina fazendo barulhos estranhos. Como se tivesse prestes a explodir. Mas não. Comecei a ficar com enjoo no estômago, e uma vontade de vomitar apareceu. Mas não sei realmente se vomitei. Me parecia que eu havia desmaiado.

Imagens apareceram para mim; fui afundando em um túnel, como se ele não houvesse chão. Estava tudo escuro e eu só ia derrapando em alta velocidade. Até que, enfim, cheguei ao chão. Ouvi a queda, e algo estalando.

## 2

### Cenário 1

Não sei se era um sonho ou se eu estava acordada. Não importa. Aqui estou eu, e agora tento perceber o que está a minha volta. Me encontrei em um corpo diferente, um corpo estranho, como se houvesse uma potência intimamente agressiva dentro de mim. Toquei na minha genitália; eu estava em um corpo de homem. Minha postura estava ereta, o peito estufado, e comecei a sentir minhas expressões faciais. Eram carrancudas e sisudas. Eu estava com mais outros homens fardados, e segurando armas potentes. Metralhadoras e porretes. Me assustei um pouco com aquilo, mas logo depois retornei. Toquei na minha cintura, e também percebi uma metralhadora pendurada ali. Bom, provavelmente eu era um militar e estava em treinamento em um campo aberto. A grama era esverdeada e muito limpa, e haviam alguns espantalhos distantes de nós, em nossa frente; e alguns treinavam o tiro nos espantalhos.

Eu não me assustei com isso; eu tinha a sensação de já ter conhecido aquilo antes, de sempre ter conhecido. Por isso que, nunca tive medo ou receio de policiais, ou muito menos admiração. Pois eu sabia; como forjavam suas emoções, como se trabalhavam para ficar com postura de autoridade e como parecer respeitável e perfeito perante o povo. E alguns ali, no fundo, eram completos palhaços e fanfarrões. Eu sabia destas técnicas intuitivamente, de suas dissimulações, mas... nunca soube bem o porquê eu sempre soube delas. Enfim – vim para cá, e sinto que sei sobre o que se trata. Pois sempre agi com seriedade, posicionamento e dureza. Assim como eles fingem ser, ou agir.

Algo me diz: os homens são bem piores do que eu pensava. Os homens são bem piores do que eu imaginava que seriam; e disso não há negação quando vejo e experimento com a força da pele, o que os motiva a fazer as coisas que fazem. Eu os olhava – alguns sentiam verdadeiro prazer em atirar, em se preparar para o assassinato, para a morte de alguém. Já alguns, tinham a postura mais séria por se tratar de uma missão – a falsa e ilusão missão de matar para proteger. Eu estava ali naquela missão, e a vontade de matar, seja para proteger ou simplesmente pelo prazer, estava me circundando. Quando cheguei a este corpo, houve um lapso de consciência: eu não era mais o homem que estava ali por querer, era o homem que estava ali sem saber o porquê eu estava.

Aqueles ruídos e barulhos das balas sendo expelidas a força já me distraíam e me contorciam. O que mata não é a bala ou o a arma, mas sim a força e a disposição dos homes sendo jogada ali, em fazer aquela máquina funcionar conforme seus desejos.

– Muito bem, pessoal! Mais uma vez, não pode parar não! Recarreguem. – Disse um, passeando entre nós, enquanto estávamos parados, olhando para os espantalhos, ele olhou para mim, enquanto eu olhava para ele, e chegou perto – E você, por que não está atirando?

Percebi que eu tinha a mania incandescente de tornar a imagem vista em algo fantasioso. A fantasia surge da imagem, das criaturas imagéticas que insistimos em cultivar. Assim que vi o homem na qual me pareceria como um general, se aproximar, sua imagem, isto é – sua posição, seu fardamento e postura fizeram-me acreditar em sua falsa autoridade. Na qual não era uma real autoridade, mas sim dureza. Mas sim uma casca grossa difícil de ser penetrada – a real autoridade surge da sensatez, da lucidez. Ela não se resume a uma casa; está longe de ser uma casca dura.

Mas claro, para eles a casca é o mais essencial – pois é o que está a vista para os outros. Frequentemente as pessoas importam-se mais com o desnecessário do que com o essencial. Isso se mostra claramente nas compras do mês. Vemos nas sacolas dos mercados, mais alimentos desnecessários e dispensáveis à saúde e manutenção de sua sobrevivência, do que os essenciais ao bom funcionamento de todos os órgãos. Mais açúcar do que arroz, mais produtos industriais do que frutas.

– Estou me preparando. – Eu disse, fingindo que eu tocava com veemência, a metralhadora na minha cintura.

Esse general parecia mais velho, e eu mais novo. Engraçado pois geralmente, a idade cronológica não diz muita coisa sobre nós. Os idosos por exemplo, costumam ser vistos como vítimas e completamente crédulos das situações da vida, quando pelo contrário, deveriam ser

os mais sabedores sobre ela, por terem vivido mais. Já, há algumas crianças que sabem e percebem determinadas cousas que adulto nenhum foi capaz de se atentar. Ele dava ordens por ser mais velho, mas mal sabia da vida que o cercava, o significado de toda a preparação para tiros e armamentos. Ele não sabia o real significado do que ordenava, seu caráter estava sendo posto à prova por mim mesmo. Mesmo eu, sendo um homem nesta vida – mesmo este sentimento másculo de sempre sobrepujar os outros estivesse tão forte em mim, esta necessidade e potência violentadora que era velada pela minha educação e obediência, porém, ensandecida para se expor, sendo discreto. Este é o homem – a potência de estar sempre à frente do outro, destruindo assim, toda a construção de uma humanidade baseada na cooperação e igualdade. O mundo dominado pelos humanos se perde quando são os homens que comandam a cena.

Lembrei-me dos cachorros grandes que ficavam presos nas casas e que latiam sempre quando alguém passava, dando a impressão de que são ferozes. Eles passam a maior parte dos seus dias trancados e amordaçados; como querem que não latam quando ouvem um mínimo sinal de vida passando próximo a eles? Não são ferozes, mas carentes. Não são perigosos, mas banidos. Assim é com o homem: não sendo de sua vontade, criará uma revolta de todos os modos dentro da sua esfera de possibilidades.

– É bom se movimentar logo! Antes que perca a batalha para seus companheiros de guerra. – Ele falou.

Mas querendo ele ou não, eu não fazia movimentos, mas eu era definitivamente, um movimentador. Alguém que se move e alguém movimentador possuem papéis opostos em quem os vê; o que se move é alguém louco

por andanças, andarilho, boêmio, agoniado em permanecer em apenas um lugar, sedento de mais experiências. O movimentador não vê problema em permanecer no mesmo lugar, é aquela antiguidade na qual se olha todos os dias e sente sempre que há algo de diferente no objeto, porém – permanece sempre no mesmo ponto, mudando quem olha para ele. De tanto se ver as coisas por permanecer no mesmo lugar, o movimentador é quem move as pessoas, e não o contrário. O movimentador move os que se movem.

Peguei enfim, na minha metralhadora. E posicionei sua mira em frente ao meu olho. Ela tinha um peso incomum; só muita concentração e firmeza para conseguir segurá-la por muito tempo e ainda vê-la atacar diversas vezes, aguentando também a sua capacidade de atirar.

Mirei no espantalho. Atirei. Mas só depois senti o meu sumiço no ambiente: eu não lembrava como manear uma arma. Eu havia atirado em mim mesmo.

## Cenário 2

Acordei. Estava dentro de uma barraca gigante, como se fosse uma casa. Parecia uma, eu não sabia realmente se era. Eu estava deitada em um colchão velho coberto com lençóis limpos. Havia velas, ervas, plantas óleos, cristais e argila espalhada pelo chão, todos os objetos perto do colchão. E água também. Bastante água dentro de um barril. Ouvia os pássaros cantando, e o brilho do sol me fazendo acordar, vencendo a fragilidade dos meus olhos fechados. Abertos, eles percebem a força que é, o brilho do sol. Não nos deixa mais dormir pois ele pede

para que acordemos para a vida. Isto aqui sou eu agora, presente, acesa, esta é minha vida.

De repente, fui ouvindo passos chegando perto da barraca. Pude perceber suas sombras. Ouço assobios.

– Já acordou? – Me perguntaram do lado de fora.

Não respondi. Queria saber primeiro como eu tinha chegado ali, e o que mais ou menos eu era e representava para as pessoas. Ainda estava desassociada, sem a completa noção real de quem eu era. Mas quem eu era, afinal? Não pude ainda entender. Olhei para as minhas mãos. Estavam enrugadas e tatuadas. Toquei em minhas coxas, e senti também, tudo muito flácido e enrugado. Provavelmente eu havia me tornado uma idosa. Eu estava com um vestido rasgado e cheio de estampas tribais. Levantei-me e olhei no espelho. Meu rosto também estava coberta de pinturas tribais.

Espelho é aquilo de mais estranho no externo: quanto mais tempo se olha para ele, mais se estranha. O mesmo acontece quando se introspectiva.

Os três do lado de fora chamaram meu nome e pude finalmente, perceber quem eu era.

– Xamã Carlinda! Está tudo bem?

– Tudo sim. – Eu respondi automaticamente.

Eu então, fui até a porta da barraca, e a abri devagar e com muita delicadeza. Eram três jovens educados, sorridentes e comportados.

– Já fez seu jejum? – O mais escuro perguntou.

– Acabei de acordar. – Eu tentava entender quem eram eles e o que faziam na minha vida.

Provavelmente não eram estranhos, já que sabiam meu nome e meus hábitos. Entraram e sentaram no colchão aonde eu dormia.

– Ontem foi um trabalho pesado para a senhora. Precisa tirar o dia para meditar.

– O trabalho foi pesado? – Perguntei, indagando-me se iam falar algo sobre o que tinha ocorrido.

– Sim. A fila ontem estava grande, a quantidade de pessoas que queriam seu atendimento. Mas por mais prazeroso que seja o trabalho, precisa-se de um descanso, não acha?

Percebi que a pergunta não foi retórica: eles realmente estavam esperando pela minha resposta. Olhei para eles e afirmei, concordei com eles. Claro: eu tinha os dons primordiais e inatos da cura. Como não suspeitei disso, como não me lembrara disso! Como eu havia me esquecido do porquê eu desprezar tanto os métodos ocidentais de resolver as coisas, de curar, de se alimentar, de viver. Agora eu me lembrara! E por desprezar seus estilos de vida, não me era tão atraente viver junto a eles e pensar do jeito que pensam – pois seus pensamentos horríveis e hábitos de alimentação provocam doenças incuráveis e quase nunca maleáveis.

Provavelmente a fila imensa que estava aqui ontem seria quase todos eles, de pessoas daquele lado do mundo. Pessoas doentes desesperadas sem conhecer nada sobre si e sobre seus hábitos destrutivos. Talvez, eles parem tanto de caçoar as curas naturais quando finalmente precisam delas. O divertido caçoando do sério, até a hora de precisar do mesmo para seu crescimento.

Todos eles falam a mesma coisa em todos os cantos! Não sabem ter a si mesmos, por isso ficam doentes; pela falta de autonomia que lhe causam. Se veem em posições quebradiças, partidos ao meio e não sabem mais como se consertarem, colar as pontas de volta – perderam o sentido de como manusear suas próprias peças.

– Só viemos te dar um oi mesmo, já estamos de saída. – Um outro disse – Dia de se recolher.

Comecei de repente, a ter fortes dores de cabeça, e a sentir o corpo pesado. Estava tendo sensações de dissociações novamente. Como se estivesse se desintegrando de mim mesma, e comecei a ficar tonta. Mas eles não perceberam, meu autocontrole era impecável e quase não deixava escapar e nem mesmo dilatar emoções, as deixando plenamente e eternamente lapidadas.

Foi então que não deu tempo de chegar ao colchão. Eu caí, desabei sob o barril de água e a argila no chão fez-me sentir um pouco a sensação de escorregar em péssimas condições de terra. Pude ver alguns vegetais e legumes envolvidos em um pano, junto com um chá desconhecido, em um canto do outro lado do colchão, antes de fechar os olhos e perder o sentido da visão, desmaiando.

### **Cenário 3**

Abri os olhos e estava em uma biblioteca imensa. Um sofá vermelho e antigo abrigava muitos papéis e anotações estranhas. Estranhamente, informações, aprendizados e sabedorias começaram a passar pela minha cabeça, como uma cena de filme – ou como se eu estivesse prestes a sentenciar minha morte.

O engraçado sobre todos esses cenários é que nunca sei aonde vou parar, e nem como será o meu estado de consciência. Percebo uma diferença de percepção contrastante em cada um. E cada um me mostra uma clareza, um sentido, um caminho! Mostrando-me que, cada

nível de consciência tem sua extrema importância para o mais elevado nível dito superior.

Tudo que é inferior, transforma-se em superior posteriormente, somente porque foi inferior. Então, não se pode menosprezar o início, o leigo, a ingenuidade, a ignorância. Todas elas são o primórdio da elevação. Não há nunca como ser um sabedor sem antes ter sentido a impotência da ignorância. Somente a sensação inferior da ignorância leva ao mais alto pedestal! Somente esta sensação defasada produz força para mudar de posição aonde se encontra. O que está no pedestal possui uma força que já foi sacrificada e usada; o ignorante não, o ignorante possui ainda uma força escondida, velada, prestes a exhibir-se. É isto que tem de ser usado de jeitos astutos.

Assim como tudo que é aparentemente pessoal, é ocultamente coletivo. Não há como se sentir algo que outra pessoa também não sente. Seja um sentimento por alguém, uma situação, por costumes, o que seja. Se crê que é pessoal pois ainda se centra demais em uma redoma de prelúdios sobre sua própria vida, esquecendo de ligar os pontos. De ligar os pontos da sua vida até a do outro – e só quando sentir com a força da compreensão, de que, o que sente, quando é compartilhado de maneira serena – é o que o outro sente, se entra em um adorável êxtase de existência. Ocorre então, a união. E a união faz desaparecer as sensações de sofrimento e solidão – pois há de perceber! O outro também passa por isso! A união surge, o sofrimento acaba e a força da vontade de mudança surge. Há de se ligar os pontos. Sua vida é sempre a do outro e vice-versa.

Quando aprendi essas coisas? Não me lembro ainda. Não me lembro mesmo, nem sei bem o que faço aqui no meio destes livros mofados e empoeirados. Os abro, e me

parecem tão monótonos e repetitivos, por eu já saber o que os livros querem ensinar. Quando aprendi essas coisas ainda tenho minhas dúvidas: isto está me parecendo como antes, deu ser uma eterna enciclopédia. Mas tudo bem, talvez eu tenha aprendido aqui mesmo, e ainda me encontrava com o intelecto cheio, lotado de aprendizados.

Mas o aprendizado edificante é aquele cercado de simbologias, e não aquele que apenas bombardeia informações, deixando-o confuso acerca da vida.

Malditos sejam os homens que deixam os outros nestas condições solitárias como estou agora, somente com meus pensamentos bagunçados. Malditos sejam os homens, os malditos machos humanos, dominantes, pervertidos e perversos! Algum deles que não seja assim dentre todas as suas facetas, assumo que posso até chamá-lo de iluminador. Mas isso talvez não venha ao caso agora. Acontece que, a história toda, fala sobre o ser humano como o “homem” tentando desvendá-lo. Quando, na realidade, eles desvendam o podre, a podridão, o homem. Não desvendam a mulher pois para eles, ela é um produto. Sendo um produto então, ela que deveria tornar-se a dominante e a verdadeira pessoa que colocaria ordem em tudo, já que valorizam tanto o produto. Elas deveriam governar – mas sim, por isso mesmo, a história sempre retrata somente o homem. Sabemos: a mulher está em um estado bem mais elevado para ser tratada pela história como uma destruidora e criadora de guerras. Pois é ela que arruma as coisas, que faz questão de ordenar a bagunça: a mulher é o verdadeiro governante do mundo.

Mas, apesar dos livros serem monótonos, os ídolos pela redundância e incorporação dos seus aprofundamentos. As artes e os demais conhecimentos hoje em dia

se tornaram rápidos, frívolos, velozes e instantâneos; não há mais aprofundamento em vertente ou vestiário intelectual algum, por isso, os artistas de hoje quando em muito contato com a vida atual e com o que ela está oferecendo, acabam por se tornarem também, rápidos e frívolos, levianos. E conseqüentemente, produzindo figuras levianas. E então, não produzindo nada de original, pois não há como o leviano ser original – o leviano é o torpor da capacidade de reproduzir falas automáticas e sem fundamento, sem base alguma para o seu centro, para o nutrimento de suas raízes mais subterrâneas. Como tudo que é subterrâneo, necessita-se de terra firme para o pé pisar o solo na superfície. E quando não há raiz firme, também não há caminhadas firmes.

Talvez estar em contato com seu tempo e sua geração reflita no seu modo de se comportar. Quem insiste em ter hábitos que não são de sua geração, não tenha os problemas da sua geração. Mas é improvável fugir dos meios atuais.

Ora essa! Por isso encontro-me aqui, trancada nesta biblioteca, sem contato algum com nada nem ninguém. Fui ver o restante da casa, mas a porta estava trancada. Não achei chaves em lugar algum. Vi a janela aberta e o vento soprando, deixando-me um pouco com frescor.

– Ei, sai daí! Vamos dar um passeio. – Um homem barrigudo e com boina se aproximou da janela aberta, e se manteve encostado ali, com um sorriso embriagado – Fica o dia todo com essas merdas de livros, estudando não sei pra quê, anotando coisas inúteis. Vem aprender aqui na rua!

Quantos anos eu tinha agora? Me perguntava. Fui checar os papeis e vi o nome de um homem em todos os cabeçalhos de apostilas. Era o meu. Professor Erasmo Antônio. Eu era um professor; mas já estava acabado de

vida, quero dizer; da forma como o lugar aonde eu estava se encontrava em plena bagunça e infestado de poeiras, aranhas, traças, insetos. Eu era um professor cansado da vida, pois a todo tempo fui desvalorizado simplesmente por passar conhecimento aos outros. Isso é algum erro? Não. Aparentemente, eu era um devorador de livros, um crânio, um esfomeado pelo conhecimento. Só agora me dei conta. Mas estava cansado. Extremamente cansado. Talvez porque, eu não passava de um emprego, de um número – apesar de me alimentar do pensamento de outras pessoas, através dos livros, e me encontrar entusiasmado com isso – não havia ânimo algum nos alunos para quem eu dava aula.

Claro, isso desmascarava meu papel falso de professor. Em essência, estou longe de ser um, estou aprendendo! E aprendi que, não há porque os alunos me respeitem se não os trato como amigos – apenas como recebedores de informações, máquinas em evoluções. Eu mato algo neles, tenho certeza – quando suas expressões mudam logo quando chego na sala. Estão sorrindo, brincando, e de repente, tudo para, tudo se encontra em clima de repressão, assim que atravesso a porta da sala. É horrível e sinto-me impotente, sem nada a fazer. Há alguns rebeldes que acham que o motivo dele estar ali, recebendo ordens de mim, seja por minha causa – mas ele ainda não sabe, que também recebo ordens; mas isto, vou deixar para quando o mesmo for mais velho, e entender direito como toda essa lógica do jogo escolar e universitário funcionam. Se eles aprendem algo na escola, certamente aprendem para esquecer depois, na vida adulta, quando desenvolverem algum distúrbio causado por todos estes males imprescindíveis impostos!

Não sinto-me excluído de modo algum por não compactuar com isso, apesar de sentir este peso em cima de mim sempre quando me olham torto e estranho nestes meios educacionais. Dou aula pois preciso sobreviver. Mas ali, ninguém interessa-se por essa mesmice sanguínea de se estar sentado durante horas a olhar algum desconhecido falando cousas lá na frente que, por vezes, não é do interesse do aluno naquele momento da vida dele. Será do interesse, talvez, daqui há alguns anos! Mas não é agora! Ele tem de aprender o que lhe motiva agora! Dizem: “vai se arrepender por não aprender isso, lá na frente você vai precisar...” Então, por que não podem aprender isso no momento em que estiverem realmente necessitando daquele conhecimento, ou do mesmo interessar-se? Não há sentido algum nas lógicas educacionais. Mas eu sou professor. Eu luto por eles manterem interesse pelo conhecimento, e não pela instrução ou obediência. Eu luto pelas suas liberdades intelectuais, mesmo eles não tendo a percepção, ignorando, ou até mesmo por conta da idade: de menosprezar o mais velho e autonomizar a si mesmo.

O que está certo – pois é uma completa bobagem seguir os mais velhos, já que eles – de nada sabem sobre a geração seguinte, pois viveram na anterior. E além de nada saberem das motivações internas dos seus sucessores, dão um tiro no escuro quando creem ser sabedores de algo somente valorizando a experiência material, concreta – crendo que toda sabedoria é vista a partir dos sentidos. Não refletem, não ressignificam nada em suas vidas – e acham ter a moral necessária para ordenar algo, somente porque não souberam driblar seus sofrimentos intensos advindos de uma postura absurdamente material.

Há os mais novos ensinando aos mais velhos o tempo todo; e ainda adotam e pregam esta postura erradicada dos mais velhos serem alguma espécie de semideus. Não! Isto são as gerações interagindo, entendendo um ao outro. E nesta comunhão, há o equilíbrio – mas recusam-se a estar sedentos e entregues na beleza avassaladora que causa repúdio em todos; cuspidos no chão o tempo todo de quem acabou de morrer assassinado brutalmente, somente para provar sua falsa resistência de plástico, feita de frágeis materiais, diante da sociedade. Com um dedo mindinho se desmancha, com o toque de uma mão decai.

– Vem, pula essa janela aí! Venha ver a luz do sol que está brilhando só para você. – Ele falou.

E assim, o fiz. Nunca admirei muito essas ações de pular janelas, mas o fiz. E quando senti a luz do sol penetrar em meus poros, foi como se eu tivesse me tornando um ser novo. Mas quando se olha demais para cima, o pescoço dói e se tem dificuldade de achar os movimentos precisos para continuar a andar. Já quando se olha demais para baixo, só se vê a sua sombra e a sombra dos que estão próximos. É preciso haver um equilíbrio quando se recebe a luz solar, o melhor a se fazer é olhar para frente. Nem para cima, com receio da luz cegar-te, nem para baixo, sem senti-la.

Observei os apartamentos ali, e tudo de repente me pareceu tão mesquinho. Aquela competitividade de carros percorrendo as ruas, a briga por territórios, propriedades. Eles querem tanto um apartamento para lhes dar segurança, mas depois de um tempo não aguentam mais estar dentro dele, precisam sair. Controverso e paradoxal.

Há a necessidade de segurança do apartamento, mas a necessidade da liberdade, aonde só o livre arbítrio pode dar. As invenções para essa tal de segurança são inúmeras.

ras. Aonde, um mínimo acréscimo de expectativa que eu ponho em algo ou em alguma situação que viverei para dar-me uma sensação de segurança na imaginação, já poderia ser considerada uma ilusão. Tudo que é ilusão é o que ainda não se sabe o que vai ser. E não sabemos o que vai ser em absolutamente nada, nem no próximo minuto que virá! Então, um mínimo de expectativa que se põe, em qualquer mínima bobagem – já é prelúdio para frustração. Até quando se tem certeza de que a formiga andar para a esquerda, mas resolve andar para a direita.

Mas eu sou um professor. Isso não me torna um mestre? Por que me encontro tão cansado? A luz do sol estava tão forte que senti-me triturado.

O sol é o grande iluminador, sendo ele assim, é incapaz de ver escuridão em alguém. As pessoas se tornam todas semelhantes e parecidas quando iluminadas pela luz solar – as verdadeiras intenções de alguém somente são reveladas na escuridão da noite – quando não há luz alguma refletindo nos seres. Quando há somente a luz delas mesmas pairando no ar.

Me triturava com o calor. Talvez isso signifique a volta para a vida.

## **Cenário 4**

Não sei novamente como saí daquele incessante cansaço e vim até aqui, para esta plenitude indestrutível. Estava tudo tão tranquilo, silencioso, ameno, sereno. Sentada eu estava, em um banco de madeira, apreciando todas as árvores com galhos secos, flores rosadas e palmeiras se entrelaçando, como um casal se entrelaça nos passos de

dança. Sem perceberem, já estão unidos como se fossem um só. E estava com as pernas entrecruzadas, como eu costumava me sentar na infância.

Sentia-me como uma criança. Pois então! São as crianças as verdadeiras mensageiras da verdade. Não há nada que as ultrapasse, e eu sentia-me como uma. A maioria das doenças que avassalam a humanidade, as crianças não sentem e nem sequer as terão, pois, as doenças são frutos de ervas daninhas provocadas no plantio de uma sociedade com a vida adulta doentia. Eles não sabem sobre as doenças, e confiam em seus corpos para expelir o que lhes causa mal, pois estão encantados demais, conhecendo tudo a sua volta, conhecendo o mundo. Veem sempre a mesma coisa como se fosse sempre a primeira vez – e é este o encantamento real para com a vida. E assim não deveria parar quando cresce.

O adulto não é assim – ele precisa sempre dos médicos, dos conselheiros, de quem faça as coisas por ele, de alguém que analise as coisas para ele, ao invés do próprio fazê-lo. Eles se deixam levar muito por essas coisas de profissionalização dos conhecimentos, e não acreditam quando não há aparência, certificado, comprovação – de que aquilo é verdade, senão dita por um profissional. Aonde, é o contrário! O que importa é o raciocínio lógico da pessoa com quem se fala, e não a vastidão de informações que o mesmo possui. Pode-se fazer diversos diagnósticos sobre determinado acontecimento, mas só quem saberá o aquilo é, é quem sentiu – outros olharão apenas de formas deformadas de acordo com o que se recebeu. O mundo interior é inacessível aos outros, só quem sabe dele é quem interioriza. E nisso, não há como dizer que profissionais resolveriam o que deveria ser visto de forma natural.

O adulto está sombrio, afastando todos os seus poderes de entender-se, e de assim, tornar-se autossuficiente. E com essa autossuficiência, poderia ajudar os outros a tornarem-se também, autossuficientes, independentes. E com a independência e individualidade de cada um, unidas em prol de um bem maior e coletivo, torna-se a verdadeira união. Quando todos ali sabem ser autônomos, e doam essa autonomia para o outro atuar junto.

Como um jogo de futebol, o adulto crê que não se tem goleiro algum em frente ao gol e dribla pelo campo todos seus adversários para, quando chegar ao destino final, ter seu prêmio e sua vitória sem a reta final, sem ter o merecido acerto pela sua estratégia e inteligência astuta de passar pela fase final do quase gol, sem ter batido na trave, entrando diretamente na rede; sem ter tido o goleiro. O futebol sem o goleiro torna-se menos impactante, torna-se mais bobo, a vida sem esse obstáculo final e ferrenho torna-se mais chata.

Talvez eu seja essa eterna criança, olhando tudo como a primeira vez. E eu sentia o vento e o ouvia, como se fosse a voz de alguém muito familiar e bondoso me agraciando com seu canto. Sentia como o corpo humano é tão potente, capaz de vestir tecidos sob ele, a ventania surgir, e eles não serem levados pela sua força. É uma prova de que o peso também tem seus momentos de elevação. Um homem andando de bicicleta e sua camisa querendo ser levada pelo vento, por conta da velocidade da bicicleta. Mas o corpo não permite; o corpo é um protetor das cousas leves.

Sinto que quando algumas questões saem do inconsciente e são racionalizadas e logo depois recheadas de significados, sendo saboreadas com os temperos cor-

retos e saudáveis produzidas pela imaginação inata, algumas emoções deixam de animar-se dentro de si e param de processar intensidade e conseqüentemente, produzir tormentos. Perdem, elas mesmas, o prazer de serem sentidas pelo corpo. Elas são aniquiladas, pouco a pouco; como um parasita é parasitário somente quando o corpo vicia-se em sua estadia, e não o inverso.

Bateram em um poste de madeira fazendo-me abrir os olhos, de repente. Olhei para a pessoa; era um homem negro de estatura baixa e com aparência gentil. Disse-me:

– Desculpe, está meditando?

– Sim, mas o que foi?

– Nada não! A senhora marcou com alguém hoje de recebe-los nos seus períodos de interação?

– Sim.

– Ah, por que já estão aqui.

– Mande-os entrar.

Períodos de interação e meditação... talvez eu seria uma espécie de monja. Mas não tenho certeza. De que importam estes rótulos antiquados e frívolos, afinal? Fazemos parte sempre de um mesmo ciclo, o que muda são os títulos, os nomes. O que o maltrapilho da rua passou, eu já passei. E o que eu estou passando agora, ele há de passar. Mas através de outros meios, meios mais fáceis.

Agimos como os animais sem nem mesmo percebermos e ainda usamos a palavra para denominar ofensa a alguém. Um cachorro se alegra quando nos alegamos, e assim somos nós; quando vemos alguém admirável ou até mesmo pretensioso, algo no clima nos induz a estar sempre unidos a aquele próximo de nós. Por isso a solidão é tão importante para mim e para os outros que possuem sentimentos mais elevados sobre a vida, e já to-

mamos consciência de que a massa ainda está alienada: todos temos esta vontade irredutível de unirmo-nos ao outro; de torna-lo, ou de nos tornamos semelhantes a ele. O sentimento de união e comunhão está em todos – por isto se fecham em grupos, casas e crenças. Pois, sabem que se não o fizerem, irão acabar se unindo com as outras pessoas, pois eles sentem ao fundo: todos somos parte da mesma coisa, por isso o medo tão grande de quem anda em bando, em cair para os outros lados, para as outras opiniões que não a do seu bando! Mas têm medo. Eles estão morrendo e sendo envenenados pelo medo de conhecer o outro. De conhecer o próximo. Pois sabem que o outro é igual a eles, mas como possuem opiniões diferentes (que é o verdadeiro separador da comunhão, a famosa opinião), ou estilos de vidas, crenças, creem que não são nada parecidos. Ainda estão banhados na doce ignorância.

Temos tudo em casa e nem percebemos. Quando digo casa, me refiro a tudo que toca a alma e está bem na nossa frente. Como uma mãe, um animal de estimação, tranquilidade e espaço. Tanto quanto no sentido material, como no espiritual. Absolutamente tudo está em nossa frente, e nosso raciocínio se prende a conquistas ambiciosas de poderes mundiais. Apenas se conquista o mundo conquistando sua própria alma, quando isso acontecer – o mundo se curvará, diante de alguém que teve a alma conquistada por si mesmo. Que teve a coerência de não deixá-la a mercê nas atrocidades do meio.

Quando olhamos para a lua no céu, podemos ver suas manchas escuras, suas crateras, podemos encarar por quanto tempo quisermos, até nos sentirmos completamente penetrados pela sua magnitude e pequeno brilho. O que é estranho, pois a lua está há milhares de quilômetros

de distância da terra, mas mesmo assim – podemos ver seus detalhes. Começamos a nos sentir puxados por ela, quando concentrados, até o seu altar. O mesmo é com a casa – tudo na casa, tende a ser lembrado como se fosse ontem, como se estivesse próximo, mesmo estando tão longe. A casa é a representação da resistência interior, e a lua é um dos seus suportes de recolhimentos.

– Bom dia. – Chegou um casal de baixa estatura, quase idosos, usando óculos, para falar comigo.

Eu me levantei devagar e gentilmente para falar com eles.

– Então, o que trazem vocês aqui? – perguntei.

– Queremos ajuda. Para ascender espiritualmente. – A mulher disse.

Algumas pessoas possuem esse desejo de ascender, mas como lâmpadas falhando, há algo em suas luzes, seus fios – dando circuito, e ao invés de tentarem achar este fio que está causando curto circuito, vão em busca de gurus, monges, mestres, pois não conseguem achar este caminho sozinhos. Então, lhes recomendei que achassem o caminho sozinhos, somente com sua própria voz interna lhes falando o que fazer.

– Não venham até a mim, e nem a ninguém. – Eu falei, e finalizei a conversa – Fiquem em casa, e meditem.

Olharam para mim como se estivessem insatisfeitos. Era uma mistura de insatisfação com perda no olhar, irritação em seus olhos começaram a tomar conta dos seus estados corpóreos, estranhamente, sem eu entender muito bem o porquê.

Então, sem esperar por nada, sorrindo olhando para as árvores, senti um golpe forte no olho.

## Cenário 5

As estradas estavam vazias e acordei sentada em um chão de areia. Era basicamente tudo areia, e alguns automóveis passando pelas pistas. Eu estava com uma mochila enorme nas costas, era tão pesada que o meu peso não seria capaz de segurá-la. Me perguntei como cheguei aqui sozinha com toda esta bagagem. Mas talvez eu não estivesse sozinha. Eu esperava por uma carona, para me levar em lugares desconhecidos e inexplorados. Olhei para trás. Havia uma casa, uma pequena pousada; e talvez eu tivesse passado a noite por aí. Não sei. O vento então, começou a apressar-se, jogando grãos de areia nos meus olhos. Enquanto isso, eu chamava os carros nas estradas, esperando que algum parasse para me dar uma ajuda.

Eu era uma viajante encontrada na atemporalidade, nas presunções do inesperado e na confirmação instigante de uma incógnita.

Minha bagagem imensa fez-me lembrar de todas as minhas memórias, aprendizados e experiências. E percebi, que tudo na vida é como uma bagagem: se leva para onde for, o que se pensa, o que se sentiu, em dado momento em que se viveu algo na pele. Mas esta bagagem não tinha este peso efêmero que é uma mochila nas costas, aonde se poderia retirá-la quando quisesse. Esta bagagem é uma ilha sombria e atormentada, até que se inverta seu peso, até que se ressignifique seu gosto e clareie de bom convívio sua lembrança, até a mesma tornar-se leve.

A bagagem dos aprendizados é mais forte e mais pesada que o próprio peso de uma imensa mochila nas costas. Aonde, paradoxalmente – os aprendizados, quanto

mais pesados se tornam sua extensão, mais leves se vive seus detalhes. Quanto mais aumentam em sentido mental, mais diminuem no sentido prático.

Olhei para trás de novo, para a pequena pousada feita de uma casa de madeira, e observei um cone muito firme e preso ao chão, junto a um saco amarelo pendurado em uma pequena vassoura. No cone tinham feito desenhos e escrito mensagens, já o saco, estava vazio e sem identidade. Meditei um pouco nisso no que acabei de ver. Meditei nesta imagem; pensei então, as coisas firmes como rochas, e duras como aço, podem guardar, reservar e preservar os dons mais importantes e preciosos! Como o cone, que preserva arduamente os dons do desenho e do raciocínio.

Já o saco, pendurado e quase sendo levado pelo vento, é maleável e flexível demais, dificilmente alguém conseguiria escrever ou desenhar algo nele naquelas condições. Por mais duro que algo pareça ser, é esta dureza que mantém sua solidez e respeito. As paredes são a maior dureza e são nelas que todos depositam seus desejos de segurança. É na parede, na rocha, na pedra, na firmeza, na dureza! E não no saco, no plástico, no rasgo, no frágil. Já, quando algo é maleável demais, permite-se ser levado pelas ondas alheias e não sofre, porém – não possui um centro e nem resiliência de permanecer parado, é sempre levado pelo vento. Como este saco: voou e está sendo levado agora.

Tudo está relacionado! Tudo se entrelaça e se conecta, e não há motivo para tamanhas emoções descontroladas sobre a vida e o universo. Assim como um homem que me assedia na rua por exemplo, não é muito diferente de um homem amigo meu; na qual tenho contato próxi-

mo e é digno de minha confiança, mas faz o mesmo que o desconhecido, quando viro as costas para ele. Ou até o faz em minha frente, comigo. E então, existe a diferença? Eu sou todas e todas sou eu – ele é um desconhecido que é conhecido pois é igual a todos os outros. Então, qual é o medo? Se já o conheço de longa data, mas ao mesmo tempo não o conheço? Não sei de suas particularidades, mas sei de seus modos, posturas e ações, já os decorei de cor, de tanto olhar isso nos outros, tão iguais, sem nada acrescentar; tão alienados e distantes de si próprios. Então, depois de se perceber isso, de se entender e sentir a verdade, há, realmente, motivo para tamanha revolta? As coisas se entrelaçam, e quando se percebe isso, não se vibra mais na própria reação de como o outro age contigo, pois não se sente mais aquilo adentrando em seu ser, e já está muito acima disso, se tornando percursora, pioneira, de algo que ainda está para acontecer acerca de uma mudança pessoal elevada. Quando se sente a verdade, quando ela se torna a si mesmo que não basta mais entender, e sim vive-la.

Transformar a situação detestável em uma motivação para mudanças pessoais, e conseqüentemente, coletivas, é obra-prima dos deuses. É ver a força no fraco e o amor no ódio.

Enfim, um carro parou, de tanto eu estar com a mão posta, pendurada e cansada. Ele abaixou o vidro do carro, e perguntou-me:

- Está indo para onde?
- Qualquer lugar. – Falei.
- Ou seja, para todos os lugares. – Ele aparentemente havia me corrigido – É uma viajante perdida?
- Eu não sei. Estou em busca do inexplicável.

– Entre aí. Vou te levar para a cidade seguinte.

Entrei no carro do gentil homem e seguimos caminho.

– Então, de que cidade você é?

– Porbandar.

– Ah, sei onde é! Mas veio de tão longe para cá, por que isso? Veio só para viajar?

Uma coisa detestável por minha pessoa: jogar palavras fora; desperdiçar a voz, quando a minha fala deveria refletir somente palavras extremamente significativas, e com as pessoas simples – me reprimo, me tolho, pois creio que irei fazê-los pensar demais com todos os meus pensamentos refletivos, emaranhados e complexos demais; mas quando eu estava com eles, eu era obrigada a fazê-lo, a desperdiçar palavras – mas não o queria. Só me restava a esperança deles perceberem e sentirem o que a minha áurea realmente passava para o mundo: o sentimento de gentileza e respeito pairando sob o meu coração estupeficante e vibrante, louco para ser ouvido quando silenciado. E quando perceberem isso, verão que não precisarei mais desperdiçar palavra alguma. Eu mesma serei evocadora e intermediária do não dito, mas dizendo pelos gestos e posturas.

Eu não vim só para viajar, era algo muito mais profundo do que isso; e explicar meus motivos para estas pessoas simples com perguntas cotidianas e diárias, era simplesmente um desafio para minha alma amante e extasiada com minhas filosofias, esquecendo-se do mundo comum tão frágil de efêmero.

Esse eterno ciclo de retração e expansão de mim mesma, entre fechar-me na minha seriedade e abrir-me na minha gentileza é um treinamento que me gera motivos

para me fechar dentro das reações externas do meu ato de gentileza, e motivos para eu me abrir por conta de atitudes rudes com muita seriedade. São ciclos eternos; e são eternos pois a cada um deles, mostra-me um aspecto que antes eu não havia percebido no ciclo anterior, dessa retração e expansão. E assim, vou entendo mais ou menos como a estranha vida cotidiana funciona. Através das grandes ideias que surgem com os pequenos insights de minuciosidades passadas, com as presentes e as futuras.

– Foi, só para viajar. – Eu falei.

– Ah, então é bom já ir se preparando para o clima daqui!

Pensava eu, enquanto este gentil homem continuava a dissertar sobre suas conclusões do tempo atual do seu país; a voz é o meio mais agressivo que tem de se comunicar com o outro. É como se ele inibisse, tolhesse e esmagasse as diversas outras formas de comunicação que existe entre eu e os outros seres. A voz só deveria ser usada para aplicar mensagens necessárias para a humanidade, alertar sobre possíveis tragédias imperceptíveis aos mais brutos e acordar os adormecidos que ainda não entendem as outras forças de comunicação. Quando em silêncio, e a voz quebra ele, sinto que ele interrompe todas as outras sutilezas comunicativas que o silêncio provoca de percepção nas pessoas. Quando o silêncio e a voz não podem ser ouvidos – se é automaticamente obrigado a perceber as sutilezas, pois ninguém vive sem a comunicação. Mas sem a verbalização sim. É como a fome – a ausência de alimento no estômago lhe obriga a estar mais atento ao que acontece. Seus sentidos se ativam, se aguçam.

A vida faz somente um som: o do silêncio – enquanto a morte, está por todos os cantos aonde não há silêncio.

Sendo assim, é extremamente difícil escapar da morte, a vemos todos os dias dentro da vida. Mas, e a vida? A vemos dentro da morte? Não sabemos, pois se a morte é tão misteriosa, por que ela se vela nos lugares aonde há barulhos, ruídos, estrondos? O mistério deveria ser barulhento? A morte é fácil de ser atingida, de ser conquistada, está sempre há alguns milímetros de distância da sua pessoa, logo quando entra em contato com qualquer coisa que seja e que faça parte do mundo construído pelos homens – mas a vida só se é possível percebê-la sozinho, e em silêncio, pois faz parte do princípio criador, poético, lúcido, distante das bagunças e sujeiras. Então, todos se irritam e se enraivecem com a vida, a culpam-na de e diversas formas, pois ela não fala com ninguém, e nem mesmo possui companhia; a vida é uma solitária. Pois ela, em si, é só a lucidez criativa, presente e viva, e só quem possui também estas características, é capaz de enaltecê-la e viver conforme suas leis.

Para ouvi-la basta silenciar e sentir suas verdades vindo à tona; mas não o fazem, por isso reclamam inutilmente dela, quando a solução para tudo seria abaixar o rabo e sorrir para o nada, ou seja, para a fonte. Com a fala, não há como ouvi-la tão bem. Seria uma eterna maré circundando somente em uma área restrita de um oceano.

– Percebo pela sua cara que viaja muito... Mas, olhe!  
– Ele então, continuava a falar – Não há ninguém que viaje mais do que eu, conheço todos os tipos de estradas.

Então, estava eu aqui a viajar, por mais de 100km afora procurando algum ramo estranho... talvez eu achasse algum emprego pelas cidades vizinhas, mas a falta de confirmação e de certeza durante todo o processo das viagens, é talvez, algo que eu buscava superar em mim mesma em

todas as ocasiões oportunas. Pois, eis a contradição eterna do ser que busca encontrar-se: necessito da segurança, mas os desafios ao meu ver, são o meu principal passatempo, pois eles abrem portas para o auto aprimoramento pessoal e para o refinamento de certas qualidades, ou o abandono de certos defeitos. Mas então, onde ficaria a minha necessidade de sentir-me segura? A solução encontrada por mim é achar a segurança na efemeridade das pequenas amizades e afagos e carinhos passageiros. E transformar o meu corpo – o lar efêmero da minha alma – em uma casa segura, usando-o como meu principal meio de transporte para os lugares. É como se fosse, uma casa ambulante.

Mas que seja; estou viajando e a cada lugar novo em que olho para fora da janela, é como se fosse um novo horizonte de oportunidade. É como se o mundo não acabasse nunca, como se desse a sensação de infinito a cada vez aonde o olhar é instigado por uma nova imagem nova na perspectiva. Ou talvez ele realmente acabe em algum lugar, em alguma ilha isolada, não sei. Mas mesmo que acabe, nós nunca iremos chegar a conhecer todas as profundezas de todos os seus territórios, águas e fenômenos. Não; morreremos, pois, a morte para nós chega cedo, mas não para o mundo. O mundo sobrevive, apesar dos mortais lhe jogarem merda e depois morrerem sem corrigir a própria imundice que fizeram.

Talvez eu ainda sinta-me presa a algumas fantasias quando minha independência é jogada de escanteio e me vejo ainda obrigada a depender de outros. Quando assim o faço, as fantasias começam a expandir-se livremente e nunca consigo achar-me, pois a minha independência se desenlaçou de onde sempre esteve.

O fato de entendermos que todos nós somos uma única unidade, uma única vida que pulsa dentro de uma espécie mais complexa, é estar ciente de que tudo que ouço ou vejo sobre o outro, é responsabilidade minha, e é da minha conta. Como por exemplo, estar atento a vida do vizinho, com preocupações sobre gritos, isto é uma forma de sentir o outro, portanto, uma forma de compreensão de que somos uma só unidade, buscando colocar todos ao mesmo tempo no mesmo patamar de igualdade. Ou até então, em outro sentido – quando vemos o esqueleto e órgãos humanos, nus e mortos, podemos perceber com profundidade, que todos nós temos a mesma e exata capacidade de articular movimentos, raciocinar logicamente ou imaginativamente, e nos regenerar rapidamente, com a decomposição e composição das células da noite para o dia. A cura e as possibilidades estão em todos. As almas que habitam os corpos são diferentes, porém – o corpo possui a capacidade de fazer as mesmas coisas. As almas mais conscientes e atentas, aqueles que possuem o cérebro mais desperto para qualquer mínima sutileza, são aquelas que percebem que nos tornamos iguais quando entramos no corpo, e possuem o dever e a obrigação de alertar isso para os outros, dormentes ou avoados. De que também são capazes; de que também possuem vontades e necessidades realizáveis.

Quem não o faz, é porque não está bem, e quando não se está bem, não há como avançar para o agrupamento. E é assim com todos. E as viagens são uma forma mais fantasiosa de compreender as passagens dessa unidade que somos nós; não sair por aí bancando o herói ou o pacifista, mas de fato, sê-lo, quando o instinto afirmar para si que tem de ser, e a hora sempre será imediata.

No que todos erram é em pensar nisso somente em termos ficcionais ou religiosos, quando é essa a realidade – a unidade, e não somente uma teoria meramente optativa. Todos concordam, todos agem conforme a unidade, tudo que cada um faz, independente das intenções, representa aquela mesma unidade.

– E por que decidiu viajar pelo mundo? O que te motivou?

Quando se afina, se emagrece as ideias, o corpo e a mente sempre hão de estar mais flexíveis, tanto no sentido literal, como abstrato. Se fica mais adaptável às situações desagradáveis e também se cria mais velocidade e ânimo para se locomover. Então, hei que emagreci as ideias sobre a vida. Tornei-me mais flexível acerca disso, e conseqüentemente, meu corpo também emagreceu. Emagreci e pude ver a falta de necessidade naqueles alimentos viciantes e depressivos, a falta de necessidade em filmes baratos aonde só serve para iludir a cabeça dos telespectadores, a falta de necessidade nos objetos que mal uso, a falta de necessidade em ter uma rotina regrada, chata e bisonha! Isto não é vida! Acordei!

– Cansada da mesma coisa de sempre. Viagens são sempre ótimas para quem precisa se curar de males, ou até mesmo para se viver disso.

– Ah, com certeza! – Ele alegrou-se – Veja, estou quase velho acabado, mas as estradas me deixam contente, olhar para coisas novas todos os dias! Não sei como alguém aguenta ficar o dia todo em casa, sem absolutamente nada a fazer, sem nada a produzir, a trabalhar. Isto é uma morte lenta.

– Não exatamente ficar em casa, mas... – Pensei – Não ter objetivos. No caso, a viagem é um objetivo de viver tudo com mais plenitude.

Ele olhava para mim, como se estivesse hipnotizado ou surpreso. Me encarava enquanto dirigia.

Não percebeu então, o caminhão vindo da rua direita. Ele bateu o carro. E eu senti cacos de vidro perfurando meus olhos e braço.

## Cenário 6

Eu já sentia a morte em algum pretexto. Já a sentia, mesmo eu ainda tendo capacidade de pensar. Eu a sentia, doente, febril, nesta cama há dias, com equipamentos estranhos no meu pulso e nariz. Ouvia barulhos destas máquinas e não me agradava as mesmas sendo substituídas pelos sons dos pássaros no período da madrugada e de manhã cedo. Uma mulher trabalhava aqui em casa e, junto a minha mãe, trazia-me comida, pois eu não era capaz mais de me mover. Acordava e percebia as coisas ao meu redor, meus sentidos ainda funcionavam, mas os movimentos talvez tenham se desmanchado de mim há um tempo.

Pensava sobre a existência da humanidade e em como ela transforma as simples coisas e até mesmo funcionais, em objetos de malícias mundiais. Pensei na existência da bunda em nosso corpo, enquanto divagava durante os dias dentro dos meus pensamentos, sobre as partes que não mais se movem do meu corpo. A bunda, em sua funcionalidade, deveria servir como um amortecedor de quedas, mas transformaram isso durante os anos modernos, em um instrumento de malícia terrível! Que agora, até a sua própria palavra, já soa proibida. No corpo humano não há malícia, somente funções e estímulos

ativos em cada zona específica, nas quais ele exerce e sente vontade de exercer quando em estado saudável. Nem mesmo o ato sexual, é malicioso. Somente para quem o pratica dessa forma; de forma maliciosa.

Enfim, no decorrer dos dias deitada nesta cama, enferma e febril, as lembranças de cenas marcantes me viam à tona. Como por exemplo, como as formigas me salvavam dos frequentes estados de ira – quando eu olhava para as formigas passeando, percebia uma luta constante pela sobrevivência delas mesmas! Então, olhava para o motivo da minha ira e via que era tão pequeno... tão minúsculo, menor mesmo que um organismo da formiga. Antigamente, passeava pelas ruas e via os animais com suas diferenças e em semelhanças, parecidos de singeleza e encanto. Os micos e como desciam das árvores, correndo em alta velocidade pelas estradas sem que nenhum civilizado o veja! Os gatos espiando e observando todas as imundices do humano, os cachorros da rua esperando algum carinho e dolência dos seus companheiros de bar que não prestavam muita atenção neles, os ratos e as baratas nas noites tentando entrar nas sacolas e baldes de lixo passando rapidamente pela calçada sem amaldiçoarem os tão sagrados humanos, que morrem de medo de pegar doenças passadas por estes próprios.

E isto não é nem um começo do que significa compartilhar o mundo com diversas espécies de vida que nem nos damos conta de como realmente elas são. Os observando, ao invés de encher vossas cabeças com informações desnecessárias e inúteis, servindo para nos adoecer, e tentando ao máximo alcançar poder e prestígio como uma obsessão, uma compulsão destinatária da humanidade. Isto é somente o que vejo indo ali na outra esquina e

voltando para casa, imagine o que não veria de outras espécies rodando o mundo! Somos pequenos, muito pequenos. E achamo-nos estranhamente enormes, gigantes. Por que sabemos falar? Ora essa, a fala de nada me serviu, nenhum benefício me trouxe, somente a criação de um inconsciente que causa mais prejuízos do que proporciona benfeitorias. Sinto-lhes dizer, mas o humano não sabe o que pensa, e consequentemente não sabe o que fala. Por isso se enredam ao abismo, tudo pela palavra mal-dita. Malditos.

As pessoas gostam das tragédias, de fins trágicos. Talvez seja por isso que estou aqui – todos semeando a inocência dramática dos fins trágicos para mim, a única que não merecia morrer adoecida em sua própria cama, sem saber como voltar a vida. Quer dizer, saber eu sei, mas há algo dentro de mim negando-se a querer viver, talvez seja por isto: não querer mais estar concebida dentro dos meios trágicos! Aonde tudo que fazem é semear e glorificar as tragédias em alta potência ensurdecadora!

Pensava também sobre as causas das doenças e não acreditavam nunca no poder de entender o corpo como uma máquina, e como fazer alguns órgãos funcionarem corretamente somente com o poder próprio da imaginação de criar nosso próprio organismo como queremos. Não acreditam, e por isso caem enfermos na cama, como eu agora. Criei esta realidade fúnebre, mas ao mesmo tempo, tão fecunda, para mim mesma. Mas entenda, nosso corpo é tão inteligente e astuto, que até quando um dedo está apontado para o nosso olho com a intenção de nos cegar, ele automaticamente fecha, involuntariamente, inconscientemente, sem a nossa ordem – pois sabe que aquilo nos tornará cegos. Ele dá comandos sem nossa própria limitação mental saber que ele dá.

Quando eu costumava olhar para meu reflexo em tudo que era espelhado, para mim, não sabia, nem nunca saberei quem me criou. Ingênuos dirão o pai e mãe, mas ambos somente fizeram a forma, projetaram o corpo, e não a alma. Eles não criaram a alma de ninguém – somente lhes deram alguma noção do físico. Olho para os prédios, e sei quem os criou! Não há nada de misterioso em prédios, são todos os mesmos e os civilizados que moram nos cubículos dos apartamentos, vão também perdendo o seu mistério. Quando se entra um animal intruso, é território para mata-lo. Eles não compreendem espécies diferentes, estão segregados e doentes.

Mas há algo de misterioso na natureza, há sempre! Pois ela nunca finda, nunca acaba, nunca se perde, só se aprimora com o passar dos milênios. Eu olho para os prédios e sei quem os criou, mas olho para um pôr do sol, ou para o meio da mata, ou para os rastros de nuvens no céu, e faço especulações, imagino, lembro de diversas teorias, mas eu realmente nunca irei saber quem criou tudo isso – e como tudo isso está aí ao nosso favor, para ser usufruído! Isso é o verdadeiro mistério – a natureza nos proporciona tudo sem querer nada em troca e até agora achamos difícil compreender essa lógica a nível de colocá-la em prática; e herdamos isso dela, e quem não entende o mistério – nunca achou contato com o seu eu natural. Com sua dinamite profunda, seu arquivo sigiloso, com seu leite materno.

Quem transcende se torna a natureza propriamente dita. O natural sem exaltações ou sentimentos terrenos. Torna-se somente o dar e não precisar receber, sem perder sua majestosa honra e sua respeitável dignidade. Taciturna, nebulosa, atenta e digna.

Mas apesar disso, nossa natureza sempre tende a procurar o semelhante. Por mais que a terra ofereça os alimentos e o bem-estar, e a companhia dos outros animais agrade-m-lhe a nível de divertimento, nós sempre estamos à procura de algum semelhante para ser levado a sério, de algum parecido, do mesmo fenótipo e estrutura. De alguém da mesma espécie. Durante muito tempo de isolamento, quando saímos e vemos tudo, estaremos sempre ansiando por encontrar algum semelhante – alguém da mesma espécie, para a comunicação entre ambos, ser recíproca e poder se converter em uma verdadeira relação.

– Trouxe sua comida! – A mulher que cuidava de mim entrou de vez repentinamente, sorridente como alguém acabado de aumentar sua dose de serotonina. – Como você gosta.

Sempre apreciei explorar meus sentidos. E principalmente o paladar. Pois ele, entre todos os outros – é uma fonte inesgotável de experiências misturadas. O paladar é o único sentido aonde podemos experienciar diversas sensações em um só instante, sem sair do lugar. Não é como a visão, a audição, o olfato, que se esgotam conforme a intensidade do sentimento do sentido vai se petrificando no seu estado de espírito – o paladar é visto como o pecado, pois não proporciona só o prazer, mas sim por que ele sozinho, é capaz de visitar diversos lugares diferentes somente com o que os alimentos ingeridos podem proporcionar ao cérebro. E é no cérebro, aonde as ideias começam a borbulhar, quando um alimento chega a boca.

Algo em mim parou de funcionar, e eu só pude ouvir sua voz e sua imagem em vultos.

## Cenário 7

Então, eu olhava nos olhos de todas as pessoas e conseguia lê-los de tamanha forma, que até quando alguém vinha falar comigo, a própria pessoa suspeitava de que eu soubesse de algo errado que ela já fez em toda sua vida. A verdade é que eu não sabia – mas eu sabia lê-lo muito bem. Mas além disso, eu sabia muito bem defender algo que eu achasse que estivesse errado na situação.

Sou psicóloga e fui advogada anteriormente, os papéis em cima de um escritório me diziam isto.

Saí da advocacia por ir contra a minha ética, contra os meus próprios valores pessoais! Por ter que defender posturas inadmissíveis em um ser humano nojento, mesquinho e sanguinário. Principalmente se tratando de homens, os que pedem honra, mas desonram a todos colocando suas prioridades acima de tudo. Defender homens. Pois bem, fui para a área da psicologia – e digo que aqui está bem melhor. Até por que – olhar nos olhos das pessoas e penetrar em suas almas é um prazer que possuo desde pequena. Conhecê-los, e presenciar sensitivamente pelo o que já passaram durante a vida, o que já vivenciaram e saber que tudo isso pode se estar refletindo agora, neste momento exato na qual me dou de frente a frente com o indivíduo. Saber de suas experiências e imaginá-las acontecendo com o mesmo, instigava-me mais a imaginação e o altruísmo! Pois se eu imaginava, então a empata era eu, a pessoa que imaginava, e não apenas a que sentia a dor do outro. Isto de sentir a dor do outro? É o dom da imaginação, e por isto ela é tão valiosa dentro das nossas condutas.

Nós nos apegamos sempre ao que nos apaga como seres; pois se aquilo na qual estarmos apegados, nos acendesse, não seria apego que sentiríamos, mas sim amor.

Olhei para o divã e estava manchado de sangue. Marcas de mulher. Significado no seu território fecundo, uma mulher dando luz a alguma nova observação sobre si mesma. Era assim que eu enxergava o sangue de menstruação deixado pelo meu corpo em cima da minha cama pela manhã: uma nova ideia, observação sobre mim mesma fui finalmente compreendida pela minha psique e ela pôde ser expelida em forma de sangue. E não morro, não morremos nunca. Só damos a luz á aquilo de mais trevososo e temido. E o temor expelido é coragem cumprida.

Alguém bateu na porta. Levantei, ainda meio tonta da poltrona aonde estava sentada, de ter colocado-me em pé depois de ter entrado neste corpo estranho, bem-comportado e com excesso de bons modos, de alguém típico que já estava domesticado pelo excesso de intelectualidade, formalidade e academicismo dentro de si, refletindo isto no seu trabalho, na sua profissão tão levada a sério por todos. Um sentimento estranho de alucinação, como se – estivesse tudo em movimento, mesmo eu sabendo que está parado. Ou tudo está parado, e eu crendo que tudo está se movendo. Como uma respiração sutil e delicada de um animal deitado, que quando se olha não parece ter movimento algum, já que o mesmo está deitado, mas quando se afunda mais na visão, percebe-se que sua barriga inspira e expira, levemente. É quase como um efeito de alucinação, quando se observa constantemente as coisas sutis não observadas durante rotinas agressivas e belicosas.

Quando abri a porta, vi uma menina de baixa estatura me parecendo ter uns dezessete anos. Me lembrava de seu rosto melancólico e triste aos poucos. Tentava-me lembrar do nome dela. Acho que era Olivia.

– Boa tarde, querida. – Eu sorri, mas ela não retribuiu o sorriso – Pode entrar.

Ela entrou silenciosa, e deitou-se no divã. Enquanto eu a observava, podia notar algum pedaço meu extremamente parecido com ela. Não sei dizer bem o quê, não sei se um fragmento da minha adolescência se encontra enrustido em sua face, mas era fácil de se identificar. Talvez ela provoque esta espécie de simpatia profunda em todos os outros também, apesar de não falar muito.

– O que vai querer me contar hoje? – Lhe perguntei.

– Não há nada de muito interessante para falar. Você sabe. Nunca há.

Eu ainda tentava recuperar toda a bagagem de conhecimento e informação que eu tinha sobre ela; mas não estava dando, comecei a ter dores de cabeça. Meu gemido foi tão alto que ela me olhou, preocupada, logo mudando sua expressão, antes melancólica e irritadiça, para uma preocupação assustada.

– Você está bem? – Ela levantou-se do divã e veio até minha direção.

Ela não teve receio algum em tocar-me no ombro, em transgredir os limites de aproximação – o que a maioria da norma teria receio em o fazer. Achei aquilo extraordinário, mesmo recebendo pontadas agudas na cabeça.

– Estou bem. Só preciso parar um pouco. – Abaixei minha cabeça, e pus minhas mãos na testa, respirando fundo.

Parei, eu não aguentava mais, talvez a minha cabeça não suportaria tantas combustões assim – tantas idas e

voltas, tantos retrocessos e avanços acontecendo simultaneamente em poucos minutos. Não sei bem quantas horas se passaram desde que estou neste corpo com bons modos, mas me assustaria se fosse por mais de quarenta anos. Não me parecia quarenta anos, me parecia que eu havia renascido a cada vez que eu me encontrava em um cenário diferenciado. Como se aquele corpo repentinamente comportasse uma nova alma, que não aquela que está ali. Não eram quarenta anos; ou talvez eram, mas quarenta anos completamente adormecida! Se tudo isso estava sendo um retrocesso, então eu já passei por isto – se eu já passei por isto, como não me reconhecer nestes corpos na qual estou transitando agora?

– Filha. – Eu segurei forte o braço dela – Ligue para emergência.

Ela rapidamente pegou o seu telefone do bolso, mas era tarde demais. Eu me senti tombando no chão.

## **Cenário 8**

Algo em mim respondeu. Algo em mim transbordou e me misturou com os seres místicos e oculto da natureza, com os seres incompreendidos. Incluindo eu. Eu sentia-me agora em contato com outras dimensões, estava mais em casa, mais em mim. Estava parada de frente à uma lua cheia, seminua. Minhas partes íntimas estavam cobertas por pedaços de pano, roupas íntimas não existiam aqui. Olhei para trás e havia uma pequena casa com uma chaminé, a porta estava aberta e a luz acesa. Resolvi entrar. Andei até lá observando tudo ao meu redor, as rochas, a grama leve, verde e macia, as estrelas

que mais me pareciam estrelas cadentes de tão fortes que estava suas luzes. Entrei. Fechei a porta e vi que os pedaços de pano eram na verdade, roupas rasgadas, pedaços de roupas rasgadas cobrindo minhas partes íntimas. Vi isso quando me olhei no espelho.

Resolvi ignorar este estranho fato por um tempo e fui seguindo pela casa, olhando os objetos. Me pareciam objetos mágicos, prontos para serem usados como um kit de química. Estava me lembrando de tudo vagarosamente; eu era uma bruxa, vinda de uma família de bruxos. Na verdade, a verdadeira bruxa era minha mãe e ela tinha passado todo seu poder para mim – meu pai e meus irmãos eram apenas homens que custavam a saber de todo potencial feminino para sentir as criações se tornarem vividas durante o dia. Fazer com que o que se cria, torne-se a realidade. E eles falavam sobre como se soubessem de tudo e semeavam as ideias somente como um mero impressionismo, ignorando a real virtude da magia. Erram feio ao fazerem isto – erram feio ao usar a magia apenas como algo meramente um entretenimento para os olhos dos outros. Me lembrava agora – e lembrava-me do porquê andava tão irritada com isto, talvez por isto resolvi repousar-me na frente da lua cheia. Penetrar e buscar acalecto na luz materna que proporciona vida a minha mulher selvagem. Talvez por isto, fui me energizar nesta noite tão preciosa de doação profunda a esta eternidade que sou eu mesma compactuando com as belas luzes do luar.

Mas de repente, olhando os utensílios na mesa, me veio como um estalo enorme entre a interconexão da magia com os princípios elevados de justiça. Sendo a justiça relativa pois advém do equilíbrio, a magia também tende a ser. A magia limpa e justa só pode ser feita sem transfor-

mações de carmas negativos com o auxílio de uma enorme sensatez própria do indivíduo em analisar se aquela situação é propícia para ser usada a magia. Senão o for e usá-la por pura vontade própria e ególatra, será nomeada de magia negra – quando a força potente e latente feminina não é usada para princípios nobres e que visem o bem do coletivo. Mas ela só se torna “negra” quando o causador está também desequilibrado.

Como quando ouço conhecidos dizendo maldizeres e fofocas sobre pessoas que deveriam merecer proteção e acolhimento, são completamente incompreendidas pelos seus estados emocionais turbulentos, e quase são sempre advindos de cousas nas quais a própria pessoa não teve nenhum poder de escolha ou culpa consciente das situações enfrentadas. Como tenho de ouvir e não poder defender como posso, ajudando estes conhecidos a verem o outro lado – e usar magia para este bem; para este propósito, como uma lição (dolorosa ou não) com o intuito de expandir a consciência defronte os outros que também sofrem ao seu redor, mas se está cego com suas próprias crenças e emoções desequilibradas para entender. Entender que o outro também sofre. E para isso se precisa da magia. Quando os processos são por demais demorados e não há ninguém com a força de vontade para prosseguir, então se prossegue forçadamente.

Fazer magia não é como um advogado que analisa e defende a situação de alguém artificialmente e racionalmente, mas sim defender por que se sente e se penetra no interior daquele indivíduo na qual se está defendendo. É o defender pelo sentimento, e não pela obrigação. Isso é fazer magia. E essa defesa com o sentimento, está atrelada a verdadeira justiça, que está atrelada ao restante dos

lugares aonde convivem seres humanos juntos – ou seja, que é quando se precisa da justiça. Os lugares onde existe a sociabilidade.

Pois o humano geralmente não sabe o que fazer com tamanha capacidade intelectual – por isso muitas vezes enlouquece, sendo um incompreensivo de si mesmo e da sua própria natureza, conseqüentemente, será incompreensivo com a natureza de outro humano, pois não entende a si próprio, então não entenderá também o outro – e é aí que a magia e a justiça são necessárias: somente quando os indivíduos não conhecem e não possuem reponsabilidade para arcar com a vastidão de sua própria natureza intelectual. Mas em meu caso específico, creio que transcendendo o intelecto e tenho a consciência dessa confusão que a capacidade intelectual é capaz de fazer com o próprio humano.

Como as mulheres ocidentais obceçadas, com milhares de dietas a cada minuto para emagrecer, quando a busca pela verdadeira saúde é completamente anulada – e buscam o emagrecimento pela estética, e não por um bom estado saudável do próprio corpo. Assim o é, com o uso de magias indevidas, magias de mau uso – para fins meramente sintéticos e artificiais, não proporcionando algum princípio mais elevado.

Mas, agora, o que distingue um humano que não precisa de leis e nem de justiça é aquele que têm fé – pois é dono de si mesmo e possui total controle dos seus impulsos, e sua sensatez já é inata do seu ser. O verdadeiro humano com fé não morre e nunca é derrotado; não se desespera por nada e auxilia os demais a caminharem sob um chão mais macio; ele passa a não ser mais um dos terrenos e passa a ser um dos divinos – são estes que usam a

magia para o bem maior. O único humano que não necessita de ser submetido á leis e doutrinas, é este, na qual sua conduta é completamente guiada somente pela força da fé e do amor incondicional. O humano com fé não necessita que a justiça seja feita a ele, pois ele é o próprio senso de justiça.

Eu me sentia como se estivesse sem dormir durante muito tempo, quase como dias seguidos. Encontrava taças em cima da mesa e uma delas me chamava atenção. Continha um líquido roxo com grãos cristalizados nele. Como se um cristal tivesse sido triturado e colocado ali, naquele líquido. A curiosidade foi tanta que me perguntei se aqueles líquidos eram em especial, para consumo e nutrição. Logo quando me perguntei isto para mim mesma, um rato que andava por dentro da casa falou comigo.

– É claro que é! Não lembra de seus antídotos? – Sua voz era fina e aguda, só o ouvia com bastante clareza por ter um completo silêncio dentro daquela casa.

Ainda me acostumava com a ideia de falar com um rato, então – lhe perguntei:

– E este roxo daqui, para que serve?

– Sua glândula pineal é tão ativada que não irá existir mais emoções, somente intuições que levará ao êxtase! Tem que ser tomada com cautela, se em exagero, o corpo entrará em combustão. Cuidado, minha dona. Não tome o líquido de vez.

– Aonde estão meus irmãos e meu pai?

– Tentando, falhadamente, criar teorias mágicas que impressionem a todos. Mas o mundo concreto é chato demais, e por isso as teorias acabam ficando bobas e sem sentido. Não sabem como fazer a verdadeira magia.

– E estes antídotos, são somente para mim?

– Mas é claro! É você quem os cria, se algo der errado, vai dar para os outros? Além do mais, não se usa a magia sem a responsabilidade, sabe disso. És guiada para algo maior.

Decidi fazer mais perguntas ao rato estranho, que falava tanto, mas não via sua boca mexendo-se como eu via nos humanos.

– E sabe por que estou com esta roupa?

– Já passou da hora da sua transformação.

– Que transformação? – Perguntei, em tom solene.

– Você se transforma, não lembra? Naquele animal mitológico metade inteligente e a outra metade instinto, como se chama? Enfim, não me recordo. Mas possuí uma aparência extraordinariamente grotesca, e assim, suas roupas infelizmente são rasgadas pela força da transformação! Então, quando retorna não se lembra de o porquê estar vestida em trapos de roupa.

Decidi então, experimentar um pouco desse líquido roxo com cristais triturados dentro. Um gole somente, e dez segundos depois começaram a surgir milhares de espinhas no meu rosto e diarreias descendo automaticamente sem eu ter a capacidade de segurá-las antes de chegar a algum banheiro. O rato então, deu risada.

– O que está acontecendo comigo? – Eu perguntei.

– É a limpeza! Espinhas e fezes são formas de expelir as toxicidades de dentro. Viu só? Como um gole fez acontecer, imagine se tomasse tudo.

Estranhamente, me sentia em casa com tantas magias e químicas ao meu redor. De fato, eu estava em casa – e foi uma das melhores casas nas quais visitei desde então. Uma sensação de pertencimento me tomou, querendo permanecer ali, para nunca mais voltar às outras realida-

des, para dimensões mais inferiores. Eu não costumava interagir com ninguém, somente com formas de vida mais sutis, como este rato que está agora perambulando pela casa para achar comida. Os animais e os espíritos que também perambulavam por aqui, como um que me observava quando eu estava de frente para a lua. Eu não interagia mais com pessoas comuns – e então, este era o meu fim! Esta era a minha casa, a minha felicidade – não a deles, voltar para lá seria o inferno, mas algo me diz para voltar, ou alguma força desconhecida irá acabar me puxando para lá de uma forma ou de outra.

– Eu tenho mesmo que voltar? – Perguntei e esperava que alguém me respondesse, já que o rato não estava mais a vista.

Um peso de uma pena circulou em meu ombro, e senti – já que estou acostumada a sentir uma mínima brisa sequer penetrando no campo físico. Olhei para trás; era uma pessoa, mas não exatamente uma pessoa; era como um fantasma, tinha a forma, mas não podia ser tocado, era constantemente atravessado se alguém tentasse encostar. Não tinha sexo, era somente uma alma que sorria.

– Você tem que voltar, pois há muitas outras vidas para descobrir dentro daquela que deixou. Sei que aqui lhe pertence, mas não deve permanecer, tem missões a serem cumpridas.

– Que missões? – Perguntei.

– O auxílio aos outros, aos ignorantes.

Olhei para o líquido roxo novamente e decidi tomá-lo de uma vez. A alma tocou novamente no meu ombro, logo quando eu colocava o cálice na boca para tomar.

– E lembre-se, esses cristais triturados são feitos com água cristalina.

Enfim, tomei o líquido inteiro, sem pausas, um gole atrás do outro. Comecei a estranhar meu corpo. Meus sentidos estavam se perdendo intensamente, comecei a ter visões fora do corpo, e não consegui mais voltar.

Não consegui mais voltar para o corpo. Aquilo era uma capa; e pesava mais ou menos uns dez quilos. Foi como se eu tivesse entrado em um portal, foi como se eu tivesse entrado em um redemoinho aceso de memórias, mensagens e sinais. Não sentia mais nada. Até cair em algum outro poço maleável de consciência.

## **O regresso ao profano (Saída dos cenários)**

– Violeta? – Ouvi uma voz, e essa voz falava mais alto do que o normal, aonde meus tímpanos não estavam mais acostumados a ouvir as coisas naquela altura estridente.

Como se, de certo modo, meus ouvidos tivessem retrocedido ao estágio inicial, de um recém-nascido, e todo som me parecesse demasiado desconfortável se saído de um tom baixo.

Estava ainda adormecida tentando achar algum ponto, algum centro para me focar e poder acordar nesta realidade. Olhei ao redor, era minha casa, mas não sentia como se fosse ela. Me parecia um lugar desconhecido, mas ao mesmo tempo familiar.

Estava deitada no chão; olhei para cima, era Amélia que estava comigo. Tentava a qualquer custo me nortear novamente depois de acordar.

– Estou bem. – Respondi.

– Aonde esteve? – Ela perguntou – Só demorou poucos minutos.

– Poucos minutos? – Perguntei, assustada – Senti como se tivessem se passado... Vidas.

– Mas então, consegui resgatar algumas lembranças? – Ela me perguntava como se o meu retrocesso tivesse sido somente para o meu passado de agora, o passado normalmente chamado de passado.

De repente, a mulher desconhecida na qual me levou até o palácio e pediu-me para achar o cristal, saiu do meu quarto e falou comigo. Agachou-se no chão e tocou em meu rosto.

– Você não sabe o que fazer com tantas ideias perfurando sua cabeça. Você é tudo em um só ser. É isso que não entendem. Mas continue procurando. – Levantou-se novamente, abriu a porta da sala e saiu devagar da minha casa.

Encontrei-me confusa, principalmente porque Amélia não havia nem mesmo olhado para a mulher enquanto ela falava.

– O que ela fazia aqui? – Perguntei.

– Ela quem? – Amélia me interrogou.

Eu franzi o cenho.

– A mulher que estava aqui agora, nesse segundo. Acabou de falar comigo e depois saiu.

Amélia olhou para mim, me estranhando, logo depois olhou para a porta, e olhou para mim de novo, com expressões preocupadas.

– Violeta, não tinha ninguém aqui.

Ela parava e ressaltava um pouco através de seus olhares amedrontados, a minha reação e alucinação (para ela) em ter visto aquela mulher novamente. Me levantei, me sentei no chão enfim, já com a consciência voltada para esta realidade, e lhe perguntei:

– Está duvidando de mim?

– Não estou duvidando. – Amélia preparou-se para corrigir minha pergunta – Mas acho que você imagina coisas demais, e acaba não percebendo que essa imaginação acaba tomando conta de tudo.

– Acha que estou imaginando isso?

– Violeta, você é meio diferente das pessoas comuns. Você sabe disso, e sempre foi assim. – Ela falou em tom de confissão – Não há muito para você por aqui, é como se você já soubesse de tudo, e como já sabe de tudo, começa a criar e imaginar coisas por achar tudo isso muito insatisfatório de se viver, você não se contenta com o que está posto aqui, de modo concreto. Lembra que quando era mais nova alguns colegas te chamavam de autista?

– O que tem isso?

– O que tem que seu costume de estar acima disso tudo, pode estar relacionado a ter visto essa mulher, provavelmente criada na sua imaginação. Por que eu não a vi, então? Você sabe, isso é um dom, mas se não usado com direcionamento, como tudo, leva a caminhos desastrosos.

– Não acho que eu tenha criado ela. Quando crio coisas, geralmente não saio as mencionando por aí, para ninguém.

Amélia tocou em minha mão, e a apertou.

– Eu acredito em você. – Ela sorriu verdadeiramente – Mas infelizmente preciso ver para crer.

Penetramos em um silêncio profundo. Eu não saberia o que dizer para ela, e nem ela para mim, se encontrando em um estado meditativo sobre o que acabou de dizer, pensando se foi a melhor frase a ser pronunciada.

Pois se sabe, quanto mais se fala, mais se perde no que se fala.

A fala provoca perdição do ser; por isso, deve ser usada com sabedoria. E são poucos os conhecedores da sabedoria e como usá-la neste monte de palavras inventadas e criadas feitas para serem dançadas e ritmadas com as ideias, dando a impressão de balanço e movimento mental. Mas apesar disso, sabemos: após a fala se abaixar, há algo de muito profundo e penetrante que aparece no ar e no clima logo quando a mudez se instala. Algo escondido que habita em nós surge; e não há para onde correr, a não ser que se comece a falar novamente. Para esta coisa tão subterrânea em nós, não precisar ser regada e nem nutrida.

Ela então, finalizou com sua pergunta motivadora:

– Como eu faço para enxergar?

Respondi rapidamente, como se tivessem colocado uma flecha nas minhas costas me obrigando a responder:

– Não veja dicotomias. Aprenda a misturar as coisas. Perceberá que a imaginação foi a base para tudo estar aqui hoje. E talvez a minha seja a base para tudo isso continuar.

Ela tentaria se lembrar disso – seus olhos brilharam e suas pupilas dilataram. Após eu pronunciar esta frase, nada mais seria esquecido.

Nem mesmo o que não foi visto. Nem mesmo o que não foi lembrado.



## 4. A REFLEXÃO

Apesar de aparentemente eu ter retrocedido e ter vistos lembranças das quais eu não me recordava, crendo eu que presenciei vidas passadas esquecidas pela memória comum, lembranças vividas desta vida chegam até a minha memória em formas estranhas. Lembranças de casa: como meu pai era alcoólatra e gostava de me ver cozinhando e fazendo atividades domésticas; pois talvez existia nele um complexo do macho alfa de ver uma mulher comportada e submissa, apesar de se dizer compreensivo. Mas eu não falava nada, era um completo silêncio – e minha mãe fazia questão de transferir mais homens para dentro de casa. Mas continuei eu, com o meu silêncio. Até que me mudei, e arrumei um canto para mim, sozinha. E o silêncio continuou. Talvez ele sempre tenha sido minha verdadeira casa, no final das contas. Nos pesares e nos prazeres.

Para ser ouvido, se é preciso fazer silêncio. É a minha principal reflexão sobre conviver com infortúnios e coisas desagradáveis. Quando a passionalidade existe no incômodo, ninguém ouvirá. Mas quando o incômodo está ali, e não se fala nada sobre ele, o silêncio torna-se arma e torna-se letal. Torna-se quase um altar para ser respeitado pela sua fala. E esse sempre foi o meu altar.

Gostava de olhar para o céu de noite e imaginar como seria meu corpo orbitando no espaço, flutuando pela imensidão desse deserto lunático. E de repente, eu sentiria como se eu estivesse em um sonho, aonde meu corpo flutua e sofre mutações por conta da ausência de gravidade.

E quando voltasse a terra, seria como acordar. Ainda penso sobre isso; talvez esta ideia tenha implantado em minha cabeça quando criança, quando meu irmão disse-me que queria ser astronauta. Provavelmente ele desistiu do sonho, mas eu continuo pensando nele. No sonho do outro. Nos sonhos dos outros, e o que os leva a ter aquilo como uma cousa a ser alcançada.

Lembrava-me dos mapas mundis que olhava e as fronteiras dos países, como é extraordinário a passagem de um limite para o outro! Assim como os homens fizeram, assim como os homens criaram: os limites. Como, viajando do brasil para a argentina de automóvel, de carro – pode-se ver muito bem a pintura na estrada que separa a estrada de um país para outro país! E como é emocionante perceber a diferença das cores logo quando o carro atravessa, de amarelo e verde, para azul e branco, repentinamente!

O país mudou, mas a estrada é a mesma. O que diferenciou tudo foram os limites; o que limita um país do outro! O que é? É a criação! A criação da pintura na estrada, das cores que representam cada país; porém, percebe-se que é a mesma estrada na qual se está andando. É sempre a mesma estrada, mas o limite foi estabelecido. Assim como de Portugal para o norte da África, somente se precisar pegar um barco; é a mesma água, o mesmo mar que os une, e para o mundo estes povos são tão diferentes.

E os homens que pintaram esta estrada, será que pararam para pensar nisso? No quão importante seria aquela pintura representativa para diferenciar um país do outro? Do quanto uma simples pintura representaria para um mundo necessitado de poder; querendo marcar fronteiras e territórios?

Uma simples pintura pode ser fonte de poder sem os pintores saberem. Uma inocente criação pode tornar-se dependência de um mundo inteiro adoecido. É isto o que acontece com marcações de fronteiras: o ingênuo das cores torna-se posse de um território, que não são mesmos nossos. As marcas territoriais, que se fazem marcadas, mas são tão ilusórias quanto se achar que se é uma roupa que se veste.

Assim como os mapas só nos mostram uma ideia geográfica, algo a mais nos faz sentir que naquilo há de se afundar mais além. Existem vidas dentro daqueles mapas do mundo! Vidas em outros lugares bem distantes de nós, sem falar nas vidas fora da terra.

Há no fundo do mar, no espaço sideral não projetado para nosso corpo sobreviver, e por isso se mantém em desconhecimento por nós, ignorantes; achando que sabemos algo sobre vida, mas descartamos todas essas, que não se assemelham ao nosso modo de viver. Por isso, quando leio coisas em árabe ou em chinês em outros países, o português que aprendi durante a vida toda, parece-me então, uma grande mentira. De repente, algo em mim se expande e me faz perceber todas as consequentes limitações criadas.

Nossa! Não precisamos de informação alguma quando temos o poder da observação atenta. Não precisamos de informações desenfreadas e obsessivas. Nada

é tão grande e grave como as informações querem que nós creiamos que sejam. Pois quando observamos atentamente, aquilo ali parece-lhe um acontecimento natural, nada mais catastrófico. Por mais trágico que tenha sido algum acontecimento, não se torna o fim do mundo, como a informação nos faz crer. Por isso, deve-se confiar primeiramente no sentimento.

Confia-se no sentimento, no pressentimento sobre as coisas; não no que sua mente é capaz de absorver; pois isto é enganoso. Isto é o mistério das sensações: bom e ruim ao mesmo tempo. Bom para quem quer descobri-las, ruim para quem quer se contentar e se acomodar com o que vê.

Assim como confiar no sentimento, precisamos também da união de todas as coisas, senão nada prospera. Nada prospera sem união; nem mesmo a violência. Como uma morte de um corpo: o que o mata não é uma arma, e nem mesmo a bala, mas sim a velocidade da bala, que é formada pela união da arma com a bala. Sem a bala, a arma torna-se um brinquedo. E sem a arma, a munição torna-se enfeite. Nada funciona sem união, até mesmo aquilo que é mal-intencionado.

E é isso que não entendem, acham que existe algum lado na vida que está desunido. Quando não está – nada está sem união, todo lado coopera e se une por um motivo. Mesmo que este motivo seja frívolo e leviano. Mas a união está em todos os lugares onde existe vida! E a vida, o que é – senão aquilo que todos somos, que outros foram e não deixarão nunca de ser, e que outros ainda irão ser, mesmo ainda não sendo? Em tudo existe vida. Até na morte e no não-nascido.

Se uma bala me atingir, não haverá problema; meu corpo aceitará: pois saberei eu, que a velocidade daquela

bala me atingindo, foi fruto de uma união. Mesmo que mal-intencionado, eu saberei, bem lá no fundo, que houve cooperação mútua entre vidas unidas, e só por isso me alegrarei!

De ter existido união entre seres para algum objetivo dar certo, para a bala sair em disparo – e se existiu união, existiu amor entre eles. Até um ser raivoso que resolve atirar sozinho, não percebe: está cometendo uma união atirando a bala. Sua passionalidade é enganada pelo ato de atirar: até ali, há amor. A vontade de matar é enganada pela força da união.

E a educação também está inserida nisso: para se ter especialidade em atirar, se necessita da física para calcular a velocidade, a penetração que a velocidade causará e como o corpo comum reage a isto, como cada órgão é dependente ou independente, e aí entra também o lado orgânico das coisas. Ou seja, até para aqueles que pensam que matam, na verdade estão entendendo mais da vida do que da morte – quando aprendem a atirar. Estão entendendo mais o orgânico, o puro, o natural, do que realizando a própria vontade de matar, e ela é deixada para trás aos poucos quando se percebe o quanto de vida existe ali antes que algo altere sua elementaridade.

Não há como fugir da vida! Mesmo na beira da morte! Até mesmo na morte. Até quando se morre, se continua vivo, sem o corpo. Por que será que o corpo por dentro, a nossa carne e toda a massa enzimática juntamente com os órgãos, possui aspectos tão nojentos?

O nojo normalmente indica algo na qual não se quer estar perto. Então, quando se morre e se liberta do corpo, se liberta de todas as nojeiras. Então, é uma vida até melhor do que essa, na qual estamos apegados. Pois somos

apegados ao nojo, e a tudo que nos causa isto. Somos apegados a essa massa cinzenta ambulante, travestida com uma pele aparentemente sedosa. Mas quanto mais se apega, até mesmo a pele (um instrumento para mascarar a nojeira) torna-se grossa e parecida com uma casca.

Era a minha conclusão satisfatória no momento, após inúmeros retrocessos. E quanto mais se refina a alma, mais se refinam os gostos. Mais a vontade de comer comidas com gostos sutis, de ouvir sons sutis, de tocar sentindo a sensação até o seu talo, de ver com profundidade o que se apresenta, de se perceber outro ser habitando o mesmo corpo. A vida então está aí: no imperceptível. E nos termos infantis.

Nunca ousaria me deixar levar por termos adultos e incompreensíveis para os outros! Falo em termos infantis pois a linguagem infantil é universal; todos a entendem e não há nada difícil de entender dentro de um raciocínio infantil, pois é a inteligência dentro da simplicidade. Uma criança diz que deseja salvar o mundo, a linguagem adulta rebate com preocupações concretas e inúteis, como normas e sistemas jurídicos e afins.

O único lugar para onde eu recorro quando preciso de ajuda é para dentro de mim, e para dentro da minha própria consciência. Não há nada externo que ajude-me ou ajude os outros a salvarem a si mesmos e nem ninguém; todas estas normas são criadas para distrair as pessoas da verdadeira mudança: a mudança interior, deles com eles mesmos.

Não lhe deixam pensar com a própria cabeça, lhe induzindo a receber informações mastigadas para não se ter que pensar, e quando não se pensa por si só, o cérebro não produz substâncias necessárias para o corpo funcionar.

Pois é ele que envia as mensagens, é ele o mensageiro do orgânico. E quando o corpo não funciona corretamente, as doenças e os estados de mau humor surgem, desequilibrando completamente o que o indivíduo toca no externo; suas relações com as pessoas e com o mundo.

Todas as minhas reflexões foram pausadas pela fala de Amélia:

– E agora, para onde vamos? Você disse que tinha um palácio aonde a mulher desconhecida lhe deixou, não é?

Ela então, lembrou-me de uma pessoa por lá. O Fuinha. O segurança que trabalhava lá, mais ou menos a nossa idade.

– Sim, e aconteceu alguns eventos estranhos na noite em que estive lá.

– Que eventos? – Ela perguntou, preocupada.

– Não sei dizer bem, o segurança que trabalha lá havia me dito que haviam deixados quadros repentinamente como uma exposição lá dentro, mas não havia exposição alguma.

Ela franziu o cenho.

– Não sei se entendi. – Falou.

– Alguém colocou quadros lá aleatoriamente.

– Será que isso não teve a ver com essa mulher? Será que não foi ela que armou isso e por isso ela lhe deixou lá naquela noite?

– Foi o que pensei.

– Vamos lá, encontrar esse segurança.

– Fuinha. – Eu corrigi.

– Fuinha?

– Sim.

– Que seja, então. Vamos procurá-lo. Para saber desse ocorrido com mais detalhes.

O jeito de Amélia de não importar-se com as cousas mais desimportantes me interessava. Tudo por que, todo esse seu desinteresse está fadado e é cúmplice exclusivamente da tamanha importância que a mesma dá dentro de si para aquela mesma coisa que despreza do lado de fora, em aparência.

Como se eu a lesse tão bem, eu entendo seu desprezo pungente, para mascarar um amor que nem ela mesma percebe sentindo e se sentindo, e não nomeia o sentimento ou o êxtase do mesmo – mas a sente em chamadas dentro de si, e isto fica transparente para mim. Fica sempre transparente, mas a própria pessoa que sente, nunca nomeia. Talvez, para não estragar o transe da emoção ou do sentimento elevado enquanto se está compenetrado; pois se sabe, todos sabem: os rótulos apodrecem tudo que possui fonte genuína, fonte dos princípios de vida, das forças motivadoras que regem o espirito.

Ah! Era isto: a falta que dá de algo que não precisamos. Às vezes, cremos veemente que precisamos de determinada coisa para viver ou sobreviver quando na verdade, é aquilo que está nos acorrentando; é aquilo mesmo, que não precisamos definitivamente para nada.

O quanto mais achamos que precisamos de algo, mais aquilo tende a ser desnecessário. Mais aquilo não terá valor quando dispensarmos. Apegamo-nos na teoria – mas na prática, vivemos muito bem sem nada, é só habituar-se a não ter nada, e o corpo seguirá a mente.

Assim como a mente segue o corpo. Assim como Amélia não se acorrenta em supostas verdades sobre o sentimento, mas sim permite-se a sentir sem ninguém saber, e muito menos importar-se com a sua imagem externa. Ela não se importa, pois sente, e têm conhecimento do

que sente, mesmo não nomeando. E isto é suficiente, ou pelo menos, deveria ser.

Por oras tenho a sensação de um ser intocável e inabalável estar dentro de mim, observando o que há por fora pois não admitia nunca ser tocado, por mais que sinta amor pelo o que há do lado de fora. Não sei se seria algum complexo de deus, pois sinto este amor profundo pelas minhas coisas, porém – detesto ser tocada por elas.

É como se, o meu desejo que aquele amor permaneça tão puro e ao mesmo tempo tão valedouro, que as artimanhas criadas para o mesmo ser roubado e ser transformado em sagacidade violada, em sentença perpétua, em impureza mundana! São tantas, que prefiro não mover-me. Não mexer-me. Não sentir, penetrar, incendiar toque algum sob minha pele. A observância deixa as criações intactas. Ou pelo menos, os resquícios delas. Pois elas estão no mundo – e se estão no mundo, outros poderão e interpretá-lo como quiserem.

É como se, todo mundo fosse igual a um, e este um vale para todos e se iguala a toda força do universo junta. Talvez por isto, alguma informação chega em mim, vejo aquilo como algo absoluto no mesmo instante. É como se todos fossem deuses, e tudo que me dizem se transformasse em lei eterna. E o universo obedeceria, assim como eu, pois eu mesmo criei aquilo, e por isso, os filhos possuem necessidades não-correspondidas. E então – o universo torna-se aquilo que vi, que senti, que presenciei. E como se, se eu permito que um me toque, todos os outros automaticamente serão permitidos a me tocarem também, sem souberem, pois, todos são equivalentes, ambivalentes, iguais, sorrindo dispostos na mesma cascata, querendo não cair em abismos aleatórios.

Sim! É esta minha lógica – quando um é permitido, outros também são – quando um é proibido, privado, banido de algo – todos os outros não deveriam ser também! Por isto. Por isso este meu perigo com o toque. Meu toque representa tudo – representa quebra, violação de leis próprias e universais – revela viagens convincentes e dispendiosas, aonde, nem mesmo o mais perigoso teria coragem de entrar se visse que o puro ainda não entrou.

Como aquele amor universal e intangível, na qual o próprio é dissolutivo em sua própria substância e forma; é irrealizável de ser tocado pois no instante em que se toca, se dilui, não suporta o peso do toque! Pois ele é baseado nas figuras abstratas e incorpóreas que voam nos céus, mas ninguém os elucida, pois ninguém chegou a se acostumar a olhar para o céu e achar a esperança lá quando os dias estão tenebrosos!

Olhar para o céu é sinônimo de sucesso, se percebessem a força que lá habita. Pois, além do que se vê, ainda existe mais que não se vê! A glória de ter algo mais além do que se vê deveria bastar para encher os pulmões de uma esperança catártica e expurgadora de sujeiras. Viver de sonhos é diferente de se ter esperanças enquanto se passa pelas coisas necessárias. O amor incondicional se precisa de distância das cousas pelas quais ama e meditação enquanto se está longe. É o que sempre digo, e sempre faço – não há como amar incondicionalmente quando há algo apegando a criação do criador.

Quando há algo apegando os amantes um no outro. Eu gosto da simbologia do masculino e do feminino, de seus papéis e representações: e gosto de ser ambos, gosto de ser os dois lados. Não como gosto, mas como sou. Por isso tenho este complexo de deus, quem possui am-

bos possui uma aproximação maior com a compreensão e harmonia de tudo que há vida, e por isso – se aproxima do intocável, do deus habitante da subjetividade única e individual do ser.

O manual e o intelectual, a liberdade e a lealdade, o observar e o agir, tudo isso eu sou – e há o equilíbrio que extingue qualquer forma de preconceito entre os dois, quando pensam em brigar entre si e se desequilibrarem, as correntes que seguram a balança começam a mover-se para me avisar que a ventania está forte demais para meu organismo – por isso, movo-me ao máximo para equilibrar ambos, senão, morro, desfaleço, não habito mais em mim, mas sim um zumbi, inicia seu nascimento neste corpo, um alguém desconhecido que corta de repente um cordão umbilical, estranho e desvencilhado dos meus ideais e princípios equilibrados e satisfeitos em viverem dentro de mim e dentro do meu próprio mundo encantado, encantando as criações que estão desequilibradas enquanto avanço cada passo em busca da verdade, em busca da harmonia, em busca da alegria exata universal e coletiva de se viver. Encantando para sobreviver, ou talvez – por ver a coisa mais profunda por trás de toda desproporção e assimetria.

A humilde e discreta temperança eu terei, quanto ao mais agressivo ruído ou virtude do que se faz presença densa. Talvez o meu retrocesso signifique isso de verdade: a lembrança da temperança a qualquer custo, em qualquer hipótese. Não importando-se as ocasiões, se fidedignas ou se vergonhosas. O retrocesso são recordações das verdades necessárias.

É como dizer que a iminência está separada da transcendência, quando na verdade, a primeira precisa

estar dentro da segunda para a segunda ser realizada, e a segunda só se pode ser sentida dentro da primeira. Como ousam dizer que os sentidos são inúteis para se perceber o elevado, ou que o sublime só se é uma fantasia imaculada e indisponível para as mudanças geracionais e coletivas?

A força maior é criadora de tudo, e por isso, está presente em tudo e em todos.

Essas disputas e conflitos entre ideias é uma perda de raciocínio próprio, inteligência profunda e de comunhão em prol de um estabelecimento harmônico entre as cousas que se entrelaçam e se completam. Pessoas desesperadas em buscas de almas gêmeas e amores perfeitos, estão se engalfinhado e brigando com outros somente por ideias divergentes!

Como podem não realizar em suas cabeças, que se não tem atual capacidade para harmonizar duas ideias opostas, como terá capacidade para suportar a leveza e a eternidade potencial de um amor puro e genuíno como de uma alma gêmea? Por isso essas histórias persistem sendo uma utopia; pois a harmonia ainda é precária e escassa nos territórios aonde se vivem estas pessoas, que almejam pela decapitação do próximo, como se o outro que chegasse fosse um adversário, e está circundado deles, dentro de um campo minado.

O efeito do amor de uma alma gêmea é tão brando, que se caminhar a vida toda ao lado do sujeito arrogante – o mesmo nem notar que aquilo é o verdadeiro significado de uma conexão profunda e significativa, e dali se tem isto – seus desejos se tornarão inferioridades banais.

Pois seus pontos cardeais e centrais estão arraigados demais em conquistas inúteis, que não o evoluem de modo algum para ele mesmo e nem para os outros, mas

deixa-o estacionado sempre no mesmo lugar: as conquistas medíocres e baixas, as conquistas de imagem social, ofendendo assim, consciência dos simples e ingênuos, que de nada sabem sobre as mentiras e trapaças das almas que ainda vibram nestas perversões, e acreditam firmemente em todas as palavras ditas pelo baixo sujeito.

Mas, ora! E não é necessário nem mesmo verbalizar tais conceitos, se é preciso somente se entusiasmar e se admirar em qualquer coisa que soe ou tenha aparência de vivacidade. Quando se olha para um coco quando se está bebendo a água dele, sua cor esverdeada lhe faz sentir entusiasmo pelas pequenas coisas, como por exemplo, ver deus no verde.

Não se é necessário verbalizar, apenas a sensação se basta em si mesma; quando vejo a formiga subir no meu pé, as folhas das árvores caindo e se deleitando no concreto, uma parte estranha petrificada da terra, onde não nasce vida, ou quando pego galhos secos para criar uma colagem de um desenho de uma casa, ou quando o céu está repleto de comunicação entre os animais voadores! Tudo isso... não é necessário verbalizar coisa alguma. Só olhar, só assistir o progresso das coisas que são vivas e respiram, e estão aqui pelo sol e pelos elementos. Nada mais.

Os que se engalfinham, crendo que estão certos sobre tudo – atraem tantas discórdias e cria-se um complexo de vítima, tudo pois seus caminhos foram errados, os caminhos trilhados percorreram os prazeres errados; foram em busca de completo gozo crendo que não haveria nada que os impedisse no caminho – e surgiram então os inimigos e as desgraças! Tudo porque, sua escolha de prazer foi a mais funesta e penosa possível!

A mais mundana e inescrupulosa. Então, lamentam-se depois, quando perdem estes prazeres conquistados, pois não se concentraram em prazeres mais elevados. Os prazeres da alma. O deleitar-se na independência completa e desmistificar as loucuras e passionalidades do mundo; querendo entender por quê para eles é tão árduo pensar sobre as coisas e chegar em conclusões que poderiam mudar suas vidas.

Pois então, tomei consciência, percebi de imediato: as reflexões são a verdadeira causa de quem sou hoje, e de ter cometido tantas e tantas mudanças dentro de mim mesma! As realizações pessoais e íntimas surgiram das minhas constantes reflexões. Então, se este não é o verdadeiro caminho para as revoluções, eu não sei qual seria.

As profundas reflexões levam a profundas mudanças de consciência, profundas mudanças de consciências geram alterações nos estados vitais da pessoa e de quem se aproxima dele, gerando assim, transformações sutis do lado de fora, que primariamente foram transformadas do lado de dentro de um só indivíduo.

Quem não entende o poder do isolamento para a prática disto, nunca saberá o significado de mudança de percepção acerca das coisas. Nunca entenderá realmente, o significado de uma revolução. Aonde nada é destruído, como muitos creem que seja o revolucionar algo, mas sim, transmutado, transcendido. Como se, antes disso, eu própria fosse um símbolo dos meus próprios desejos, passageiros e ardentes – prestes a entrarem em uma nova camada de desejos mais elevados, mais eternos e etéreos. Os desejos guiados pela pureza da alma.

Assim como os supermercados, exemplos de lugares que iludem a nossa consciência, com suas mais variadas

seções para nos dispersar da real importância de se fazer as coisas por conta própria e de se plantar sua própria comida, e assistir todo esse processo.

Os supermercados trazem tudo pronto, para dispersar da ideia de independência pessoal e autonomias persistentes que habitam em cada ser! Prontos sempre para serem eternos criadores de suas próprias bugigangas e alimentos, e sentirem orgulho e prazer a cada vez que usarem aquilo que criaram; instrumentos de limpeza, papéis, qualquer coisa que se compre no mercado se pode criar, e sentirão alegria depois quando dá certo, pois foram eles que fizeram. E por isso, não haverá mais motivo algum para irritações, quando todos forem os próprios criadores de todos os objetos e alimentos que o cercam!

Os supermercados habitam a ideia de fantasia de reis e rainhas, de que tudo estará sempre ao seu dispor, bastando apenas de pedaços de papéis no bolso. Esquecendo assim, de ser o servo! Pois é o servo, o verdadeiro criador. Não tem dinheiro para comprar, então inventa, e assim, adquire enorme fonte de riquezas interiores. Ficando assim, rico por dentro.

Ficando rico no seu próprio mundo interior, e esta é a verdadeira fonte de coragem e respeito. Então, sabemos que o ideal posto pela lei do meu mundo seria essa: a de total independência possível de qualquer tipo de sistema controlador – o único sistema que lhe deve ser dependente é o sistema do seu próprio corpo orgânico, da sua unidade biológica, pois é ele que dá abrigo a sua alma. E neste qual, é extremamente afetado e enfraquecido quando se depende de sistemas externos, como por exemplo, um supermercado.

E quando se alimenta a independência, a criação de seus próprios objetos e detalhes desses objetos, para uso próprio e de sua comunidade, vai alimentando mais ainda a sabedoria e a perspicácia particular de quem está criando aquilo; e desenvolvendo variados semblantes de inteligência. Penso agora sobre isso: então todos nasceram para serem sábios? Todos nasceram para conquistar o ideal da sabedoria?

O que distingue alguém com sabedoria de alguém comum? Na sociedade de hoje, sabemos o que distingue, mas se fosse em uma sociedade onde todos estivessem vivendo o ideal, como uma espécie de jardim do éden? Saberá distinguir um ser comum de um ser sábio em um paraíso?

Amélia novamente, interrompeu-me para falar sobre o assunto na qual eu estava pensando:

– Ah, e precisamos passar no mercado antes de irmos ao palácio. Preciso comprar mantimentos para a casa.

Como eu havia pensado: ela também, era mais uma vítima da dependência coletiva dos sistemas. Não que seja culpa das pessoas dependentes, mas seu comodismo infiltrado nas desculpas da falta de tempo para criar seus próprios artificios já era uma fala previsível. Não sabem, mas esta falta de tempo que muitos sentem, na verdade é a verdadeira dispersão!

Querem escravizar as vítimas em trabalhos enfadonhos, para depois o tempo lhe faltarem (na qual, na realidade, o tempo nunca falta, mas a criação dos sistemas impõe uma determinada ausência de tempo na nossa perspectiva de mundo), e não poderem, no final do dia, ter disposição e energia vital para produzir criações próprias e únicas (então, a falta de tempo não é a falta do tempo,

mas sim a falta de energia vital); na qual é esse o verdadeiro objeto do porquê a alma, a mente e o copo vieram em comunhão para o mundo: para criar, e deixar essa criação para o as outras gerações inspiraram-se, e continuar prosperando o ciclo de criações!

Imagine então, que recebemos absolutamente tudo mastigado para nós, sem nos darmos o trabalho da mastigação: como o supermercado faz, por exemplo. Isto retardara ainda mais nosso processo de raciocínio lógico e de unir com a imaginação para a busca da real verdade (que é o verdadeiro conhecimento). Por que, a verdade se encontra neste fato, a união do raciocínio lógico com a imaginação; os dois hemisférios cerebrais andando juntos.

Sem este delicado equilíbrio, não há como encontrar a verdade em lugar algum – pois tudo que encontrará será informações vindas até você já mastigadas, sem a sua capacidade única de ter pensado nelas através da liberdade total de pensamento. E irá crer que estas informações que chegarão até você será a verdade. Mas não será – pois ainda não está livre no pensamento. Ainda há os limites das impressionabilidades das informações enviadas através de um canal verbal, completamente carecido. Sem cordas, amarras, prisões... Usufruindo da habilidade de um ser voador dentro de si.

Pois então, eu e Amélia começamos nossa caminhada até o palácio, parando no supermercado para a mesma continuar a saciar-se de seu desejo por facilidades e consequentemente por isso, deixar atrofiar os raciocínios do cérebro, por querer sempre tudo muito fácil. Mas, o que significa exatamente a facilidade e a dificuldade? Como definir ambos para que sejam não tão generalizadas as suas definições?

Como saber se uma planta se adapta ou absorve? Como saber se ela se adapta ao ambiente, ou simplesmente absorve as vibrações do mesmo? O sol quando queima demais a pele humana, deixa brechas para a ventania chegar e amenizar o seu calor dentro das nossas sensações. Mas quando o ar vai embora, o calor aumenta novamente, e volta a queimar. Como saber neste caso, se o ar é um fator de ajuda ou de malignidade para o sol poder exercer a sua generosidade de nos enviar luz para a sobrevivência?

Tudo na vida é uma eterna alquimia: tudo sempre será sobre misturar substâncias diferentes com elementaridades distintas para poder formar algo que se queira, que agrade, que lhe dê prazer e que seja necessário para o avanço, o progresso concreto de algo. A alquimia não acontece somente em uma área específica de especialização, como muitos pensam – mas sim em toda a vida; a fusão sempre provocará uma cor nova para a alma, sempre reagirá e será nomeada de criação.

A vida é esta criação, aonde deixamos de aproveitá-la em tudo que fazemos pelo medo de dar errado e de demandar “tempo”, como mencionei acima. Mas não é – quando se envolve profundamente na criação, não há muito no que se chatear, pois até o errado deu certo, apenas não mostrou estritamente seu potencial.

O errado é um certo, tímido e contido, com bloqueios e travancas de mostrar a sua melhor faceta. O errado são inúmeros acertos posteriores!

– Amélia – Me virei para ela enquanto andávamos – Você não acha que a sociedade confunde a subjetividade das pessoas?

– Como assim? – Perguntou.

– Por exemplo, você precisa de um supermercado, um agente externo, para manter sua casa estável. Não acha estranho isso? Não acha que, a partir do momento em que estamos inseridos na sociedade somos sucumbidos e emaranhados pela força do inconsciente coletivo, incapacitados de pensarmos sozinhos, e de nos tranquilizar por nós mesmos quando algo dá errado?

– Pode ser. – Sua resposta foi rápida – Mas é o coletivo também que nos proporciona um direcionamento. Você está certa, mas ao mesmo tempo sem os outros não saberíamos para onde ir! Aonde seríamos inseridos para poder progredir.

Eu entendia a fala de Amélia, mas me parecia mais uma figura que a mesma tinha inventado para justificar suas ações sociáveis demais; assim como todos nós fazemos quando queremos justificar o que somos.

Assim como a figura do ridículo que não se percebe ridícula até que o mesmo mude e olhe depois para sua própria imagem após tempos passados, a figura do ridículo nunca entenderá o motivo de sua imagem ser rotulada assim, até que se afine, se refine e se apure seus próprios gostos e vontades pessoais, deixando assim, de ser uma imagem ridícula para os outros que o olham com um olhar pejorativo.

Isso também está ligado às épocas: o moderno acha ridículo o retrô, mas os vindos do futuro acharão ridículo o moderno. Assim é, para todos, o significado verdadeiro de olhar para o passado: ressignificar e apurar as coisas ridículas, antes vistas como magníficas.

Mas há um outro contraponto nisso tudo: a pureza dentro do vazio. Percebo isto em aspectos orgânicos, estéticos e subjetivos. E adoço, me agonio, como se estives-

sem me contorcendo as ideias – quando não vejo a pureza nos três aspectos, fazendo correlações. Meu deus! Adoeço, vejo o monstro em mim. Sei que não o sou, mas há algo em mim que enxerga as mínimas coisas como coisas extraordinárias, e assim, adoeço com a mínima coisa. Mas não por mim, mas sim pelo outro. É sempre pelo outro que adoeço, nunca por mim.

A pureza existe dentro do vazio pois quando chega a fome e o estômago não há o que digerir, os níveis de introspecção se aguçam, se afinam e fornecem uma espécie de agulhada no sistema nervoso para o próprio indivíduo perceber-se no vazio. Da fome, da emoção e da expressão.

Para o próprio perceber-se – nu e recém-nascido, chegado até aqui puro, sem nenhuma deformidade e identidade, há de se avistar dentro de si: quando a fome chega e não há comida, de repente o corpo começa a fazer uma retrospectiva enorme sobre a vida afim de apura-lo, purificar tudo que estava dentro, mas não enxergava pois estava intoxicado demais. As lembranças, as interpretações sobre os acontecimentos, a igualdade prevalecente na falta de imundice.

O corpo com fome é um alicerce para a perda dos sentidos e para uma entrada em um campo mais sutil e fornecedor de riquezas. O corpo que não consegue lidar com a fome é um corpo tóxico.

Os corpos saudáveis quando se deparam com a fome, abraçam esta dor e a sentem, fazendo a retrospectiva necessária até chegar a parte mais pura do ser: a introspecção dentro do que é vago, do despovoado e nunca antes mencionado, intercalado com a glória de nunca ser visto! A pureza também está aí: no resguardo, no completo assalto de si mesmo, já joelharia do que vêm de fora trazendo todo o outro para dentro.

Pensava em outra coisa também, enquanto eu e Amélia íamos para o palácio, após sair do mercado. As cousas práticas deveriam ser feitas com extrema delicadeza, pois o esforço físico gera cansaço – então, quando se faz com delicadeza, o esforço tende a ser amenizado. E as cousas mentais, deveriam ser feitas, discutidas e repercutidas com agressividade, advindas do poder da força interior que se têm em defender uma ideia própria. Então, se chega numa conclusão: o masculino está no feminino, e o feminino está no masculino.

As cousas práticas, o agir – era denominado como algo masculino, e o refletir, o ato de interiorizar-se, como algo feminino. Mas, ambas as coisas requerem características marcantes do outro polo, do polo oposto! O agir necessita de delicadeza e estratégia para usar a delicadeza, e a interiorização, o refletir, necessita da ajuda da agressividade para ganhar força em olhar para si, e para aonde seu coração está apontando, em forma de flecha.

Então, qual será o caminho? O caminho que escolher, sempre se esbarrará e colidir com certos estranhamentos sobre o polo oposto que se recusou em aceitar. Em qualquer escolha, encontrará o desagrado, o escárnio, a decomposição das vitórias e injustiças sendo feitas em sua frente sem poder nada a fazer, pois se é somente um cidadão comum – com um senso de justiça apurado; mas continua sendo um cidadão comum.

Mas olha! Quando me olho no espelho e vejo meu reflexo, minha imagem, minha estética, de repente – tudo me parece estranho. Como se eu, de repente, começasse a ter uma visão nova e diferente sobre mim mesma no momento em que vejo minha imagem, e começo a pensar se é realmente isso que os outros veem. Se é só isto que eles

veem, nossa! Não chegam nem perto de entender quem eu sou, e quem todas as outras pessoas são, somente por conta deste disfarce chamado aparência.

Quando me olho no espelho, tenho a impressão de estar sendo dissolvida, desmanchada de mim mesma, daquela que eu era antes de ter visto minha imagem no espelho. E quem sou, quem me torno – quando olho meu reflexo, e quem eu era quando antes, eu não sabia da existência da minha imagem? Sou um mistério para mim mesma. Se outros já me acham misteriosa, imagine a minha relação comigo mesma; toda vez cavo mais a fundo e encontro pequenas pedras que ainda não tinham sido resgatadas.

Mas pensei bem: Amélia continuava a me dizer em como as coisas seriam todas criações da minha cabeça, todas as minhas histórias talvez seriam, delírios meus confundidos por algum abrir de portas de um mundo mais sublime. E quando ela me fala isso, há sempre em mim, um quê de dúvida sobre o que realmente vi e presenciei, após essa sua ideia penetrar em mim.

E é sempre assim: noto que não vejo nada sendo tão assombroso e assustador (muito pelo contrário, vejo como divertido e fascinante), mas quando alguém me diz que aquilo, de fato é assombroso, logo minha cabeça torna-se confusa e começo a enxergar aquilo também. Talvez esse seja o freio principal que todos dão quando a criança está fazendo algo que acham que ela não sabe o que está fazendo; ou que creem que a mesma não é capacitada para tais coisas.

Esse é o freio: a ideia de que algo é assombroso, quando penetra em minha mente. Muito se cobrem de verniz quando descobrem que a criança está ameaçada; mas eu não necessito da brilhante erudição, e nem mesmo

da infiel capa de verniz que tanto propõe para os cidadãos comuns a vestirem, para ser somente um espetáculo.

Não! Eu quero o revestimento da pele brilhante escondida, velada, nos bastidores. Para quando estiver no palco, a platéia perguntar: “por que nunca vi este brilho antes?” Por isso os bastidores são tão importantes, pois aquele brilho atrás da cortina revela um mistério eternamente fabuloso, e não mais um revestimento de pele, de interpretações, de caudalosas peças de teatro. Revela a atriz ou o ator na sua forma mais real e pura, revela uma pessoa de verdade, com estética de ator. Mas não é; aquele é ele próprio, não há nada de sintético nele, e por isso vive nos bastidores – pois os atores, necessitando sendo atores e não pessoas reais, estão ali, e precisam da atenção para se tornarem quem eles querem ser, acreditando ainda que não são.

Esteja um pouco em frente aos bastidores, aonde não há ninguém! Verá a si mesmo e se assustará; mas após o susto, verá que os artificios são todos falsos, que somente resta a sua própria singeleza do espírito, no final de todas as crises e euforias. Resta somente os aprendizados do espírito inquieto, sem erudições, vivendo somente de indagações. E esta é a verdadeira alegria do imortal e perdurável – da vida, e de pós vida também.

Eu geralmente não fazia nenhuma ação ou cometia nenhuma palavra, se assim, aquilo já estivesse ritualizado dentro de mim e já tivesse passado por inúmeros processos acerca da minha real vontade de fazê-lo. Então, quando eu tinha de fazer ou de falar coisas que definitivamente não me pertenciam na vida cotidiana, eu fingia ser pessoas diferentes todos os dias – imitava trejeitos, posturas, tudo para a minha personagem na qual eu criara naquele

instante, pudesse preservar a minha verdadeira alma – que não fala ou faz, qualquer coisa por fazer, ou por falar.

Por isso, os personagens, os atores, as encenações, por isso, as imitações, os traquejos! É tudo pela preservação da alma, do espírito, da meditação, daquilo que há de mais sagrado e inato em mim. A sabedoria.

Nascer e continuar vivendo em renúncia às efemeridades é a sustentação do brilho próprio continuar, atrás das cortinas, aonde o sol não toca.

Estranho como soa fora de mim, e como o que está fora de mim, soa tão bem em mim. Talvez eu tenha o universo inteiro aqui.

Chegamos no palácio, fomos logo procurar Fuinha. Achamos ele logo na entrada, rindo de algum atrativo em seu telefone móvel. Ele me viu, e ficou surpreso.

– Aonde estão aqueles quadros que estavam aqui naquela noite? – Fui direta e objetiva.

Ele não me respondeu, entendendo minha objetividade, se levantou e pediu para que eu o seguisse. Entramos em uma sala, uma espécie de porão, aonde a entrada de pessoas era restrita. Ele apontou para os quadros, todos amontoados um no outro, no chão. Percebi então, ao ver as pinturas, que cada uma delas representava uma vida na qual eu havia passado na minha retrospectiva. Cada uma ali, era uma parte de mim, uma parte do que eu já havia vivido, mas não me recordava. Compartilhei isso com Amélia, e ela disse:

– O jardim do outro é sempre melhor que o nosso.

Não entendi muito bem do porquê ela ter dito essa frase, tão desencaixada para a situação de agora, mas obtive minha discordância acerca dela. Não é que o jardim do outro sempre é melhor que o nosso, mas sim que todos

nós possuímos um instinto natural de curiosidade perante o desconhecido: por isso, queremos conhecer o jardim do outro, ignorando o já conhecido, o nosso. Tanto que, após conhecermos o jardim do outro, enjoamos dele, pois já o conhecemos, e voltamos então para o nosso novamente. Há de se confundir um instinto natural de curiosidade com a inveja – uma emoção completamente destrutiva e desonrosa. Não são a mesma coisa, em nenhum trajeto parecido aqui da terra.

– Por que está dizendo isso? – Perguntei.

– Ah, por que alguém não bastou saber que você já tivesse tido tanto conhecimento de tantas outras vidas, mas teve que pintar tudo isso para ter a experiência sensorial de como é ter isso. Provavelmente, quem pintou deve saber desse seu segredo. Por isso, pintou os quadros como uma forma de querer estar no seu jardim.

– Interessante seu ponto de vista, Amélia, mas não sei se é isso.

– Então o que seria?

Para mim, as criações humanas (incluindo as pinturas) não passavam de criações infantis! Sim, como crianças, que inventam jogos, brinquedos, brincadeiras, e decidem compartilhar e expressar para quem estiver mais próximo de ser sua companhia no momento... São eternas crianças tentando criar algo que valha a pena para poder ser usufruído pelos outros, para poderem sentir-se úteis ao restante do mundo.

Mas, sabem que algumas criações são destrutivas para os outros e mesmo assim, optam por fazê-lo, somente para deixar a marca tão desejada no mundo. Criam-se médicos, nutricionistas, estatuas de grandes discursadores com suas frases feitas, e para quê? Quando na verdade,

tudo isso está dentro da gente? Tudo que se basta fazer é perceber que aquilo (por exemplo, um médico) nada mais é que um reflexo do que há dentro de si.

Ele entende do corpo pois ele tem um; mas o paciente também possui um corpo! Então, somos todos iguais em capacidade de criar e entender as mesmas coisas, para as mesmas pessoas. Um paciente também poderia ser um médico, mas não acredita em sua intuição corporal para ensinar ao outro sobre aquilo.

Mas, o mal de quem cria, é achar que todo o resto nunca irá criar também. E aí está o erro: todos são criadores. Um médico por exemplo, exalta-se em saber tudo sobre o corpo humano, mas o cliente também sabe sobre o corpo, pois ele também possui um – e ainda melhor, o possui e o sente, sem conhecimentos teóricos, o que aprimora mais ainda o conhecimento verdadeiro, pois está no nível sensorial e não a nível de uma erudição vazia.

E é assim com tudo, com todos os criadores e especialistas de algo, que creem achar que somente eles sabem de algo, quando na verdade todos têm acesso a aquilo também, e seu complexo de deus cai por água abaixo – pois percebe igualmente, todos a sua volta, sendo deuses também!

Mas, apesar disso, o segredo é voltar. Voltar para a fase inicial, ser um recém-nascido novamente, que é carregado pelo colo dos adultos contra sua própria vontade, mas nunca negado o colo, pois sabe que aquilo é fonte de bondade. Tornar-se um recém-nascido, que é totalmente dependente mas não sabe disso, e por não saber, sente-se independente, pelo simples fato de ter nascido e de estar respirando, vendo, ouvindo, tocando, cheirando e sentindo. É esta a sensação mais primordial da vida! Ser um recém-nascido para toda a eternidade.

E quanto mais crescemos, mais percebemos o quanto a criança quer voltar. E em mim, ela volta todos os dias – pois segui a intuição necessária para esse retorno. A cada vez que penetro no mundo turbulento dos adultos, minha criança acorda, segura minha mão, e me traz de volta para casa.

Assim é com todos, mas a maioria ainda persiste em abstrair essa voz mais importante e a que, realmente sustenta todos os edifícios dos reinos interiores da humanidade. O que falta é a percepção desta grande falta na vida de todos. A percepção! Pois só com ela se é capaz de entender e assim, modificar o que há de errado.

A percepção sobre as coisas maléficas, tornando-as pacíficas. Ouvir a criança e o recém-nascido também é perceber que tudo que se olha, se sente aquilo que se olha, e por sentir aquilo na qual se está olhando – não há mais nada separando o que se observa e o observador. Pois aquilo na qual se está olhando agora é como se fosse a primeira coisa vista em toda a vida, tornando-a preciosa, tornando-a uma eternidade!

Um recém-nascido não possui arrogâncias por crer em sua independência e mesmo assim na realidade, ser dependente – pois seus olhos brilham em tamanha proporção, sendo difícil uma arrogância fazer parte daquela pureza de matéria, conhecendo a sua própria matéria, e entendendo como a subjetividade se alinha a isto – e conhecendo a matéria dos estímulos externos, tentando enxergar a subjetividade nesses estímulos também, que tanto enxerga nele, alinhado com seu pequeno corpo macio. É isto que tem de ser almejado; sua pureza exaltada.

O recém-nascido não percebe que agora está em um corpo e por isso sente-se livre para ser ele, não importando

como o corpo reagirá a determinadas coisas. É como se o corpo e ele ainda fossem entes separados. E é assim que devemos ser, pelo resto da vida, como o recém-nascido, na qual não se identifica de forma alguma com um corpo, mas sim com o vislumbre do seu olhar, curioso para ver mais.

E entenda: o calor do sol não lhe faz mal, como diria a população desenfreada, moderna e veloz. Não, pois se houvesse chuva, eles reclamariam do mesmo jeito, da mesma forma que suas reclamações são impostas ao calor do sol. O problema é todo o processo de vida dos mesmos que reclamam. Suas rotinas são atravessadas, desenfreadas, rápidas, com horários regrados, aonde a mente, com isso, faz-se ficar contorcida, apertada e espremida por diversas imposições que não são próprias de sua natureza.

Então, quando a segunda chega, e voltam para suas rotinas loucas novamente, reclamam do calor do sol, pois na verdade querem mesmo é reclamar de seus hábitos. Uma prova disto; é que reclamam do sol durante a semana, mas no fim de semana, desejam ardentemente irem para a praia relaxar.

O que há de tóxico e horrível não é o calor, mas sim os barulhos, os ruídos, a poluição, a multidão que lhe engole... não é o sol! Não é o calor! São os hábitos. E o recém-nascido entende isso, pois nele não habita nenhum tipo de emoção densa que o faz pensar em como um brilho tão intenso pode provocar coisas horríveis, mais do que o tormento, a confusão e as sensações de desmaio que uma cidade grande provoca em seu organismo altamente sensível.

Para minha surpresa, enquanto eu olhava os quadros, um deles tinha uma pintura de um recém-nascido sendo

carregado por um homem distraído, olhando o céu e as árvores. Provavelmente seu pai. Aquilo me fez pensar do porquê aquela imagem representar talvez uma vida passada minha: seria eu aquele homem ou o bebê? Provavelmente o bebê, mas se eu fosse ele, o mesmo também não poderia estar representando a minha imagem nesta vida?

Outro quadro logo em seguida demonstrava uma mulher sentada em um banco de madeira, com expressões cansadas e fatigadas.

Então, lembrei-me de uma cousa após ver essa outra pintura: tudo que gera cansaço está relacionado com o uso incorreto das coisas; o ato de falar quando se é introspectivo é cansativo pois não se abaixa a voz em um tom aonde sua alma não sinta-se desgastada, e que a outra pessoa entenda perfeitamente, fazendo a mesma abaixar também seu tom e sua postura perante o gesto. E quando andamos demais e sentimos o corpo dolorido depois, simplesmente porque não se relaxou os músculos o suficiente para deixar seus pés o levarem até o caminho, – o corpo ficou cansado pois se esteve tenso a caminhada inteira.

E tudo isso é causado pois se presta atenção demais aos estímulos externos. A tensão.

O cansaço advém da tensão depositada nas ações, e não da atitude de se agir. Um trabalho somente é penoso pois ali há tensão. Quando não há tensão, um trabalho é sempre prazeroso. Quando não há tensão, tudo torna-se prazeroso, pois tudo está em estado perene de relaxamento. E assim, os ditos prazeres mundanos acabam que tornando-se obsoletos e fora de moda! Pois se há prazer em tudo, por que ainda persistir nas rotulagens cotidianas, deixando tudo isso para trás?

Um outro quadro mostrou um olhar sob o ponto de vista orgânico. Seus tecidos, membranas e estruturas.

Na realidade, o que realmente está por trás de um olhar? Alguns diriam que o olhar é composto pelos seus tecidos que ligam o globo ocular ao resto do organismo, mas alguns outros diriam que o olhar, em simplicidade, é a janela da alma! Mas os dois pontos de vistas estão corretos, pois o organismo segue a alma, e os olhos são a janela aonde é visto o globo ocular ligado ao organismo sendo seguido pela alma.

Muitas pessoas procuram o ponto de vista certo sobre as cousas, mas quando se para e pensa, o ponto de vista certo são ambos juntos, sutilmente relacionando-se entre si. E sua junção seria a projeção perfeita da representação da alma.

Mas, o que é a alma? Quem é minha alma? São meus pés que andam, meus olhos que enxergam, ou minhas mãos que tocam? Se eu sou minha alma, como posso saber se sou que falo quando abro a boca, ou se foi outra pessoa que processou a informação e eu estou apenas fugindo das minhas próprias impressões? Como saber se a minha impressão foi minha, da alma, ou a do outro, que representa?

No final das contas, acabo a perceber que todas as impressões são universais.

Olhei para a Amélia, estando na mesma reação que eu perante os quadros. Me dei conta da mais profunda verdade – de repente, a senti igual a mim. A senti parte de mim, por simplesmente estar compartilhando algo que veio do interior; digo, as nossas formas são diferentes, pois representam naturezas distintas.

Nosso corpo e nosso rosto são de formas e tamanhos diferentes, simetrias e traços distintos, pois isso representa o que há de particular e único em cada ser. Mas, somos

eternamente unidos pela união das sentimentalidades e da sensação que entram em comunhão no mesmo instante. Como o sexo, por exemplo – sendo tão temido e tão venerado, é uma ferramenta potencial quando ambos entram em comunhão na mesma hora durante o ato.

Agora, quando o ser está no ter, a alma se confunde, se dispersa, se desintegra dessa união, e passa a se declinar junto com a sociedade na qual está inserida. A medida que a sociedade declina, ela crê que a própria pessoa também declina, possuindo a crença de que ela se partirá ao meio, será quebrável.

Quando, na verdade, somos almas únicas que viemos aqui conectar-nos através das experiências sensoriais com as outras almas; apesar das conexões, continuamos únicos, e inquebráveis, pois a alma não se quebra, a alma não se parte ao meio.

Quem parte-se ao meio com o passar do tempo é a sociedade, que corrompe-se por si só. E como tudo necessita voltar sempre ao seu estado natural, de natureza, é previsível que ela se corrompa, pois, o coletivo necessita novamente da quebra para entender que elas são almas habitando corpos, e não bonecos enfeitados.

E como todo corpo, que serve de casa para alma, precisa ser bem arrumado, limpo e em estado de contentamento perpétuo dentro da realidade. E a forma com a qual o corpo nasce, sai de um útero, e vai crescendo com o passar das estações – é a forma definidora da natureza própria daquela alma.

Ninguém pertence a sociedade, ela em si alimenta essa sensação em todos, o de pertencimento em algo fora do corpo. Quando a sensação de pertencimento é todo gerada pelo interior.

Possuímos um cérebro com milhares de poderes desativados por conta das limitadoras inclusões de um ser na sociedade, que valoriza o ter. Pensemos bem no mais simples processo da instrução, da alfabetização. Como o cérebro consegue ler e mesmo assim memorizar todas as palavras e entende-las, atribuindo a elas um significado próprio, a cada vez que as mesmas perpassam no seu raciocínio? Como cada palavra, com um conjunto de letras – ao ser dita em voz, emitindo sons (e sons possuem leveza ou peso) indica um artefato completamente misterioso e desconhecido na cabeça de quem ouviu, e de quem entende o significado daquelas palavras? Como, aos meus olhos enxergar uma palavra, esta palavra repercutir em variados níveis e estágios de ascensão emocional interior?

Muitas vezes não nasceram para serem admiradas, mas sim mastigadas, ingeridas; as palavras. Assim como algumas flores e plantas, não somente se admiram, mas são comestíveis e absorvidas pelo nosso corpo como fonte de nutrientes, nos proporcionando maior sensação de vida.

Como o cérebro consegue manejar diversos jeitos de fazer as coisas e ainda assim, criar coisas novas? Não se pensa no poder do cérebro pois estão ocupados demais querendo e desejando encaixar-se na sociedade; e isto, é a alma entrando em colapso e em confusão dentro do corpo, através das sensações corporais, pois seu impulso e vontade está desejoso por conexões com outras almas, mas é enganado pois acha que tudo isso está dentro da sociedade, pois ela vê todos dentro dela e interagindo.

Quando, isso é um ledo engano. A socialização não é uma conexão, ela é um artefato enganoso; como algumas plantas também podem nos enganar, acreditando nós,

que as mesmas são comestíveis e digeríveis, tudo pela sua forma e pela sua cor com aparências admiráveis.

Ter medo de baratas voadoras, por exemplo, e querer mata-las, indica ainda crenças sociais arraigadas dentro do ser que está no ter, desvalorizando o outro ser. Não o percebendo como ser, mas sim como algum objeto passível de contaminação e gerador de doenças, que, em sua maioria, são ideias meramente fantasiosas, pois o ser que está em seu estado pleno de saúde mental, física e espiritual, não veria um inseto como um inimigo cruel, desejando mata-lo.

As contaminações só existem quando o alvo já está contaminado, então se contamina mais ainda pois a bactéria acha outra igual no organismo na qual se está sendo ingerido algo contaminado. Quando não há contaminação física (ou seja, o corpo está limpo), o que foi ingerido que está contaminado não passa a ser um parasita, mas se expurga naturalmente do próprio corpo do indivíduo.

Pois o medo da contaminação está emaranhado também com o medo da fome. A fome e o sono, são mesmo, necessidades vitais? São necessidades físicas, mas o espírito continua acordado e desejando alimentar-se, não de comida, mas de algo que o transcenda.

Quando o corpo dorme, o espírito continua acordado, ele sempre está acordado, e perambula pelos arredores. Quando o corpo come, o espírito ainda está com fome, pois não é esse, o alimento que ele procura. Pois, quem tem medo da fome e medo de estar acordado, têm sim, medo da morte. Pois quando se passa tempos sem nutrir o corpo, chegamos mais perto de um estado vida-morte; e quando se está acordado, o risco do corpo morrer é maior, pois se está acordado. E então, a aparência

toma uma outra forma. Pois a aparência é um reflexo do que ocorre por dentro.

Mas o que é a aparência? No caso de pessoas, suas expressões, o olhar, a fala e a vibração dessa fala, o jeito de ser. E no caso de objetos, suas cores e texturas. E as pessoas tendem a confundir a aparência com seus enfeites. Cabelo arrumado, brincos ou utensílios, vestimentas, isto são enfeites, e não a verdadeira aparência de algo puro e nu. A aparência rege a identidade, e a identidade tem a ver com o ser, e o ser nunca é fútil; como dizem que aparência é.

Sabendo-se que as pessoas não sabem nem um terço do que deveriam saber sobre o funcionamento do seu próprio corpo, da sociedade aonde estão inseridas, inibindo-se de todas as informações salvadoras e libertadoras, a aparência surge para dar vasão às estas informações que não recebem, e talvez não cheguem nunca a receber. Mas a aparência das coisas está aí; para ser vista, digerida e compreendida através de portas abertas com formas diferentes do que costumamos ver.

Eu finalmente respondi Amélia:

– Talvez esse pintor ou pintora esteja querendo me mostrar alguma coisa. Talvez esses quadros já tenham sido pintados há muito tempo, e por ora algum indivíduo só bastou recolhe-las e transformá-las em um acúmulo de identificações para mim mesma. Talvez a pessoa soubesse que eu me identificaria com estes quadros antigos! Pois se eu sou...

– Se você costuma andar em ambientes não sociais, sem pressões ou tumultos, para descobrir a verdade – Amélia completou – Com o passar do tempo, você se identifica com toda e qualquer forma de conhecimento e de beleza. Com toda forma de vida. Eu sei, e essa pessoa é esperta. Ela sabe quem você é. Mas quem seria ela?

– Teremos que descobrir. – Eu disse.

– Eu não sei quem foi. – Fuinha se posicionou – Quando cheguei para trabalhar, eles já estavam postos ali embaixo.

Olhava ao redor do palácio e enxergava as nuances consolidadas: haviam baldes de lixos enfileirados e azuis, todos vazios, formando uma espécie de união pelo lixo. Mesmo se tratando de lixo, havia união! Assim como, alguma música tocar dentro da minha cabeça e eu sentir a mesma sensação de como se eu realmente a tivesse ouvindo. Isto é um sinal que a imaginação é a verdadeira formadora da sensação, e não os acontecimentos puros em si.

Sinal de que os quadros postos foram emergidos, pendurados ali por pura vontade do comandante, mas quem deu as ordens do seu significado de estar ali, fui eu. O significado e o interesse pelo o que está por trás desse mistério é a minha imaginação consciente de si tentando intercalar o que sinto com o que há de mais palpável no mundo das formas e tamanhos, tornando-os objetos de circunstância experiencial, somente para progredir no entendimento desse mistério.

Que foi realizado à noite, em um horário também de mistério, tendo a lua como seu regente, a doçura viva de um objeto impenetrável: o satélite da intimidade.

Como um relógio digital, aonde, quando o mesmo está apagado, mostra somente um número, o número oito duas vezes, um número próximo do dez, o número simbólico do mestre. Tudo parte do oito, tudo parte da proximidade da onde está o mestre; de onde está o dez, até o início; o zero que é o grande gerador da vida dos outros números sucessores.

Esse é o verdadeiro significado do que está por trás de todas as coisas, do mundo das formas, dos números já formados... O número oito! O número próximo ao que já se tornou mestre (o número dez) e que agora dá aulas. O significado por trás das coisas é algo próximo do mestre; sempre é, sempre será. Se consegue penetrar no que há por trás de algo, quando age com desconfiança positiva, ou seja, com cautela – já está próximo de algo que é mestre.

E assim como tudo é mestre, tudo também está mais próximo do ideal do que se imagina. A grande maioria está mais próxima de algo que é mestre – mais do que aparentam. A grande maioria da população possui um elevado senso de justiça; são poucos os injustos, e são poucos os que possuem amor incondicional (que é um estágio que já transcende o senso de justiça), deixando então, a grande maioria tendo como noção a justiça; tratar o outro da mesma forma que o outro o tratou, não sendo nunca diferente daquilo que recebeu, pois isto é simplesmente uma das leis universais, a lei do retorno; é o senso de justiça da grande maioria.

Quando o outro trata injustamente alguém, não é por que simplesmente quis, isto fica estampado nas expressões perturbadas das pessoas – mas sim por que, anteriormente, alguém foi injusto com ele, então – como aquela situação de injustiça foi deixada sem julgamento algum, a pessoa crê que se pode lançar a injustiça com o outro que virá, pois também não haverá julgamento. Pois com ele também não houve. E isto não é ser injusto – está dando o que recebeu, se recebeu injustiça, dará isto para o outro. Mas não significa que ela seja injusta por natureza, mas sim por que ninguém nunca lhe mostrou, ou nunca presenciou, uma verdadeira faceta e noção da justiça.

Eu então, me lembrei de um dos cenários, talvez um dos últimos, quando vi um outro quadro de uma menina com uma taça na mão e um líquido roxo dentro. Era o antídoto na qual o rato me falara. Aquele no qual todos os caminhos de repente ficam abertos. Eu então, apontei para o quadro, mostrando para Amélia. Ela olhou.

– O que foi? – Perguntou-me.

– Essa foi uma das cenas pela qual passei, pela qual vi na máquina.

A menina tinha um rabo de lobo e um rosto ingênuo. Eu ainda procurava um nome concreto para aquele ato de purificação. Um nome na qual, quando eu dissesse, todos entenderiam que se tratava de um ato de purificação, e não de uma bebida mágica – mas que ela poderia ser posta também na vida cotidiana.

O grande problema sobre tudo que fazemos, é que damos nomes a eles, e estes nomes estão empesteados de rótulos e lembranças de um inconsciente coletivo. Ativando assim, o estado positivo e negativo dentro de cada um que ouve o nome. Então, fazemos ou deixamos de fazer algo por aquilo lembrar-nos algo negativo – mas que na verdade a negatividade tende a ser posta através de véus imaginários criados por toda uma sociedade doente para preservar suas doenças, desprezando a natureza das coisas, a transformando em imagens negativas perante todos. O estado de purificação é um estado a ser alcançado; por mim ou por outros que também tenham este princípio como o primordial em suas vidas. Por isso, me intriguei com o quadro; pois, o estado imaculado do ser, o estado aonde o ser está puro – só assim ele é capaz de achar a preservada e indissolúvel verdade. Não a verdade dele, mas a universal.

Lembrei-me de seu nome, que poderia ser posto na prática – chamava-se jejum.

– Um ato de jejum. – Eu disse.

– A menina está jejuando?

– Sim.

– Por que não faz o mesmo? – Amélia perguntou-me.

– Por que?

– Ora, para descobrir a verdade.

Descobrir a verdade. A verdade mais profunda e submersa. Essa era a minha meta de vida, e também a significância e a importância do jejum. Como ambos se enlaçavam, era uma prática que acalentava e agradava meu espírito, encantado para descobrir o que há por trás de tudo que se vê, sente e toca.

– Mas tome cuidado com as crenças sociais negativas em relação a esse ato, elas podem atrapalhar o processo. – Ela disse.

– Não se preocupe, não atrapalha, eu sei o que vou fazer. – E sorri.

Ela me sorriu de volta, como uma concordância com a minha resposta.

– Claro que sabe, você se conhece mais do que qualquer outra pessoa que conheço.

Aonde, todo o conhecimento adquirido por um superdotado também está relacionado com as memórias de suas vidas passadas que estão vivas e saudáveis nesta memória atual. Um superdotado, nada mais é do que alguém que se lembra de tudo intensamente. Tanto do material, quanto do imaterial. Das memórias do agora e das memórias do antes. Do passado que está no presente e do presente, existindo no passado. Aonde o invisível toca a mão

do cético e o transmuta; para um nível mais extasiante de ópio e de ócio reflexivo, aonde toda invisibilidade é sempre muito visível para quem possui os olhos do espírito abertos e entusiasmados.

Mas, obviamente os dispersos e ignorantes sobre a verdade pensarão neste ato como um ato negativo e autodestrutivo. Privar-se de alimento, para eles, soa como ação autodestrutiva e para mim, soa como ação purificadora. Estas duas opiniões provocam contraste e são opostas, extremas.

Mas, como tudo, os opostos sempre possuem o mesmo comportamento. O que se destrói e o que se purifica se privam de alimento, mas a diferença é óbvia: o primeiro é o que todos já estão acostumados a ver, o segundo, provoca estranheza e tortuosidade, dentro das culturas mais modernas. E, claro, veriam esta ação como uma coisa autodestrutiva por que a cultura em si que olha para a ação é autodestrutiva. Se não o fosse, não apontaria tantos dedos. A cultura reflete nas opiniões deturpadas das pessoas sobre diversas coisas que regem o universo e toda rede de vida.

Um dos fortificadores da ideia negativa sobre isto, são os que englobam a gama dos sobreviventes moradores de apartamentos, enclausurados, começam a ter manias diversas, compulsões alimentares, distúrbios psicológicos, e a academia que é criada para os seres exercitarem os músculos como robôs, e não como seres humanos, exercitando os músculos ao ar livre. E, como todos eles são compulsivos, acham esta ideia um ultraje, uma desonra ao seu estilo de vida. Nosso lado animal incomoda-se e grita, esperneia por liberdade; que não existe vivendo em um apartamento.

As pessoas morrem, não por causa da fome, mas sim por conta dos seus hábitos destrutivos; que são completamente mascarados pelo os que estão sem alimento, acharem que há algo de errado em não se alimentarem. E por isso, criam hábitos destrutivos por conta dessa imagem social e negativa sobre a fome. Não é a falta de alimento que mata, mas purifica – a verdadeira morte é ingerir coisas absurdas e irreconhecíveis pelo nosso sistema orgânico, transformando aquilo dentro do corpo como um parasita.

Atingir o mais alto grau de pureza aqui na terra é o caminho que me atrai, me induz a caminhar com meus próprios pés, e não com os pés de outros. Me faz ter a verdadeira alegria do ser, aonde só possui uma forma de alimentar-se; e este alimento chama-se o amor incondicional. E só se pode tê-lo com a pureza total, de espírito e de corpo, aonde, juntando ambos, forma-se uma personificação da verdade universal.

– Então, vamos seguir. – Amélia disse – Talvez assim, a mulher desconhecida apareça para que eu possa vê-la. Vendo você fazer este gesto, tão desacreditado para as pessoas comuns.

E eu já estava acostumada com os atos de não me alimentar, intuitivamente, e meditar sobre isso. Pois aqui, é algo interessante: quando não há comida, a maioria desesperam-se, mas a ausência de comida no estômago abre portas para uma meditação mais profunda, entrando em contato com o divino, e fundindo-se com ele! A falta de comida é a mente achando que vai morrer, o corpo crendo em sua limpeza, e o espírito alegrando-se por conversar com a divindade.

O interessante sobre os jejuns são os olhos de fora crendo que os olhos de dentro estão doentes e suicidas por

se privarem de comida, quando na verdade, estão mais vivos e acordados do que nunca! Tendo mais clareza do que todos os outros, julgando o desconhecido deste ato, tão purificador e transcendental! Se sente o espírito melhor, quando o corpo está limpo; e se morre, o espírito se liberta, mesmo se a morte surgir, que há mal nisso? Se o corpo está limpo, então o espírito não vê problema em morte alguma.

A meditação e a fé (advindos de uma energia vital) surgem repentinamente quando o estômago não está processando nada. E quando há raiva, irritação ou frustração quando se está de barriga vazia, é por que os vermes estão querendo comer! Não é o corpo, não é o espírito. E se não há comida, eles irão sair do seu templo, indo procurar a comida em outro lugar. E seu corpo estará um pouco livre. Mas não será o final, talvez o corpo ainda falte muito, para ter sua completa liberdade.

Para o preparo deste ato, deve-se alimentar de cousas que vêm da terra; frutos e cousas verdes! O corpo sente, sente-se energizado e feliz ao provar destes alimentos dentro de si. É um templo construído mecanicamente, agindo sempre da mesma forma – mas que paradoxalmente, funciona de modo sentimental. Vai entender este templo! Mas é um templo, enfim, não importa se robotizado ou se sensitivo.

Mas talvez seja um templo por isso; por englobar tudo dentro. O que é que há de tão misterioso em um templário? Ele é cavaleiro do templo! Em sua etimologia mais profunda, e por sê-lo, há como missão a militância de proteger de tudo que ouse desprezar o templo; o templo no qual falo, é o corpo. Os templários podem ser salvadores do corpo sem sabe-lo.

Como a magreza é tão temida por eles, sim, a magreza é o lado mais tenebroso do ato, de jejum pois lembra-lhes algo parecido com terror e escassez. Mas, mais uma vez, prendem-se a imagem, não ao significado. Emagrecer é consequência do ato – e não sua principal perspectiva. Assim como os desenhos animados, aonde acreditamos que, somente pelo seu conteúdo imagético não estar disponível na vida real, indisponível aos sentidos, creem eles, que todo o seu contexto também está fora da perspectiva da realidade; quando, as simbologias e as metáforas das histórias dos desenhos animados são mais reais que a própria realidade. Atenham-se aos significados e às intenções, e não à forma, a esta aparência ilusória!

Como o sol está disponível para todos, queima a pele somente quando não se está gostando da vida; quando está em sintonia com ela, o sol faz questão de ser um aquecedor. E pela manhã, ele parece mais como uma miragem, mas o canto dos pássaros e dos galos pela manhã é sinal de que a miragem é real, e acordam para saudar algo magnífico, desmistificando a miragem, que é o tamanho poder do sol.

É tão inédito, e está todos os dias aparecendo para guiar-nos. Alguém percebe isto, ou ilude-se, pensando somente em tarefas? É o sol! Não é qualquer luz sintética, e ele está com seu melhor humor pela manhã. E a lua, discretamente e de modo furtivo, desvanece, desaparece de repente do sol às cinco da manhã, para dar lugar ao sol. Pois ela sabe que sua luz é mais de vigília e reclusão.

Mas, entendo as pessoas que apenas imaginam as possibilidades, e não realmente experimentam as aplicações das possibilidades, a execução, afinal; há mistérios no que apenas se vê e não se vive. E até quando se vive,

não se está vendo, pois se está vivendo, e isso também é um mistério! Saber como é viver, mas não ver. Como saberíamos se, por exemplo, nos transformássemos em um animal qualquer, se nosso cérebro de humano mudaria para a forma da de um animal, ou apenas estaríamos em um corpo de animal com um cérebro de humano?

Ou, como saber, se um determinado país ou estado, quando chega a uma época de sombras, a natureza e o ambientes das florestas se moldariam às energias de sombra do país, todas as árvores perdendo vida e o equilíbrio da fauna se desfalecendo? Não sabemos. Não sabemos como seria realmente; e isso é um mistério. O não saber e o não ver, é fruto do desconhecido instigante na qual a mente radical penetra e se obceca na questão. Como a minha, por exemplo. Como eu me obceco na questão por pensar tão radicalmente nas virtudes dos gestos e do significado das palavras que geram probabilidades de situações!

E como seria então, se desaprendêssemos o alfabeto que foi nos ensinado em infância, e aprendêssemos novamente já com uma cabeça formada de adulto? Se desaprendêssemos por conta própria tudo, e aprendemos novamente, a partir da nossa própria visão e interpretação já formada? Como somos alfabetizados, a linguagem já embutida em todos os nossos pensamentos, atrapalhando a tranquilidade dos dias de todos! Isso há de ser mudado; e não tem a ver com a educação material (pois não somos presos à matéria, não somos a matéria, mas fazemos parte dela), e sim a com verdadeira disposição e vontade da alma de alcançar um estágio mais sublime de paz interior e um desejo do verdadeiro saber, da verdadeira instrução.

O alfabeto precisa ser aprendido diversas vezes durante a vida, e de diversas formas diferentes! Como as-

sim, limitar-se somente a um modo de ver as letras, seus conjuntos, suas formações de palavras e frases, e usar somente em uma única interpretação; crendo que aquilo é aquilo que se definiu, e não que o alfabeto é uma invenção humana, vista sob óticas diferentes! Ele não é o que se definiu, pois é impossível definir uma alma! E como o alfabeto é processado pelo inconsciente de alguém, tem a ver com o processo da sua alma em receber aquelas letras e agrupamentos de letras, que provavelmente irão mudar seu modo de ver o mundo; através da ferramenta da linguagem. Através dos pensamentos futuros de suas fases posteriores de vida, que se formarão por conta dessas letras que se aprendeu, ao vê-las sob determinada ótica.

E a chuva? De onde vêm? Podemos explicar o fenômeno racionalmente, como as gotas se formam e como chegam até aqui, e como podemos vê-las caindo. Mas, não sabemos de onde elas vêm, pois quando avistamos ela caindo, não conseguimos enxergar as nuvens as expressando, as expelindo de seu peso. Pois então, a chuva é um mistério: vemos ela caindo, mas as gotas e nossa visão limitada impedem-nos de ver de onde surgiram, e como se formaram!

Só podemos acreditar na chuva e no que nos dizem sobre ela com base no poder do amor e da confiança dos estudos de pessoas que nem conhecemos! Da visão de outros, e não da nossa! Como é pequeno e minúsculo, ser um humano andante e solitário, observando as coisas apenas podendo andar sob o chão, e não sob outras superfícies mais altas. Talvez as construções artificiais dos modernos tenham lá sua vantagem: a de enxergar as coisas do alto!

E é este o grande poder e intenção do jejum; seu mistério, que revela a verdade das sensações e desmascara

a racionalidade excessiva por detrás dos hábitos alimentares, e que desrespeita o sentimento do corpo em querer descansar, purificar-se para usufruir de todo seu potencial. O mistério! Como a chuva, que a vemos descendo, mas não vemos como se formou.

Mas, para ter forças de enfrenta-lo, é preciso antes, preparar o espírito e saber quem se é. Se não sabe, se nunca fez essa autoanálise sobre si, sentirá-se fraco, necessitado sempre de orientações de falsos conhecedores da verdade do corpo, querendo que os mesmos lhe guiem, esquecendo assim, que o seu próprio corpo lhe guia sempre para o melhor lugar; pois ele possui uma inteligência tão indivisível e exclusiva, capaz de lhe fazer bem até quando se está se matando, através de hábitos horripilantes.

Mesmo assim, o corpo lhe quer vivo e bem, pois o espírito está vivo, e percebe a vivacidade que ainda está emergindo, apesar dos lixos tóxicos na qual se entra em contato. Apesar de tudo, até mesmo o seu físico lhe quer vivo! Mas, sem a fé do espírito, ele não vai muito longe – e nem mesmo nos jejuns. O espírito precisa ser forte, senão, o corpo também enfraquecerá; pois é o espírito que comanda o corpo.

E já isso, também, valemos afirmar, que o corpo não é nada sem o espírito! Lembre-se, ele é uma máquina; o humano somos nós. A humanidade se cria em nós, fazendo a ponte para o mesmo também se transformar em algo humano, transcendendo a máquina que é.

E às vezes, as injustiças percebidas nas camadas mais sutis da sociedade são ponte para saber lidar melhor com as injustiças mais grosseiras, que vemos dentro dela. Quando se olha para um sinal de trânsito e se percebe a matemática errônea e injusta que há, entre oitenta segun-

dos de carros transitando e apenas trinta segundos de pedestres passando pela faixa, sendo que o primeiro é mais veloz e potente que os nossos pés preciosos e vitalícios, funcionando em seu próprio tempo.

Percebe-se que esta matemática do trânsito não tem lógica: até mesmo dentro da lógica, uma coisa aparentemente neutra, para equilibrar a balança, não funciona em sociedade, como este mero exemplo na qual dei, aonde a injustiça é cometida em um campo sutil, sendo percebido por poucos.

Mas, é aí que está: tudo que está no campo sutil, está também no campo grosseiro, mas em maior intensidade. Então, quando se percebe estes fatos nas sutilezas, verá que estará mais preparado para enfrentar os fatos grosseiros, que se assemelham aos sutis, que já se percebeu! E o sutil não lhe assustou, apenas lhe deixou mais atento; quando perceber que o sutil na verdade é o grosseiro em estado de desespero, não terá mais medo dos estados grosseiros. Não terá mais medo de nada.

E é aí que está o corpo: o corpo é tão profundo para a alma abarcar nele, que quanto mais o torna um templo sutil, mais se toma cuidado com a realidade de fora. Pois suas camadas grosseiras de dentro já foram todas dissolvidas, através da contemplação atenta do que está a sua volta, da alimentação regrada e da renúncia de bens materiais desnecessários para a sobrevivência.

Mas eu, esta pessoa sempre tão investigativa, receosa por descobrir todos os segredos da imensidão desse universo que me cerca... posso também, deixar-me abalar pelas minhas próprias ideias tão profundas, na qual foram cavadas tão a fundo, chegando quase a proximidade subterrânea de placas tectônicas que podem permanecer pe-

trificadas e sem movimento algum durante tempos; mexo nelas, mexo na rocha determinada que está lá embaixo, querendo movimento da parte delas! E por isso, algum vulcão poderá entrar em erupção por conta disso. Mas apesar de saber destas consequências, não desisto nunca de procurar sempre pela verdade mais escondida de tudo.

Seria eu, uma sábia estranha e desconhecida, que pousou em um ambiente inapropriado para o meu crescimento e por isso, estou pagando o preço de não saber aonde me encaixo? Mas uma pessoa sábia talvez sinta-se assim em qualquer lugar, a única solução para a frustração do sábio é sair de seu lugar de passivo e tornar-se ativo! O sábio só sofre quando começa a acreditar na passividade que lhe impõe, somente por não necessitar ser autoritário ou ordinário.

Pois, aí que encontra-se a abertura de muitas portas para mim: o sábio sofre no início da vida por crer que o mesmo está em estado permanente de passividade (sendo conhecedor de tantas coisas) perante as coisas por ser extremamente pacífico, quando por dentro, sente-se sempre ativo, independente e libertado, e firme como uma pedra.

Mas este sofrimento cessa, quando percebe que toda sua interioridade serve de auxílio para os outros, os outros em estado de completo desespero e com falta de fé nas benignidades dos nascimentos. Talvez seja isso. Talvez seja esse o meu caminho; o cessar da minha passividade. Mas primeiro tenho de coletar mais verdades sobre as coisas. Para tornar-se a verdade! Não são as coisas artificiais, mas a verdade. A verdade mais visceral de todas, que possa conectar uma pequena formiga ao ser mais bruto, um adorando o outro. Entende o que é a verdade? É, preciso dessas formas de verdade. Preciso das soluções complexas

e façanhosas, aonde tudo no mundo possa interagir com tudo, sem segregar-se, sem fragmentar-se. E para isso, preciso cavar algo ainda mais fundo em mim.

Enquanto eu e Amélia caminhávamos para fora daquela sala meio escura, pisei sem querer em uma pedra não tão pequena, foi capaz de me fazer tropeçar. Então, olhei para trás. O que havia no porão era um outro cristal. Era o quarto que eu encontrava neste período de tempo; mas por que estava aqui nessa sala? Eu olhei para ele no chão, e Amélia logo olhou em seguida.

– Olhe, que cristal bonito! Quem seria louco de perde-lo?

Eu o peguei rapidamente, e analisei toda sua forma mais atentamente, colocando meus olhos bem em cima de suas pedras brilhantes.

– Alguém que queria que eu encontrasse? – Eu respondi perguntando, a indicando que eu sabia sobre o que se tratava.

Ela me olhou e entendeu. Se pôs de muda e continuamos a caminhar. Acenei para Fuinha e o deixei divertindo-se em seu telefone móvel como antes o encontrei na porta do palácio. Os seguranças tinham um jeito muito peculiar de cuidar de sua própria segurança enquanto eram seguranças de um estabelecimento. E cuidar de sua própria segurança incluía dar motivos de riso para o corpo poder acordar, depois de tanto tempo parado e rochoso, com um rosto sisudo, olhando para os lados e certificando-se da segurança total de um lugar.

E então, fomos caminhando. Continuamos caminhando pelos quarteirões, e eu olhando para meus pés, olhando para o chão (sinal de pensamentos confusos), percebi que meu corpo estava quente; o sol aquecia até

queimar a pele e atravessando essas camadas superficiais. Meu corpo estava quente, e lembrei-me de que líquidos gelados são péssimas combinações para o mesmo. O fato é engraçado pois, se duas coisas diferentes colapsam em temperatura, certamente que entrarão em choque, porém – ambas as coisas são o mesmo, porém seus temperamentos são inconsistentes; o corpo e o líquido, ambos são água, ambos são nutridos por isso. Porém, até neste exemplo podemos sentir a predominância dos excessos; até a coisa mais límpida e purificadora torna-se veneno quando não bem utilizada.

Mas que importa isso agora, se não estou colocando líquidos gelados em meu corpo quente e suado? Que me importa se tudo na verdade são fragmentos pequenos de um vasto território de conhecimento que está espalhado? Já chamaram-me de multitarefas uma vez, capaz de resolver inúmeros problemas simultaneamente e em pouco tempo. Talvez não – talvez seja o conhecimento existente em mim, desejando libertar-se para dar vida aos outros seres vivos conhecedores das fragrâncias do mundo; porém, ainda adormecidos e com uma coloração já sombria e com um aroma fétido de quem esteve nas seivas negras durante muito tempo sem ver a luz do sol.

E ter uma capacidade permanente e fixa de se ter energia vital, esta, que o sol nos oferece, é primordial para essas caminhadas; pois, quando se tem energia, não se precisa pensar que irá fazer a ação, simplesmente faz. Assim como, quem reclama, é sinal grave de ausência de vitalidade em si. E não pensar no que se está fazendo, tem sempre o seu lado benéfico e funcional, quando bem direcionado: a ação torna-se determinação, não mais um simples agir. Torna-se objetivo, a tenacidade surge e re-

siste-se a qualquer obstáculo, construindo uma forma de agressividade construtiva, propulsora de vitórias.

Tudo trata-se de matemática e abstracionismo. Ao mesmo tempo que algo é lógico, é abstrato; e vice-versa. E para se aprender um, tem que ir até o outro, na qual uma é a direção completamente absurda comparada ao que já se estava acostumado.

As palavras estão para os números assim como os números estão para as palavras, não existe nada mais revolucionário do que isto. O analfabeto pode estar mais a frente do que aquele que domina o campo do verbo; pois às vezes este último bloqueia-se para tudo que é abstrato e exige a racionalidade em tudo. E o abstrato é a semente, aonde tudo germina e brota, para dar vida aos nascentes e nascimentos de um dia posterior, podendo este dia, ser o último. O racional não poderia existir sem antes, o abstrato pudesse ter lhe dado a forma perfeita, untada previamente com as fórmulas universais.

Enquanto caminhávamos, percebi que não desejava chegar ao destino final. Quando se chegasse ao destino final, o tanto de conhecimento com ideias inovadoras para pô-las em prática iriam se desfazer! Sem o caminhar, não há como acionar a mim mesma para algo mais subterrâneo. Sem o caminhar não existe evolução, revolução ou grandes mudanças. Parar de caminhar é parar de entender, de aprender, de digerir, de organizar, de reter e refletir. Se quer dominar todos os conhecimentos, ande bastante e ouça muito os outros – eles são ignorantes, mas ao mesmo tempo extremamente sábios.

Os outros fazem parte do todo, de tudo que o cerca – querer fugir deles é como querer fugir da consciência expandindo-se! Observe seus gestos, ações, palavras,

carreiras, trabalhos, lazeres, amigos, tudo que for possível de tirar proveito em apenas uma única análise. Verá então – que em uma só pessoa engloba-se um milhão de partículas de conhecimento. E tudo aquilo, faz parte também de mais partículas que foram desenvolvidas através da observação de outras partículas, que são as outras pessoas na qual aquela entrou em contato durante toda a vida.

Tudo está marcado ali, bem ali – em qualquer mínimo movimento de toda sua estrutura óssea. Não se enxergam sábios pois estão submersos no véu de ignorância sobre sua própria condição, e começam a acreditar em suas incapacidades de realizar qualquer coisa – e iludem-se, crendo que são determinada profissão e carreira, ou que detém determinada personalidade, quando na verdade, ele é só um que foi iludido pelas ideias da segregação e separatividade!

Desacreditando do seu dom de dominar todo conhecimento do mundo, vendo sua profissão segregada de todas as outras, e vendo-se diferente de outros por deter específica particularidade em sua forma de ser.

Continuamos caminhando, e eu não queria que a caminhada finalizasse, pois estávamos em completo silêncio. E o silêncio, a companhia e a caminhada talvez seriam a química perfeita para o maior aprendizado já parido, para a maior fórmula da química ainda não considerado pela história! Duvida-se do poder de determinadas substâncias juntas, desacreditando de uma possível ebulição? Apenas a prática dirá; assim como a química, de nada adianta lhe explicar as fórmulas e suas incógnitas, se não sabe exatamente como se prontificará o experimento, se não colocar a mão na massa; assim como qualquer outra atividade.

Bom, é isto. O ser humano faz-se de burro e crê, assim, que a natureza também o é. Nossos pés tem a capacidade de levar-nos aonde quisermos, e mesmo assim, todos desacreditam do próprio poder dos seus corpos e são induzidos aos automóveis gigantes. Esbaldam-se em comida, quando, o excesso de comida prejudica tudo e não fortifica nada. A natureza é tão sábia que possui seu método de defesa, os alimentos que vêm da terra, escondendo seus nutrientes de possíveis invasores que irão lhe comer em abundância.

O resultado é sempre o mesmo: a morte, a desnutrição, para todo o excesso. E a natureza sabe disso, por isso as plantas não podem ser regadas demais, senão, viverão embebedadas, sem partilhar também do prazer de estar úmida acolhida pelo calor do sol. E nós fazemos parte disso, portanto, esquecemos! Esquecemos e agora vivemos cansados e insatisfeitos, causado pela desnutrição dos desejos da nossa alma, que passa assim, para o físico, pois não sabe nunca para aonde ir, desce para a terra sem objetivos firmes e é seduzido pelo que os sentidos mostram. Aonde não vibram em um estado mais alto; o estado do autodomínio e da moderação.

Mas enfim, a área que mais causa-me fascínio ao chegar aqui na terra é a área física, corporal; pois, sinto que as cousas acadêmicas, ideias, filosofias, viagens em mundos interiores, tudo isso já domino, e quando encontro isso do lado de fora não prende-me muito pois já vejo tudo isso dentro de mim.

As minhas constantes reflexões são sempre entranhadas. Chego sempre em meios acadêmicos aonde as teorias estão ressaltadas e tudo é relativo, todo conhecimento mostra-se em diferentes formas e sabores, e todos

sentem-se fascinados por aquilo, pois acredito que não existe dentro de si. Já eu, não há como; já domino tanto que é como se eu soubesse das exatas intenções das pessoas ao pronunciar determinada opinião ou soubesse como a própria pessoa chegou a aquele raciocínio.

Então, por isso – a psicologia, filosofia e todas as teorias complexas que lidem com o que não é visível e sim com um lado espiritual, sinto que domino e por isso, não me acrescenta. Agora, o físico! Este corpo tão estranho e ao mesmo tempo tão novo, entende-lo é capaz de tamanho raciocínio complexo! Pois aqui estou eu, sabendo de tudo, mas do físico, de nada sei e tento entender. Ninguém passa as horas do seu dia analisando e vendo como seu próprio corpo é e interage no mundo, por isso talvez, acho fascinante; se ninguém o nota, talvez seja o corpo, este objeto nunca notado e valorizado (somente usado para prazeres), o mensageiro da verdadeira cura.

E por isso o ato do jejum irá me trazer algumas verdades à tona. Macular e tornar sólido o que está aqui há muito tempo e não é notado! O corpo! Ninguém nota que está vivendo dentro de um corpo? Além de estar vivendo dentro de uma casa, de uma lanchonete, do mar, de um abraço, de um escritório, além disso – alguém nota que está dentro de um corpo? Ou são invisíveis para sentir isto?

O corpo é invisível e somente por valorizarem o ato sexual como compulsão, creem eles que enxergam o corpo. Não; estão cegos. O templo está invisível para eles, e só abrindo os olhos para a sensação lúcida e transcendente de estar vivo dentro de um esqueleto formado por diversos órgãos lhe apertando o infinito da alma, sendo protegido por camadas extensas de pele, afim de que a alma não

saia tão facilmente do corpo por qualquer mínimo esbarro em algo de fora; saberão enfim, o que é estar vivo. Quando começar a notar, o quanto o corpo está servindo a alma e como esta alma, este senhor atualmente miserável maltrata o seu servo delicado, inteligente e astuto.

Por isso! Conheço tanto tudo pois conheço meu mundo interior; mas, a vida prática entrega-me ao conhecimento vivido, e não somente sabido por instinto, intuição ou dom. E é aí então, creio eu, que meu conhecimento sobre todas as coisas deve ser posto à prova. Para sabe-lo, para verifica-lo em sua veracidade mais profunda e mais firme em suas raízes! Para vivenciar o radicalismo que é a verdade.

E mais, andando pude lembrar-me de uma incrível lembrança de uma reflexão minha. Sobre como, o erotismo e a sensualidade estão conectadas com a espiritualidade, e em consequência, com a pureza. Quem seduz na verdade, possui a energia vital da pureza, a energia de vida dentro de si; sente-se extremamente bem consigo mesmo! E isto também é um ato de quem é puro. Agora, a maioria dos sedutores raramente possuem a pureza desta energia vital que eles sentem, pois encaminham está própria energia de estar bem consigo para fins egoístas, e não visando para algo maior, que englobe a solução de problemas coletivos.

Quem seduz, pode seduzir para cousas positivas, não somente para benefício próprio ou para satisfazer-se inflando sua estima mais ainda. Quem seduz é agradável, simpático, divertido e atraente, e estas coisas podem ser usadas para outros fins que não os sexuais. Por isso, o erotismo e o sensual são na verdade, a energia essencial de vida. Mas quem a tem, escolherá, se irá usá-la para fins frívolos ou satisfazer a vontade do todo.

O corpo humano guarda as mais invariáveis e diversidades possíveis de formas da energia vital – e o erotismo é o mais popular deles.

Agora, é engraçado também quando a própria pessoa que fala sobre erotismo, exala o erotismo. Falando de um modo separado, como se não fosse isto, como se não soubesse quem se é, como se não soubesse o que passa para os outros através de sua áurea (e realmente não sabem). O que me prova também que a consciência muitas vezes está a milhas de distância do que a mente e o corpo são no seu conjunto, no seu estado atual. A mente e o corpo são ligados um ao outro, porém, a consciência que está morando ali dentro de ambos, não.

Sinto sempre esta sensação: como se, meu corpo e minha mente se afetassem absurdamente por algo, por exemplo, um alimento de má absorção; mas a minha consciência não se afeta por isso, talvez por que, ela saiba que aquilo tem a ver com uma consequência do que eu ingeri, e não faz elucubrações inúmeras para saciar aquela má sensação efêmera, que se está sentindo apenas por horas.

Mas é isto: todos transformam a sensação efêmera em eterna, apegam-se às sensações do corpo! E isto é perigoso – nunca se deve arriscar o olho do eterno e mencionar a eternidade sagrada por conta de uma frivolidade como essa; uma sensação totalmente passageira, que está intensificada em seu mais alto grau, impedindo de enxergar com os olhos da realidade, que vai muito além do que o corpo está sentindo.

E a intensidade é danosa – ela, de tanto aumentar as cousas, transforma o que é passagem em um delírio fantástico da imortalidade do momento, o que é admiração em paixão desesperada, o que é carinho em posse, e acaba por

si só se destruindo, deixando seus cacos de vidro no chão, espetando o pé de todos que passeiam em tranquilidade sob um campo verde.

E quando digo intensidade; não é sobre sentir demais, mas sim sobre não entender o sentimento e expressá-lo sem entendê-lo. Sou, eu mesma, extremamente intensa, porém o expressar isto sem entender primeiro, e querer saber o porquê de todas as coisas, aí está o erro, pois sem o entendimento da própria intensidade, acaba amordaçado e acorrentado pela passionalidade destruidora; aonde enfia-lhe uma faca na cabeça, tanto da harmonia com outros quanto o do bem-estar próprio na solidão.

Mas agora, vamos lembrar que todos nós somos espíritos presos em um corpo, mesmo que estes espíritos estejam em diferentes graus se tratando de consciência; todos compartilham da mesma sensação: a de morar em um corpo. E este é um dos significados do jejum – sentir-se dentro dele, o limpando, como se limpa sua casa material, e sentindo maior comunhão com os outros, por perceber depois, que os mesmos estão passando pela mesma experiência que si próprio! E depois deste fato consciente ser posto em sua própria mentalidade, será capaz de integrar-se mais á estes atos de renúncia.

Mais uma vez; o corpo não entende nutrientes, mas entende seu próprio paladar, que faz parte de um dos seus sentidos embutidos. E este paladar, ao entrar em contato com determinado gosto, irá enviar mensagens para o cérebro, e este enviará para o corpo, despertando uma coisa diferente a cada gosto diferente que sinta. Por isso, quando se jejua, há ausência de gosto, então entra a meditação profunda sobre tudo. Se não há gosto, não há o que digerir! E

quando não se digere, há energia de sobra para o restante do corpo, ao invés da vitalidade ir somente para o estômago.

Novamente; as pessoas são a mesma, apesar de terem espíritos diferentes, são a mesma coisa! Pois respiram igualmente, criam prazeres próprios se assim o externo lhes proporcionar isto, acham fascinante toda forma de novidade, sorriem, choram e sentem demais. Aquele que passa por cima dos instintos, não é porque não tenha instinto também, mas afundou-se em si mesmo o bastante para achar a raiz do instinto, e digeri-la, mastiga-la até o talo – e isso não é nada mais do que a própria espiritualidade. O entendimento do próprio instinto.

E vamos ao entendimento do instinto. E por consequência, a libertação do mesmo dos seus próprios desejos. Dentro de si, só se pode libertar um impulso quando se entende ele. Alguns chamam isto de autocontrole. Eu liberto meus próprios instintos, e para isso tenho de constantemente pensar neles, para poder entendê-los primeiro, antes que eu os deixe libertos. (como filhos; antes de soltá-los ao mundo, há de se compreender suas motivações primeiro e suas tendências).

Então crio uma ideia deturpada de que, os outros me verão desta forma, somente por que estou a todo tempo a pensar em meus instintos – mas essa não é a realidade para eles sobre mim: o que eu penso é somente para entender o instinto, e não por haver uma pobreza de intenção no pensamento; onde, em mim, quase nunca há.

Mas eles veem o que estou fazendo com o pensamento, e não o meu pensamento como se fosse eu! Há uma diferença entre os modos de pensar – não é o conteúdo do pensamento, mas sim a forma que se dá a este pensamento, o grande definidor de um caráter.

Chegamos enfim, na casa de Amélia. O lugar me parecia completamente novo, talvez pela experiências e vislumbres na qual eu tinha acabado de passar no palácio. Entrava no mesmo lugar na qual eu estava anteriormente, mas me parecia outro. Mais uma prova de que a perspectiva é o que gera a realidade – a visão interna gera e semeia milhares de criações novas para aquilo na qual se está olhando, ouvindo, sentindo, tocando, de acordo com o que se passa em sua cabeça. Como meus pensamentos mudaram neste curto período de tempo, a casa também mudou.

Estranho agora – seria eu capaz, de sentir-me do mesmo modo, do mesmo modo que eu me sentira quando vim aqui antes de chegar no palácio? Talvez esta casa comece a me proporcionar sensações diferentes; por mais que ela me seja familiar, não há nunca uma familiaridade perpétua e absoluta. Até a própria familiaridade pode mudar com o tempo. E quase sempre, muda.

Conforme nos adaptamos em outras esferas de circunstâncias, que vão se relativizando e tornando-se cada vez mais complexas e fascinantes conforme vamos expandindo a consciência. Deixando nós, de ser o centro do mundo, e passando a ver o centro em tudo! Como por exemplo agora, a cada de Amélia, é o centro de tudo neste instante. Mas o centro de tudo tornará a ser outra coisa, assim que eu sair daqui e observar outro ambiente.

A única coisa que distingue o ser humano dos outros animais é a capacidade de imaginação, de criar, de fantasiar e ser capaz de materializar esse mundo imaginativo do mesmo. Nenhum outro animal faz isso – apenas nós, por isso falamos tanto em evolução; pois a evolução para eles é conseguir criar coisas cada vez mais produtivas e auto aperfeiçoadoras do estado do humano; mas se empolgam!

Se empolgam e acabam se destruindo ao invés de se ajudarem. Dizem que somos racionais, mas todos os animais são! Todos os animais são racionais.

O problema do humano é que ele possui essa integridade imaginativa, com sede de criação, e isto constantemente é confundido dentro dele mesmo com racionalidade! Os outros animais são mais racionais que nós; nós não somos racionais, somos criadores. E nessa busca pela cópia (a falta de olhar para si), de querermos ser racionais como os outros que não são da nossa espécie; acabamos enlouquecendo, em sentido literal.

Talvez isto explique um pouco a desordem da opressão dos homens sob as mulheres, mundialmente. Naturalmente, elas são mais coligadas ao sentimento, conseqüentemente, mais necessitadas de cousas criativas. O homem também é um ser humano, portanto almeja criar, vê a mulher criando as coisas com tanta naturalidade e sente-se deixado de lado pelo cosmos. Por isso, começa-se a destruição dele mesmo, destruindo o princípio da criação: a mulher.

Mas voltando a casa de Amélia: ela não estava mais a mesma e, portanto, não iria sentir-me da mesma forma, nem mesmo agir.

– Eu vou dar uma descansada. – Amélia disse, largando a chave da porta na bancada – Fique à vontade aí, Violeta. Faça o que quiser, menos quebrar e destruir os objetos.

– Vai me deixar aqui?

Ela então, me olhou estranhamente, como se tivesse esquecido do que iríamos fazer mais para frente.

Eu então, interrompi seu estranhamento, lhe falando como lembrete e como afirmação:

– Começarei meu jejum amanhã.

Ela se absteve de resposta, e tornou-se pensativa.



## 5. A PRUDÊNCIA

Eram quatro da manhã. Este horário é o ideal para se acordar. A meditação ocorre sempre nestes horários – aonde todos os desejos ainda andam adormecidos e saem do corpo para entrar em um outro campo que não o físico. E após emergirem em um outro campo mais invisível aos olhos, estes conseguem ter sonhos significativos. Mas acordar cinco da manhã é como ter estes vislumbres do outro campo, estando acordado, consciente.

Meu jejum já tinha começado e eu iria agora passar os dias em uma floresta antiga inabitada. Amélia ia junto comigo, com mais dois amigos.

Enquanto passávamos de ônibus pelas estradas, pude notar sinais relevantes sobre o predomínio da cultura dos lugares. Havia um cone aonde pude enxergar de longe, escrito: “Respeite minha cultura e depois disso, o sangue de vocês parará de jorrar.”

Mas, agora lembrei-me de um bilhete que tinha achado na mesa da sala de Amélia sobre a liberdade de expressão e indaguei-me sobre se aquilo não tinha relação com a supremacia de alguma cultura. Mas se era a Europa que era a predominante, por que iriam querer a supremacia novamente? E se fosse o outro lado que quisesse o respeito (outro lado quer dizer qualquer outro

continente), por que clamam por violência, se é o lado deles, o injustiçado?

Cada cultura há seus costumes e crenças a serem seguidos, mas estas culturas muitas vezes passam por cima dos valores humanos. Então, hei de ser obrigada a sair do meu lugar de observadora e decidir agir. Pois, não há inteligência de cultura alguma que supere a Inteligência do amor; e o amor não entende segregação, separação, agressão e desonras. E quase todas as culturas, existe um pouco de tudo isso, que o amor não entende! Então, como superar o amor, se a cultura existe em todo o mundo? Como fazer o mundo se unir através do amor, se todas as culturas dominam o mundo, e desmerecem o poder desta força maior, sem mesmo eles se darem conta disso?

Todas elas são importantes e deveriam levar ao ideal maior, ao ideal mais elevado, que é este, o ideal do amor; este ideal nobre, de entendimento e de compreensão, suspendendo o véu de todo preconceito e intolerância, abrindo portas para a verdade mais sagrada: a ausência de verdade absoluta. Elas devem levar às inconstâncias das crenças dentro de cada um – abrindo a percepção para a total expansão mental. Mas o que fazem, ao invés disso? Invertem o raciocínio: aprendem sobre uma determinada cultura, fazendo dela o centro do mundo, tornando-a a única verdade. Vê-se o erro?

Mas sempre existe a prudência. A minha esperança estava na prudência inata e imaculada, existente em cada espírito humano andando pela terra.

A prudência! Ela existe, mesmo que as impulsividades estejam sempre visíveis. A prudência está amarrada, escondida e bem discreta embaixo dos balcões dos bares aonde entram os frustrados ou os comemorados... A pru-

dência está sempre lá, esperando que alguém lhe bata a porta. Eu decidi bater agora, e ela atendeu; não errática, não injuriada, nem mesmo angustiada por ninguém batê-la na porta por tanto tempo... Mas contente! Contente, mesmo com o rosto ressecado e cansado, ainda conseguia contentar-se com a mínima visita. E era isto a maior glória da prudência, o mínimo ser o máximo. E o mínimo ser o máximo significa conquistar o mundo.

A prudência não é sincretismo, nem mesmo miscigenação... A prudência é a harmonia e o respeito ao semelhante no seu estado máximo aonde a potência humana pode chegar, em nível de doação e devoção ao outro. A prudência é transcendental e não entende rótulos culturais, sociais e religiosos.

A prudência se parece com a força criadora. Pois a força criadora é a cautela, e tudo que é cauteloso é absorvido em si mesmo e compreende absolutamente tudo que existe. Vamos lá! É a rainha, a parteira, a mediadora, a mãe de todas as outras virtudes e qualidades disponíveis para os outros corajosos, heróis e deuses. A prudência é a forma de sabedoria mais inteligente e eficaz – sabe de tudo sem causar alarde algum, pois seu reino é entro, na carapaça da introspecção. E por isso, os tolos dispersos pelas superficialidades do mundo, nunca verão o quanto ela é majestosa, até que algum outro perceba e proclame isto em voz alta.

Quem é prudente mora no reino dos céus sem saber e assemelha-se a um santo, mesmo sentindo-se constantemente imperfeito e falho em todas suas ações.

Quem não entende a prudência está longe de entender que nada na vida se trata de condições de nascimento, mas sim de entender o que acontece, como acontece, e

como fazer acontecer o diferente daquilo, tão falacioso e rotineiro. Não são os papéis sociais, mas sim o sentimento de dever para com aquilo; irá definir a verdadeira ação.

Assim como o gesto da inspiração – a atitude de estar inspirado não se trata de ter um lugar e hora ideal para isto: a inspiração ocorre em momentos de ação ou de inação, ela é um transe descido para certa consciência na terra sem aviso prévio, e cabe a esta consciência captá-la e transcrevê-la do jeito que sentir-se mais confortável! A inspiração ocorre em qualquer hora e em qualquer lugar. Com pressa ou sem pressa; em aperto ou em folga, em apatia ou em amor.

Provavelmente chegaríamos na floresta no período da noite, um horário ideal para estar mais em contato com o que acontece lá em cima. Pois bem sei que, tudo começou lá. E o ser humano se guia através dele – através dos acontecimentos e das sinalizações dos céus. O humano em si, é levado pela influência dos astros, mas perdeu-se de tudo isso que o guiava.

Antes de tudo, quando começou a ter percepção de sua própria capacidade de inteligência, surgiram seus questionamentos. A dúvida sobre quem se é e as aventuras feitas com o passar do tempo para descobrir quem se é. O olhar-se no reflexo das águas e perguntar-se: “Quem sou eu? E como essa figura foi formada?”.

Com o passar das épocas, essas dúvidas foram se transmutando, foram tomando uma outra forma. As dúvidas existenciais foram sendo substituídas pelo trabalho criativo, ou seja, trabalhos manuais e intelectuais que usufruam de toda potência criativa do ser ali em ação. Depois disso, ele tornou-se mais rico por dentro e menos inseguro, mas ainda preservando o ócio inteligente e sensatos

das dúvidas anteriores, pois estes não sumiram, apenas foram incendiados e renascidos. De uma forma ou de outra, eles acabaram dando exacerbado valor às suas criações e perdendo-se na sua condição de criador.

Mas o problema não está nestes fatos e nestes acontecimentos, destinados a acontecer repetidamente na história humana, mas à forma emocional dada é este fato ou acontecimento. Às vezes, a mesma coisa ocorre todos os dias, mas me parecem acontecimentos distintos. Isto porque, quando a consciência está modificada, não há como as pessoas, as memórias, os lugares, os alimentos, as sensações, não mudarem juntamente.

Vejo conhecidos de longa data e me parecem outros! É fascinante e assustador, como se uma outra vida de repente, tivesse se emergido.

E após tanto tempo, de mudanças internas, com a saúde modificada da minha parte – as mesmas coisas antigas, as mesmas sensações, músicas, imagens, parecem me confortar, mesmo eu, tendo mudado meu estilo de vida. Não por que o ser humano possui memória, mas sim talvez, porque, as sensações antigas são meu senso de pertencimento e aprofundamento. As mesmas coisas tristes que eu ouvia, quando as ouço atualmente, e não me parecem mais tristes, mas sim belas, profundas! A melódiosidade me parece outra, e ainda mais agradável.

Se parecem comigo, voltando para casa. Eu mesma tratando meu gosto como se fosse uma fase, não o é, no meu caso, pois a virtude de alguém em criar gosto por algo nunca é em vão, nem mesmo modismo, passageiro. É por que, dentro daquele ser, algo foi tocado e precisou ser exposto através de alguma obsessão ou vício, pois não achou espaço adequado para que aquilo beirasse em um

ato comedido. Pois absolutamente tudo em que se acha o gosto ideal para si, mas quando não se conhece o suficiente para expressá-lo, torna-se obsessão.

Nenhuma melodia já criada é uma forma de tortura, mas sim a verdadeira tortura está no indivíduo que a ouve. Agora, quando a suposta melodia ou musicalidade que se ouve causa desarmonia no cérebro, então – não é melodia, são ruídos confortando alguma bagunça interna. A essência da musicalidade é o princípio do ritmo – sem isto, ele é somente um barulho. Sem o ritmo, não há harmonia, e música sem harmonia causa desconforto aos sentidos.

Me pergunto sobre essas determinadas sensações, que temos, mas não sabemos se são de nossa própria natureza, própria e particular, ou se advém da fase da vida, ou se até mesmo é confundida por alguma sensação inata, mas intensificada pela sociedade atual, aonde tudo é muito rápido e extravagante.

Como seria por exemplo, a atitude de plantar uma árvore e observar todo o seu processo de crescimento, até a mesma tornar-se tão enorme que já não precise mais de cuidados? Neste caso, haveria apego do indivíduo que a plantou? Pois, como se apegamos uma semente, a um estado da planta? Há apego pela árvore? Então, o apego não é uma característica própria dos indivíduos entre si e nem mesmo fruto de uma sociedade que enobrece e enriquece a ideia de possessividade. Apego então, existe também na natureza. Nos estados naturais dos seres. Esta lógica procede com a verdade universal?

Se bem que – a lógica é sempre incapaz de traduzir a linguagem universal. Sempre quando tento fazê-lo, me frustro. A lógica é sempre muito oca e estranha aos meus olhos...

Ora essa! Eu, perdida na luta pelos objetivos, acabo esquecendo do fim, pois permaneço obcecada no trabalho do meio para chegar a aquele fim; quando todos são o oposto – estão sempre trabalhando, mas obcecados pelo resultado que receberão.

Eu esqueço do que irei receber; como se a aventura do meio para chegar até o fim fosse o mais essencial, o princípio e o principal! Pois quando eu chegar no final, eu saberei que aquilo não irá significar mais nada – pois é o caminho que significa tudo, o aprendizado das andanças e é este aprendizado que lhe faz caminhar com as próprias pernas e esquecer-se dos resultados, que tornam-se pequenos demais perto de tanto aprendizado e conhecimento construído tentando chegar até o fim!

Não é engraçado? Os papéis se invertem, naturalmente, sem ninguém estar de olho, apenas a sensação nos dizendo cousas inaudíveis pela racionalidade fissurada em ter, em posse, em controle, segurança. Como se seus ouvidos estivessem fechados para o sino da veracidade universal! Como eu disse, a lógica caminha na pequenez; é só olhar para o céu e perceber, a imensidão que é – e que nunca, jamais, toda essa imensidão será traduzida por algum ser humano! Os que tentaram, embolaram-se em teias e redemoinhos de incertezas. Assim como está na terra, também está no céu.

A obsessão surge do ser que não se conhece. Quando se desvia de si mesmo, surge a obsessão. Quando se centra em si, há a disciplina. A disciplina surge do ser que todos os dias descobre coisas novas sobre si. O ser humano em sua natureza, se desvia ou se centra em si?

A grande verdade é que não sei sobre a verdade; por isso falo tanto dela, e por isso sou prudente, é da

onde vêm a prudência: de saber sobre a verdade. Todos estão cheios de certezas, por isso raramente falam sobre a verdade, ou falam a verdade; pois estão atados às suas próprias verdades, não totalizando a verdade em sentido universal. Bom, é isto: a minha verdade talvez seja todas ao mesmo tempo, e nenhuma. Eu não sei a verdade e por isso aprofundo-me até chegar na raiz mais emblemática de uma rotatória! Como se chega na raiz de uma roda, se ela vive rodando? Não se sabe; pois bem, por isto mesmo que se deve insistir em querer saber, pois ninguém nunca soube! Por isso os jejuns são importantes, e exemplificam atos de prudência: elas conseguem nos fazer enxergar uma pequena ponta da verdade.

Mas que verdade é essa? Não há como dizer, as percepções individuais são mais cirúrgicas do que as palavras e explicações, lembrem disto. Pois as percepções individuais são todas uma mesma, e é o universo agindo, andando e avançando, conforme todos percebem o mesmo, e sentem o mesmo, se reservando de palavras chulas e insatisfatórias.

As pessoas mais extraordinárias se parecem fisicamente com pessoas comuns; e vice-versa. E por isso todas as pessoas são confundidas em termos físicos e corporais, pois o universo trabalha sempre da mesma forma com todos – apesar de alguns terem uma potência maior, e outros, serem levados pelos limites impostos pelo mundo. É só o físico que é confundido, mas a potência é sentida por quem tem olhos de verdade.

Não se esquecer de quem se é, enquanto trabalha. Não se deixar levar pela obsessão do trabalho, esquecendo-se de quem se é! Esta era uma grande verdade, independente da época, pessoa, lugar. O trabalho traz metas e

objetivos, mas também adocece – dependendo de sua dosagem, há de se tomar cuidado com seus excessos. Um corpo cansado e quebrado é um sinal para o repouso e reflexão sobre o que se está fazendo com o mesmo.

Quando se pergunta por que se está fazendo aquilo... Todas as verdades absolutas do ser desmoronam; quando o questionamento bate em sua porta. E quando ainda compartilham pontos de vistas diferentes! E iniciam o processo de sabedoria de um aprender com o outro, então – daí se desmorona de forma mais sutil, aquelas certezas absolutas. Quando duas pessoas completamente distintas se unem e conversam entre si e tornam-se amigas, abre-se um caminho enorme para o progresso da consciência e da compreensão de ambos, diminuindo as opiniões e aumentando a percepção una.

– Aonde você quer chegar com tudo isso? Já se perguntou? – Amélia interrompeu meus fluxos de reflexão, me fazendo uma pergunta necessária.

– Você já sabe, não é? Na verdade.

– Mas o que é essa verdade? Você saberia agarrá-la se ela se aproximasse de você? Saberia percebê-la?

Assim como, estudar coisas ocultas e escondidas e ditas esotéricas pela sociedade de consumo, não há o que vigiar e nem supervisionar o estudo, pois é um estudo intrínseco e entranhado no cerne das mais densas fontes de pensamento. Não é como um estudo comum de uma matéria que envolva lógica, aonde há autoridades supervisionando-lhe para saber se está aprendendo artificialmente, a lógica deles.

Como fazer isso com um estudo de algo oculto, desconhecido pelas pessoas comuns, aonde o mesmo não é controlado por nenhuma força social, sendo a alienação

acerca daquilo tamanha para todos, se resguardando em seus medos e afastando-se do enigmático, e quem não se afasta, não está disposto a fazer o bem dentro daquele estudo, somente conhece-lo para visar seus próprios interesses particulares? Pois bem. É a mesma coisa com o jejum e a verdade. Como dizer que descobri a verdade, se quando finalmente a descobrir, mais tarde descobrirei, que não conheci nem mesmo um milímetro?

Aquela imagem nomeada de verdade, foi apenas mais um começo. Um começo de uma verdade desconhecida pelos meus parâmetros e perspectivas. E virão outros ainda, passando por cima deste encontrado pela minha intuição e instinto! Aquela coisa que eu chamei de verdade, descoberta com tanto esforço astral, foi algo já descoberto por outros que já vieram antes de mim. Então, como responder Amélia, se tudo isso aqui nada tem a ver com retórica ou respostas bonitas e conclusivas para uma provação material de cursos aonde há supervisionamento do aprendizado?

As coisas naturais sempre acabam apodrecendo, murchando, ficando velhas ou morrendo. As coisas artificiais nunca morrem, permanecem intactas; isto significa que tudo que é natural entende o ciclo de morte e de como tudo está relacionado – até mesmo um propósito de pequenos fungos e bactérias nocivas de serem ingeridas para um corpo humano, se alastrando em um alimento natural.

Significando que, algo quando é perfeito demais e possui respostas prontas e bonitas em exacerbo, é um sinal característico de uma possessão pelo artifício, pela superfície, pelo o que é raso. O que é profundo nunca mostra o rosto e nem mesmo dá as vozes, pois sabe: ainda existe

muito mais a se saber, a se conhecer, a se entender. O que é profundo tende a morrer, a murchar, a apodrecer, para crescer novamente e entender tudo de um outro jeito. O artificial não. O artificial nunca morre, e por não morrer, não saberá o significado do abandonar uma verdade em busca de uma compreensão mais ampla.

– Saberria quando chegasse. Não sei se a agarraria, não sei se manteria ela presa. Acho que a verdade não pode ser precisa.

Amélia revirou os olhos.

– Você entendeu o que eu quis dizer, agarrar no sentido de mantê-la consigo.

Há algumas cousas que somos obrigadas a fazer quando em contato com o meio, e nos fazem acreditar que somos obrigados a fazer. Por exemplo, todos os dias cozinhar sua própria comida. Por que estou fazendo isso? Me perguntava. É realmente necessário, todo esse esforço, todos os dias? O jejum me mostra isso. Mostra-me que, há um esforço desnecessário de todos em quesito da necessidade de comer, e uma superstição acerca da fome.

Nosso corpo, sendo ele tão inteligente, é capaz de se alimentar somente de água por muitos dias; porém, duvidam do imenso poder do corpo, do grande templo que ele significa, da divindade que habita ali. Então, por que continuar com o esforço? Perguntava-me. Por que este esforço descabido para cousas mínimas que podem até nos beneficiar, se pararmos de fazê-lo durante algum tempo? O benefício seria, a pureza total do corpo; e talvez isto me faça ficar um pouco mais próxima da verdade.

Acordem! O corpo não faz parte de nada disso que veem; rotinas, horários e irritações por mínimas coisas. Ele é uma obra, compondo máquina e sensibilidade ao

mesmo tempo, operando sozinho com sua inata liberdade e sabedoria. Quanto mais ele está cheio, mais apodrece; assim como nós: quanto mais temos, menos somos.

O estado de pureza é tão frágil, que uma mínima sujeira já modifica completamente o estado penetrante do objeto em si. Qualquer mínimo grão apodrecido, porém, insignificante e minúsculo, torna-se tóxico dentro de um estado de pureza imaculado. Mesmo passando despercebido, por ser tão pequeno. Uma cozinha limpa percebe sempre, o primeiro sinal de sujeira que aparece, e normalmente acontece em pouco tempo. O estado de pureza é frágil! Para se manter as coisas limpas, é necessário vigília, atenção e sensatez sobre a ocasião.

Mas o que seria a sensatez dentro de uma ocasião? Não há isto de bem e mal, mas vejamos o contexto da limpeza – se desejamos a limpidez e a pureza, uma barata que atravessou o esgoto e infestou-se com restos de podridões, caberá a ela, se adequar a uma cozinha limpa? Não! Porém, ela é um ser inofensivo; merece morrer, somente por estar suja? Não! Ela não é maléfica, nem tampouco benéfica. Há a ocasião, há a sensatez da análise do momento.

A sujeira se encosta rapidamente nas paredes e nos tecidos, já a limpeza, ela necessita de trabalho árduo. Não há como exigir pureza do mundo quando nenhum dos seus moradores desejam trabalhar para este fim; e não o trabalho como algo penoso, pois isto não seria purificar-se, mas sim sujar-se mais ainda – mas sim o trabalho com o prazer de estar aprendendo.

O corpo é sempre bombardeado de sujeiras sociais e externas – tantas vindas das altas tecnologias, crenças ilusórias e impostas que vão contra a nossa natureza interior,

e com o passar do tempo vão criando fungos, bactérias e vermes em nosso organismo, tudo pelo começo conflituoso entre nossa vontade e natureza interior de quando crianças, versus o que começamos a ouvir nas escolas e dos nossos pais, carregados de densidades e de pesos. Vai-se criando as sujeiras... aos poucos, se alinhando desapercebidos, com seu campo emocional. Ou, seu campo emocional se alinhando a estas crenças errôneas e supersticiosas, alienando-o desde a tenra idade.

– Você tendo todo o conhecimento do mundo armazenado dentro de si, sendo assim, não precisa de companhia alguma para lhe ensinar coisa alguma e vivendo plenamente confortável consigo mesma – Ela continuou – Já deveria ter uma ideia do que vai encontrar pela frente, não é?

– As coisas não funcionam dessa forma, Amélia. A verdade vem adotando o oposto de tudo isso, se desfazendo dessa ideia de que sou possuidora de todos os saberes. Até porque, só os sei através da intuição, então não há como prova-lo de forma lógica.

– Eu entendo, mas mesmo assim, é fácil criar expectativas sobre o que irá encontrar.

Eu então, respirei fundo, e a respondi, com tom pouco encorajador:

– Talvez nem eu mesma saiba o que quero encontrar. Talvez permanecer imóvel pela eternidade seja a resposta.

E, de fato, sinto como se eu desse voltas em uma mesma coisa a todo tempo! Como se, eu só viesse para cá para terra para nada, pois as minhas experiências na terra nada mais são do que lembranças; o aprendizado daquela experiência, é como se eu já soubesse dele, e algum acontecimento somente me deu um estalo e lembrou-me.

Tudo que eu vivo nesta vida só me elucida mais ainda, de que o princípio, o ponto de partida, é o lugar aonde todos devem sempre voltar (ou talvez nunca sair), pois é lá que se encontra o verdadeiro eu, e não no novo, em uma nova vida, em novos hábitos ou novos costumes; mas sim na antiga, em como se nasceu e se foi criado! A nova vida são somente experiências para proporcionar aprendizados, e não um novo “eu”, na qual a pessoa perceberia, mais cedo ou mais tarde, que seria um contexto supersticioso e ilusório.

Assim como todos os contextos que criam em todos os âmbitos na vida. Criam estes contextos ilusórios e acreditam nisso, não querem acreditar em outra coisa, pois temem a morte dos seus próprios rancores! Pois já estão atados a uma forma coletiva de sofrimento; se o sofrimento fosse individual e único, ele seria facilmente transcendido e superado, pois seria um correr natural. E daí a pessoa avançaria, aprendendo e dançando com as fases da vida e seus respectivos desafios. Mas como não o é assim o ocorrido normalmente, como o sofrimento é criado em coletivo, passam épocas e épocas estancados a uma fonte única de prazer (que gera o sofrimento), crendo que a vida é só isto. Esses conceitos e contextos errôneos, tem de ser superados!

Um bem comum e muito conflituoso em senso comum: o de família. Creem no conceito de família como mãe, pai, tios e tias. Sendo que, parando para se perguntar o que realmente significa família, ela é quase como uma fraternidade escondida e secreta, mas quase entrando em seu estado de putrefação e decomposição, por conta do conceito criado de família; sendo somente sobre pai e mãe. Família é, antes de tudo, ancestralidade, herança,

ciência, comunidade. E o que todos sabem sobre isto? Herdar algo ancestral, algo de alguém que nem se chegou a conhecer.. Não é algo para se pensar?

Como pode declarar ódio a família se nem mesmo conheceu outros que vieram antes, e a possibilidade de um deles ter sido seu grande amigo é enorme, porém – nasceram em épocas diferentes e acabaram se atropelando no tempo. Herança: como pode enraivecer-se por seus traços se tudo isso foi um processo natural? Se enraivece-se com seus traços, enraivece-se com a ordem natural das coisas, e se se enraivece com isto, ora!

Tudo então, irá tirar-lhe do seu centro. Ciência! O que sabemos sobre a ciência? É relativa; todos os dias são feitas descobertas paradoxais tentando se encaixar uma na outra para fazerem sentido, sendo explicados através da lógica. Pois então, não se sabe nada sobre a família, aonde inclusive – as amizades que tanto aprecia, também são uma forma de família, pois há a cooperação de uma comunidade dentro de uma verdadeira amizade.

– Sabe o que eu acho? – Ela tocou em meu braço, e deu uma pausa para refletir sobre o seu raciocínio antes de falar – As pessoas irão precisar de você, mas quando estiverem mais velhas. Se sabe de tanta coisa, elas irão precisar, pois não sabem de nada, e só vão perceber que não sabem de nada, quando tiverem experienciado lamaçais e desgraças, e essas experiências, você já sabe por intuição guiada!

– Será que sei mesmo? – Perguntei, para ela e para mim.

– Pelo o que mostra e pelo o que fala, eu possuo intuição também, e sinto. Não é somente eu, não é meninos?

– Ela então virou-se para olhar o banco de trás.

Nossos dois amigos que iriam conosco chamavam-se Jeter e Benjamim. Mas nenhum dos dois respondeu; ambos dormiam no banco de trás do ônibus enquanto Amélia chamava. Os dois estudaram conosco.

– Ah, que ótimo. Já entendi porque estavam tão calados. – Ela foi um pouco irônica.

De repente, comecei a olhar para minhas pernas, com meu corpo sentado no banco da frente, em companhia com Amélia. Durante algumas vezes, costumo olhar para os membros do meu corpo e acha-los um tanto estranhos; estranhos em sentido de, como se nunca tivessem ali, como se nunca tivessem presentes, e eu estaria os notando somente agora. Como é possível, ter membros e nunca ter os notado, parado para analisa-los, e após essa grande descoberta de perceber-se um ser vivo e vertebrado, na qual possui capacidade de se locomover, como pode, não estranhar-se? Estranhar suas pernas, suas mãos; sua pele, esta camada tão fina que guarda os segredos mais grossos e densos do corpo? Como nunca pode se perguntar sobre isso?

Essas sensações surgem desde a minha tenra idade... de olhar para um lugar na qual já estou acostumada a ver, a olhar para aquilo todos os dias, mas nunca realmente apreciar e maravilhar-me com aquilo. Até que um dia, eu olho novamente para o mesmo ponto que costumo olhar todos os dias, e finalmente enxergo a coisa como é, encantando-me com tamanha engenhosidade daquela coisa na qual olho, e não mais olhando de jeito pálido, cansado e com descaso. A experiência de se estar dentro de um corpo é indescritível: acredito que todos chegarão a sentir isso também – quando tiverem um lapso de consciência e perceber o quanto é indescritível por ser especial e

peculiar. Estar dentro de um corpo. Se você está dentro do corpo, e não é o corpo, quem é você? Consegue explicar, emocionar-se com o fato de saber quem se é, e encantar-se com o fato de também não saber?

Nosso corpo é um mistério, ou será que ele é um mistério por que olhamos para ele de tal forma? Ele é um mistério por não conhecermos ele; mas um dia chegaremos a conhecê-lo? Provavelmente não; o material pode ser tocado, mas é indecifrável, pois o material advém do espiritual, por isto tudo na matéria tende a ser enigmático quando se olha mais profundamente para aquilo.

Nosso corpo é um mistério! Sim. Suas reações são imprevisíveis – coisas aparecem e desaparecem repentinamente de dentro dele; como confiar, então? Em qualquer coisa que dizem sobre ele, e até mesmo sobre o que se sente em relação a ele, se suas sensações vêm e passam a todo tempo? Como preocupar-se com o mistério, se ele é indefinível? Como preocupar-se com o que tem de ser desvendado? Não deveria instigar-se?

Instigue-se com os mistérios do corpo, e não preocupe-se com ele. Há de se jejuar para se perceber isto – seu espírito entrando em contato com as sutilezas mais finas e delicadas do corpo.

E o jejum em si, não há nada de desesperador ou extraordinário nele. Todos veem assim por transformar tudo que é aparentemente desconhecido (pois nunca se provou), em um sensacionalismo irritante. E por transformarem as ideias e as vivências dessas ideias em sensacionalismo, muitos desistem de seguir aquela determinada rota – pelo medo que foi criado através da ideia sensacionalista da coisa que foi lhe passada.

E por vezes é doloroso ter de passar por certas coisas, mas o papel de vítima sobre o estado doloroso só aparece por ninguém saber refugiar-se em sua própria imaginação. E quem assim o faz, o faz de forma muito penosa ou insatisfatória; como se o mundo da imaginação não fosse o ideal e mágico para viver-nos. Pois a imaginação dá asas para a realidade, e quem não sabe usufruir dela, frustra-se em todas as experiências da vida, alegando assim, terem sido erráticas. Quando na verdade não existe erro em lugar algum, não existe! Existe observância, e dessa observância, surge uma constatação que leva a uma outra ideia brilhante para uma outra ação. Mas nunca um erro. Nunca se permita dizer erro, mas sim possibilidade de investigação, ou simplesmente observação.

Todas as pessoas comuns que conheço quando comecem a refugiar-se em suas próprias imaginações sentem um medo, um pavor irracional, pois começam a ver uma ponta de um imenso poder que possuem; e então, recuam, e insistem em querer ser pessoas comuns, com vidas comuns, sem nada de maior que os mova.

A imaginação abre as portas para tudo; experimentalmente, transformando os estímulos de fora em novas ideias, e não vendo tudo como os outros estão vendo. Quem é imaginativo, possui uma salvação indiscutível dentro de si. Aquela salvação que ninguém sabe o que é, mas está lá, está ali, e sente-se que há algo de diferente no ser que é salvo.

Por fim, depois de algumas horas, chegamos na floresta. Acordamos os meninos dando cutucadas em seus ombros, descendo logo em seguida do ônibus. Tivemos que andar alguns metros até lá, e abrimos caminho entre as plantações com um pouco de dificuldade e tempo.

Logo quando entramos mais a fundo no coração da floresta, o cheiro de terra molhada, dos pássaros cantando e de redes inabitadas sendo balançada pelo vento foi o destaque primário da sensação de conforto de estar respirando um ar limpo e longe do caos da cidade.

De estar ali, parada, somente sentindo as sensações, sem pensar em imensas e possíveis possibilidades catastróficas que a cidade grande nos induz a pensar. Não. Estava tudo parado, sereno, quieto, nada poderia abalar aquela imensa força da natureza; com ausência de som, de voz, de barulho. Este era o verdadeiro prazer e privilégio de toda uma vida: poder conversar com o silêncio.

Pois, apesar das músicas harmoniosas e ritmadas serem também método de cura, o silêncio também era; a sua penetração e imersão em um estado introspectivo do indivíduo que se encontrava parado no silêncio era tão forte, que poderia dissolvê-lo por completo, pois suas emoções passageiras seriam dissolvidas. E quando as emoções passageiras são dissolvidas, o indivíduo também sente-se dissolvido. Ele se dissolve por completo, tornando-se diferente de quem o era, não mais apegado às flutuações transeuntes das emoções. Sentindo-se assim, como uma folha em branco.

Sentindo-se como uma folha em branco! Ora, é o que todos nós deveríamos sentir, todos os dias, ao acordar. E o silêncio mostra isso. O silêncio mostra este momento de renovação de si próprio através da ausência de qualquer estímulo. Apesar dos sons e dos ritmos serem curativos, eles também o são. Tudo em que há harmonia é curativo; e as músicas melodiosas e ritmadas que possuem harmonia se assemelham ao silêncio por essa mesma causa. Sim, há o pequeno ruído dos galos e dos pássaros cantando logo

no começo da manhã, mas este barulho é sinal de despertar; é sinal de vida nova, todos eles avisam o despertar, eles já sabem e conhecem a hora de despertar. E nós deveríamos saber também. E para isso, precisamos isolar-nos por um tempo afim de prestar atenção aos sinais de outros que não são nem mesmo da nossa espécie. Não sei se isto é bom ou ruim – mas seus cantos são renovadores, assim como o silêncio.

Mas uma folha em branco não é o mesmo que não ter nada? Mas o não ter nada, não deveria ser libertador? Veem o oco, o vazio, o tolo, o inútil, no não ter nada. Ótimo não termos nada! Assim, não teremos peso algum em nossas costas quando fôssemos presentear nossos ouvidos com o silêncio, ou com uma bela melodia ritmada aos sons do violino e do piano, que são, para mim particularmente, os melhores instrumentos para se curar um espírito.

E o jejum, após uma limpeza intestinal completa, percebe-se que, a cura do espírito também surgiu. Percebe-se isto quando começa a olhar para as coisas de um modo diferente do que estava se vendo antes de iniciar a limpeza. Percebe-se coisas que antes, não havia percebido!

Como pode-se conviver tanto tempo com alguém, e não perceber sua beleza, já extrapolada bem na sua frente, após uma limpeza profunda dentro de si mesmo. Como pode? Como pode a beleza passar despercebida assim? Somente quando o silêncio não há, sendo sufocado pelo caos da cidade. O caos da cidade e os alimentos tóxicos deixam uma névoa nas belezas naturais dos seres. Ora! Eu, como sendo uma alquimista, autodidata, observadora, com consciência corporal, deveria eu saber que as coisas

vão continuar mudando para melhor, conforme o tamanho da limpeza interna! Conforme o tamanho da sujeira a ter de se limpar.

Mas, como pode? Sujeiras encrostadas em todo o seu organismo e nos seus órgãos, serem capazes de proporcionar tamanha desarmonia na visão do belo, do real, do fascinante e do novo? Como tamanha toxicidade no corpo pode assim, deturpar completamente nossa mente e vermos coisas aonde não tem, e não ver beleza aonde na verdade se tem, e se está a verdadeira fonte?

A limpeza é salvadora. A limpeza é a única salvadora. Só ela é capaz de perceber, abrir os horizontes, misturar, fazer fusões químicas através da capacidade de ter várias folhas em branco em mãos... pois, é isto, a limpeza é alquímica, a limpeza é transmutação! Quando se sente preguiça de fazer limpeza, quer dizer que também se está sujo, assim como aquilo que deve ser limpo.

Observando então, a limpeza em mim e seus grandes efeitos, passo a perceber seu potencial também, em todos os outros seres. E como eles se sentiriam como estou me sentindo agora, após a limpeza! Será que este desenvolvimento seria possível? O meu ideal sendo posto a todos? Eu, na minha pequenez de ser humano, mas na minha grandeza etérea de ideias, ser possível influenciar todos eles para suas possíveis transmutações? Assim como o questionamento filosófico indaga a estética artística, uma precisa da outra! Assim como estão sujos por dentro e por assim preferirem permanecer assim, eles necessitam da limpeza, pois a matéria com o tempo começa a se degradar, a sofrer putrefação.

Se o espírito que dá vida, que dá forma ao corpo, não se determinar a recusar sua própria morte e seu pró-

prio processo de degradação antes da sua hora, ele será capaz de reverter todo o processo, pois é o espírito que comanda a vontade, e é só a vontade de decide se morremos ou se vivemos; alguns culpam a morte por ser um fenômeno meramente material dado ao acaso, quando a hora da morte é escolhida por nós mesmos, sem sabermos, sem nos darmos conta do fato.

Deixei minhas coisas em um pequeno quarto dentro da casa do sítio, e permaneci sentada do lado de fora, logo embaixo de um coqueiro, um pouco distante de onde estava a casa. Não avisei a Amélia e nem aos meninos aonde eu estaria, não sei se isso foi algo bom ou ruim a se fazer. Mas sendo bom ou ruim, a cousa se resolveria.

Respirava fundo fechando os olhos, seguindo o ritmo da ventania que balançava as folhas do coqueiro; era tão promissor e tão fascinante estar ali!

É como se de repente, eu fosse imune à morte e começasse estranhamente, a pertencer e a ser todos ao mesmo tempo. Como se, fechando os olhos aqui, eu me teletransportasse para dentro de todos os seres e ser capaz de sentir a exata sensação dos mesmos, não me lembrando mais de quem eu sou, pois agora quem eu sou, foi dividido e enviado sutilmente para os seres e seus sistemas nervosos pulsantes e elétricos, sedentos por vida – cada partícula minha se desenvolveu com autonomia e se tornou um só diversas vezes, e voou para dentro de cada um que respira neste mundo.

Fascinante, o poder do silêncio e da respiração. Fascinante, o que isto é capaz de fazer e mudar completamente as sensações do corpo. De uma má digestão, uma boa concentração na respiração dentro de um silêncio curativo, será capaz de curar a má digestão.

Refleti então, e percebi que pensar demais era fruto de um peso enorme no corpo, impedindo-lhe de esvaziar. Pensar demais não era natural, e eu sempre achei que fosse; achei que fosse um estado natural de alguma coisa, quando na verdade, é o contrário: o pensar demais era um entrave, uma fuga, uma válvula de escape para o não agir, o não concretizar, o não realizar. Por isso, se pensava demais. Por isso, a cabeça doía. Pois o pensamento lhe impede de estar realizando alguma coisa, e de confiar mais em sua intuição e em seu instinto, crendo que será o seu pensamento mirabolante que irá lhe mostrar alguma coisa. Quando não. O pensamento não lhe serve para isso – mas para a realização das coisas, e não para suas estagnações. Nossa! Mas que descoberta incrível.

Quando me limpei, percebi que eu sou o outro. O outro que eu detestava.

Mas calma, ainda não. Ainda há a ausência assombrosa, um fantasma; esperando para ser dissipado por uma varredura ainda maior.

Percebia também, em todo o meu processo de limpeza, algo fascinante: as antigas crenças começam a se dissipar. As crenças que antes eu tinha agora não fazem mais sentido. Quer dizer, acreditar na monogamia das relações por exemplo; quando se limpa, quando se percebe o quanto esta ideia de possessividade pertence exclusivamente às instituições artificiais da sociedade, percebe o fim do acreditar nesta forma de relação, pois ela não liberta.

E a natureza é libertadora – viver de forma natural liberta. E a naturalidade envolve espontaneidade, e espontaneidade é o polo oposto da prisão, é o polo oposto do fechar-se exclusivamente com um e esquecer-se do restante de suas relações. Esta ideia de relação foi criada para

manter todos presos em seus cubículos, acreditando que a vida se vive somente em exclusividade. Quando ela, em si, ao todo, pertence à todos, e não é de ninguém. A vida pede a união de todos – e não somente de dois em um círculo fechado.

E viver com liberdade e naturalidade não é promiscuidade ou libertinagem; na verdade, é completamente o contrário. Quem é promiscuo, está obviamente adoecido; quem está liberto e vive de forma natural com seus desejos e vontades, sabe de onde vem sua salvação e sua paz. A terra é sua nutridora, o sol e a lua, seus eternos conselheiros.

Mas isto, de entender o próprio corpo, e de como o mesmo funciona em cada processo que o mesmo passa; isto que possuo, este entendimento tão profundo sobre o mesmo, se dá pela minha eternização da infância! Tenho as memórias ainda muito vivas, as sinto como se tivesse acontecido ontem. E quando se é criança, as doenças não se desenvolvem, pois – há ainda o emocional da criança que ainda não foi afetado pelas mazelas físicas.

Quando se é criança, se uma doença afeta seu corpo, seu emocional não é afetado – por isso, a doença não a corrói, como corrói o adulto, aparentemente já corrompido pelo meio a sua volta, com o emocional desequilibrado. Então, era isso! Por isso não morro, e nada de muito grave aconteceu comigo: pois preservo minha criança, apesar das circunstâncias. A preservo, e sou ela também, ela não vai embora nunca; nada do meu físico afeta meu emocional, há uma pureza imaculada em meu ser que obstrui a passagem da doença para meu estado emocional! E quando se obstrui esta passagem, a doença vai embora do físico pois o emocional também não quis se unir ao seu estado, e tampouco o espírito.

Por isso: preservem sua criança, pelo bem do corpo, do cérebro, e do espírito. Possuo estas lembranças e quando elas surgem em minha mente, parece que as vivo novamente, torno-me elas, retorno e as sinto! Sinto a pureza ainda. Sinto a leveza que é, estar em uma situação desconfortável com o ventre preso, sem evacuar, por exemplo – mas mesmo assim, eu tentar entender a todo custo, o que está acontecendo com meu próprio corpo, ao invés de enraivecer-me sem nem saber o porquê, como quase todos fazem, quando encontram-se com o ventre preso. Sinto a leveza das situações difíceis que passei quando menor, e eram sim, leves – pois eu ainda tentava entender o que acontecia a todo tempo, sem rotular algo em ruim e bom; e ainda o faço, ainda tento entender. Tento.

Então, embaixo do coqueiro, estranhamente, caiu uma pequena fruta ao meu lado. Uma fruta pequena e vermelha, me parecia com uma acerola. A peguei, já acolhida pelos grãos de areia, e a mantive encostada bem em frente aos meus olhos. Só para observá-la! E a olhando, percebi sim, que ela havia caído do coqueiro, mas não era um coco. Como, uma pequena fruta cair de um coqueiro, tão repentinamente?

Alguns diriam que este acontecimento foi sobrenatural. Mas isso foi tão natural! Um pequeno fruto cair ao meu lado, apesar de ter caído aparentemente de um coqueiro. Foi um ato tão natural! Mas todos diriam que isto foi, estranho, logo, sobrenatural – o que não entendem. Não entendem, e nem querem entender. Se forcem a se fecharem.

Por que o humano possui a necessidade de forçar as coisas? Modificar o que não está sob seu controle?

A chuva não para somente pelo desejo de outrem querer que ela pare; as plantas, quando molhadas por ela, não desejam se secar imediatamente como nós, como se tivessem alguma aversão da água formada pelas nuvens... não. Elas se permitem serem tocadas e suas folhas se secam com o tempo. Não deveríamos então, fazer o mesmo? Não deveríamos então, deixar-nos molhar e nos secar naturalmente, até que a mínima partícula de água penetre em nossa pele, sentindo o prazer e a honra de ter água vinda do céu, gravada em nossas fibras musculares, em nossos fios e em nossa camada mais fina?

Mas então, em meio e englobada a esta realidade perspicaz e misteriosa que é a natureza; pude notar meus convívios mais íntimos com minhas revigoradas e reviravoltas durante a vida. Sabe, vivo tanto dentro da minha cabeça que, quando algo muda em minha vida para melhor externamente, nem sequer noto ou faço algum caso sob aquilo; pois dentro de mim, já possuía o poder de imaginar tudo aquilo e de ter tornado tudo aquilo real dentro da própria história e do próprio enredo na qual eu havia criado na minha cabeça! Já possuía o poder de imaginar.

Alguns gabam-se por tão pouco; corpos bonitos, dinheiro, muitas amizades e amores reais? Bom, de pouco me importa tudo isto, pois já fui capaz de imaginar tudo isso, e senti esta realidade presente em mim, por isto – não faz-me falta se isto aparecer ou desaparecer: tudo existe dentro de mim pois eu pertencço à imaginação, e nada mais.

Só ela me leva para os lugares, me faz construir muros e castelos, derrubo as melancolias desnecessárias e avanço para um abismo de um novo renascer. Em meio a natureza, isso torna-se ainda mais latente e realizador;

pois aqui não há quem rotule a mesma característica com insultos ou vertigens bobas de quem ainda não cresceu.

Crescer não significa descartar a imaginação, mas sim ter a sabedoria de canalizá-la em absolutamente tudo que se faça em uma vida com responsabilidade. Lançá-la nas situações como se fossem desafios de jogos, fases de um torneio, programações de um desenho animados ou de um seriado vivaz, ansiando para saber, o que irá acontecer logo em seguida! Isto é, a imaginação dentro indo pela via mais excitante da vida.

O super-herói nunca irá morrer! Mas também, nem mesmo o vilão. Ambos sustentam a corda de ferro, a corda resistente demais para ser cortada, ou violada por algum sujeito inescrupuloso. O super-herói nunca irá morrer! Ele só está esperando o seu acordar, para lembrar-se de que esqueceu do mesmo em um canto velho em seu antigo quarto, na sua antiga casa, aonde tudo era uma grande aventura e um grande contentamento para suas indagações e diversões diárias; aonde um dia apenas, era precioso demais para ser desperdiçado com os olhos cansados e sem ideias ter ideias brilhantes.

Então, a acerola! Um fruto vermelho, que preferi então chamar de acerola. Pergunto-me ainda, de onde ela veio. Vermelho simboliza o quê? É uma cor forte, mas sua simbologia era também, questionável. Sua cor e a cor do verde que eu presenciava, fazia um contraste irreversível; os verdes, o azul do céu e o bege do chão de areia. Agora, o vermelho! O vermelho apareceu por que? Para indicar que algo forte estava por vir? Alguma fortaleza chegaria para amedrontar a leveza e a divindade do verde.

As árvores se balançando com o vento me lembravam de que tinham vida, pois ali existia o movimento.

Mas, mesmo paradas e inflexíveis, davam uma impressão forte de respeito. Este respeito era racional, afim de que sem suas folhagens, caules, capazes de sobreviver às mais duras tempestades e violências, continua sempre firme.

– O que seria de nós sem o verde das árvores? Não seríamos nada. – Minha mãe me disse uma vez enquanto caminhávamos há um logo tempo atrás em uma floresta semelhante.

Eu não sei, sinto que, a todo momento, estou em busca da verdade mesmo me sentindo liberta. Por que continuo, persisto, em buscar a verdade, se a liberdade já está aqui? Se ela já está aqui em minha frente? O verde mostra melhor a claridade do sol, a acerola que caiu de um coqueiro, representando o mistério. O mistério de não saber o que vai acontecer; o imprevisível, o indecifrável. Tudo isto já está aqui e representa muito bem a performance da vida, o estanho dos acontecimentos, o que causa retardamento e avanço. Então, porque persisto em uma outra verdade, que provavelmente não será mais tão completa como esta? A clareza do verde, e o mistério da acerola caída de um coqueiro?

Será que esta verdade na qual procuro, é mesmo eficaz? Vale mesmo a pena, enraizar-me a este ponto, de pedir amor à própria guerra?

## 5. A PRUDÊNCIA

### (PARTE 2)

Já estou aqui há muito tempo, então isso significa que pude seguir os mistérios da paciência, que pode ser a mesma coisa que prudência. O tempo não é longo nem curto, só é envolto em uma aura de mistério. Quando ele passa, não parece que se passou pois estamos em períodos de união com alguma outra coisa mais forte que nós; e quando não passa, irritamo-nos por estarmos sempre no mesmo lugar, culpando o pobre do tempo. Que nada tem de pobre, ele é rico por não existir de verdade, ter sido apenas um ajustamento para os civilizados poderem se organizar melhor em suas próprias caixas de papelão, vivendo sem ar e sem espaço.

O tempo é rico por não existir. Quem não existe então, é rico? Quem implora tanto por ter visibilidade, por ter atenção, chances de mostrar sua própria imagem, é o inverso do tempo: é pobre. Mostre-se sábio como o tempo: esconda-se, até se dissolver na própria ideia de si mesmo, e assim, se tornará rico. Assim como eu fiz, assim como eu faço. Por isso, o tempo é meu amigo.

## {Terceiro dia de jejum}

Então, eu estava ali, curiosa e atenta, para o que Amélia, Jeter e Benjamim estavam fazendo. Cortavam cebola, tomate e berinjelas para fazerem um pequeno almoço para eles. Atentei-me mais agudamente na questão dos alimentos que os mesmos haviam trazido para a floresta. Era engraçado a relação das pessoas com os alimentos, principalmente quando se está em diferentes culturas observando tudo isso. O alimento em si, deveria vim para beneficiar e revitalizar. Mas, ao invés disso, somos ensinados a gostarmos de alimentos que incham, adormecem e deixam-nos mais letárgicos. E por isso, não acreditam que o mesmo possa realmente ser um verdadeiro remédio. O alimento nunca mata – se mata, não é alimento.

Uma ideia interessante sobre a morte me repercutiu a cabeça quando se tratava de coisas que colocamos na boca. Quando morremos, que há de morrer, é o corpo ou a consciência? Se há alguém com consciência, então ele não deixará o corpo morrer tão facilmente – mas se é o corpo que morre sozinho, como a consciência do ser o deixa morrer?

É como se eu quisesse agir em modo de repouso, sempre tranquila – e repousar em modo de ação, sempre ativa. Talvez isso seja a morte: os opostos se entrelaçando, para dar vigor e disposição á transmutação da forma. Nossa natureza vem pronta, eu gostava de repetir isso para mim mesma. Será mesmo que temos algo para aprender? Ou somente, acumular conhecimentos diversos para pôr em práticas em momentos específicos? Será mesmo que temos algo para aprender, para mudar; se nossa natureza vem pronta para cá, e se saímos dela, adoecemos? Será

mesmo que esta mudança existe, de fato? Ou somente os aprendizados que instiguem a reflexão, dando mais vapor e impulso para esta natureza inata?

Claro, sentia-me estranhamente estranha durante o jejum, principalmente em observá-los comendo e se deliciando em alimentos admiráveis para o meu paladar: alimentos naturais, frescos e saborosos!

Ah! Mas que saudade da minha infância... aonde, intuitivamente sabíamos sempre o que era melhor para nós e nada podia nos parar. Mas, à medida que todos crescem parecem perder essa grande intuição de sua própria criação de saber sempre o que é melhor para si mesmo. E ela sempre sabe! Os adultos tentam parar todas elas, pois eles não sabem o que é melhor para ela, apenas tentam impor suas crenças nos pequenos. Mas os pequenos sabem que eles não são aquelas crenças, e nem nunca serão. Eles sabem sempre o que é melhor para eles – e por que perdemos isso ao crescer? A sociedade! A grande aliada da perda, da ausência, do vazio de nós mesmos. Começamos a alimentar vícios que não são nossos, que não são de nossa natureza, mas sim meras compulsões coletivas, criadas para satisfazer o consumo, também coletivo.

A busca incessante pela verdade me faz acreditar que a verdade está em tudo – inclusive nas privações comuns sociais; as dos sentidos, e como estes sentidos podem nos beneficiar através dos prazeres. Se a verdade está em tudo, ela também não estaria nos prazeres dos sentidos? Perguntava-me.

– Eu sei que você tem essência de médica. – Amélia me disse enquanto cortava legumes crus– Mas queria tanto que você experimentasse as coisas que eu faço.

– Por que essência de médica? – Perguntei.

– Ah! Você sabe porquê. Essa cautela com tudo que se coloca na boca. Digo, médico de verdade, e não esses charlatões que conhecemos.

Interessante sua constatação; a essência de médico que eu tinha? Será mesmo? Talvez eu mesma adoeça tentando achar a cura do corpo, que, meu corpo sadio torna-se doente pela minha obsessão pela busca de uma cura que nunca irei achar em mim, pois estou sadia! E então, adoço – por achar a solução de uma doença inexistente, e de tanto crer nestas curas, acabo adoecendo-me. Curando outros! Mas adoecendo, pois, testo todos os diversos métodos de cura em mim mesma, mas tudo em prol de guiar os outros para suas curas.

Como o jejum por exemplo, como servir de exemplo para outrem. Isto é ter essência de médico! É ter a coragem suficiente de doar seu corpo para si mesmo e para sua própria consciência e determinação em achar o melhor para todos; crendo sim, que o melhor para cada um é relativo, mas também, achar essa relatividade dentro do próprio corpo! Limpá-lo ao máximo, para poder percebê-lo novo em folha, como a de um bebê, como a de uma criança, mas com a mente consciente. E a partir dessa percepção de si mesmo, novo em folha – sentir o que se coloca na boca, interpretar as sensações daquilo no corpo, e partir para as sinalizações dos malefícios e benefícios, de acordo com cada fenótipo e fisiologia existente nos seres.

Conhecer seu próprio corpo a este ponto é chegar mais perto do divino; a essência da medicina chega perto do divino, chega perto de deus! A medicina é deus, pois ela é conhecer-se tão profundamente no físico, que chega às mais atadas profundezas de todas as outras áreas; emo-

cional e espiritual, os obrigando também, a conhecerem-se igualmente, na cousa grosseira que é a matéria, a casca dura, a casca grossa.

Duvida-se então, que a medicina é deus? Não são estes imbecis, estes médicos que vemos por aí, sedentos por uma vida de luxo e conforto, os conseguindo apenas pelo bom desempenho em decorar fórmulas que leu em livros, e assim, achar que pode saber o que é melhor para todos os pacientes que se sentam a sua mesa. Não... Um médico que chega perto de deus é aquele que isola-se, isenta-se de tudo por um determinado tempo, torna o exterior sua principal restrição, afim de entender-se tão a fundo capaz de não se reconhecer mais como a si mesmo, mas como todos os outros que lhe olham nos olhos! É capaz de abrir mão dos bens materiais para centrar-se na outra parte da matéria; a única matéria que realmente têm posse nesta vida: o seu corpo. Isto é conhecer deus. Isto é deus! Não percebem? É finalmente sentir-se unido com todos, se compreendendo para compreendê-los mais ainda. Me diz; não sou diferente de ninguém. Faço o mesmo que todos fazem, o que me diferencia dos outros é que as minhas razões para fazê-los são mais esclarecidas para mim, e assim consigo explicar para os outros, por eu mesma ser uma pessoa muito bem esclarecida. Mas, é só isso. Estou viva em carne, em matéria, por isso não me diferencio dos outros.

Voltando para Amélia e os cuidados com os alimentos. Existe vício na cura? Ora essa! O que comemos deveria ser a nossa cura! Existe vício nisto? Será vício mesmo ou solução para os vícios? A limpeza em todos os sentidos também se adequa a isto: como pode algo ser um vício, ao mesmo tempo em que é um ato límpido? O ato da cura

é um ato límpido, como pode ser vício, se o mesmo já é derrotado por sua própria imundice em não conseguir parar por ser muito árduo estar lúcido para a possível limpeza ou cura do vício? Como podem chamar os métodos de cura de vícios, se são os mesmos que anulam os outros vícios? Existe lógica nisto? Ora essa!

Os doentes sempre irão dar um jeito de discriminar a saúde perfeita, a pureza e a limpeza dos estados de espírito e quem valoriza isso, os denegrindo. Sempre irão dar um jeito de empurrar para um esgoto a cura natural, simples e prática! Sempre; por isso não deve-se dar ouvidos às falas das pessoas, mas sim às suas ações e ao que fazem com eles próprios. Isto sim, mostra tudo – o que ele faz com seu corpo, sujando conseqüentemente assim também, seu espírito, provavelmente pensa, sente ou faz o mesmo em relação a realidade externa e o que o rodeia.

Eu não me lembro de me importar tanto com os outros como quando comecei a me importar comigo. Tudo isso segue uma linha linear, a precursão começa em seu âmago, e este âmago vai até o final da linha do futuro. E o futuro encontra-se com o passado, repelindo-o amargamente. Mas como é o passado? Que é o passado, alguém consegue defini-lo? Como um amante eterno das incons-tâncias invisíveis?

O passado é somente uma outra forma de presente. É o mesmo quadro, com molduras diferentes. O passado sempre está presente pois se existe memória, e a memória é atemporal. Todos insistem em querer assistir o fenômeno do passado como algo destruído ou já aniquilado e vendido para os preços baixos da masmorra do espaço. E pelas pessoas crerem que o passado não existe mais, são sondadas e secadas constantemente por distúrbios e confusões, acre-

ditando serem pessoas completamente novas e diferentes, esquecendo-se de suas naturezas. Tudo por menosprezar o passado, e não reavaliá-lo, tantas e tantas vezes... O passado. Este grande amigo esquecido, que se torna inimigo quando insistem em deixa-lo de lado, como um jogador no banco de reserva, ansioso para entrar no campo e fazer parte do movimento das ações.

– Espero que você não esteja me vendo como uma inimiga agora falando isso. – Amélia parou um pouco de se concentrar nos mantimentos e na queima dos mesmos na lareira (que criamos com alguns pedaços de madeira) depois que percebeu a minha falta de resposta.

– Por que inimiga?

– Talvez eu tenha falado algo que você não tenha gostado. Me desculpe por isso.

Penso novamente, nas definições dos objetos que ouço. Dos objetos que chegam até os meus sentidos. Desta vez sobre a questão da inimizade. Como definir um inimigo ou adversário? Digo, é olhar para o outro e sentir aversão ou estranheza? É tornar-se incompatível com aquele espírito passeando ao redor de sua aura e captar todos os seus demais estados de espírito e ter a percepção automática que aquela suposta companhia irá lhe prejudicar por conta da incompatibilidade das almas que se aproximaram? É tudo sobre isso, incompatibilidade de almas, de interesses, de intenções, de ideais? Por conta dos caminhos serem opostos? Isto é a consideração e o significado de inimizade?

Pois, se é isto, toda esta significação não deveria criar o que foi criado por ela, o que foi posto seguindo às cegas. As guerras, brigas, desavenças, contratempos, ansiedades, neuroses. Esta significação criaria os aprendizados. E conseqüentemente, da amizade.

Os inimigos são amigos disfarçados, mas receosos de assumirem-se dessa forma, por conta de suas diferenças irrevogáveis demolirem suas imagens sociais. Os inimigos são reflexos um do outro, pois um é o outro em diferentes graus no tempo e no espaço – se encontram e se perdem no tempo; quando um é mais novo e o outro mais velho, um ao envelhecer, torna-se quem era o outro quando mais novo; e vice-versa. Não há diferença, a inimizade é criada pelas diferenças, mas não há diferença entre eles! Pois o aprendizado mútuo provoca a igualdade; e eles só são, tão diferentes, por terem cousas a aprenderem um com o outro.

– Se fossemos inimigas, seria bom, pois existiria uma potência enorme para uma possível amizade. – Eu disse.

Ela encarou-me por longos tempos, refletindo.

– É possível. Mas já somos amigas. Então isso quer dizer, que temos potência para sermos inimigas.

– Sim. – Eu confirmei – Mas de onde viria essa inimizade senão das confusões de um assunto e de um aprendizado mal aprendido, não entendido por um dos lados? Como um professor e um aluno; o aluno odeia o professor temporariamente, mas depois, ao perceber o mesmo como humano mais a frente, quando se livra das amarras da hierarquia, se tornam amigos.

– Interessante. – Ela disse.

– Então, realmente importa se eu te visse como inimiga? Não acha que seria até necessário, para eu perceber certas coisas em mim por algum tempo? A raiva durante o processo de aprendizado é normal, que gera a inimizade. Mas é passageiro, sabe-se?

– Sim. – Ela afirmou, contente com a minha conclusão.

Mas, aonde estão os verdadeiros inimigos? Eu me perguntava; eles realmente existiam neste campo? Seriam os vermes e fungos os verdadeiros inimigos neste plano?

Causadores da maioria das enfermidades? Estou cheia de vermes e fungos simplesmente por deixar-me estar com raiva em causas insuspeitas, em causas normais. Um encenqueiro, perturbador da paz alheia, pode-se ter certeza de que está com vermes? Ele está com um parasita dentro de si, seu maior inimigo, seu pior predador, seu hospedeiro principal, que lhe suga todo o sangue vital! Estes são os verdadeiros inimigos nossos deste plano, os vermes que não permitem que seu espírito sossegue em paz, e assim, desarmonizando toda uma corrente de relações humanas; causando guerras. Os parasitas e vermes criam as guerras. O organismo dos indivíduos que têm sede de briga está infestado de mucos velhos, letargia crônica e incapacidade de raciocínio lógico; está infestado de vermes.

E tudo leva para o racional – digo isto por isto: os vermes atacam as emoções e as descontrolam, por isso que, atingir um grau máximo de racionalidade é adormecer e aniquilar estes intrusos, pois sendo racional, as emoções não estão inexistentes, mas sim controladas. Racionalidade não é uma frieza desmedida, mas sim emoções sob controle, longe destes inimigos ocultos.

Mais uma razão para o jejum! O jejum, tão satisfatório, mas às vezes desconfiado de si mesmo enquanto se está praticando. O bem-estar e o anseio do tempo de não poder permanecer.

E engraçado também, como quando mudamos os hábitos do nosso paladar, o organismo todo o acompanha, e o resto dos outros sentidos também mudam seus hábitos.

A medida que o paladar se afina, se aguça, os outros sentidos também se aguçarão. Talvez seja, não somente os seres vivos, mas os sentidos também – tenham uma necessidade de estar em grupo, de presenciar o coletivo, a alegria de compartilhar as descobertas! Talvez os sentidos já sejam os precursores disto, e nós seres vivos apenas imitamos; o compartilhar da coletividade, como um todo. O descobrimento de um, é o descobrimento de todos do grupo.

E, além de todas as doenças existentes, será mesmo que já cheguei a experienciar alguma no corpo físico, ou somente no plano etéreo, inventado por mim mesma, como forma de me levar ao meu destino atual; o do descobrimento dos maiores mistérios da vida, que incluem a solução de todas as doenças e estranhos problemas do corpo? Será mesmo que presenciei alguma dor real, ou somente preságios, sinalizações, setas; que me fizeram chegar até aqui, como pequenas armadilhas benéficas, para a minha própria missão? A missão de salvar alguma saúde? De salvar a saúde coletiva – o estado natural de todo ser?

A acidez foi tão grande que, pude sentir! Pude sentir logo na primeira fisgada, na primeira mordida aguda e pouco provável de ser reconhecida... pude sentir de repente, meu estômago pedindo socorro sem ao menos ter nada comprovado fisicamente, e então – decidi voltar ao meu estado infantil, ao meu estado puro e curioso em conhecer todas as coisas, em aprender o máximo de coisas apenas com um mínimo detalhe, e esse estado puro e curioso da infância chama-se a alcalinidade do sangue. A acidez só existe aonde não há curiosidade, interesse, e nem mesmo a vontade de animar-se ou hipnotizar-se com o brilho da lua lhe penetrando a alma, ou alegrar-se com a luz do sol nascendo para dar-lhe ânimo.

– E como está se sentindo hoje? – Amélia perguntou.

– Ah, estou bem. Quando se tem água limpa para tomar, tudo sempre está bem.

– Nem me fale. – Amélia disse – Água limpa é a dádiva! Seus minerais são especiais. E infelizmente uma raridade na cidade.

Assim como, quem sente-se limpo por dentro, não tem a necessidade de se limpar por fora, com água de chuveiro; quem purifica-se com água limpa, não tem a necessidade de purificar-se necessariamente com outras formas de alimentos, pois, ao sentir a limpidez, percebe que aquilo é o que lhe é essencial para sua nutrição. A água.

Mas enfim, é o que me basta. É o que me basta para hoje e para toda a eternidade. E creio que para todos os outros também; mas estão desprovidos e incapacitados de descobrir a verdade da limpidez, da pureza. Ainda. Ainda são desprovidos; não há como serem, pois, se é este seu estado da nascente, do princípio, do parto! Ora, a saúde perfeita me torna todo mundo. A saúde torna-me parte do todo, sendo assim, torno-me todos com quem encontro.

E assim também o é, com quem possui saúde. Por isso, este é o grande motivo dos seres andarem em bando! A saúde mostra, que os de sua espécie são ele também; não percebem diferença alguma, entre o primeiro inseto e o segundo inseto que atravessam a estrada, inclusive conversam entre si sem ao menos se conhecerem, antes do carro em alta velocidade atropelá-los. Agora, o que conversam? Suas conversas são indiscutíveis: por isso nunca saberíamos, pois somos seres que se separaram da saúde perfeita, não somos como os insetos: mesmo andando por aí em busca de alimento, continuam com saúde, ou seja – continuam não encontrando diferença entre um e outro.

A saúde é uma ou somos todos separados? A nossa espécie é assim tão especial, ao ponto de destruir a si mesmo e logo depois culpar outrem pela sua estupidez?

Estranhamente, sempre fui aquela pessoa que tinha medo de entrar em contato com os outros pelo fato de ter conhecimento, de saber que sou profunda demais no meu contato, e no contato olho a olho; por isso mesmo, eu os evitava, pois sabia de que minha profundidade, quando chega-se próximo demais, para a maioria das pessoas, se encontram despreparadas para recebe-lo e se esquivam, e além do mais, não se pode receber a profundidade das coisas de qualquer forma; haverá de ter preparação de consciência, senão passará horas enraivecido ou trancado em isolamento, com tamanha expansão da consciência que foi, ao seus sentidos, penetrarem na profundidade de determinado assunto. Por isso, eu evitava o contato com os outros; evitava e repelia, mas quando eu via uma abertura incrível para aquilo, eu passava e transpassava as informações e conhecimentos! Pois sei a necessidade de todos da minha espécie. Eu não me separava, não me segregava, eu estava com todos eles em pensamento – não necessariamente no físico, pois isto me afastaria da minha missão para com eles: o de passar o conhecimento adiante em prol da melhora de todos.

– E ainda bem que você sabe fazer a sua. Queria que todos tivessem o empenho em melhorar seu estado de saúde assim, sabe, sem água nada flui – Amélia empolgou-se de repente falando – Os alimentos podem estar todos contaminados, mas quando se tem uma água limpa para se beber, estará tudo sob controle. A água e a fonte essencial da vida, quase tudo em nosso corpo é água.

Não há nada demais nisso. Todos sabem disso; eu saí da cozinha então, e fui olhar o ambiente em volta da casa aonde estávamos. Não era estranho para mim, como tudo me parecia abstrato demais, e não tão linear assim? Como todos sem exceção, enxergam tudo através da linearidade, enquanto eu? Tento ao máximo fazer da minha vida uma obra de arte. Se existe o nexó pertinente em satisfazer o meu próprio mundo particular? Bom, eu não sei – quem vai saber são os telespectadores, os que assistem aos filmes dos meus longas e curtas imaginários! São tantos, os que crio – mas não divulgo, permanecem na poeira da memória. Será culpa? Culpa de ver tudo em abstração, e com menos linearidade como deveria ser, como eles creem que deveria ser?

Não, não importa. Já se passou tempo demais. Estou no meu terceiro dia de jejum. Já me sinto melhor, com menos peso. Talvez pela minha sutileza em sentir tudo intensamente, já havia percebido a ausência, o choque da falta. Adeus ao espaço-tempo, adeus ao nexó das horas, dos segundos e minutos. Estou aqui, e não importa os dias – pois os dias poderiam ser minutos. Que diferença faz, se quem determina se se passaram horas ou minutos somos nós mesmos? Não há ninguém! Somente os conceitos. Não há nada acontecendo, mas o tempo está passando. Que tempo é esse? Se quem o determina somos nós? Quando não temos relógio, não sabemos se se passaram horas ou minutos – quem dirá isto será o ânimo de sua própria consciência, e não o relógio. Entende-me? Apesar disso, continuarei contando os dias, mesmo eu sabendo que eles não existem, de fato.

## {Sexto dia de jejum}

Se eu estava me sentindo leve no segundo dia, o sexto eu diria a sensação é extasiante, apesar de ter passado por sensações corporais difíceis. Sim, o sexto dia ainda não é nem mesmo um começo, mas já tinha recebido algumas ocasiões desagradáveis. O corpo fala, e é o melhor contato que já tive.

Enquanto isso, fazia mais e mais reflexões sobre a vida, à medida que ia obtendo mais clareza, à medida que ia tornando-me mais leve.

Pensava então comigo, se era possível o mistério destruir, ou inibir o grandioso poder da luz, ou do sol. Será? Ora, se o sol, sendo uma estrela, irá se auto destruir por conta própria pelo poder do mistério do universo, de querer e de exigir as devidas transmutações de todos os astros no céu, então, digamos – o mistério do universo venceu o poder da grandiosa luz desta estrela que tanto nos alimenta? Será mesmo, que o mistério das coisas é capaz de fazer as luzes mais majestosas e resplandecentes, se aniquilarem por conta própria? Tem isso. O mistério em si, não faz nada – quem o faz na verdade, é quem torna-se fascinado por ele. A destruição surge da obsessão e do fascínio de outrem por aquele objeto, nunca do objeto misterioso.

Então, será mesmo que o mistério do nosso corpo sem alimentos, o mistério do nosso corpo sobrevivendo em si, seria capaz de matar a luminosidade que há nele? Digo, seria mesmo possível o corpo autodestruir-se, mesmo ele sendo em si, um milagre? Mesmo ele em si, sendo feito e nascido para somente parar de funcionar em casos extremamente graves? Sendo projetado para

ser uma máquina perfeita? Aonde vamos parar com todo esse mistério? Aonde esse mistério quer, realmente, nos levar?

Ainda não entendo de coisa alguma de mundos corporativos e estado mesmo depois de adulta, pois, se, de que ele me serve? De que me serve para minha imaginação? Para nada; então, como seria possível para mim aderir aos conhecimentos já sabidos, refletidos por mim mesma, e já entendidos pela milésima vez de formas diferentes. O autodidatismo às vezes, cerca-se de tanta sabedoria, que não dá mais para olhar nada como absoluto! Um conhecimento chegado ao meu cérebro, é igual a milhares, pois vejo todas as possibilidades sobre aquela informação se repercutirem como verdade. E então – tudo acaba me sobrecarregando, ao final das contas – pois uma informação leva-me sempre a outra, e esta outra, leva-me a outra... E vai seguindo a trilha, os passos, um de cada vez, lentamente. Até tornarem-se todos um só! E então, ao chegar a esta conclusão, sinto-me segregada da tal sociedade, que está segregada, vendo o conhecimento de formas separadas.

Sinto-me segregada da sociedade pois eles são segregados uns com os outros. Contraditório; porém, as clarezas são sempre feitas, paridas e modeladas com a contradição.

Sinto-me extremamente exausta com isso, e volto para a segurança do meu casulo; o casulo do conhecimento universal! O casulo da imaginação infinita do ser humano! Sinto-me exausta com a falta de união e este alimento que dão para mais competições; competições que não se finalizam nunca, e suas ideias de vencer na vida é essa. Quando na verdade, a vida não deve ser vencida – se

se vence ela, perde a vida. Perde ela, ela torna-se perdedora, a vida torna-se perdedora! Então, é isto mesmo que acontece com os que desejam e conseguem “vencer na vida”, se vence a vida, se vende a vida. Deixam ela para trás, pois venceram ela, a troco de algum motivo estranho que até hoje não entendo muito bem.

Tudo está na saúde, a saúde dos humanos que está fora das rédeas. Voltando á conversa que tive com Amélia, lembrei-me sim, do corpo alcalino, e como ele é o corpo ideal para todos. Quando se está alcalinizado, é criança pela eternidade – não há preocupações desesperadoras, pois elas surgem do estômago ácido. Não há nada que acidifique tanto o estomago do humano como carcaças de carne morta de animais! Aonde, deixa nosso corpo alcalino, com a saúde perfeita, em estado débil e enlouquecido, pois o mesmo não processa estas coisas.

O corpo alcalino é ideal! Se é feliz, com o corpo alcalino. E agora, penso também: o que seria da sociedade se todos os corpos fossem alcalinos? Ela seria destruída, por isso mesmo – continuam a esconder esta verdade. Olha só! Todos os asilos fechariam, quando os idosos com seus estômagos ácidos soubessem que podem ter a saúde de uma criança, somente voltando ao estado natural do ser humano. Quantos hospitais e clinicas fechariam, somente com essa pequena mudança de hábito. As brigas, as guerras e as discussões políticas todas acabariam, pois de repente, todos começariam a se sentir bem com eles mesmos, tendo um corpo alcalino!

A saúde é o começo de tudo, e é aonde tudo acaba. Esta é a grande solução para estas gravidades ensandecidas e discórdias desgraçadas que fazemos questão de ouvir sem querer em rádios, jornais e tevês. A saúde geral

de todos, e a saúde é um corpo alcalino. E para se ter saúde não se é preciso de hospitais, nem mesmo de médicos, também adoecidos e com seus estômagos ácidos, alimentando a soberba e a arrogância. A saúde está simplesmente dentro de si mesmo, de fazer mudanças em suas próprias condutas! E o jejum, é uma destas mudanças de conduta. O jejum ajuda ainda mais, a fortificar a alcalinidade do corpo, livrando-se de coisas sujas e empoeiradas que empatam o seu sangue de respirar, e do ar poder ser facilmente respirado. A saúde é magnética: quem a possui, todos de repente, sentem ela pairando no ar.

E pergunto-me também se esta necessidade de sexo completamente desenfreada, ocorre por conta do estômago ácido. Quando se é alcalino, não há desespero para atos carnavais, as coisas ocorrem naturalmente e não há problema algum com sexualidade. Isto ocorre pela acidez aonde todos estão presos em seus corpos!

Como prestar atenção a imensidão da lua, e todo seu poder em penetrar-nos com afinco, quando se está todo ácido? Não presta atenção em nada, de forma ideal e adequada. Não há foco.

Amélia estava se divertindo com os meninos do outro lado da floresta, pude avistá-la de longe, enquanto eu me revestia no meu casulo com trapos de roupas achados por mim ali no chão, de todos que já passaram por aqui. E achamos um trailer perdido, decidimos reinventá-lo.

Estava pensando: até que ponto podemos nos enganar? Quer dizer, vestir uma capa que não é nossa? Interpretar algo que não somos? Pensei nisso quando via Amélia divertindo-se enquanto encontrava-se preocupada com algo em sua cabeça, sempre disfarçando que nada nunca ocorria com ela. Mas eu sabia, eu sabia quando havia algo

de errado com alguém. Talvez eu seja profunda rápida demais, aonde nem a própria pessoa tenha percebido aquilo nela mesma; enquanto eu, estou a milhas de distância do raciocínio comum. Incluindo também, o raciocínio intuitivo, este na qual menciono agora.

Alguns possuem uma visão muito conformista e pessimista da vida; não permitem-se nunca seguir uma outra via, outras vias, de enxergas as coisas. Neste sentido, iremos encontrar uma porção de fragmentos dos outros, em nós mesmos – acreditando que estas limitações são nossas, mas não são, são dos outros; ora essa, mas que tolice é essa hereditariedade estranha, faltando autonomia nos indivíduos. Ainda questiono estas heranças sociais, familiares, de comunidades; será que isto não é um entrave e um bloqueio enorme para a autonomia e independência própria de cada um? Talvez. E quando faltam-lhe autonomia, faltam-lhe coragem para a vida, e sem isto, morrem, e quando não morrem, vivem como animais acudados. Ou seja, morre-se da mesma forma.

Coisas estranhas estavam acontecendo em meu corpo novamente; ora essa, o sangue estava trazendo coisas antigas e apodrecidas de tempos de dentro do meu corpo, estava trazendo para a corrente sanguínea! Levantei-me de onde eu estava crendo em algum desmaio repentino por estar sentindo intensas tonturas, fui direto para o banheiro e segurei-me na pia, tirando a parte de baixo para defecar. Foi um alívio, mas sentia-me fraca. Bebi mais água, esperando me recuperar da tontura; respirando fundo. Olhei para o vaso e já sabíamos o que esperar: coisas antigas saindo.

Essa sensação de parasitas e mucos antigos saindo após uma sessão intensa de tonturas e sensações desa-

gradáveis não pode ser vista como um exemplo da vida? Sempre é. Sempre é! Para se entender o outro e suas motivações, se é preciso calar, para se compreender o que ocorre é preciso concentração, e menos dispersão.

Concentrar-se nas sensações do corpo enquanto o mesmo está passando por períodos desagradáveis é essencial para o futuro desenvolvimento do entendimento do próprio. Não é? Então, por que se desesperam? Não mantém o foco no que ocorre afim de entender? E o corpo engana-os: certas sensações desagradáveis só são assim pois pensamentos nela desta forma, nos concentramos demais na ideia e menos na sensação. Às vezes a ruindade ocorre, mas por que não se pensou na ideia negativa daquilo, não tornou-se um martírio exacerbado ou uma anfitriã mal-educada dentro de casas também mal cuidadas.

O sensacionalismo dos atos naturais tornou-se uma discórdia! Isto precisa parar! O jejum é algo natural para o corpo, mas a ideia tornou-se sensacionalista demais, e o ato aparece como incrível, extravagante ou impressionável. E quem criou este sensacionalismo? A famosa sociedade; esta, que ninguém sabe quem criou, nem que roupa veste ou de onde sai suas balas de metralhadoras matando a naturalidade da vida. Só sabemos que seu conceito está aí, e todos falam sobre ela – mas alguém já a viu, de fato? Cara a cara?

Enfim, os meus excrementos. Ainda estavam no vaso, boiando. Algo parecido com uma alga verde saiu de dentro de mim, fiquei olhando para aquilo tentando adivinhar de que situação e alimento exatamente teria gerado aquilo. Eu olhava, e começava a achar cada vez mais feio; mas eu não tinha nojo de mim, pois a sujeira existe até nas mínimas partículas dos nossos dedos e mãos, e até mesmo

nas partes mais puras do corpo, como os olhos, a janela das almas! Então, não há como existir a pureza pois se ela existe, foi por que a sujeira já havia sido incrementada e enraizada; mas logo depois, arrancado sua raiz à força! Bom, era isto, a sujeira, as bactérias e os demais agentes parasitários estão em todos os lugares.

Estão em todos os lugares! Os parasitas estão em todos os reinos; mineral, vegetal, animal e humano. Agora, achamos que somos perfeitos, crendo que não temos verme algum dentro de nós, acreditando que não somos comandados por eles, tampouco nossos pensamentos não são dirigidos conforme a presença deles no nosso organismo. Ah, somos tão tolos... simplesmente por termos uma consciência, somente por que, percebemos esta consciência, achamo-nos perfeitos. Sendo que, esta nossa consciência somente existe para servir aos outros seres, que convivem conosco. Para nada mais – a consciência é servidão. Quanto mais consciência se tem, mais terá de servir aos outros seres, não há nada mais para se fazer com ela, pois bem!

A consciência de saber que os vermes entram em nosso organismo e se infiltram lá por anos a fio, se não fizermos limpezas constantes e frequentes em nosso templo, é somente para servir a quem não percebe isto em seu próprio corpo, diferente de mim – como eu percebo. Somos infestados de vermes, assim como uma planta, se não bem cuidada em uma janela, fora do seu habitat natural, simplesmente morre. Por que seria diferente conosco? Animais vivendo em ruas sujas com o passar do tempo, as sarnas se apossam de sua pele e os fazem adoecer. Por que há diferença com o nosso corpo?

A água que corre em despesas vai se contaminando com o lixo das descargas, tornando-se assim, um mineral contaminado. Por que seria diferente conosco? Somos seres vivos que necessitam também, de purificação constante; assim como todos esses outros reinos! Somos parte da natureza também, se unindo junto com todos esses outros reinos; e esquecem. Esquecem que somos a natureza também, e que estamos sempre suscetíveis aos vermes adentrarem em nosso corpo e se aposarem de tudo que há ali, destruindo nossos órgãos.

O senso de pureza é o que falta para todos. Se todos o tivessem, os vermes (causadores de doenças) se afastariam dos corpos! Estes corpos que prezam constantemente pela pureza! Quando há doença, há sempre a falta de limpeza. Muitos não entenderiam esta grande verdade universal, mas só fazendo uma varredura completa no estômago, retirando todas as tralhas de lá do indivíduo, para o mesmo entender o que estou a dizer. Pois só assim ele se conectará com o que está ao seu redor; e poderá conectar a limpeza em todos os âmbitos da vida.

Mas, a cada vez que me aproximo mais da verdade, parece que mais me distancio dela. Ora essa! O que é que há com esta tal de verdade, que não gosta que ninguém se aproxime dela? Não quer, não pode, e nem deve. A verdade é preciosa, sagrada; não gosta de intrusos em seus lares confortáveis para poder apreciar suas imagens à vontade, sem interrupções de ignorantes desconhecedores de si mesmos. Pois quem se desconhece, quem não sente a vontade inflamando seus órgãos para que se conheça – não interessa-se pela verdade. Por isso, ela afasta-se da maioria, afasta-se,

repele quem chegue muito próximo! Ela detesta visitas, por estas visitas não entenderem os quesitos de valores, respeito e importância.

Mas quem sabe sou eu! Quem a procura sou eu – não é ninguém mais. Então, por que a repulsa, repelir-me? Pois se sou sempre a mesma, pois sempre tive contato comigo mesma, minha essência sempre esteve consciente de si? Então, sempre fui a mesma, mesmo mudando a materialidade corporal. Logo eu! A conhecedora de tudo, dona da verdade das coisas relativas! Que por serem relativas, já não torno-me mais a dona das verdades, pois tendo a sucumbir-me e a dissolver-me no próximo instante em que um outro conhecimento chega até mim; o anterior, se anula, automaticamente.

Ou talvez se uma, com este outro conhecimento que acabou de chegar. Não sei. Só sei que a dissolução e logo em seguida a construção das ideias, é constante e não acha nunca saída para suas grutas extensas de escaladas com riscos de cair no comodismo e no absolutismo. Detesto. Detesto quando as ideias caem, despencam para este patamar tão baixo: o da crença de saber de todas as coisas, advindas do comodismo e da realidade absoluta!

Que asco! Aprendemos sobre tudo o tempo todo, como pode crer sobre a verdade, somente analisando sua própria visão, e não fazendo a síntese de si com o outro? Como pode não entender as demais realidades, demais sentidos, demais interpretações, também lúcidas – que se entrelaçam, se emaranham por aí, e provocam aprendizados. Como? Me dissolvo. Me dissolvo, e agora entendo a senhora verdade repelir a todos quando desejam entrar em contato com a mesma; ela não marca presença pois sabe, sua presença será tão relativa que os absolutistas

tardarão a respeitá-la, por isso, se fecha e não se mostra a ninguém. Mas verdade... é esta a única verdade, a relativização de todas as coisas, e compreendo isto. Por que não deixa-me ver seu rosto?

Atenção! Se ela se aproximar de mim, talvez eu não esteja atenta o suficiente para ver ela progredir em mim, pois a atenção tem de ser imediata, focada e muito bem satisfeita com o que se está propondo. Atenção; eu preciso de atenção nas coisas tridimensionais. Não é? Sinto melhor meus órgãos agora – quando sinto, talvez, meus órgãos, eles me permitem se atentar para quando os sinais surgirem diante de mim, dentro da alquimia estranha que é atentar-se ao seu corpo, e atentar-se também ao fato disso ter a ver com a verdade se aproximando.

A cada vez que sente-se bem com seus órgãos, a verdade chega mais perto, tudo por que – seu corpo formado por estes órgãos grosseiros fez parte de uma criação imaterial; ninguém criou este corpo, nem mesmo teus pais – sua mãe apenas foi a cobaiá desta criação!

Mas, quem escolheu como seu corpo e seus órgãos seriam? Por isso, cada vez que sente-se bem com este corpo e estes órgãos, está mais perto da verdade! Pois não se sabe como foi feito, é um mistério, e por não saber, seus passos caminham mais perto para o descortinar deste grande mistério. Mas, depois, somente para voltar novamente, dar rodopios, reviravoltas, danças e coreografias inusitadas com malabarismos entre fraquezas e forças com este mistério que é os órgãos funcionando ou não, dentro desta máquina enzimática estranha e misteriosa, sem saber se o que faz sua formação são sinais de dor ou de crescimento.

Crescimento ou dor? Ambos fazem parte de um milagroso e ao mesmo, deteriorado estado infantil.

Mas, voltando às questões principais do jejum: há algo mais importante do que a saúde? As pessoas vivendo atribuladas em sociedade, pensam que sim – mas quando ficam doentes, percebem sua vida dando reviravoltas e suas prioridades todas se invertendo, somente para a recuperação da sua própria saúde. Daí, percebemos: não existe nada mais importante do que a saúde. Pois, ela em si, é o início de tudo, a precursora da vida; sem ela, não fazemos nada direito, não alegramo-nos e não aproveitamos instantes, não sentimos prazer, e perdemos nossa habilidade criativa. Sem saúde, não há vida. Percebo ausência de saúde quando não crio, não tenho ideias inovadoras – percebo presença da saúde quando estou a criar, a imaginar, a raciocinar!

Ter clareza mental faz parte do intuito da saúde perfeita e plena, e este é um dos objetivos do jejum.

Observei uma curvatura na ladeira na qual atravesso todos os dias indo e voltando para casa – olhava ela de longe e não a sentia como a mesma, não me parecia a mesma ladeira na qual eu andava, pois eu não tinha a sensação de estar atravessando uma curvatura abismal. Somente quando a olhei de longe, pude afastar-me dos sentidos sensoriais, das sensações dos pés, que percebi o plano todo ao longe, percebi a grandeza na qual eu atravesso todos os dias! Percebi, a visão distorcida que muitas vezes nós temos, apenas por estar perto demais de algo e experienciar com os sentidos, quando – olhando de longe, percebemos o quanto, o que sentimos quando estávamos perto é limitado e ilusório a um certo ponto de acreditarmos que ali existia uma ladeira simples, e não o detalhe de sua curvatura! É isto, nossos sentidos são enganosos e só temos a gratificação de tê-los recebido para poder nos

dar pistas e sinais sobre o plano todo, olhado ao longe – e não ficarmos presos nestas pistas e nestes sinais; senão o plano inteiro é corrompido, distorcido da ideia real, do que se é, formando apenas um carvão triturado e retirado todas as suas substâncias e propriedades importantes para o processo de moagem.

Lembrando também que, tudo que aprendi, aprendi sozinha, como uma típica autodidata; não levo para o lado pessoal quando dizem que autodidatas são um desastre na vida, pois já vim para cá para a vida segura do que sei. Não de mim, pois vim em um corpo físico, e admito, ainda não entendo muito do mundo físico – mas vim segura de conhecimentos e saberes empíricos, intuitivos e sobre a praticidade destes saberes. Fazendo, sem saber que estou a colocar aquele conhecimento em prática.

Não levo para lado algum o que dizem sobre o saber de algo sem ninguém nunca para lhe instruir; mas é claro que teve alguém para me instruir! Só que este alguém, são todas as pessoas ao mesmo tempo, e o autodidata apenas vai coletando os sinais que o mundo lhe dá, para a construção de seu quadro amplo, e em seguida racionaliza toda essa simbologia mística dentro do seu próprio mundo, e segue na prática.

A minha instrução foi a minha própria observação e constatação, desde mais nova – das pessoas, dos acontecimentos, das virtudes e erros, e das confusões, que levam aos aprendizados. O meu mestre, diria eu, seria o meu poder de análise e de síntese do próprio mundo, e com ela, vou penetrando no mundo oculto de tudo que observe. É assim que consigo saber, intuitivamente, do que preciso. Quando passo por uma situação difícil e já sei o que fazer, pois já vi, observei, constatei, senti aquilo em

demais indivíduos, na mesma e exata situação. Se somos a mesma coisa, como pode a solução pode ser diferente um e outro?

Os meus atos de jejum, quem ensinou-me foram meu próprio poder de observação nas pessoas que já praticaram; e cada um, faz de uma forma! Então, não há nada de errado quando se presta atenção às reações do corpo. Ninguém morre quando se presta atenção ao corpo – às suas reações, quando se está concentrado, focado e atento. Ninguém morre em estado de lucidez! E estar lúcido não significa também, não ser um entusiasta, uma criança – quando na verdade, o é, mas em estado mais controlado. Quem irá dizer-me que isto é errado, que isto é suspenso para uma área ainda mais cristalina de um bem-estar humano cada vez maior? Quem irá dizer que é errado, a autonomia por si só, aflorar nas essências humanas, será uma dádiva cada vez maior para a humanidade? São tolos, os que menosprezam o grande poder do cérebro humano de conseguir entender tudo por si só, apenas observando e conectando as coisas. E, às vezes, comunicando a outrem, suas conclusões.

### **{Oitavo dia de jejum}**

Engraçado como se desnuda por completo alma dos seres nestes atos de jejuar... Lembro-me bem, de alertas de pessoas que já o fizeram, sobre como todas as toxinas mexem com sua cabeça e podem leva-lo á fazer coisas terríveis, quando se vai acabar com elas de uma vez. Porém, há uma cousa na qual não mencionam nunca, pois falam apenas do lado físico da questão: o grau

de pureza do espírito do indivíduo que pratica a autopurificação. Entenda-me, quando há uma pureza imaculada na alma, o refúgio mental desta pessoa em situações tenebrosas ou difíceis, nunca será em reações agressivas ou transviadas para as ditas loucuras.

O refúgio mental deste ser será sempre as memórias boas, ambientes, falas e pessoas marcantes, como foi o meu caso – e falas fortes de personagens que sempre admirei me vieram a mente no momento de sair os excrementos. No momento em que os bichos invasivos começam a ver que não há mais espaço para eles ali.

Enfim, quem possui uma imaginação viva e latente, aonde somente se imaginam as coisas mais puras, poderosas e fantásticas, histórias a serem inventadas para supostas criações, ao invés de puros delírios vindos da abundância de contato com o externo – não prestando muita atenção ao seu universo fantástico – aí sim, esta pessoa terá problemas – no quesito espiritual, transcendental, de limpeza, esta pessoa será considerada fraca. Mas, pessoas como eu, as que vivem em seu próprio mundo encantado, e enfeitam tudo que está ao seu redor – serão consideradas fortes. Quando, no mundo social e externo, é exatamente o oposto. No mundo material, se trocam os papéis e se trocam as essências de como aquilo realmente é no mundo espiritual.

Mas, apesar de tudo, estou até tranquila. Eu não diria exatamente bem, ou satisfeita ou até mesmo realizada. Isso não. Estes adjetivos são para os despreocupados – pois, há quem se preocupa, e não acha nunca realização nos artefatos completos do momento simplesmente ser o que é, sem o perfeccionismo de querer sempre modificar o estado atual da coisa, ou de consertar algo incorrigível.

Sim, há substâncias já nascidas defeituosas, e quanto mais se tenta torna-lo perfeito, lhe retirando sua natureza, mais aquilo irá encontrar-se prejudicado. Não que as coisas devam ficar sempre como estão, mas aprender a lidar com o estado imodificável das coisas, quando eles não podem ser mudados; é sim, sentir-se pleno e realizado.

Lembrava-me ainda, das feiras que eu costumara ir com minha mãe há muito tempo atrás... lembrava-me especificamente do público ali presente – pessoas ricas, desejando uma boa alimentação; natural e orgânica. Ora, sendo ela orgânica, não seria plausível entender os ciclos fundamentais da natureza e as fases, estações dos períodos de colheita? Reclamavam quando não havia algo que que-riam dentro da feira. Reclamavam! Por que reclamavam?

Reclamavam com os vendedores como se fossem eles os culpados, como se existisse culpado em algum lugar. Ora essa, não ter chuva e nada florescer é simplesmente natural, pois o sol quer aparecer neste verão. Respeitar então, a fase de cada alimento crescer; ficar ali, guardado, escondido, até a hora do mesmo desejar transmutar-se de uma semente para uma horta inteira!

E assim é com nós, cada um com o tempo adequado de crescer e modificar-se. Por que aquele público não entendia isso? Viviam enclausurados sem nada a pensar de modo filosófico... sem nada a pensar, a raciocinar de grandioso! Simplesmente esperando que caíam do céu os alimentos bons e naturais, apenas porque possuem o dinheiro para um possível pagamento. E pôr o possuírem, creem que a natureza funciona nesta ordem; irá obedecê-los imediatamente. São uns tolos. Suas respectivas falências no futuro irão fazê-los entenderem verdadeiramente, o significado essencial de natureza.

Tudo bem, aqui estou novamente, atenta ao que acontece no presente. Ou talvez não. Talvez minha atenção esteja no presente momento do meu próprio pensamento. No presente-pensamento, e não no presente-realidade tridimensional. Entende-me? Creio que diriam que entenderiam, mas não saberiam colocar em palavras adequadas as suas verdadeiras compreensões. Eu estava aqui neste antigo sítio e não tinha ninguém aqui exatamente para dizer-me se o que eu estou a fazer é certo ou errado a se fazer para achar a tal da verdade. Mas, mais uma vez – não acho a tridimensionalidade adequada para encontrar a verdade. Ela é estranhamente inadequada para os abstracionismos saírem de lá em formas racionalizadas. Quer dizer, elas saem sim, em formas racionalizadas, mas não há nada de abstracionismo na tridimensionalidade. Se o tivesse, acha que eu não estaria mais atenta à ela, e não às suas nuances, detalhes, sutilezas? A materialidade só me serve para isto: para acrescentar as alças e realçar os tremores suspensos das inevitáveis coisas invisíveis. A vida invisível; esta que ninguém vê, esta que ninguém preza absurdamente por nada.

Os fatos invisíveis do mundo material sendo apagados em prol de uma ilusão advinda do abstracionismo precioso e raro! Usam suas abstrações para quê? Apenas para obter ilusões estranhas, e fingir que esta é a verdadeira realidade. E por isso, os fatos que se encontram invisíveis são desperdiçados e amaldiçoados pelos ilusionistas, os fingidores, os artesões das discórdias!

Os instrumentistas alados dos montes infernais. Mas, desconheço se isto é uma tragédia. Os que criam a ilusão, fazerem todos os desorientados acreditarem também, nesta mesma ilusão – criando o famoso coletivo. O

coletivo! Que não existe, pois o coletivo é feito de indivíduos, com suas particularidades específicas e únicas, sendo assim, todos eles diferentes um do outro, dissolvendo a ideia da coletividade. Porém, todos eles necessitam viver de harmonia pois a socialização e o afeto é inato nos humanos, dotados de uma consciência linguística diferente dos outros companheiros nossos, dividindo conosco o planeta.

A sensação que tenho quando estou experimentando algo é de que alguém está sempre a falar comigo... São inúmeros alguéns emaranhados do jeito que nasceram para serem emaranhados. E, por vezes, esses alguéns são conhecidos, amigos, antigos amores e amigos, aonde invento cenários de forma involuntária dos mesmos falando comigo, mesmo não os vendo fisicamente há anos ou décadas. Estranhamente, talvez isso seja – o fim do tridimensional, e o começo do invisível! O começo do acreditar no invisível, vindo desta sensação.

Iludir-me-ei entranhada, enfiada, em minhas próprias sensações... não é estranho? A sensação de se estar com a barriga vazia para muitos, é sinônimo de loucura. Sinônimo de suicídio! Mas o que seria o suicídio para eles, senão esta grande morte do corpo, que resulta em mais vida e movimento para ele? Para o corpo? Após este suicídio – que é a loucura incendiada pela falta de algo no estômago; advém sim, ou a morte física do corpo, ou terá mais vida, mais movimento. E um estômago cheio, entupindo – também não seria uma espécie de morte? O que é a morte, afinal? Os extremos?

O estômago cheio e o estômago vazio? A morte são estes extremos inconcebíveis às visões limitadas fragmentadas e farfalhadas do nosso olho. A morte não são os

olhos, mas sim a ausência deles – a ausência da vitalidade necessária, até para a morte poder prosseguir na matança. Se não há vitalidade nos corpos, como isto atrairia a morte, de qualquer modo? Ela se atrai somente por algum sinal de coisa vital, vibrante, que pulsa em todas as artimanhas de uma impulsividade muito bem planejada e arquivada, não parecendo de forma alguma um impulso. O impulso então, essa coisa tão temida, se transforma em uma vertente desconhecida nos acasos, uma coisa desconhecida nos extremos.

Percebi que para ter segurança em algo, era necessário desconhecer os objetos, e conhece-los novamente, só para cumprimenta-los como um novo eu, desconhecendo também, assim, sua antiga insegurança. Assim como desconheceu também, os objetos.

Mas, esperei um pouco... ouvi buzinas do lado de fora do sítio! E as buzinas pareciam estridentes, como quem tivesse vontade de arrombar a cerca. Ouvi gritos! Então, eu, Amélia e os meninos fomos ver quem era e qual a causa dos possíveis arrombamentos e agressões.

Eram carros de militares! Não, não eram policiais, eram militares. Um tipo estranho de militar vestido com fardas supremas de deus. Suas consciências ignorantes e vazias são supersticiosas em materialidade, acreditando em si mesmos, como mensageiros e honrados do trono de deus. Andavam com rostos sérios, assim como eu!

Mas, eu não creia em mim como destinada a algum trono, embora muitas vezes eu pressentisse isso (e por exatamente eu não falar sobre nem mesmo me expressar, que talvez eu esteja certa) – há algo de muito diferente e especial em alguém que sabe e não fala. Há algo de translúcido, de sagaz e eterno em alguém que é conhecedor

mas finge desconhecimento para preservar a paz. E, por isto mesmo – acho que o cargo poderia ser para mim, pois há em mim estas características inatas. Enfim, os três militares sérios me olharam e é como se me reconhecessem de algum lugar! Eu os reconhecia, mas não suas pessoas, mas sim suas expressões e posturas, pois eu me via neles. Mas era segredo: ninguém imaginava este espelho que eu possuía em mim refletindo-me nos piores representantes da sociedade!

Me olharam, e apontaram o dedo de repente.

## **Quando o mundo social interrompe as práticas espirituais e transcendentais**

Isso estava me parecendo uma das lembranças que tive sobre minhas vidas passadas com aquela equipe estranha na qual fui atendida. Mas não era. A realidade tridimensional estava batendo na minha porta, querendo que eu volte, senão por acalento ou aconchego, por força e briga até o mundo caótico e conflitivo. Eu desejava saber o que queriam comigo.

– Você é Violeta? – O mais sério deles perguntou-me.

Todos os outros apenas faziam expressões serias, mas dava para perceber seus olhos medrosos e ingênuos, sem muita experiência no que faziam, sendo apenas guiados pelo mais impulsivo de todos da equipe.

– Sim. – Disse baixo, quase sussurrando. Estava tão dentro de mim estes dias, que mal reconhecia minha voz falando de jeitos sociais e através de personas.

– Você foi acusada de estar se automedicando e medicando outros ilegalmente.

– Como assim me automedicando?

– Sim, é isso mesmo. Está curando sem ser médica, sem ter a devida legalidade na justiça para isso.

O mundo social com certeza, interrompe as práticas espirituais – mas não há muito o que se fazer, senão fingir que não entendo suas línguas penumbrosas e desastrosas sobre o significado das essências escuras da alma. Não o sabem, e por isto, clamam pelo fervor inconsciente de uma cura misteriosa para eles! Quando pensam demais, não gostam do que são, não gostam do que veem, não gostam do que fazem – por isto mesmo, seus pensamentos atualmente não são lógicos ou sábios, então, de nada adiantava eu tentar dizer algo – pois o meu o era, mesmo com toda sua fluidez abundante e volubilidade, meu pensamento era lícido; mesmo com todos os caminhos errados percorridos e defeitos confundidos com virtudes.

Mesmo enlouquecida por dentro de certa forma, continuo lúcida. Mesmo com a loucura vagando e guiando minhas pernas até os amantes da falta de fixação nas coisas, a lucidez quer ser pai e mãe ao mesmo tempo da minha própria loucura, a prendendo dentro de casa. Pobre da minha loucura, incapaz de sair de casa. Mas, a minha lucidez, será ela tão feliz e contente assim, em prender a loucura para si? Ou ela mesmo se contaminará com este filho voraz?

Eu, com oito dias sem comer, sem alimentos na barriga, serei levada por uma delegacia, ou por algum lugar cheio de pessoas intoxicadas? O que eu iria sentir então? Aí sim, minha loucura apareceria! Aí sim, minha lucidez iria se encontrar louca e frenética! Meu corpo não mais reconheceria aqueles vislumbres de sangue jorrando e de mortes esculpidas de uma pele morta só em prol de uma

estética forjada e com camadas artificiais em cima de um corrimão extenso de pessoas zumbis. É uma pena.

– Está fazendo práticas médicas ilegais. – Ele repetiu – Você não é médica, é? Pois bem.

E agora, mesmo sem entender nada do que falavam, queria eu, me olhar no espelho agora Me olhar no espelho! Olhar-me, e fazê-los se olharem também, e percebemos nós três, como somos parecidos e iguais, e que as minhas práticas médicas ilegais nada mais é do que a vida querendo ascender nas nossas peles pálidas, ressecadas e repugnantes. Sim, até eu, que busco a limpeza e a purificação constantemente, possuo a pele pálida e o coração muitas vezes friorento, sem mais delongas acerca do que isto representaria para os de fora.

Logo eu! A dona e concededora da saúde – este princípio imensurável da vida? Logo eu? Com o rosto pálido, olheiras crônicas as expressões cansadas e caducas? Sim, talvez por isto mesmo eu tenda a estes aspectos sombrios: busco tão insossamente esta tal da perfeição da forma, fazendo com que a pureza da alma entre em sintonia com a pureza do corpo – que acabo eu mesma, sendo mordida e comida pelos meus próprios demônios, pois tento mata-los a qualquer custo. E então, como resolver isto? Como resolver este tratado calcificado e pesado com estes demônios?

Se no passado, pessoas reclamavam destes demônios, e agora que não reclamam mais, veem somente o outro lado, o lado angelical de mim – como ficam estes demônios por dentro? Se mordendo para sair. Me fisingando a todo tempo até minhas expressões se mostrarem pálidas e ressecadas. Sim, tudo porque estes demônios querem expressar-se e eu não permito mais; tento dissolve-los. E

por isso, eles acabam comigo: acabam, tentam me matar pois tento mata-los. Os militares e outros cidadãos possuem expressões de felicidade pois não adquirem muita importância sobre como seus demônios transparecem para esta loucura chamada coletividade.

Ah! Maldita coletividade esta, tudo em prol dela... quando na verdade, o que existem são os indivíduos com suas próprias particularidades, com suas demandas existenciais a serem supridas e canalizadas, por estarem sempre em constante evolução, em constante auto percepção de si mesmo. Os indivíduos existem e necessitam evoluir pois estão aqui para isto! A coletividade os arrasta para um poço estranho, inibindo os mesmos de se encontrarem e de se conhecerem melhor, ficando em encontro assim, com a pele pálida, entrada para os demônios lhe fisgarem!

Então! A sensação de me olhar no escuro com uma luz baixa logo atrás de mim é bem melhor do que me olhar em uma claridade extrema, pois assim, se enxerga todas as imperfeições. Por que esta sensação é melhor, se somos todos filhos do sol? Deveríamos nos esconder da luz, da cura, das práticas médicas ilegais em prol de entrar em contato com este astro rei? O grande domador e dominador e precursor da cura dos rostos pálidos e ressecados, em bronzes e rosas reais parecidos com seus dourados?

Eu não mais respondi. Com o estômago pleno, e mesmo vazio, cintilando com ausência de ansiedade por estar vazio; decidi segui-los até a porta principal de suas verdades inventadas.

## **Quando o mundo social é um grande aliado da dispersão de si mesmo**

Eu já deveria prever as inconstâncias e os estados germinados de caos que eu veria por aqui. Voltando até a cidade, e tendo Amélia como grande companheira – pude notar logo a mudança das minhas reações e emoções reverberando. Quem lhes disse que o ambiente aonde se encontra seu corpo também não afeta – não agrava ou aguça seus estados emocionais? Quem lhes disse que os sentidos são inúteis e que se é preciso apenas tentar espiritualizar-se? Grande erro. Espiritualizar-se envolve cuidar bem dos sentidos; não fazer com que os mesmos sofram com agressões de fora. Entenda-me: não sei bem se perdi amigos ao longo do tempo, mas se os perdi, foi por esta preservação dos sentidos. Foi por esta inundação algoz de saciar-me em mim mesma que pude altruisticamente preservá-los. E os preservei: porém, entretanto, algo faltou: perdi a incrível habilidade de atravessar ruas, esquinas e avenidas e me mantenho confortável em meu próprio quarto ou em minha própria casa, almejando mais conhecimento – e esquecendo da luz solar.

Ter um corpo limpo em um mundo parasitário é um caminho árduo a se seguir; isolamentos serão enfrentados pela adversidade e descomunhão de sintonias com o todo. Mas após esta fase conhecedora de si, saberá os gostos de unir-se com todos em seus âmagos, não mais os relacionando ou os interligando aos seus estados parasitários, apenas vendo todos como seres únicos e vítimas destas agressões físicas e orgânicas aonde o espírito sempre estará fadado a passar e a provar a si mesmo o quão de fortaleza colabora consigo. O quão de fortaleza é inundado em

si, para que o outro também acorde para seu estado mais primordial, não sendo mais vítima dos ataques físicos. Tendo finalmente, uma cabeça firme e sem volubilidades informativas, advindas do caos disto tudo na qual volto a entrar em contato e a me lembrar.

Existem milhares de espécimes de rochas e pedras, como nunca pensei que isto poderia estar entrelaçado com o hábito da diversidade mútua da nossa sociedade? Os pré-conceitos poderiam ser dissipados com esta verdade natural. As rochas, os animais e as bactérias... Dentro destes reinos existem diversidades. Como em nossa espécie, também não teria? Eu estou mais em meu lado racional e vivo, humano, buscando os ideais diferentes dos das outras espécies, pois já entendi pois já conheço meu lado animal... O vejo e o entendo, e assim, pulo de nível, pulo de fase, de estágio. Vou para a filosofia: a parte mais racional do corpo orgânico. Tudo bem! É isto mesmo – já estou lá, e todos ainda não. Ainda estão tentando entender seus próprios instintos e suas vontades anteriores ao grande ideal de racionalidade. Eu entendo! Pois já passei por isto – suas confusões estampadas em suas expressões. Posso notar, há muito tempo. Posso entrever e antever nas linhas sutis dos seus rostos; assim como os mesmos também conseguem ver algumas linhas sutis de cansaço na minha, demarcando a solidão de se estar em um estado sutil, em ambientes caóticos como a cidade grande.

Minha missão sempre foi me transportar para os outros lugares; mas por que a cidade grande seria um lugar excitante para se transportar?

– Está usando algum tipo de medicamento? – A mulher veio entrevistar-me.

– Não.

Ela era um exemplo. Eu olhava seu rosto e suas olheiras estavam penumbrosas e já quase descalcificando seu rosto. Com sua postura séria e destemida, fingida – sabemos aonde tudo isto vai dar. A beira de um precipício que a mesma não gostaria de entrar futuramente. Mas! Como sei aonde tudo isso vai dar? Isto para mim, é tudo muito previsível e paciente ao mesmo tempo.

– Quem lhe disse que estou tentando curar alguma coisa ou alguém? – Perguntei.

– Uma mulher estranha passou aqui com esta informação, e me deu seu endereço, dizendo-me aonde você estava.

– Uma mulher estranha?

Quando a mesma começou a descrever como era esta mulher, me parecia coincidentemente com a mesma que pediu-me para achar seu precioso cristal perdido – aquela na qual não entendi sua presença e ela foi bem veloz em demarcá-la após as viagens da minha alma para as outras vidas anteriores. Na qual inclusive, tenho certeza de ser a razão de toda previsibilidade dos instantes.

Ah! Mas os amantes tinos da verdade saberão de quem estou falando. Saberão sim, e incorporarei trezentas vezes até que eu descubra.

– Eu estou em busca da verdade. – Disse á ela, em questão das curas ilegais.

Ela, que nada entendia sobre as grandes verdades universais e que regem estas suas expressões crônicas do dia a dia, respondeu-me, com um rosto ensopado de discórdia e ódio:

– Mas que porra de verdade! Todo mundo acaba morrendo. Vai viver sua vida antes que aconteça com você, antes que fique maluca.

De nada entendi. E de nada, continuarei entendendo. Ora! Estou em um lugar estranho, ensanguentado de atributos e artefatos não condizentes com as minhas teorias e crenças. Empoeirado de insultos maledicentes aos meus ideais. Apesar de saber que os mais conscientes e atentos respeitam minha presença e a minha fala, aquele lugar não estava sendo o melhor lugar para uma autodidata sabedora de todas as coisas e verdades universais – (buscando ela agora no nível físico) – estar. Sei bem, é como se eu tivesse entrado em um jogo virtual e nada disso aqui, para mim, ao meu ver, fizesse parte da minha concretude e vida genuína e legítima dos dias que se sucedem.

Vi sua caneta e chamou-me a atenção seu aspecto esverdeado. Uma caneta verde. Eu lembrava de repente, do meu antigo quarto. Como uma fotografia, lembrava exatamente de um cenário na qual meu casaco encontrara-se repousado na minha cadeira, ao lado de uma orquídea, e logo em cima, na janela, um pequeno pé de limão, e logo ao fundo, no meio de tantos prédios, florestas densas de um verde escuro respeitoso.

Toda essa cena fez-me lembrar do que já me diziam sobre a cor verde – sobre como ela une o céu e a terra ao mesmo tempo! Sobre como ela é a grande mensageira dos alados até os terrenos, e dos terrenos até os alados. O verde! Esta mulher com expressões rancorosas devia alimentar-se de mais verdes, e olhar para mais verdes, tocar em mais verdes, sentir a cor verde. Iria, sem dúvidas, sentir-se mais viva e revitalizada.

Mas estou aqui, não para dar-lhe uma nova vida, mas lhe fazer enxergar uma nova vida. Aonde provoca-se rodeios e reviravoltas em suas crises de ser quem se

é, através de uma lente quebrada e quase cirúrgica. Que mais tarde, tornar-se-ia mais jovem e mais serenamente adentra de si.

Mas vejam só: com o contato com o verde, podemos ver claramente nosso aspecto bicho e animal mais transparente, bem em nossa frente. O maior temor de todo conservadorismo mundial; mas vejam bem, por isto mesmo que falecem, e posteriormente lamentam pelas mortes; pois seu lado animal desequilibrado fazia de tudo para expressar-se, a qualquer custo, fazendo coisas inescrupulosas e escassas para poder acalantar este lado esquecido pelo coletivo doente; morrendo cedo, senão de doenças, de desgosto e amargura.

Ora eu, sempre senti e reconheci este meu lado animal, porém – há um entrave entre mim e os outros que é por eu ter, talvez, este autodidatismo entranhado e de ser sabedora dos mistérios. O reconhecimento, mas mesmo assim, opto por não segui-lo, que é diferente de ignorá-lo. O reconhecimento comigo e ele auxilia o meu outro lado: o racional e humano; aonde todos anseiam por buscar, por chegar a este topo, a esta incrível escadaria de uma aparente divindade! Porém, esquecem-se do precioso lado animal, essencial para que o racional funcione adequadamente e de formas salutares. Essencial para que, o racional seja de fato, um dom dado às consciências humanas; não pode haver consciência sem o reconhecimento do lado animal. Não pode haver racionalidade, e nem nunca haverá, sem a capacidades de seguir os instintos, assim como nossos companheiros de outras espécies também o fazem.

Será que ela estava certa? Será que essa história de verdade, ao final das contas – é uma grande mentira? De

nada adianta buscar por algo sem imagem, sem forma, sem título ou referência, de nada adianta abstracionar o físico.

– Acha que estou ficando maluca por querer saber a verdade sobre todas as coisas? – Perguntei.

Eu já sabia, obviamente – mas, queria ver a sua resposta.

– Maluca não, só estou lhe alertando para tomar cuidado. Daqui a pouco está aí inventando amigos imaginários.

Agora, algo interessante: todos falam com essas vozes prepotentes e autoritárias como se soubessem sempre do que estão a dizer e do que estão a perpassar para os outros, quando na verdade, suas verdades não passam de margens, pois existem tantas outras a serem desvendadas com o mesmo sentido daquela na qual se está propagando. Faz todo sentido, o esquerdo e o direito; faz todo sentido, o virgem e impuro, o limpo e o sujo, a vertigem e a clareza. Fazem todos sentidos, mas a parte mais bem vista normalmente esconde sempre seu lado mais obscuro. Seu lado mais catártico, novamente – sairá a tona quando chegar a hora. Pois não há algo tão puro que não já haja suas moléstias e enfermidades.

Pois bem! Se ela não se importa com a verdade universal, como pode a mesma assustar-se com noticiários da tevê sobre desmaios e mortes súbitas de pessoas desconhecidas; ou com doenças sem cura, graves e advindas do desequilíbrio dos pensenes? Como pode a mesma assustar-se com seu próprio coração acelerado no meio da madrugada crendo ela, que pode morrer a qualquer momento? Sem a verdade, a verdade universal – sem o conhecimento do próprio corpo físico (que representa o

mundo material inteiro, então quando se conhece seu próprio corpo, se conhece o mundo). Sem a verdade, não há solução para nada disto – a não ser que a mesma não queira soluções para seus respectivos desesposos.

E lembro-me constantemente das memórias passadas de todos que já conheci... faz tanto tempo, mas o tempo para mim é irreal, é nulo e vago e encontra-se vazio, sem alguma caixa responsável por ele. Eu lembro, pois estou viva e possuo memória, eu vivo, por isso lembro, e estas memórias vivas em mim, inevitavelmente, acabam chegando na cabeça dos mesmos – pois a vida ecoa e emana, não há memória que se sustente sem uma outra vida que também a apoie. Por isto, a correspondência, por isto mesmo – a reciprocidade é eterna e inócua. A correspondência existe em todos os lugares e em todos os abismos e supostas seguranças.

Pois bem, assim como, alguns preferem pegar uma comida na panela com algum utensílio ao invés de usar sua própria mão com medo de bactérias e micróbios, optam pelo caminho de não se sentir a coisa como ela verdadeiramente é, de não usar seu próprio poder de imaginação para conseguir as coisas que se quer! Como por exemplo, alguém já imaginou que seus dedos fazendo um conjunto com suas mãos são como uma concha?

Uma concha que você mesmo pode manipular suas rotações, segmentos e direções? Mas, com nojo de suas próprias anatomias, resolver usar uma concha material para pegar a comida – sem saber mesmo se aquilo será eficaz ou não, mas com a mão, saberia que sim, pois se poderia manipular sua destreza em pegar o alimento.

Agora, digo-lhes, é a mesma coisa com todos aqui conviventes e já enfermos por estar neste papel condi-

cionado, a não pensarem mais em memórias antigas, ou até pensarem – mas não pensarem com emoções fortes que lhe ressuscitem o ânimo da alma e lhe faça ter mais vontade de criar memórias! São pouquíssimos. E quando lembram, resguardam somente uma pequena parcela da sua vida para fazer estas recordações.

Mas, as memórias estão vivas. Sempre estarão; independente se os dispersos se lembrem delas ou não. As memórias estão vivas, e ainda chegaram em todos os inconscientes coletivos de cada um. E eles saberão quando for uma memória resguardada durante muito tempo.

Saí de lá e contei para Amélia sobre o ocorrido com a mulher, de forma um pouco assimétrica com o que eu realmente queria passar. O tom falado foi diferente do tom pensado. Pois bem, eis que ela me respondeu:

– É, talvez você esteja exagerando. Acontece, Violeta, que não sei mais o que fazer com você. Sabe! Seu caso é muito misterioso; se você sabe de tudo e está buscando por alguma verdade, então não sabe tudo. Ou então, se sabe tudo, por que está procurando por algo? Já se perguntou por que nasceu? Qual será seu destino? Nenhum? Já nasceu feita, mas para quê? São coisas para se perguntar, e não sair por aí atravessando e dilacerando a vida social dos outros. Eles estão em seus próprios processos, e você também está – mas seu próprio processo acaba que se sucede de jeito diferente. Não pode dizer que a mulher, que está em seu próprio processo de percepção das coisas, suas críticas exigentes com o outro! Isto é uma agressão a evolução do outro. E percebe-se também, sua perda de humildade quando fala dessa forma.

Quando as verdadeiras amizades deveriam ser seu bálsamo de clareza e de bondade, mas de repente tornam-

-se espinhos gosmentos e seu sangue jorra em seus pés já cansados e rarefeitos do ar seco e denso por onde já andou e passou. Nada a se esperar, não há desapontamento, mas sim um certo desconforto com sua fala. Não, isto não atinge-me tanto; meu estômago não está processando emoções intensas tão pegajosas e viciosas. Assim como são, as pessoas em geral, assim como elas extravasam eu medos e temores.

Tudo que se possui medo e temor de ser, no fundo – se é aquilo, e não possui ainda a coragem de expressar.

## **Tudo que uma amizade é, se torna crônico!**

Dizendo-me que não entenderam... A cronicidade da amizade é baseada na espiritualidade da mesma. Uma amizade não evolui, continua a mesma, pois sim, ela é crônica, e só é amizade pois é crônica; se fosse passível de mudanças, não seria uma relação duradoura. Os indivíduos que se relacionam dentro da amizade se modificam, vão se lapidando, se aprimorando mais e mais; até que se tornam seres completos com a mesma amizade imodificável. A amizade não é uma compostura inorgânica e desinformada ou desapropriada de seus deveres naturais – a mesma é tão rígida, firme e crônica, que suas doenças relacionais são facilmente reaproveitadas em aprendizados obstinados em prol de futuras relações que virão se apropriar deste aprendizado na qual se retirou dentro da imutabilidade da relação. A amizade é puramente orgânica, aonde se necessita sempre que cada semente ali cresça para que possa jorrar as folhas mais tarde. Senão, não há relação; ela não é química e nem cética.

Mas... sucessivamente; comecei a sentir! Comecei a sentir, após este grande baque de realidade concreta de Amélia e da mulher com expressões tenebrosas. Comecei a sentir! Aonde eu estava todo esse tempo? Se não sentindo? Quero dizer; eu estava sentindo, mas sentindo apenas meu próprio corpo, nada mais que isso; sendo tão centrada que chegava em mim como uma loucura secreta disfarçada de seriedade e firmeza. Ou responsabilidade com uma causa que, ao final das contas – é tola e vaga, quando não se conecta com outros seres vivos. Eu sentia meu próprio corpo durante estes períodos de jejum e afastamento, mas estava a esquecer de sentir os próprios estímulos externos. E isto é saudável de se fazer? Ignorar os estímulos externos para poder salvar seus sentidos das agressões? Por um lado, sim. Mas lhe anula e lhe priva das maiores honras, prazeres, apreços e afetos que se pode ter durante a vida. Quando se ignora os estímulos externos; tão perturbadores, mas ao mesmo tempo, tão gratificantes para se usufruir da vida em comunhão.

Ora, então pronto, era isso. Eu já tinha descoberto a verdade agora. O meu jejum, a partir de agora, tinha finalizado.

Finalizou-se o jejum, mas a vontade de manter-se preservada e em reserva ainda persiste. Eu sabia agora, a verdade! Não era mais tão somente sobre o corpo físico, mas sim sobre a sua reação aos próprios estímulos externos; orientá-los, reintegra-los, e agracia-los para seu acalento necessário, para toda a humanidade. Finalizou-se um processo! E agora? E agora, que o processo finalizado foi na verdade um processo interrompido por uma mente confusa e submissa a qualquer forma de informação que lhe transpasse, atravessasse e rasgue a consciência já lapidada o suficiente?

Agora, queria eu descobrir a verdadeira identidade daquela mulher na qual abordava-me e me levava para o palácio; aonde, afinal, tudo isso começou. Não foi? Ah! Minha vida estava tão bem mais equilibrada, pacata e sutil antes desta mulher desconhecida entrar em minha vida! Quem será ela? De onde ela veio? Alguém poderia me dizer? Não; infelizmente só eu saberei, só seu sei o rosto dela e suas supostas indagações e pedidos. Mesmo se eu disser quem seria ela, a descrevesse para todos, ainda assim – não seria suficiente; pois a mesma estando em minha frente, poderia negar. Dizendo a todos, negando a todos! Tamanha infâmia de minha parte de ridicularizá-la em público.

Entretanto, estou farta de sensações e de me prender a elas. Cheguei a esta rápida conclusão. Quero voltar para o meu mundo do vasto, denso e inebriante conhecimento. Além das sensações, existe o propulsor, o que as sustenta. E são sim, elas a quem devo satisfação. Pela primeira vez na vida, após tantos êxtases diferenciados dentro do corpo aonde pude promulgar a viagem das ideias – pude perceber, quando saí da minha própria caverna de sensações; o sol.

O sol era a criatura mais linda que eu já tinha visto. E havia sim, outras vertentes de vida ativa; os pássaros pousando e rodopiando pelos ares em busca de uma plenitude embuçada; viravam a cabeça rapidamente, como se estivessem em um estado de alerta constante. Havia os verdes, as pastagens, as árvores, as pequenas plantações ainda por crescerem. Havia as pessoas comuns conversando, trocando experiências sobre sua vida íntima. E isto era mágico! A intimidade podendo ser falada, trocada, compreendida e intercalada dentro da imaginação sensível de todos os

seres. Como pode; um pássaro virar a cabeça tão rapidamente como bate as asas? Este raciocínio sobre o pássaro fui eu que cheguei até ele através da imaginação; sem o mesmo, nunca saberia nem me indagaria, ou questionaria sobre a velocidade da minúscula cabeça do pássaro ser igualmente equivalente ao do bater de suas asas.

E é triste também, notar certas luxúrias no olhar global quando sua estética se modifica a partir de uma modificação sua no campo físico. Quando mudamos nosso aspecto estético para melhor (que são um dos efeitos do jejum), as pessoas tendem a tratar-nos melhor.

Mas, ora! Minha personalidade não mudou por causa disto; por que decidi cuidar-me e cuidar melhor do meu aspecto, continuo a mesma pessoa que anteriormente, não se importava com os aspectos estéticos. Continuo a mesma para mim, mas para os outros, estou diferente – tudo por conta da estética. É triste e ao mesmo tempo engrandecedor que tudo isso modifique o jeito como o mundo lhe recebe em seus braços. Como o mundo grita e aplaude sua existência – inaceitável ou aceitável, dependendo da sua gloriosa ou horrorosa estética.

Aqui vamos nós ao encontro da minha consciência com a mudança do meu físico: não há nada que tenha mudado no meu raciocínio lógico durante o período de jejum. Isto significa, para mim, que o corpo é completamente distinto e orbita fora do campo do espírito – pois o raciocínio lógico de alguém só é o raciocínio lógico de alguém e o mesmo é único, pois surgiu do seu espírito que está acompanhado o corpo; esta caixa de carne e de órgãos pesados, que por ora lhe impedem de flutuar. Mas com o corpo é, de fato – algo transcendental, pois não escolhemos, e nem mesmo nossos pais, escolhem – como

ele será e como o mesmo irá reverberar a partir dos comandos do espírito, ele torna-se eternamente nomeado de algo perto de deus.

O corpo é algo perto de deus, e o espírito também; por isso muitas vezes creem todos que ambos são o mesmo. Mas, se uma consciência permanece a mesma independente do que ocorre no corpo físico; como explicar suas atrações e emaranhados? Se uma consciência recebe determinadas sensações no corpo físico, e não se modifica, apenas sente os efeitos – como saber se o espírito está realmente, acompanhando o corpo? Apenas por que percebe as sensações? Mas por que o perceber as sensações seria um pretexto exato para confirmar que o espírito acompanha o corpo?

Mas é previsível a discordância da maioria quanto a isso; já que quase todos se identificam com as sensações, e não com suas consciências. Por isso, muitas vezes, fui incompreendida na vida, e durante a vida. A todo milímetro de tempo desde o meu nascimento, me identifiquei com a consciência, as sensações eram apenas um plano de fundo, o cenário, as cortinas da peça, abrindo e fechando. E quem se identifica com a sensação, só percebe sua própria consciência quando vê a sensação se modificando para um estado positivo.

Enquanto a sensação é negativa, nenhum deles percebe suas próprias consciências firmes, fortes e rígidas, como a raiz de uma árvore idosa, aonde serra alguma dismantela. Digamos, suas consciências estão enfraquecidas, e precisam assim – de um bom estado dos sentidos para poderem aguçar a consciência, para poderem entender o poder caminhando e encaminhado para todos desde que nasceram.

Porém, o caminho da naturalidade é a minha via principal para as maiores tranquilidades.

A naturalidade de todas as coisas, faz e provoca, tudo que é forçado, a se dizimar, a evaporar por si só. Apenas com a presença do natural, tudo que é construído de forma artificial, tudo que foi inventado e imposto com o uso da força agressiva, tende, com o passar do tempo, a perder a forma, a cor, e a vida (que nem mesmo a tinha de verdade). Apenas com o poder da presença do natural e do espontâneo.

Porém, há de se notar que a naturalidade também necessita em seu pacote, de senso crítico e poder de observação e análise – arquiteturas normalmente programadas para a vertente racional e forjada de força celeste – quando na verdade, é apenas uma força que lhe puxa á força para todo estado não-natural.

Como por exemplo, um prazo de validade em um determinado produto; sabemos quando algo está fora da validade quando demonstra uma aparência de estragado. Mas, e se este aspecto não condizer necessariamente com o prazo que estimaram?

Como quem, que estimou este prazo, vai saber exatamente o dia e o horário que o produto ficará ruim e será preciso jogar fora? Eles não sabem, é apenas uma estimação! Quem deverá ter este poder de análise será o indivíduo que usará o produto, pois irá prejudicar somente seu organismo (ou o seu dinheiro gasto se jogar algo fora que ainda estava bom somente porque o prazo que foi estimado já tinha sido ultrapassado); e não de quem estimou o prazo de validade. Então, a naturalidade das situações possui, no meio das adversidades, o parar e o observar. A naturalidade exige que se jogue fora as regras impostas – como por exemplo, um prazo de validade estimado e tido como padrão.

– Talvez você esteja certa. – Eu disse, após alguns minutos da fala de Amélia – Mas como tudo isso começou não foi minha culpa. Esta mulher chegou na minha vida...

Ela então, me interrompeu:

– É tudo culpa desta mulher desconhecida. – Ela, obviamente, foi irônica – Estou começando a achar, talvez, que isso pode ter sido alucinação da sua visão. Passa tempo demais sozinha.

– Não é alucinação. Estou te dizendo. Não acredita em mim?

O que me custava acreditar não era na irrealidade da mulher – pois poderia sim, ser algo inventado dentro da minha própria cabeça. O que me custava acreditar era a falta de confiança de Amélia em mim; por mais que eu tenda a desprezar o mundo real e a viver em meu canto, isolado e até um pouco confuso – por mais que eu tenda a subestimar o que ocorre nas vertentes tridimensionais, tudo que uma cabeça cria, há de ser visto como algo original, puro e divino.

Por mais que tenda às loucuras. Estas loucuras, quando bem interpretadas, serão alvos e serão atingidos pela flecha do heroísmo! E este heroísmo podemos chamar dos atos mais nobres e ao mesmo tempo impraticáveis pelos indivíduos comuns. Não; quem se é comum, não se acredita nos heróis, pois não se põe fé ou crença nas possíveis loucuras de outrem.

A loucura está profundamente enlaçada, e anda de mãos dadas – com os atos heroicos e com os heróis milenares e históricos. Pois bem, a loucura, esta sendo a fonte do heroísmo, é reconhecida como tal? Ela está no lugar e no patamar que merece? A loucura alguma vez já foi bem vista, senão pelos próprios loucos e admiradores do inconsciente misterioso dos loucos?

– Vamos embora, Violeta. Ficar aqui só irá te atçar mais ainda a continuar com tudo isso.

Quando saímos de lá, fui interrompida por um dos oficiais que haviam me levado:

– Ei! Quem te autorizou a sair?

– Fui eu. Podem liberá-la. – Uma voz feminina surgiu atrás de mim, falando com o oficial. E ele, obediente, afastou sua mão de mim.

A voz feminina me encantou tanto que decidi me virar para ver quem era. E Amélia, a olhava, hipnotizada, assim como o oficial também a olhava. Me virei; a mulher tinha cabelos longos e vestia um vestido vermelho – mas o vermelho do vestido era tão antigo, que o vestido parecia ter esperado pacientemente a vontade libertadora desta mulher de usá-lo; como se estivesse trancafiado há tempos, aprisionado, só sendo libertado com o poder da vontade daquela mulher. E quando finalmente ela o vestiu, parecia única e inabalável. O vestido vermelho parecia sorrir, e a vontade da mulher parecia refletir sua escolha em ter lembrado de um vestido antigo dentro do seu armário com diversas lembranças. Aquela mulher parecia passar um respeito em todos, saindo da delegacia, os oficiais que estavam na porta de repente a encararam, como se ela burlasse alguma lei. Mas não; talvez ela seja a própria lei, a ordem e a simetria da autoridade. Esta mulher que descia das escadas ao meu encontro... esta mulher...

Era ela! Era ela que havia falado comigo e havia me deixado no palácio! Era ela, a mulher desconhecida! Mas, está muito diferente. Só pude ver seu rosto atentamente quando se aproximou melhor de mim, tocou em meu ombro, e sorriu com um sorriso bondoso, enquanto para os outros, modificou o semblante e foi direta em suas

expressões. Mas eu não havia entendido; a personalidade afável e agradável advinda de uma autoridade para comigo, como se de fato, fosse deus lhe permitindo respirar em ambientes inóspitos, transformando aquilo em pureza – e a personalidade rígida para com os poluídos admiradores dos ambientes tóxicos e sujos.

Talvez isto explique tudo – a rigidez para com o que é tóxico, e o agrado e o afável para com o que é inocente, neutro, ou apenas observador. Eu parei e pensei melhor; isto era postura de líder. Não julga o que é tóxico, mas também, não lhes revela ou lhes confia nada. Observa os tormentos e se aproxima, mas não se inclui neles. Pensei mais um pouco. Olhei novamente para aquele rosto na qual a mão do seu corpo continuava firme em meu ombro; olhava, encarava, observava seus traços. Ah! Não acredito. Aquela mulher... aquela mulher era eu.

Se ela é eu, como posso eu, estar estendida ao seu lado? No mesmo espaço-tempo? A temporalidade do tempo é tão enganadora que é inadmissível acreditar na ideia de que si mesma está estendida ao seu lado, sendo sua própria amiga e sua protetora. Lhe fazendo acreditar que, a missão a ser cumprida pela sua consciência é para ela – mas na verdade, é para você! Tudo isso que eu estou fazendo, de descobrir a verdade, não é para ninguém, e sim para mim; eu mesma estou em busca do indecifrável, por conta desse meu senso de autovalorização, ausente no infeliz senso comum e alienados de si mesmos, caminhando pelas ruas com o objetivo de ir para suas rotinas sem nada acrescentar em si próprios, continuando a mentalizarem cousas fugazes, carnis e efêmeras; usando as mentalidades com habilidades incríveis de imaginação para a mediocridade (algo desconhecido e insuportável para o espírito humano!).

Não percebem? O espírito humano não decodifica e nem intui o medíocre! Portanto, também não decodifica e nem decifra as consequências e os derivados de tudo que é medíocre. O espírito humano é grande – por isto mesmo, acredito – a corrida que esta mulher me fez percorrer, foi para dizer-me sobre este senso de autovalorização que não se sustenta em caminhar em pedregulhos que somente provocam sensações medíocres. A corrida que ela fez-me percorrer para explicar a vida fora dos parâmetros do espaço tempo e querendo me revelar os cristais; cada um representando uma fase necessária para todos chegarem a este senso de autovalorização, com o intuito de vislumbrar a autonomia e a liberdade nos espíritos, tanto errantes quanto heroicos.

Ela sou eu, e eu sou ela, e sua mão ainda estendida no meu ombro me passava esta mensagem. Como se eu ouvisse uma música com uma letra provocadora de revelações ocultas. Ela não me olhava mais, somente olhava para frente, para a vista, para as árvores enormes com raízes profundas e firmes. Respirava fundo, e às vezes apertava o meu ombro. Querendo me dizer algo, sem palavras! Eu tinha certeza que ela era eu por este amor e paixão inigualáveis pela linguagem não-dita; nada dito, silêncio completo, mas se sabe que algo está sendo dito.

– Está na hora de vocês voltarem para dentro. – Ela verbalizou em poucas palavras, uma ordem para os mesmos oficiais que me trouxeram para cá.

Quando ela os ordenou, entrou junto com eles para dentro, sem me dar uma palavra. Tirou sua mão do meu ombro sem olhar para meu rosto. Ela sabia do que eu sabia, pois sentia. Tirou sua mão do meu ombro, mas novamente, apertou antes, desta vez, este aperto foi um sinal.

Um sinal de amanhecer em paz; de amanhecer com ela ao meu lado, dizendo-me o que fazer, mesmo eu sabendo, que não a encontrarei tão cedo, pois ela estava em minha consciência – o que oscila e o que perdura nas camadas insaciáveis do meu ser, é imprevisível e distante da lógica abrangente conhecida pelos holofotes egocêntricos!

Nunca achará voltas, perfurações e nem mesmo grutas, dentro das camadas da minha consciência, pois bem, não sei quando encontrarei esta mulher novamente, pois não sei em qual camada da minha consciência a mesma está agregada, acolhida e aplausível para si própria estar, sem ser interrompida pelos outros personagens da minha consciência; pelos outros personagens que sobrevivem nas camadas de cima e nas camadas de baixo. Esta mulher era, de fato, desconhecida – pois nem sei em qual camada mental exata poderei achá-la; ela está suspensa dentro dos meus desencontros. Está vivendo sob as margens inconscientes dos meus atos heroicos fingidos.

Talvez seja ela, a minha persona heroica. Nossa! Olha só – eu enlouqueço dentro da minha própria cabeça o tempo todo sem ninguém perceber! Sem ninguém ao menos, tomar-me como louca, insana! Pois eu sou; eu sou e enlouqueço nos meus cordões, sem questionarem ou desconfiarem a minha sanidade – pela responsável característica chamada autocontrole.

Mas porque será que as coisas nunca são tão bem explicadas como deveriam? Elas necessitam de uma explicação clara e consistente; senão, todos se desmoronam em palavras soltas e sem sentido. As palavras sem um alto grau de explicação, só ficará a mercê do uso inútil e malicioso do bombardeio de informações frequentes e constantes.

As palavras são usadas com muita facilidade – são tão preciosas, mas usadas de jeitos negativos! Em prol de quê? Mais uma vez, a explicação sobre isso aqui deveria ser contundente e satisfatória; para quem a fala, necessitando ter um raciocínio lógico perspicaz – e para quem ouve, em ter a capacidade de entender o próprio labirinto que seu próprio raciocínio fará, ao entender o raciocínio do outro verbalizando uma ideia – gerando o resultado final; sendo ela, a compreensão lúcida.

Os seres humanos sociais, conscientes de seus privilégios, começam a se sentir culpados e entristecidos, gerando uma piora do estado do bem-estar social e comum entre todos. Iremos entender um dia, este aglomerado de pequenas guerras e facas sendo jogadas de modo invisível, um ao lado do outro. Ele possui mais que eu, deverá então, doar-me ou sentir-se ruim por isto; sendo a segunda opção a ser seguida, gerará um estado de tristeza profunda e perpétua sobre sua própria existência, se negando a união com todos os demais, e nesta negação, surgem as desarmonias e as guerras. Sendo a primeira opção, a de doação, esta sim, em princípios; poderá ser bom, mas quem doa na maioria das vezes o faz pelo alívio de consciência em sentir que sua existência social é um fardo para os outros. Tanto a primeira quanto a segunda opção são problemáticas, são as fachadas irremediáveis. E eu notei isso, percebi isso, ao observar dois homens na rua, andando um ao lado do outro. Um, socialmente considerado feio, e o outro socialmente considerado bonito. Ambos olhavam para a mesma mulher, e ela apenas olhou para um: o socialmente bonito. As coisas, elas nunca são tão bem explicadas como deveriam. As relações sociais nunca serão tão bem explicadas como deveriam! Acaba que,

os privilegiados jogam suas ruindades duplicadas nos que já não obtiveram privilégio algum, que nada mais é, no final das contas; uma disputa acirrada por desejos pessoais. Este é o verdadeiro significado de privilégio social – o vislumbre pela conquista de um pedestal imaginário.

Resolvi voltar para aonde meu corpo estava, e Amélia acordou com seu olhar bisonho e estupefato.

– Aquela mulher era um grande colírio, não acha? – Ela disse-me, instigando a reflexão sobre a sensualidade corporal feminina, como se quisesse me lembrar de algo esquecido, aonde fiz questão de engavetar em minha memória há tempos.

E, de fato, querendo me lembrar de onde mora, nasce, cresce e morre os prazeres carnavais. Eu, tão tola! De tantas voltas deixando-me tonta, por aí, caçando as grandes e maiores verdades, esqueci-me do princípio! De como nasci, e de como darei possibilidades de vida aos outros também. É a sensualidade; é a domesticação e a canalização correta do sexo. Ah! Aquilo para que quase todos vivem, e aquilo para que quase todos estão dispostos a morrer; um amor carnal. Um amor que cheire aos apertos de dois corpos enlaçados. Eu, tonta pela verdade, tonta pelos absolutismos, acabei adoecendo da mente! Esquecendo-me da carne, aonde estou eu, encaixada e fazendo morada. Dentro dessa caixa de carne, dentro destas entranhas quase adormecidas pelos prazeres! Hei de acordá-los! O corpo precisa de vida! Não somente o espírito! Eu entendia isso; tudo bem, agora não.

Mas eu não iria ter relações sexuais com aquela mulher, pois eu estava acreditava que ela era eu, vivendo sob outra camada e sob outro grau de consciência de mim mesma.

Não que minha busca pela verdade estivesse sendo errática, não, não era isso. Mas talvez, aonde encontrá-la! Aonde bater-me com ela sem provocar sufoco para mim mesma, e para o outro; e para a própria ideia da verdade? Aonde, e quando? Esquecendo-me da carne? Não, voltei-me tanto para o que eu já tinha de desenvolvido (o lado espiritual e observador), acabei entrando em caminhos errados e esquecendo do desenvolvimento dos próprios prazeres carnis, necessários para a saúde do corpo físico.

– Você está precisando de uma dessas. – Ela disse – Se experimentar, provar uma dessas você poderá me dizer novamente, se ainda irá querer correr em busca dessa tal de verdade e de algum isolamento! Sua solução e cura está embaixo desse vestido. – Amélia riu de sua própria fala, ao mesmo tempo que debochava da minha busca.

Por mais que sua fala tenha soado razoavelmente tosca, simplória e fútil – era verdade de que muitas soluções espirituais e relaxamentos para o espírito atormentado em busca nervosa por algo, seria o uso adequado e moderado dos prazeres da carne. Não é? Talvez. Não, talvez não. Eu havia me esquecido. Os prazeres são só prazeres pelas fugazes dispersões que eles deveriam nos proporcionar, em prol de constantes relaxamentos para o espírito!

Se o espírito não se realizar agora na carne, quando o mesmo irá fazer isto? Irá sair daqui sem o contentamento de entregar-se a qualquer coisa que lembre prazer? Isto não é comprometimento com uma causa, é repressão e opressão do corpo, nascido para o aproveitamento também, destes bel prazeres. Um corpo também está aqui para ser usado! Mas não usado para fins baixos e sem grandes objetivos.

Um corpo não poderá nunca estar aflito, e quando o mesmo está sendo usado para fins baixos, ele está aflito, e alienado, inconsciente de si mesmo; inconsciente de si no mundo e no que passa ao seu entorno. Não sabe o que transmite ao outro, não sabe o que é para o outro, não sabe o que é para si mesmo – é um corpo aflito, e estúpido até mesmo para seus negrumes, vistos com microscópios através da lente única do dono do corpo.

Porém, brigo. Brigo com meu corpo o tempo todo! Pois não me sinto serva dele, mas sim, ele serve-me; e quando o mesmo não me obedece, eu brigo com ele, como se fosse alguém de carne e osso.

E no caso é, alguém desacordado e quase vão; que quando toma algum sermão ou recebe descréditos por algo que fez, sente-se tão pequeno que seu corpo começa a dominá-lo de tamanha forma, que não vemos mais um humano, e sim um animal. Então, ninguém entende quando digo que brigo com meu corpo – eu não estou a mercê dele nem de suas vontades, mas sim ele está à mercê das minhas vontades. E as minhas vontades vão muito além da satisfação passageira dos sentidos e somente ficar por isso mesmo, se contentar com isto!

Como contentar-se com a mediocridade? O espírito humano, novamente – ele desconhece isso. A mediocridade é um estado emocional, e não um estado de espírito. Um estado emocional criado pelo coletivo; intuitivamente para satisfazer os seus desejos passageiros, ficando então, na escravidão do seu próprio corpo – eles não mandam mais em seus próprios corpos, mas sim, seus corpos de repente, começam a dominá-los! Isto é a mediocridade, quando o espírito humano permanece e se acomoda neste limiar ensanguentado de injúrias descontroladas, ausentes

de raciocínios próprios e verdadeiro saber; de verdadeira experiência que traga sabedoria para esta alma que está caminhando pela terra. Por isso eu brigo com meu corpo! Quando ele me vem, com sintomas estranhos e sinais invasivos, mando-lhes a merda; ao lixo estúpido que é tudo isso, e de repente, quando os ordeno – eles simplesmente param.

Meu corpo me obedece, pois a cabeça humana, onde se está preservado nossas memórias, raciocínio, linguagem, sentidos, insights... Toda vida! Quem guarda toda a vida! É quem verdadeiramente comanda todo o mundo. Olha bem para estes poderes do mesmo; é ele quem controla o corpo! A cabeça! A nossa cabeça! É ele quem controla este corpo; um corpo só é um corpo de tal jeito pois a cabeça o fez daquele jeito, não há como ser de outra forma. Lamenta-se pelo seu corpo estar feio? Sua cabeça o tornou assim; quando muda-se a mentalidade e a cabeça, a forma e moldagem do corpo, logo muda também. São fios que se interligam, sem nunca na história da humanidade, desligarem-se um do outro.

Nunca entendi os vícios e sempre os encarei como incógnitas... simplesmente por isso, já tinha este conhecimento intrínseco em mim; sempre controlei o meu corpo. Por isso, nunca entendi vícios. Eu via todos falando sobre vícios e como suas vidas se tornavam difíceis por causa destas coisas. Eu tentava os guiar através das minhas próprias sensações da falta de vícios, de como tudo isso é causado por ideias ilusórias de cabeças que estão alimentando ideias fracas dentro de si, lhes faltando fortes objetivos a serem seguidos, e a usarem suas emoções do coração nestes objetivos, emaranhando-se com sua alma, até não se ver mais separado de nada. Eu tentava. Tentava fazê-los entender.

Então, perder a capacidade de calar e de raciocinar logicamente as falas, é perder a consciência da própria representação do seu corpo nos ambientes? Eu espero que não. Eu espero que não! Pois estas incapacidades de calar vêm e voltam; a felicidade é estúpida e inimiga nestas horas: nas horas de calar-se. A alegria interior é estúpida e inútil, lixosa, para os períodos de introspecção. Necessito da tristeza leve, da tristeza branda, como aquela leve brisa de fim de tarde, afim de me reerguer, me impor, me enclausurar em mim, afim de entender as transmissões do meu corpo para os ambientes enquanto meus pés fazem todo o trabalho de vaguear, rodar, caminhar, correr e passear. Enquanto meus pés levam-me até os destinos necessários para o meu corpo partir e fazer a transmissão necessária da minha própria presença! E com a minha presença, ser propulsora de sensações novas ou conhecidas pelos outros, que todos andavam esquecidos destas mesmas sensações, tão importantes para o êxtase humano: o da autovalorização, ajudando outros a se lembrarem da valorização de si mesmos.

Há certas cousas e em certos períodos, em monólogos que defino expor para os outros em forma de diálogos, muitas vezes os mesmos soam ingênuos e infantis demais. Eles parecem ridículos ao serem faladas, e ao saírem da minha boca – mas então, lembro-me de que, é dentro da ingenuidade que reside as verdades sobre a vida, amordaçadas pelo véu invisível da ignorância. Então, hei eu de reprimir-me, em dizer as tão óbvias ingenuidades? Mas, que, de tão óbvias, todos se esquecem delas para aplicá-las no dia a dia?

Ah! Ora essa; como sabemos se estamos agindo certo com o outro se o outro possui um lugar diferente

do nosso em determinada circunstância? Como saber se o outro nos quer bem quando há as diferenças de degraus? Quando um diz algo agradável, mas faz algo desrespeitoso e desonroso, e quando outra fala algo que nos agride, mas o que faz é completamente respeitoso e honroso? Como medir estes dois contrastes se o coletivo tende a agraciar-se e a deleitar-se com belas palavras, acreditando que as mesmas, somente elas, fazem o mundo girar? De certo modo sim – mas de outro modo não.

Como medir a admiração? Como saber o que é a verdadeira admiração; se quando alguém nos admira em exacerbado, já sabemos que é porque o outro se espelha em nós; e se espelha não por se identificar ou crer que somos parecidos, mas sim – pois há um bloqueio atual em sua vida lhe impedindo de ser ele mesmo, e assim, ele cria esta válvula de escape de uma admiração obsessiva em alguém para esquecer que o mesmo possui uma vida que precisa ser vivida plenamente, sendo ele mesmo. Então, como saber o que são as admirações – se elas muitas vezes são mascaradas por inseguranças dos outros, em serem quem verdadeiramente são, mostrando todos os seus traços, jeitos e personas diversas para o mundo, sem tamanho medo ou receio de sofrimentos, pois a segurança perdura? Como saber se o outro me admira ou somente só está se espelhando em mim para tentar ser ele mesmo, para tentar se encontrar, para tentar criar sua própria identidade? Mas, talvez, isto signifique a admiração. Mas talvez seja esse, o objetivo da admiração. O tentar ser a si mesmo, se espelhando em uma figura que já é ele mesmo.

A minha certeza sobre buscar a verdade já se dissolveu, já se sucumbiu. Era isto, o que havia de podre em mim; as indecisões. As firmes e decididas indecisões!

Contraditório, mas nada existe na contradição que não seja fiel à vida. A vida é criada a partir de contradições. As minhas certezas parecem incertezas depois de um certo tempo; o fazer sentido e a perda de sentido sempre estão em constante movimento. Estão a todo tempo não fazendo algo, e logo depois fazendo algo.

São dinâmicos, nunca se paralisam. As certezas que mantenho agora neste instante, uma semana depois já poderá ter sido questionada por mim mesma; as incertezas tomam lugar constantemente pelo poder inquestionável que reside em mim de questionar tudo. E nos questionamentos, duvido de mim, e já não sei quem sou – sendo que há segundos atrás, eu já tinha obtido a total certeza. Eu já não sei mais se sou eu que domino o meu corpo ou se é ele que me mantém de escrava; acontecendo o inverso com os outros. Eu já não sei, meus poderes de análise e crítica já me fizeram questionar novamente sobre minha própria identidade.

Identidade! Aquela mulher era eu, não era? Eu não sei, novamente me enlaço em dúvidas. Mas tudo bem! Olha só; quando sairmos daqui tudo isso será em vão. Eu adoço sempre com o outro ao meu lado. Adoço, mas também quando permaneço sozinha por longos tempos, são eles, os meus curandeiros. Então, pode-se dizer, as pessoas possuem efeitos maleáveis em mim: são eles que me adoecem, mas também são eles que me curam.

É necessário ter uma resposta bilateral em relação a estas coisas. Não acha? Ouvir o que os outros têm a dizer é sempre e normalmente tem efeitos e ataques (discretos) de hipnozes. Eles nunca sabem que hipnotizam, ou talvez até saibam – e por isso mesmo façam. Isto chama-se manipulação, e ela nunca instrui, mas ordena; e ordena sem o receptor saber que se está ordenando!

O quão perigoso é isto? Neste caso, as pessoas me adoecem. Mas quando suas palavras não têm intenção alguma de causar maiores efeitos em mim; apenas estão com a função de entreter e divertir-me; e é aí que está o ponto: estas palavras dispersas e mal formuladas, estas palavras espontâneas e jogadas ao vento, são elas que instruem. Neste caso, as pessoas me curam.

Esta mulher seria eu sim, se ela não fosse hipnótica, e sim, espontânea e uma instrutora sem saber que é. Não que uma coisa anule a outra dentro de um único ser, disposto a raciocinar. Mas, o ser opta por usar uma das táticas ao se relacionar com o outro. Droga! É sempre o outro. Eu estou sempre ligada ao outro, estou sempre falando do outro. Sempre o outro é um problema ou uma solução. Mas, claro; se estou sempre pensando no outro, quando tenho ânimo de vida e disposição? E quando estou sem energia, estou sempre pensando em mim?

Engraçado isto; engraçado que noto isto: quando tenho energia, penso sempre no outro, quando estou cansada e fraca, penso em mim. Com os outros, observo o contrário: quando possuem energia, estão sempre fazendo coisas para si mesmos, mas quando sentem-se fracos, só aí que começam a pensar no outro. Ou talvez não. Talvez seja o mesmo procedimento que o meu, o mesmo com eles, porém – o diferencial é que sou honesta comigo mesma. Eles não, por isso, os observo sempre fingindo e lutando para não verem suas reais facetas, pois nem eles próprios querem ver esta faceta; quanto mais desejariam que seus estímulos sociais também o vissem.

Não é? É sim... olha, eu sempre dizia que desejava sentir uma tristeza leve, mas para essa tristeza acontecer, ela tem de ser formada, criada, instruída, para tornar-se

real. Assim como todo sentimento! Todo sentimento novo que surge em nós e que estava velado, é um ser novo que vem ao mundo, ele precisa de educação, instrução e ocorre antes, todo um processo de parto e cuidados extremos, pois o mesmo é delicado demais ainda para ir ao mundo... precisamos conhecer, entende-lo, para soltá-lo e deixa-lo finalmente, tentar andar com seus próprios pés. Tudo antes tem de ser formado, e finalizado para ser solto. Percebemos, com nossa própria concepção cética, de que acreditamos mais naquilo que não colocamos expectativa, no que acreditar naquilo que depositamos expectativa há tanto tempo; pois toda nossa energia já foi gasta naquilo na qual pensamos demais sobre. Portanto, seria a mesma coisa também, com os sentimentos; não há de se forçar nada em sentir coisa alguma, pois se gera expectativa em si mesmo acerca de sentir aquilo que deseja. Se gera expectativa, se gera falta de espontaneidade, a força começa a tornar-se bruta, não mais sutil. Por isso, quando falarem algo sobre sua pessoa, tenda a não acreditar com tanta força, com tanta bruteza; senão, corre o risco de não gerar ou frutificar mudança alguma acerca daquilo, pois se criou expectativas demais sobre quem se é, por conta da imposição de opiniões alheias. Ouça sempre, mas com cuidado, cautela e criticidade.

Aprendi com minhas experiências e intensas reflexões; de que, quanto mais se explana aquilo que é, menos tem certeza daquilo que é. A certeza surge de dentro, e ela detesta excesso de fama, luxúrias e obsessões sobre sua imagem. O ser humano é, realmente, mais sólido que os minerais e os elementos sutis da natureza? O ser humano é tão sólido como uma pedra, ou é tão meramente maleável quanto as ondas dos oceanos? Sendo um ou sendo ou-

tro, suas certezas são pródigas e sonhadoras – se realizam no plano mental, para primeiro, surgirem no campo físico, que nada mais é, do que o reflexo daquilo que sempre sentiu e pensou.

O físico não existe, é somente um espelho! E percebo as pessoas gostando de falar e conhecer sensações nas quais não estão familiarizadas dentro de si. Elas constantemente procuram o seu oposto – para poderem complementar-se nas circunstâncias; não falo somente do seu oposto como pessoa, mas também almejam, curiosas, sobre as situações e sensações que lhes são desconhecidas. Mesmo que seus fingimentos sejam esplêndidos de teatrais! Mesmo que seus fingimentos sejam ótimos atores!

Ah! Como a vida é bela e misteriosa... A cada fase dela, aprendemos e levamos sempre uma coisa a mais. Nunca passamos despercebidos em qualquer experiência que atravessamos. Ela nos complementa, como se de fato, aquela experiência fosse ou tivesse sido um alguém marcante. E foi; mas um alguém inanimado.

Amélia me cutucou. Olhei para ela:

– Vamos sair daqui. Não há mais nada para nós aqui. Principalmente para você.

– E para onde vamos?

– Para minha casa. Vamos dar um tempo lá. Vou chamar os meninos para voltarem também.

Continuando... Mas o mais estranho é pensar e progredir no pensamento de que, o que penso sobre mim e o que vejo no espelho, sobre o meu reflexo, não é nada do que a tecnologia diz que sou, ou até pior... O que as pessoas dizem que sou! Quando me olho no espelho, as minhas formas, molduras e o modo como estou sendo apresentada para mim mesma, é disforme e contrastante às ideias

de vídeos, fotos e opiniões acerca da minha apresentação! Então, chego a uma grande questão: de onde vem tudo isso? Quem eu sou a partir de mim, e quem eu sou a partir dos estímulos externos? Quem eu sou, afinal? Quem são todos? Iremos, um dia, entender, e entender-nos?

Ah, agora, eu lembrara de casos familiares, aonde nunca foram de minha importância e nem mesmo algum dever meu; meu dever, sempre pressenti, era com a humanidade! Mas aonde estava a humanidade, para ver-me como líder? Eu entendi, por fim, que a minha liderança não era nunca, o foco no outro – mas sim, o foco em mim, para poder focar-me no outro através do foco em meu próprio ser. Aja como líder! Eu falava para mim mesma... sim, era para mim mesma, e funcionava, pois sou como criança, dizia as coisas para mim e elas de repente, transformavam-se em realidade, como mágica, como normalmente é, o mundo de uma criança. Quando eu estava adentrando demais em casos da minha família, isto significava, no meu próprio mundo e nas minhas próprias simbologias, que estava tornando-me um ser comum; algo que eu não era – estava fora de mim. Quando estou dentro de mim, não sou comum. Como posso voltar a ser eu? Interagindo de novo com os comuns, agindo como se fosse um deles. Voltando para a humanidade novamente. É, Amélia tinha razão. Melhor para com esses métodos de achar a verdade. Não vão dar em lugar algum, só me afastarei mais ainda de todos.

Eu, enfim, concordei:

– Tudo bem. Vamos para lá.

Então, era isto. A humanidade aguardava pelo meu retorno, mesmo ela ainda não me conhecendo. Mesmo ela ainda, não estando pronta para interagir com as nuances e

detalhes de todo o meu ser; e nem eu, estando pronta para enfrente-la. Mas ela aguardava. Eu sabia; os aguardos são eternos e perpétuos, pois fazem parte da esperança, e a esperança não é efêmera. Quem a tem, sempre se afinca. Quem a tem, permanece fiel a si mesmo. E quando se é fiel a si mesmo, se tem certeza depois de um tempo, que é um dos escolhidos; para se interagir, certamente, com toda a humanidade.

Amélia tinha razão. Na humanidade era o meu lugar, o verdadeiro espaço para aonde estava destinado as minhas habilidades. Ouvir as pessoas sempre dava certo para mim; pois o modo como eu interpretava suas palavras, nunca era, de modo algum, o modo como elas interpretam as palavras alheias. Então, ouvir sempre me era honrado, e honroso.

Ouvir o que é comum. Ouvir o extraordinário para mim, já me era familiar demais... já me era conhecido, e não passava de algo comum.

Agora; ouvir o que era comum? Eu transformava no extraordinário. Só me faltava agora, fazê-los entenderem os grandes poderes da normalidade, a sutileza do bruto.

Fazê-los entenderem, o sensível e discreto movimento – de uma água parada.



## 6. O TRABALHO

Chegamos ao nosso destino. Nunca veem o trabalho como uma instância prazerosa ou até mesmo como meta. Não! Creem no trabalho, como caminho para alcançar a meta – e não como a meta em si. Porém, o trabalho em si, já é o espírito se realizando. Quando se começa a trabalhar, já se está na meta. Quando não se sente feliz e pleno, sentindo que se está alcançando o que deveria, é porque não é um trabalho, mas sim uma obrigação penosa.

O trabalho é sempre unido ao prazer; pois é ele que leva às verdadeiras plenitudes do ser espiritual. Quando este trabalho é desgraçado, pode-se dizer, que não se está trabalhando, mas lamuriando e aceitando aquilo, pois se está vibrando ainda, em um ser animalesco, se vendo obrigado a permanecer nesta condição por que sente-se em uma jaula, e não tem a consciência da possibilidade de olhar para o céu, não somente para a grade aonde se está preso, esquecendo-se que a grade possui aberturas aonde entram claridade e paisagens.

E o descanso, então – vem logo em seguida.

Seus próprios olhos verão, e sentirão com o coração, que o ato de repouso, virá logo em seguida do trabalho unido ao prazer. Se o descanso não vem; é por que aquilo que se está a fazer, não é um trabalho! Pois o corpo necessita das três ações: o prazer, o trabalho e o descanso.

Se não há os três em equilíbrio, é porque algo não está se deixando fluir com naturalidade entre o campo suave do seu próprio corpo. Quando não há os três comportamentos se equilibrando, sem a necessidade do uso da força intensa, então o corpo está tóxico.

E claro, há de se perceber – as doenças são provocadas pela falta de tranquilidade interior – elas são libertadoras, no momento em que se percebe seus sinais e mensagens, e tenta transpô-los na prática, eles com o tempo, desaparecem. E para compreender seus sinais, há de se envolver em virtudes mais abstratas e entender o mundo simbólico e questionador de uma criança. Pois as doenças nada mais são do que isto: avisos, mensageiros. Agradeço sempre às doenças! Elas alertam-me quando algo anda parado e sem ânimo dentro de mim mesma.

Chegamos na casa de Amélia e eu, sem comer – me mantive tranquila durante todo este tempo, sem mencionar algo relacionado a isto, até o horário de fazermos algo para beliscar, para lembrar que o paladar também tem deveres a cumprir dentro do sistema orgânico. Peguei-me então, pensando em algo interessante: até mesmo atravessando experiências altamente conturbadas, os estados meditativos permanecem em mim, como um imã de geladeira. Saio da minha natureza meditativa para poder viver as experiências, mas até dentro das experiências, acabo tirando-lhes de sua própria natureza experiencial, e acabam transformando-se em meus próprios estados meditativos novamente. E acabo que não considero mais a experiência como como experiência, mas sim – como mais uma das minhas meditações.

Não existo tanto na realidade material tal qual, por conta disto; a matéria e a sonda de sensações através dos

sentidos que o envolve, se dissolve em mim, em formato de meditação. E acaba também; que os indivíduos rotulem-me por vezes como misteriosa por esta razão. Exceto aquela mulher na qual havia posto sua mão em meu ombro; tenho eu a total certeza da mesma sobreviver em uma das camadas de minha consciência mais profunda, segura e autoconfiante.

A vida é e sempre será um eterno jardim de infância. Por isso, o trabalho é desvalorizado. Faço parte desse jardim de infância – mas, sempre fui uma criança trabalhadora. Sim, o isolamento por vontade própria, em prol do meu próprio prazer individual de criança, mas tudo para suprir demandas coletivas que na verdade, era o trabalho. Criações, para futuras trocas com outros pequenos, parecidos comigo. O meu lazer e diversão era um trabalho que visava cousas educativas, e eu nem sequer dava-me conta desse desfecho instrutivo do meu imaginário! Sei muito bem que a materialidade é uma ilusão – então, quando me mantenho muito tempo dentro dela, acabo a transformando em um outro tipo de materialidade, exatamente por minha existência somente entender o mundo da imaginação; acabo transformando a matéria em uma forma mais gasosa, e não mais sólida – de abstração experiencial, de cortinas esfumaçadas. Acabo a vendo como também, algo imaginativo, e não mais a matéria própria, como ela mesma é criada, feita para ser tocada!

Veja, enxergo agora, a cousa destinada a ser tocada, não mais como algo tocável, mas sim como algo intocável – a materialidade torna-se intocável para mim, quando penetro demais em suas substâncias e objetos. Estranho! Não é? É, o poder da imaginação; ele é capaz de transmutar algo que é, em algo que não é mais, e o que não é,

tornar-se o que é. As doenças mentais são imaginações fortes e intensas mal canalizadas e mal trabalhadas! A matéria é ilusória pois ela é feita somente para ser tocada? Então, não é ilusória, mas sim, vazia. Vazia de existência e potência, mas não necessariamente ilusória. Pois, quando se acaba o objetivo material – não há mais nada a se fazer, então, a potência de repente, se esvai, se esgota. E aonde achar o sentido após a concentração exacerbada dentro da matéria? A imaginação está dentro de todos, e só quem saberá canalizá-la é o trabalho! Sem o trabalho, o jardim de infância torna-se um circo de horrores e um hospício sem dono.

Veja, no período de jejum, houve dias em que não consegui dormir, a tranquilidade se ausentou em minha mais bela psique advinda de meu espírito, que eu mesma permiti que o mesmo enfraquecesse nestas horas; e através da falta de tranquilidade, quando ela decidiu não mais pousar durante a minha suspensa consciência, observei no meu próprio comportamento, falas e respostas na minha comunicação com os outros seres, completamente superficiais e artificiais, tanto que, quando a tranquilidade retornou, senti vergonha de mim mesma por ter falado ou dito qualquer coisa que tivesse soado vazio e desnecessário para qualquer um. A profundidade não penetrava em meu corpo pela falta da calma. A questão é; se todos nós somos um, pois nosso organismo físico funciona de uma mesma forma, talvez todos aqueles ditos “superficiais” são aqueles intranquilos, que não descansam, não sabem deitar na cama e ter uma boa noite de sono, são os ansiosos e descompensados pela falta de tranquilidade interior. E isto, não é necessariamente culpa deles, portanto, suas supostas superficialidades, são somente uma

ansiedade – um mal moderno, aonde todos estão sujeitos a serem contaminados por ele. Todos possuem a mesma potência, basta que os mesmos se encontrem completamente entregues e devotos á estarem em paz interna, sem sentirem culpa, agonia ou estresse por estarem em paz.

E quando digo, falta de tranquilidade – não me refiro ás ausências de viagens mentais e de contínuos trabalhos intelectuais e de raciocínios lógicos – a falta de tranquilidade interior, é na verdade o oposto – a mente não conseguir se focar em nada, ninguém ou em nenhuma meta específica. A falta de tranquilidade é uma cabeça vazia, que está almejando constantemente, para ter um foco em algo que o faça sentir-lhe vivo, causando ânimo também no corpo, por consequência, como em cadeia, como em uma teia.

Existe algo no meio disso tudo em relação ás limpezas físicas que atormenta os espíritos profundos em fazê-los! Pois, em realidade, são os espíritos profundos, os que mais necessitam de um corpo físico clareado; para poderem, suas ideias, fundirem e espalharem-se no meio físico através de falas lúcidas e contundentes, gerando também, possíveis clareamentos mentais em outros. Mas, é isto; os espíritos profundos têm a grande vantagem, mais do que qualquer outro, de se afundarem em suas próprias sensações. E durante a limpeza do corpo físico, há de se enterrar em si mesmo, em suas próprias sensações – o que os espíritos profundos já o fazem, desde o nascimento, desde que seus neurônios começaram a agir após o parto e o corte do cordão umbilical. Desde que vieram ao mundo; mas alguns, usam este grande autoconhecimento de si mesmos e de suas sensações fortificadas, para a tão viciante e alucinógena autodestruição.

Não que este período fora da humanidade tivesse sido ruim para mim, não! Mas, estando tão distante dos meus semelhantes, a cousa límpida na qual eu prezara tanto, começou seu processo de iniciação de não-sentido de si mesmo. E deste processo, ocorre a decomposição e putrefação do objetivo do processo da limpidez. Sem o semelhante, sem a visão do observador idêntico e espelhado, sem a partilha de ideias, a troca, as compreensões e incompreensões! Não havia mais nada que desse ânimo para a alma, senão a troca. E distante da humanidade, não há para onde correr ou não há nada que houvesse grandes objetivos e fins. Se encontrará em um abismo errante e acabará morto e assassinado pelo seu próprio complexo de deus, na negação inconsciente para com o outro.

Um corpo em constante movimento é incapaz de se aprofundar, e um corpo em repouso se absorvendo em sua própria profundidade, faz de tudo para não se mover, pois voltaria para a superfície novamente. Porém, um corpo em constante movimento não significa necessariamente inutilidade em si, já que não se aprofunda – ele apenas é uma mola para perpassar as informações adiante, as informações que vieram das profundezas. Um corpo em movimento é sempre a utilidade da profundidade; um corpo parado é sempre o experimento, a cobaia – para se chegar até o subterrâneo, e de lá, trazer e suspender o ouro mantido velado por tanto tempo.

A escola me proporcionou isto – a capacidade de percepção e auto meditação, enquanto ficávamos sentados por horas a fio em uma carteira, sem podermos nos mexer ou simplesmente comunicar-nos do jeito mais usual possível. Ela fez-me entender o ato do foco e do aprofundamento, sem o foco ser aquele no qual me foi destinado

ao entrar na sala de aula – simplesmente prendendo meu corpo e não permitindo que o mesmo se movimentasse. Eles me ensinaram a meditar; crendo eles, que estavam me dando a horrenda sensação de prisão. Não sabiam eles que a mente humana é capaz de transformar uma situação, assim como ela queira, assim como ela deseja, de acordo com sua própria vontade?

Tudo bem; não vou dizer que isto se associa propriamente ao trabalho, mas sim – a meditação foi uma forma de trabalho, sem eu mesma saber. Mas, não gosto de dar nomes às articulações e conceitos da vida. Pois, os nomes se enroscam e nos ludibriam até tornar aquilo que é simples e leve demais, em um entorno pesado; e tornar o peso e a densidade de algo, em uma nitidez extremamente leve. Por isso, os nomes às vezes podem confundir-nos de determinados artefatos. A intensidade torna-se amargura com o tempo, e a liberdade do ir e vir, acaba que por se sucumbir em um aprisionamento de rótulos, e o indivíduo então, se perde dentro de sua própria liberdade de ir e vir; a liberdade sem objetivos cega qualquer um e o leva até o caminho da perdição de si mesmo. Vive como fantasma, sem saber quem se é.

Quem sou eu? Esta é a grande pergunta universal. O abre alas, o abrir portas de uma imensidão circular! Já cansei de olhar-me no espelho diversas vezes, tendo relances diferentes e vendo uma persona diferente, um ser modificado pela distorção dos sentidos e ao mesmo tempo imaculado pela eternidade, a cada vez que me olho. Toda vez, todo milímetro que me aproximo cada vez mais da minha imagem, o espelho quer me transformar em uma coisa diferente na qual eu achava que era; uma figura, uma colagem, uma pintura finita e instantânea. O espelho

me dava provas; me dava sim, os caminhos, mas estes caminhos me eram confusos quando a primeira interpretação sobre mim mesma durante o dia não é a mesma interpretação que tive no dia anterior. A minha figura se moveu, se transmutou, algo mudou; o espírito renunciou ao corpo durante algumas horas e voou para mais próximo de alguma experiência nunca ousada de se imaginar.

Alguns meses passei, em experiências árduas de auto cura física. Tentando me curar a qualquer custo de todos as mazelas insaciáveis e detestáveis da vida ordinária; mas me curar de quê? Curar-me de quais mazelas exatas? Faço uma retrospectiva da minha vida e observo – tento, na verdade, fugir da minha essência; fugir do meu vazio existencial. Quem é conectado demais com sua própria essência constantemente sente o vazio existencial na qual falo; é tão conectado e preso ao seu próprio eu, que sua fixação em estar dentro de si torna-se um tormento! E então, tenta de tudo, através de experiências sensoriais, fugir de uma sensação; inata em si mesmo – o vazio. O grandioso vazio, intolerável para ser preenchido. Ora! Todas as minhas grandes questões na vida eram essa! Fugir do meu vazio. Querer preenche-lo com alguma substância viável e indissociável do verdadeiro caminho até o grande enchimento do vazio, o corpo sozinho, o corpo sem cor, sem forma e sem odores: o corpo vazio!

Esta minha grande procura pelo preenchimento do vazio, ou até pela cura de todos os males físicos, e por consequência – dos males que penetram acima do corpo – da mente e também do espírito; me custa muitas vezes, a doação de algumas parcelas da minha consciência. Ela é fixa, intensa e não se dissipa de si mesma! Porém, há

ela de compreender, que nunca mais será a mesma, após cada experiência sensorial ter se progredido como finalizada dentro do círculo calcado e dissecado das minhas filosofias abstratas.

Se eu, já acostumada a meditar sobre a vida desde a tenra idade, e em poucos meses já sinto-me perdida por não ter feito a prática, por conta das experiências vividas terem me tirado do meu foco meditativo, imagino eu, então, as outras pessoas! Como devem estar todas essas cabeças, se nunca na vida, tiveram este hábito, como eu tive. Do observar, absorver, refletir e chegar a conclusões intermináveis, que se concluirão através de outras observações posteriores. Nossa! Colocar-se no lugar do outro é também, uma abstração interminável, levando-lhe aos fluxos necessários para o contentamento na comunhão com o próximo.

Procuro a cura, acho a doença. É assim! Quando tenta sempre fugir de si mesmo. Fugir de suas sensações impermeáveis, aonde o semblante somente gritar por mais consciência. Mas, que consciência? Se o vazio existencial na qual se quer fugir, já é a própria consciência congênita, natural, pertencente?

Amélia então, começou a dissertar sobre a suposta vida alheia dos militares que foram nos buscar no sítio. Não sei exatamente o que ela queria dizer com aquelas palavras, mas se questionava sobre suas vidas miseráveis, e repercutia em suas personalidades, aonde – deixando a profissão lhes subir a cabeça, achavam que eram eles, as autoridades do mundo. Seu discurso crítico para os militares foi válido até ela afundar em precipitações sobre suas pessoalidades e intimidades, aonde nada tinha a ver com sua profissão. Eu lhe respondi dessa vez.

– Infelizmente não posso fazer nada com essas informações. Quando se critica alguém e essa crítica não está sendo falada para esse alguém na qual se critica, não sei qual seria a verdadeira utilidade. Da intenção de uma crítica, acaba tornando-se fofoca.

– Minha intenção não era essa, Violeta. Me desculpe se você entendeu dessa forma. – Ela me disse, recebendo a minha resposta como um desafio.

Eu percebia que as pessoas, como Amélia – se esforçavam arduamente para provar sempre alguma coisa. Neste caso agora da nossa pequena conversa, Amélia se esforçava para não parecer que essa sua fala fosse alguma forma de fofoca. E eu, quase me esforçava para não parecer que a minha resposta fosse um desafio. E realmente não foi; mas para que sempre, esforçar-se por coisas que ao final, o outro lado sempre acabará entendendo, uma hora ou outra? Por que existe, em toda troca, algo que, quando há desentendimento e permanece desentendido, o desentendimento em si, nunca se basta em permanecer assim? Ele sempre precisa se transformar em algo entendível; e por isto mesmo, o esforço exacerbado é em vão, é equivocado, é inútil.

Não há o esforço, há sempre a ação. E quando a ação não basta, o esforço sempre será em vão. Não adianta adicionar mais ação quando a ação primordial e principiante não moveu o objeto.

Neste caso, há de se esperar o tempo trazer o entendimento para a ação que foi feita e não foi entendida, ou os desejos não foram compensados pelo movimento dessa ação. Para a população comum, deve haver menos esforço e mais decisão. O esforço tem de ser substituído pelo poder de decisão! Quando se decide algo em si, verdadei-

ramente e internamente – nos naufrágios da intimidade, a própria ação determinada do que se quer, já estabelece tudo, já reorganiza e põe ordem em absolutamente todos os ambientes; transformando o esforço em um movimento desnecessário.

A população precisa de decisão no que se quer, e não de esforço. E este é o princípio do trabalho! É isto que o trabalho significa – poder de decisão, escolha, vontade, determinação. Esforço é para quem, a todo tempo – é indeciso sobre suas questões e se embaralha dentro de suas próprias vontades, confundindo-se com os outros a sua volta. E aí sim, a vida torna-se penosa. Quando não há decisão alguma, somente esforço.

O trabalho também lhe obriga a não viver mais como um fantasma; perseguindo seu próprio passado e querer que ele se transforme no seu agora, no seu presente. Isto é uma ilusão, e só lhe transformará, mais uma vez, em um espírito penado; atormentando as vidas alheias com suas imagens, fantasias e idealizações do que já se passou. Entretanto, o poder da decisão lhe faz viver na sua própria presença! Trabalhando para manter, principalmente, sua própria identidade. Esta identidade que lhe custa, com todo o bel prazer; o esquecimento e despreendimento emocional do passado.

Amélia talvez tenha percebido meu estado emocional um pouco turbulento, até pela forma que a respondi agora há pouco. Não exatamente turbulento, mas invariável, inconstantes, e seguindo todos os parâmetros e construções de uma montanha russa. Como arquiteta das minhas próprias injúrias, decido eu por ora, repetir todo o comportamento das construções que declinam. Mas, ela custava a se importar com estes meus estados; tudo quan-

do torna-se costume para ela, torna-se parte de sua vida, mesmo que temporária. Ela começa a se suceder dentro dos malabarismos daquele costume! Ela se insere, dentro da caixa daquele costume específico.

Se dizem talvez, ou que até não precisem dizer-me nada – que o nosso maior temor atual torna-se real no futuro, então Amélia já teria todos os seus temores reais, fazendo com que seu futuro chegasse mais depressa do que o de todos – e seus temores já estariam prontificados e reservados para dar partida em sua vida. A mesma aceita tudo como é e como está; a admiro por isto, mas por conta disto, nada faz que lhe agrade e que seja de sua vontade.

Percebi agora em seu silêncio uma atenção imediata e profunda demais para si mesma, estava com os olhos esbugalhados, em estado de transe – olhando para a mesa, enquanto comia seu pão. Enquanto o meu olhar vagava. Somente vagava, eu, nada fazia. Ela, aprofundava-se em si, ou talvez na minha resposta um pouco dura. E meu olhar somente vagava; como quem não sabe para onde ir.

E eu não sabia para onde ir. Ou sabia? Eu estava em uma posição diferente. Tinha voltado ao normal – voltado ao meu estado volátil e ausente de trajetórias objetivas. Eu não estava mais na posição de alguém a ser cuidada – esta imagem rapidamente se desfez no instante em que recebi aquele sermão da mulher na delegacia. Foi como se eu tivesse acordado. Mas, estar em uma posição e em um lugar diferente agora, conseqüentemente, levava-me também á sensações diferentes. Mas, para onde estas sensações me levariam?

Saber controla-las! Saber acolhê-las no seu colo, e saber administrá-las era o maior preço da vida. As sensações não nos levam (e nem podem) a lugar algum, somos

nós que a guiamos para seu norte, para sua trajetória diplomática; em prol de usar a razão adequadamente, questionando os próprios rumos sensoriais dos seus semelhantes! E assim, as sensações vão alimentando cada vez mais a comunhão, ao invés de se mirar para baixo, e seguir apenas desejos passageiros e frívolos; que, quando finalizados, só levam a um vazio fantasmagórico. Um vazio ausente de companhia; um vazio sozinho, isolado dos outros vazios que tentam preencher-se com cousas mais nobres e leais.

Saí de perto de Amélia e fui passear no seu gramado, naquele jardim muito bem cuidado. Encontrei, dentre o seu gramado e o resto da vizinhança, uma sinalização estranha. A princípio, achei que era alguma sinalização de trânsito. Cheguei mais perto.

Estava escrito, como se de fato, tivesse sido eu que tivesse passado meu pensamento para aquela sinalização e a mesma tivesse surgido através da ladeira aonde os carros passavam, com seus motoristas cegos – que não enxergam além de seus problemas estranhos de cidadãos modernos. Cegos para esta sinalização, um possível modificador de vidas! Então, toquei com meus dedos delicados, a placa, escrito com tinta vermelha, na brancura de um pedaço de madeira pintado:

TUDO QUE DIZEM PARA VOCÊ SER / SE TORNAR  
É O QUE VOCÊ NÃO TEM QUE SER / SE TORNAR

Mas nossa! Um esotérico acontecimento. Como não viram isto ainda, e se viram, por que não retiraram esta grande e valiosa verdade? Já que, todas as grandes verda-

des costumam ser sempre retiradas e invalidadas dentro do meio social? As grandiosas e mais valiosas ideias e verdades foram jogadas na lata de lixo pela sociedade! E só acessadas e vistas por um meio holístico ou oculto; no caso, acessadas somente por quem realmente deseja saber a verdade! Pois a sociedade esconde, consegue enfiá-la, penetrá-la em um buraco tão fundo de profundidade, que somente os mais destemidos topam e ousam se sujar com todas estas camadas densas de terra. Terras morbosas. Mas existem os que desejam saber a verdade para manipular; e há um outro grupo desejoso pela verdade para resgatar e salvar os desajustados, marginalizados e doentes.

Os que desejam saber a verdade:

#### Manipuladores x Salvadores

As razões, nós sabemos. As razões de ambos os lados, nós sabemos. O primeiro lado já está acontecendo – os manipuladores sabem a verdade e já fazem bom uso de sua estratégia, dominando seus semelhantes. O segundo lado está sempre no processo, é uma porcentagem discreta e firme, mas com atos nobres – versus uma outra porcentagem também discreta e firme, porém, malévola e sanguessuga! Os opostos são parecidos, mas suas intenções são sempre distintas. São extremamente parecidos, mas usam a verdade para meios distintos. E outros que os observam, só saberão o quanto são diferentes, após perceber estes fins; para que e como cada um usa esta joia rara que está em suas mãos.

E o amor! Já foi tão comercializado e usado hoje em dia, que quando surge alguém original (ou seja = que possui amor verdadeiro dentro de si, pois só se é possível ser original sentindo amor) acham-lhe estranho ou misterioso. A ideia dos manipuladores foi essa: transformar

o amor em comércio e em algo usável, e usar isto contra os que amam verdadeiramente! Para todos crerem que os possuidores do amor verdadeiro, são somente indivíduos misteriosos. Quando, no fundo – são eles, os salvadores! São eles, os amantes da humanidade. Não há amor quando há alegrias forçadas e especiarias de troca – o amor está no que não é visto, mas sim guardado carinhosamente no coração, sem fazer questão de se aparecer. E quando aparece, sente-se extremamente desconfortável, pois sabe que quando se mostra, o amor já perde toda sua força.

A força do amor está em manter-se recebendo combustível do coração a todo tempo, e quando expressa-se, expele ela para o lado de fora, o amor automaticamente deixa de receber combustível do coração. Isto é amor! Os que amam sabem disto! Mas os manipuladores, que sabem desta verdade, nomearam isto de mistério, para os cidadãos comuns não chegarem perto, não se aproximarem, para sentirem estranheza e medo! E assim, ficarem longe do que emana amor.

Agora, vamos aos meus pensamentos seguintes após a imensa visão minha desta grande placa:

Há o conservadorismo social! E o conservadorismo advém da conserva de costumes; e estes costumes, quem guarda, é uma área específica do conhecimento! A área legal, jurídica e que envolve toda a burocracia da sociedade; ou seja, a área que guarda e preserva a loucura das pessoas! Aquela que se certifica que as pessoas estejam loucas o bastante para lhe procurarem. A área do princípio masculino, a área do pai! E quem é desta área paterna, costuma mostrar muita pompa, autoridade e arrogância, pois é guardado pelo pai! E para o pai, o filho sempre pode fazer tudo o que quer.

Agora, vejamos a área materna, a área do princípio feminino. A filosofia! A grande mãe. Quem costuma ser guardado por esta área, mostra sempre muita espontaneidade em seu jeito de ser e clareza mental para resolver os problemas dos seus semelhantes. É o que uma mãe ensinaria ao seu filho. Para a mãe, o filho deverá preservar sua bondade e sempre se sentir amado, não importa aonde esteja! E quando alguém sente-se amado, consequentemente, sua espontaneidade para ser quem se é, de repente irá se aflorar. Eles vestem-se como querem, e são livres, pois são amados pela grande mãe.

Agora, vejamos isto:

*Pai, Direito! x Mãe, Filosofia!*

Quem muito ignora a mãe e somente importa-se com o pai acaba em soberba, arrogância e egocentrismo, e morre sem ter sentido o gosto da verdadeira alegria interior. Quem muito ignora o pai e somente importa-se com a mãe sente-se uma eterna criança e seus atos constantemente são infantis, sem nunca ter tido o real desejo de entrar no mundo adulto para combater as loucuras que lhes são dirigidas, de cabeça erguida e postura reta!

Mas, infelizmente, quem comanda é o pai agora! Quem comanda a sociedade é somente o pai. E esta placa que eu acabei de ver, é uma placa extremamente da área maternal; por isto, imaginei que fossem tirá-la. A placa não sendo retirada significa a preservação da grande mãe! Estão valorizando a mãe neste bairro. Sim, isto é honroso – mas os filhos, com o tempo, desencanam da mãe e vão seguir princípios paternos, pois querem estar na vida.

Então, como é isto? Esta placa representa para mim, uma volta ao seu grande princípio, um significado para os problemas. Mas será somente isto? O que há de tão misterioso nesta placa que a mesma não quer assumir-se? Só se assumiu através de duas cores e algumas letras, que, invertendo suas posições, já não irão fazer mais sentido algum para quem passar e lê-las?

A mãe neutraliza a acidez do pai – o pai acidifica a alcalinidade de uma mãe.

Mas, o meu olhar foi um pouco mais distante e pude captar a seguinte cena em uma praça logo no próximo quarteirão:

Um morador da rua, usando entorpecentes em um banco, e no banco ao lado, um homem aparentemente rico, obeso e irritado com alguma situação específica no celular. Ou talvez com alguém que não tenha culpa de nada. Me perguntei: Qual é a diferença entre os dois? Ambos não se cuidam, ambos se maltratam, ambos desprezam seus corpos, ambos detestam a vida. Se se maltratam, por certo – não gostam da vida. E se não gostam da vida, conseqüentemente não irão gostar de nada que lhes lembre vida. Eles seriam provavelmente, a representação do materno e do paterno no polo negativo. E quando digo polo negativo – é o polo aonde está abaixo do positivo, somente para tomar uma força propulsora para subir para o lado de cima. Uma força que o polo positivo talvez não teria; a força propulsora, talvez o polo positivo só tenha o poder da vontade.

Mas tenho certeza, de que ambos os lados possuem uma biblioteca dentro de si. Capazes de acessar qualquer informação que queiram, pois estão no lado inverso da vida! Enxergando assim, a inversão de tudo que aconte-

ce dentro do lado certo da camisa! Enxergam o que está avessado dentro do desavessado, já que estão no fundo do poço. E quem chega ao fundo do poço, consegue penetrar melhor em algumas questões – sendo estas questões, sempre inaudíveis.

E estas questões, achamos nos livros – e estes livros estão dentro da biblioteca particular de cada um.

O que vejo nos livros me parecem sempre, informações e ideias altamente previsíveis, pois sinto que já as possuo dentro de mim e que tenho acesso a elas facilmente. Porém, elas não de lembrar-me, que tudo que está contido nos livros, está contido também na vida. Todas as informações de todos os livros, são puramente reflexos da vida. Apesar das ideias serem previsíveis e óbvias, elas alegam-me por saber de que a vida em si, pode ser experienciada, ao mesmo tempo em que é refletida. O senso comum criou uma crença de que a vida sentida e experienciada em toda sua plenitude é inconsequência desmedida. Mas uma prova contrária a esta crença são os próprios livros.

Quem cria (ou talvez somente se lembre) informações e ideias, experienciou algo para ter feito aquelas palavras serem expostas; se não exteriormente, com certeza, internamente. E com seu poder de decisão, resolveu eternizar sua própria lembrança coletiva, surgida a partir de uma experiência sentida, vivida e nutrida, com todo seu vigor. É impossível morrer quando se tem consciência. Quando se expande ela a todo momento;

Lembro-me então, da postura de todas as construções sociais acerca do amor e do significado dele. O amor, sendo visto erroneamente como eufórico, sorridente e ingênuo. Mas, cá entre nós – a raiva, a sisudez

e a seriedade expressiva possuem mais virtudes que impulsionam o amor do que de fato, um sorriso. O sorriso em si, acolhe e afaga; é como uma casa. Mas a raiva impulsiona a verdadeira coragem em prol dos atos e ações amorosas.

Sem a raiva, o amor nunca teria tomado força para se concretizar como matéria, e poder provar para os desalmados, que o amor sim, existe. Sem a raiva, os desalmados e desatentos não saberiam que o amor existe. Sem a raiva, não haveria como levar o sentimento divino até a terra; ele continuaria lá, nas divindades, como o sorriso o é. Mas a raiva racionaliza o sorriso e mostra o que ele realmente significa, para todos os que estão desatentos e dispersos de seus objetivos.

Amélia então, me chamou, subitamente.

– Violeta, venha cá para dentro. Agora. – Disse com um tom meio ríspido.

Resolvi segui-la, deixarei para mostrar esta placa para ela (se a mesma já não tinha visto), depois de atender seu pedido. Entrei dentro de sua casa, e de repente, apontou para uma máquina que estava no chão da cozinha. Olhei mais de perto, me aproximei, e pude olhar atentamente, era a máquina dos cenários! Para aonde fui, como voltei para outras vidas, era a máquina daquele extenso grupo que veio me entrevistar. Deixaram na minha casa e agora está aqui. Estranho.

– Deixaram na minha casa e agora está aqui? – Repeti meu próprio pensamento.

– Deixaram na sua casa? – Ela interrogou-me.

– Eu não sei.

Ficamos caladas durante um tempo até entender todo o contexto da situação.

– Talvez... algo esteja querendo lhe puxar para voltar aos cenários, para descobrir algo de novo e inédito, que não tenha descoberto. – Amélia disse – Não custa nada tentar, não é?

– Pode ser.

– Só não sei como funciona essa máquina. – Ela disse, com ar interrogativo mas ao mesmo tempo disposta a ajudar-me – Posso até mexer em alguns botões para ver no que vai dar. Você coloca na cabeça, não é?

– Sim.

Ela então, como se estivesse ligada no piloto automático, arrancou a máquina do chão que parecia pesar mais ou menos uns cinco quilos, e colocou no sofá, com muito esforço. Vi seu rosto transformar-se da cor branca para vermelha, e aparecerem quase todas as suas veias. Do rosto, pescoço e braços. Ela então, tomou um ar e apontou para a máquina, dizendo-me:

– Vamos, sente-se aqui. Vamos acabar logo com isso, estou cansada.

Eu dei risada de sua fala, e lhe respondi, com tom exacerbado de brincadeira:

– Pare com isso, quem deveria sentir-se cansada aqui sou eu.

– Ora, você? Mas você mesma decidiu entrar nisto, nesta sua busca espiritual por essa tal de verdade.

Agora, eu compreendia. Eu compreendia os que não compreendiam, eu também compreendia o que compreendiam, assim como eu, mas os que já compreendiam, davam-me nos nervos por eu crer que os mesmos forçavam a si próprios a estarem em um estado permanente de amorosidade, quando ninguém permanece no mesmo estado durante tanto tempo. Agora, os que não compre-

endiam, era interessante pois, era como se no fundo deles mesmos eles soubessem que todos estão destinados a receberem as consequências pelas suas próprias escolhas. Então, quando alguém lhes pede ajuda; não é como se eles não quisessem recusar, mas por que sabem da força e do empenho individual que cada um terá que ter ao ter se colocado em uma situação difícil.

Chamamos os que não querem ajudar em egoístas – mas são apenas seres com senso de justiça, porém, estão em uma vibração mais grosseira e mais densa. Se se convertessem para uma maior vibração de si mesmos, seriam chamados de justos e honestos.

Assim como Amélia: é honesta, mas sua atitude pode ser interpretada como egoísmo e rispidez. Para quem não entende o bom funcionamento de um termômetro, que possui graus; aonde abaixam e sobem dependendo da temperatura do corpo, então nunca saberá do que estou a falar – sobre a incrível capacidade de nos transformar, através dos graus e da polaridade dos nossos temperamentos.

– Vamos logo, Violeta.

Enquanto ela era grosseiramente compassiva, eu dava risada de suas atitudes enquanto deitava-me no sofá. Eu mesma coloquei a máquina gigante em minha cabeça. Sem complicações, fechei os olhos e respirei fundo, então, comecei a sentir a máquina fazer efeito em meu cérebro.

De repente, comecei a sentir um certo calafrio, e achei que fosse morrer, entrando em mais um cenário qualquer, com receio de cair em um cenário atormentador. Mas por qual motivo, o medo da morte veio alastrar-se em mim tão de repente? Seria quase impossível isto – a morte

de alguém tão consciente. Pois a morte, em seu significado mais profundo, significa inconsciência.

O medo da morte chega, quando se passa tempo demais distante do seu próprio lar, ou seja – sua consciência. Quando se passa muito tempo distraído com as deformidades e desajustes da vida errônea e marginalizada, crendo que o que se está vendo é belo e se está destinado a ajudar o próximo que também está desajustado, quando na verdade, só está sendo distraído e atraído para as margens da vida, esquecido de sua própria consciência, desatento de si mesmo.

E se está desatento de si mesmo, a consciência neste instante não existe, e por consequência, a morte poderá chegar a qualquer momento; quando não se está inebriado em seus próprios desenvolvimentos reflexivos e contemplativos, observando objetos e momentos, lhe trazendo mais lucidez para gerar mais atenção plena, e por consequência – mais vitalidade. Então, o medo da morte de repente se instala quando se volta finamente para sua consciência, após tempos e tempos de distrações perpétuas, obscuras e muitas vezes discretas dentro dos órgãos! Aonde penetram em suas certezas sobre suas virtudes e acabam permitindo que se perca de si; que se perca de seu centro – então, sua consciência estaciona e atravanca durante uma estação qualquer.

Após as estações fazerem seu trabalho, após modificarem os hábitos gerais da natureza, a consciência retorna, após ter se enveredado para o lado das experiências – e quer seu ninho de volta, ou seja, o corpo físico para lhe servir de abrigo e refletir sobre o que foi sentido e observado durante aquela estação dura de desnutridas e pálidas contemplações.

Quase nada. Mas então, a consciência volta, finalmente! O medo da morte seja a consciência acordando novamente e desejando cumprir sua missão, dever, papel. A morte não virá mais pois se acordou a consciência – mas o medo só irá ser dissipado quando a consciência perceber e realizar seu objetivo principal.

Mas o que aconteceu exatamente comigo, para minha consciência ter se distanciado de mim? Porém, estranhamente, as mensagens continuavam vindo, as informações e conhecimentos continuavam vindo na minha cabeça! E a vontade de soltá-los ficou ainda mais urgente e emergencial, pela inconsciência.

Eu, mesmo com a consciência distante, conseguia penetrar conhecimentos específicos nos ouvidos de todos pois a intuição ainda reinava; e se reinava, isto quer dizer, a aurora do sentimento altruísta ainda estava sendo alarmado e aceso pelo meu organismo! Eu, mesmo sem consciência, ainda tinha consciência. Percebi então, durante estágios e períodos de esquecimento de mim mesma, uma cousa: apesar disto, eu só respirava consciência.

Fui sentindo mais e mais calafrios! Senti vontade de movimentar-me absurdamente, mas algo me impedia. Percebi que já tinha saído do meu corpo para chegar em outro corpo; sentindo todo o processo de perda parcial de consciência, indo para uma vida anterior quando eu tinha uma menor capacidade de reflexão. E sentia com tanta intensidade, sendo assim, uma sensação de delírios e vertigens sondando o cérebro!

## Cenário 9

Acordei em uma sala amarela com diversas cadeiras azuis e vazias. Havia uma professora com um porte meio comportado e na idade dos cinquenta. Olhei para os lados; eu estava dentro de um grupo com mais ou menos trinta pessoas. Havia uma sinalização sobre o nome do grupo na qual eu estava inserida, dentro da sala e provavelmente na frente da porta da sala também, aonde eu pude ver através das janelas. Estava escrito no quadro:

### GRUPO DOS ANORMAIS ACANHADOS – Aprendendo a viver na margem da margem

Achei aquele nome interessante. Seria eu, uma anormal acanhada? Em outras palavras, que soam melhor em meu vocabulário – uma louca tímida? Uma insana completamente acovardada de mostrar seus potenciais que enlouqueceriam uma sociedade comportada?

Bom, eu imaginava que um grupo de anormais tímidos, só iriam fechar-se mais ainda em suas próprias convicções sobre suas próprias loucuras, dentro de um grupo! As conversas de um grupo dispersam; quando não há ninguém com um objetivo claro sobre o que se conversa ou sobre o que fazer. Quando não há ninguém ali para guiar, todos encontram-se distraídos e dispersos dentro daquele diálogo, tornando-se raso.

Como a intensidade, que pode tornar-se rasa também, com o mal-uso do diálogo. Os interesses vão sendo compartilhados de formas tão desenfreadas e compulsivas, com tanto fervor dentro de uma intensidade mal

resolvida consigo, que quando de repente tudo está bem e os problemas cessam, as carências se esvaem, que não há mais nada para se conversar, ou para se nutrir ou compartilhar; de repente, se perde o interesse. A intensidade provocou o esvaziamento de uma relação que poderia ter durado anos e anos a fio.

Provocou o vazio em um fruto passível de frutificar milhões e milhões de interesses sobre todas as virtudes e autodomínios dos indivíduos! É satisfatório, pleno e pacífico, quando, a cada nasce do sol se encontra valores e atributos novos em si mesmo – e conseqüentemente, também se encontra estes mesmos valores no outro também, aquele conhecido e desconhecido há tanto tempo; e mesmo se conhecendo há tanto tempo o desconhecendo diversas e diversas vezes, decidem compartilhar seus novos interesses e gostos.

Suas novas vidas, quando se encontram. Isto é a verdadeira plenitude de uma relação! E não a intensidade lasciva e obstinada, que nega a profundidade e a duração das relações, esvaziando-as em poucos meses de convivência. Quando se está em um grupo, é como se esta intensidade esvaziasse por completo o que poderia ser anos e anos de uma relação saudável com o outro.

E esvaziando-me, não sei mais quem eu sou. Mas ora, há um lado fortificante em não saber quem eu sou. Há sim, sempre há. Não saber quem eu sou me dá, por vezes, um ar de impessoalidade e de ser inquebrável, para não dizer-me misteriosa, como o lado externo provavelmente confrontaria e nomearia, esta minha sabedoria de não saber quem sou, esta minha sábia escolha de desconhecer-me ao véu dos prósperos e inesperados momentos que virão da vida.

Não saber quem se é, por ora, provoca sempre a falta do ar e do direcionamento pessoal; causando assim, a neutralidade da situação, deixando algo agressivo, em algo mais harmonioso.

Quando dirigem-me agressões, não há como levar para o lado pessoal, pois não sei quem eu sou! E se não sei quem eu sou, como posso eu, ater-me emocionalmente a um envolvimento verbal ou físico, que nem sequer percebo que existe, que nem sequer entendo seu contexto principal e pródigo? E se não entendo seu contexto, como posso leva-lo até o meu lado pessoal; e o meu lado pessoal não o recebe, pois não sei quem eu sou, estando eu assim, impossibilitada de receber ofensas ou lamúrias.

Se eu não sei quem sou, como posso entender a direção específica de uma pessoa em relação a mim como algo que foi feito apenas para me alcançar? Se nem eu me conheço, como o outro virá a me conhecer e, conseqüentemente, como me alcançará se nem mesmo souber meus defeitos?

Nestas horas, quando sou o alvo, permaneço sempre calma e atenta; começando assim, a observar minha própria conduta, me perguntando se toda aquela agressão fez algum sentido para ser causadora de mudanças comportamentais em mim mesma, e começo a olhar mais de perto como me comporto diante do mundo. Mais do que constantemente, já o faço.

Quer eu goste ou não, não saber quem eu sou é bom para mim, pois me aprofundo na ética das minhas próprias ações. A agressão do outro torna-se para mim, não uma mágoa, mas um impulsionador de forças escondidas e ocultas! A Agressão do outro me impulsiona

ao aprofundamento mais concentrado e atento dos meus próprios comportamentos, gerando assim – o meu desenvolvimento e evolução interior.

A agressão do outro me leva até o conhecimento de mim mesma. Não saber quem eu sou levou-me a olhar as agressões como um pretexto para desenvolvimento pessoal. Não se conhecer é um ato de amor; não se conhecer é um ato de coragem, pois se está constantemente em estado de auto aperfeiçoamento. E é um ato de bondade pois se está olhando o outro agressivo com os olhos da verdade; e não da personalidade, ou das questões meramente particulares que vibram somente em prol do eu egoísta.

Sou como uma criança, procurando por mim mesma nas multidões e imensidões! Sou como uma criança, sem a supervisão de um adulto, pois eu mesma sou essa adulta! O quão estranho e fascinante é esta ideia? Ser o adulto de sua própria criança? É mágico ser criança sem supervisionamentos, pois é o sonho de toda criança poder experimentar os cenários cor-de-rosa da vida sem ser lhedado alguns sermões desnecessários; então, se formos aprofundar em nós mesmos, somos como crianças realizando seus próprios sonhos.

Pois crescemos, e nos tornamos o próprio adulto que cuida desta criança, e este adulto tem de fazer esta mesma criança, na qual ambos dividem o mesmo corpo, a mesma casa – a realizar o seu grande sonho; que é conhecer o mundo e todas as suas diversidades. Que é, aventurar-se! Toda criança possui prazer em aventurar-se. Se não em algo já manifesto, em algo ainda intrínseco. há sempre os outros tipos de riquezas. Mas há, sempre há riquezas. Como se procurar externamente, como também, se procurasse internamente. Elas estão em toda parte.

Ora! Tudo advém da parte oposta; a solução está sempre no polo oposto de si mesmo. Se está com problema infantil, busque o adulto para repreender; se está sendo rígido demais consigo, procure a criança para lhe alegrar o ânimo. Se acha e tem certeza que uma determinada ocasião é meramente material, o problema é meramente espiritual. Se acha e tem certeza que a ocasião é somente espiritual, o problema provavelmente está na matéria. Quem é relaxado e diverte-se com drogas, é quem menos precisa delas.

Quem é esforçado e trabalha pois tem senso de dever e obrigação, são as pessoas que menos precisam trabalhar. Quem precisa de drogas é quem abomina elas; quem precisa de trabalho é quem foge do trabalho.

Tudo está no polo oposto! A solução das loucuras individuais e das emoções febris, está sempre naquilo aonde reside seu próprio preconceito! Procure, investigue e foque em seu próprio preconceito: a solução das inconstâncias mentais está naquele ponto; este ponto heroico!

O nosso preconceito! O preconceito, então – é um grande salvador! Nos tira do buraco e aprendemos sempre com este grande inimigo; o amigo nos presenteia com risadas e momentos marcantes, mas os aprendizados são, em sua maioria, advindos daquele que desprezamos e embrutecemos, na qual enrijecemos em sua presença.

Mas, voltando ao meu entorno: olhei novamente aquele nome: “Aprendendo a viver na margem da margem”. Questionei. Por que o indivíduo precisa aprender a viver na margem e não no centro? Por que a margem é vista como uma negatividade a ser desconstruída? Por que a margem social não pode ser, na verdade, o centro

do espírito? Convém-me – mal cheguei a este cenário aqui, e já comecei a irritar-me com tamanhas mediocridades aqui estabelecidas.

– Eu não queria estar aqui. – Disse uma das pessoas ali presentes, um homem barrigudo com expressões infantis, falava intoleravelmente, com os braços cruzados.

– E por que não queria? – Disse a mulher que parecia a terapeuta do grupo.

– Eu quero ser anormal sozinho, porra! De que adianta aprender a viver na margem da margem, se já estamos lá, e ficamos quietos, no nosso canto, sem dizer nenhuma palavra, e nos damos bem com esse lugar em que estamos? Eu não queria estar aqui. – Ele repetiu.

– Prevenção. – A espécie de terapeuta respondeu – Caso vocês decidam fazer algo ilegal, ou uma anormalidade que virá a ferir alguém.

– Bobagem! – Uma das mulheres que estava lá disse – Nós não ferimos ninguém, muito pelo contrário. Somos loucos que vivem na margem da margem da loucura exatamente por isso. Somos loucos que não expressamos nossas loucuras, por isso, somos tão quietos, não falamos nada, não dizemos nem agimos, pois sabemos, que nossa loucura só pertence a nós mesmos. Nunca iremos ferir alguém, isto seria uma atitude previsível dos loucos ego-cêntricos. Agora, nós? Somos loucos acanhados, como podemos ferir alguém? Isto aqui não faz sentido algum.

Enquanto esta mulher reclamava do não-sentido de estarmos aqui, notei na estante desta sala da terapeuta, sete cristais enfileirados, limpos e muito bem arrumados. E junto à estes sete cristais, estava um dos quadros que tinham pendurado no palácio! Não sei se era coincidência, mas os cristais me pareciam com alguns já achados por

mim mesma, na qual a mulher misteriosa pediu-me, desde o começo desta estranha missão – para achar.

O venerável monstro desengonçado desta aventura, é que eu me lembro dela ter se referido somente a um cristal, e não a sete. Bom, eu nem sei mesmo porque eu estava fazendo este imenso favor a uma mulher que eu nem conhecia, e que a todo instante, aparecia em minha vida, por ora como carne e osso, por ora como um vulto fantasmagórico! Mas, apesar de ter mencionado apenas um cristal, o nome deste cristal, indicava sete. Sete estadias. Seriam estes sete cristais, a representação e a personificação deste único cristal, mas subdividido nestas estadias?

– Todos nós aqui achamos que somos especiais. Por isso mesmo, guardamos nossa loucura para nós. Expressando nossas loucuras aqui dentro dessa sala com outros que são parecidos com nós, acabamos que perdendo nossa sensação de ser especial! Vemos que somos parecidos.

É a mesma coisa quando saímos de casa e vamos para perto de multidões. Percebemos que somos muito pequenos e simplesmente parecemos iguais com o mundo todo. Por isso, nos acanhamos. – Uma outra disse – Por isso vivemos na margem, queremos preservar a sensação de sermos especiais. E isto não é algo ruim, esta sensação deveria ser permanente nas almas.

Eu concordo com ela, pois a compreendo. E no instante exato em que compreendo algo através de um lapso de consciência enviado até a mim naquela certeza que tive de ter compreendido, ela passa então, a não me machucar mais. A compreensão é o caminho até o ato altruísta de amar; e este por si só, não se machuca. Quando se ama, não se sofre, nem mesmo se fere! Pois, sua tamanha pureza e generosidade é de tanta firmeza concreta que, só se

fere por pura escolha, e não como uma infundável sombra proporcionada pelo destino.

Eu poderia dizer então, que eu não confiava somente nesta menina na qual deu sua fala cheia de si – mas sim, eu havia confiado em toda a humanidade. Era isto. Eu confiava na humanidade como um todo. E por confiar na humanidade como um todo, não havia em mim, traço algum de desconfiança em relação às atitudes alheias, nem mesmo as que devastam nossa pobre casa, nomeada de planeta terra.

As intenções destes humanos não foram das piores, pois a consciência lhes faltou; se a tivessem, perceberiam que machucam também a si mesmos. E por isso, eu confio em todos, são todos igualmente capacitados e capazes de expandir-se em alegorias verificadas pelo divino.

O que nos configura como seres diferentes, são, literalmente, os graus de consciência, divergindo cada um em um milímetro a mais ou a menos, e cada milímetro apresenta e declara uma galáxia inteira, aonde reina a visão de mundo individual de um só ser somente, ainda se precipitando em sacudir seu próprio tapete em busca de experiências vivazes para recheiar mais ainda sua pobre galáxia. Se em apenas um milímetro de consciência individual cabe uma galáxia, imaginemos então, o que não caberia dentro do cérebro humano, capaz de confrontar a si mesmo para tomar a percepção mais clareada acerca do que se faz?

Apesar de suas inconsciências insatisfatórias, eu confio em todos eles, pois são seres vivos, como eu. E por confiar, não há, de modo algum, como algum deles me machucar. Ou suas ações me prejudicarem. O mundo passa a ser minha casa; e seus habitantes, meus outros

diversos lados desconhecidos! Lapidados, encolhidos e entorpecidos.

Mas irei conhece-los, quando cada um deles se apresentar de frente a mim, através de suas expressões desesperadoras de ajuda. Irei me conhecer em outros graus, em outros milímetros. Há a confiança em todas essas pequenas partes de mim, e por isso, não há como eu machucar-me, nem em acidente, tampouco por propósito. Pois se sou eles, se me vejo neles – como posso machucar-me? Estaria eu, conscientemente, machucando a mim mesma, quando permito que suas ações ou palavras sejam fontes de maldizeres, lhes dando somente a minha desconfiança.

Desconfiar do outro é sempre um ato de desconfiar de si mesmo.

– Não queremos estar perto dos nossos semelhantes, isso só nos mostraria o quanto não somos mais especiais, por estarmos percebendo que somos iguais a todos.

– Um outro contestou.

Aparentemente, todos concordavam uns com os outros em relação às proximidades; e houve um certo alinhamento com o grupo. Mas, apesar de concordar com eles também, não acredito que a natureza em todos os seus meios, âmbitos e âmagos, queira achar um estorvo se assemelhar às outras especialidades; e isso não significa igualar-se a outrem, mas sim, reconhecer uma especialidade diferenciada da que percebe em si próprio.

As grandezas, como sabemos – não ocupam o mesmo lugar, o mesmo espaço, o mesmo centro; elas divergem e uma inicia o processo de mastigar, roer e destruir a outra, que possui a tentativa de crescer também, ao lado dela.

Assim como as grandes árvores! Que, plantadas suas respectivas sementes perto demais umas das outras, quando começam a crescer, ambas precisam tomar o espaço de alguém. São grandiosas, e por isso – precisam da terra toda para si para poder crescer; então, a mais poderosa sempre acabará destruindo a raiz da outra para poder desenvolver-se com propriedade e formosura, do jeito que a mesma planejou desde que foi plantada sua própria semente naquele local.

Vê, compreende; eu entendo o suposto grupo, pois eu mesma pertença a ele. Compreendo; são como as árvores grandiosas, sabendo de sua grandeza; necessitam de um espaço maior e adequado somente para elas mesmas, pois comportam muita bagagem no tronco; fortificando suas raízes; aonde um ser comum já não ache mais aonde está sua profundidade por debaixo do marrom da terra e não há como arrancá-la de onde pertence e de onde escolheu enraizar-se; e comportam também, muita bagagem nos galhos, para sustentar suas delicadas folhas; pensantes, livres e coloridas, passando vida para quem as observa!

As grandes árvores não são egoístas, se observa isto pela sua sensação de conforto ao sentar-se debaixo delas, e ao olhar para sua cabeça, que lhes dá vida no instante em que seus globos oculares interpenetram nas vivacidades; e foram necessárias para frutificar, somente se tivesse sido lhes dado uma grande arena para construir seu território. Então, foi isto – o suposto egoísmo de uma grande árvore, roubando o território das outras sementes, desejosas por crescer também – faz com que os seres vivos sintam-se vivos.

Existe vida até mesmo dentro do egoísmo. Como pode-se falar de morte e pensar que existe a dita morte,

se até dentro do ato mais pobre e mesquinho, existe uma ponta fiel e digna aos primórdios extraordinários da vida? Dentro da altivez, há sempre a generosidade envergonhada de si mesma.

Este grupo então, percebi! Há sim suas particularidades, e defeitos incompreendidos. Mas, ao fundo, estão todos procurando se isolarem para achar respostas em prol de um bem maior.

Há de se perceber: até quando estou sozinha e cren-do eu, que estou pensando em mim e sendo autocentra-da, estou constantemente pensando no outro, e caçando, como um pequeno filhote perdido e desvairado, soluções para os problemas dos outros; o filhote de leão pensa que está sendo independente e feroz, quando apenas está se-guindo os passos de algo ou de alguém muito maior que ele! E só seguindo os passos do que é muito maior que nós mesmos – conseguimos alcançar o verdadeiro papel cole-tivo da bondade. É isto, seria, talvez; sou como o filhote de leão. Assim como todos aqui provavelmente o são. Ou sentem-se.

Percebem o quão as sensações podem ser benéfi-cas? Pois estas advêm unicamente do pensamento. E o pensamento quando bem formulado, usado para todo apri-moramento e satisfação coletiva, leva sempre ao melhor de nós mesmos. As sensações negativas, como o estresse, depressão ou ansiedade, são advindas da falta do sentir.

É uma sensação crônica, que se somatizou de de-terminada forma á ausência constante do sentimento; e o pensamento do indivíduo foi ficando cada vez mais empobrecido de raciocínio, levando assim ao empobrecimento também do sentimento positivo. Não há como sentir-se bem sem também pensar bem, ambos estão conectados;

as sensações negativas são a ausência de ambas as coisas, o esquecimento do pensar com clareza, e do sentir com vitalidade e vivacidade todos os ares do planeta.

– Está bem. Vocês venceram. Não querem mais fazer parte disso aqui, não é? – A tal terapeuta enfim, desistiu.

E eu, olhara sempre para os cristais.



Era de noite e eu havia ficado do lado de fora no período da tarde conversando com estes colegas daqui desta sala. Detestavam estar neste lugar e haviam me dito que os cristais eram dessa terapeuta. Enquanto a noite não chegava, fiquei lendo alguns livros no parque para fingir estar fazendo alguma coisa, e não simplesmente deixar-me á mostra para os outros, deixar-me a mercê da interpretação alheia. Aparentando ser o que sou; uma pensadora ativa e reflexiva íntima.

Por isso, eu sempre levava algum livro para os ambientes para fingir para os outros e para mim mesma que eu fazia a imagem de uma mera intelectual, quando, em minha realidade mais profunda, estava constantemente pensando nos meus valores pessoais, em como melhorar e aperfeiçoar minha conduta ética; em como as pessoas estavam se sentindo, em como eu poderia melhorar a vida dos outros através das coisas que eu sei, provocando altas projeções no outro – pensando em símbolos e analogias para usar em minha vida prática, em prol do outro, ajudando-o a enxergar as coisas de maneira mais ampla.

Eu pensava em tudo isso, enquanto fingia ler um livro qualquer. E sem o livro, eu somente olharia para o nada e seria vista como alguém diferente, que senta e olha para o nada. E, como não gosto de chamar atenção, preferia eu, levar sempre algum livro para camuflar meus pensamentos verdadeiros. Quem está constantemente visto lendo um livro, poderá ter fama de alguém racional e intelectual – poderá ser esta a minha imagem, mas não quem eu sou. Intimamente, sou movida por paixões e ideias fortes, e por isso, levo o livro!

Para a minha imagem racional camuflar esta minha verdadeira face; de alguém eternamente apaixonada para provocar mudanças radicais, com base em meus próprios ideais; organizando planos e projetos, para transformar a fantasia em realidade. Mas ninguém entenderia isto; ninguém acredita, e por isso, levo sempre algum livro; para não olharem para meus planos apaixonados, entusiastas e passionais com puro desgosto, por simplesmente já estar fadado no ceticismo cansado do que chamam de vida.

Talvez, quem tenha o costume inconsciente de hipnotizar, seja também, facilmente hipnotizável. E isto, os livros possuem – o poder de hipnotiza-lo através de ideias muito bem formuladas e explicadas, ao mesmo tempo que lhe faz esquecer de suas próprias capacidades de formular suas próprias ideias íntimas e particulares, e jogar estas respectivas sementes ao mundo. Pois então – quem talvez procure tão incessantemente os livros, sejam os indivíduos que se hipnotizam pelas ideias lidas, ao mesmo tempo que querem jogar estas ideias no mundo, hipnotizando outros.

O problema é quando hipnotizam os outros usando as ideias erradas. As ideias disformes, tortas, copiadas, vagas e que somente servem para amedrontar mais

ainda a fertilidade do cérebro humano. Mais do que se amedronta com ideais injustos e insustentáveis na qual se entra em contato por quase a vida inteira.

A hipnose não é ruim em si, quando se planta a semente certa, em terreno fértil, com sol e chuva se equilibrando no tempo apropriado. E, para se prestar atenção em seus próprios ideais e fazê-los florescer, é preciso ser seu maior companheiro de jornada e apreciar sua companhia acima de qualquer outra. Sem isto, não se poderá semear ideias fortes, quando não se tem a necessidade de si mesmo.

Por isto, apenas finjo que leio livros. Por isto, apenas fingi, a minha vida toda – que assistia aulas; quando, na minha intimidade, eu possuía minhas ideias prontas e formuladas, não deixando qualquer outra ideia me desviar ou me desvirtuar das minhas principais crenças, regidas por sementes muito mais originais e sagazes. Regidas pela invisibilidade dos movimentos vibracionais, do vento, do oxigênio e do amor. Regida pela ausência dos sentidos e pela presença do espírito.

Enfim, acabei de tomar meu tempo com os livros que estava no período da tarde e entrei na sala da terapeuta para poder pegar os cristais. Não iria exatamente roubá-los, mas ao menos, tocá-los, esperando eu, sentir alguma potência indefinível ou inédita.

Entre na sala, tomando cuidado para os ruídos da porta se ausentarem de suas artimanhas de fazerem barulhos em horas indevidas, e devagar, vagarosamente, a fechei logo quando entrei. A janela estava aberta, mas as cortinas fechadas, deixando a ventania da noite se sobressair dentro da sala inteira, ventilando-a com frescor. Pude sentir a brisa ecoando em meu rosto e por alguns segundos de preocupação, me senti bem.

Perguntei-me se, o que eu estava a fazer, seria correto. Roubar algum objeto na qual não me era de direito, não pertencia e nem nunca pertenceu á minha pessoa. Mas, eu não sei... pensei comigo então. Não roubava pelo simples ato de usufruir do bem, ou de um possível valor monetário que ele poderia me dar; minhas razões eram peculiares, e indefiníveis para qualquer em sociedade distinguir se seria algo certo ou algo errado.

Eu roubava pela descoberta incessante pela verdade – e neste caso, o roubo não era mais um roubo, mas sim, uma missão, um dos meios que me levarão ao meu destino, ao meu fim especial: o de encontrar o que há por detrás de todos os levantamentos e escolhas consecutivos de um desprezar algo maior! Pelo medo. Pelo medo de ultrapassar e violar leis e crenças injustas, severas que não consideram a relatividade dos atos e dos acontecimentos. Não consideram a humanidade, ali presente.

As leis materiais não consideram a humanidade presente; as crenças que são atadas a estas leis também não. Elas são usadas em sua maioria, para provocar as paralisias nos seres; e deixarem-nos em estados perpétuos de medo, fazendo-os acreditarem que esta é sua emoção natural.

O medo de um assalto, por exemplo, é o medo de sentir o inesperado. Tem-se medo de perder algo que é material; ou tem-se medo de ser tocado por outro ser, também material.

E todos estes, indicam sim – o evitar sentir qualquer coisa que lhe provoque estranhamento, dúvida ou contemplação para um outro diferente, para uma adversidade, para o que não é costumeiro de se sentir! É inútil sentir determinadas emoções coletivas, pois eu mesma tenho a

consciência do erro das pessoas ao terem o medo do inesperado. Isso indica então, que até quando estou prestes a achar que tomo a decisão errada, ela me acode, me sacode, e reverencia-me por estar tomando esta bendita e prodigiosa decisão!

Até mesmo quando estou no caminho errado, ou crendo eu – ser a errada, continuo estando certa, pois aquele meu erro está sempre me guiando para o caminho certo, eu mesma intuo sobre ele; parecendo ele, realmente, errado no começo, no início de tudo, porém – será certo, claro e muito bem calculado no final de tudo, quando tudo já tiver desmoronado!

E além disto, eu saberia qual seria o cálculo exato do caminho certo a seguir, se eu não tivesse atravessado os desgostos e as injúrias dos erros, e dos sentimentos, intuições e sensações de ali, não ser o competente, decisivo e arbitrário das minhas maiores certezas? Não. O erro ajuda-me sempre; o que nunca podemos fazer é orgulhar-nos dele, errar sempre, nos orgulhar disto, não; somente ouvi-lo!

A consciência se alargando a cada dia que passa, evita a morte. A consciência expandindo-se verdadeiramente e com seu próprio poder, evita a morte. Quando faço os outros pensarem – mesmo que seja através de palavras pouco delicadas e gentis, os faço pensar. E isto, evita suas mortes. E evitando suas mortes, perceberão o valor da vida.

A mina de ouro que se esconde, atrás de todas estas supostas negatividades impostas! O fermento que eu possa lhe causar lhe questionando sobre suas verdades absolutas, irá abrir-lhe para sua própria salvação; que será sua libertação de suas próprias discórdias e

tormentos – o próprio ferimento que lhe causei. Então – mesmo eu, tendo errado no momento presente, acertei com ele no futuro.

Tudo bem; olhei para os cristais e finalmente, tive coragem de pegar um deles. Agarrei o maior, o que estava mais próximo da janela, aonde o vento se alastrava mais fortemente em direção ao objeto.

De repente, senti uma mutação estranha nas sensações; alguma proeminência exacerbada nunca sentida por mim antes. Neste instante lúcido e secreto, ao mesmo tempo em que era inédito e suspenso dos outros demais, me vi sendo teletransportada para uma área específica da procura pela verdade. A verdade obsessiva e atônita. Corroendo até os milímetros dos meus pequenos fios de cabelo.

## **Cenário 10**

Eu estava aparentemente sentada em uma rua vazia, acompanhada de pequenos grupos de pessoas vestidas com roupas sujas, velhas e rasgadas. Ainda não tinha me virado para olhar o quadro amplo, mas apenas sentia que estava ali, como parte de um deles. E eu estava de fato, vestida assim, como descrevi. E acompanhada de alguém, aparentemente. Xingavam, demonstravam intolerância, e descreviam aos seus próprios companheiros com injúrias amarguradas.

Eu ouvi alguém espirrando atrás de mim. Ao mesmo tempo, senti toda sua contorção sistemática para poder expelir o alívio ou incomodo do próprio espirro, e nisso, senti o meu coração se contorcendo igualmente ao seu nariz, e sua cabeça pressionando todo o devido expelir.

Comigo era assim; principalmente quando estava eu, em situação de vulnerabilidade, imersa e submersa nos confrontos dos outros: não se enxergava mais nada além do outro, e de tanto minha visão afundada e estrita somente ao outro, acabava que eu, por não me ver como um corpo que respira e possui necessidades – sentia tanto o que o outro ao meu lado sentia, que meus próprios órgãos eram capazes e igualmente suscetíveis a sentir o mesmo no momento em que aquele órgão ao meu lado também está se contorcendo.

Não parece estranho quando digo aos outros; mas parece estranho como eles recebem a informação. E então, sinto-me uma extraterrestre não sabendo bem o porquê aterrissei neste mérito todo de ser confundido com outro ser contorcido ao meu lado.

De eu mesma, confundir a mim própria dentro do expurgamento do outro! Dentro da automutilação, auto-destruição de outrem que chegará a sua auto cura se prestar atenções devidas aos órgãos – e mesmo assim, o vejo em mim. Eu me vejo neles e nos seus órgãos contorcidos e desejos por expelir toxinas.

Eu estava aparentemente e particularmente em um lugar e um lar aonde se mais necessitava de aprendizados e ensinamentos da minha própria autoria. Eu não poderia estar em um lugar melhor para disseminar todo o meu conhecimento do que aqui: na beira de uma rua vazia e pouco movimentada (mas provavelmente pois hoje era um dia não-comercial), e com pessoas aparentemente com um linguístico com pouca coisa a se ensinar também para os outros. Com poucas informações; e quando as tem, são somente com o intuito de conseguir tais coisas materiais nas quais tanto necessitam. Neste caso, fazem de

tudo para suprir seu instinto de sobrevivência primário; fazem de tudo para saciar este instinto primitivo. E eu os entendo agora! Os entendo como quem entende também água jorrando de uma fonte que não é a dela. Os entendo como quem entende incêndios repentinos e inesperados em prédios que não possuem fogões ou nenhum instrumento causador de eletricidade!

Os entendo como entendo quem come comida estragada, e mesmo assim consegue, a todo custo, manter foco e a atenção total naquilo que deseja! Pois uma comida com um gosto ruim desfoca a atenção, pois se seu paladar não está ali no momento presente comendo algo saboroso, não há como manter uma atenção plena!

E se come algo de gosto ruim, automaticamente seu foco já dispersará para outra região da vida, para outra dimensão ainda não investigada do cérebro, causando um distúrbio de atenção por conta de um péssimo hábito, o de comer o que não quer, comer o que não se vê e nem se sente o gosto. Entendo todos eles por estas simples e ricas analogias que lhes ofereço com mãos abertas, braços encostados nos postes limpos de panos úmidos, e com o coração entupido, pronto para esparramar estas riquezas sinceras.

E eles não tinham nada! Não tinham absolutamente nada. E eu estava aqui, tendo absolutamente tudo; tudo para oferecer-lhes. E isto podia acontecer em um piscar de olhos, em milésimos de segundos.

O aprendizado e o ensinamento estava todo aqui, pronto para ser transpassado, atravessado pelas inúmeras barreiras que sem dizem materiais e emergir em um plano muito maior, muito mais sagaz e pertinente do que a própria força bruta de uma parede, ou de um objeto se

contraindo contra esta parede. Havia a força invisível e quase inexistente; e de tanto que sua força se emergia em sua própria inexistência, ela se tornava mais eficiente e dada ao sucesso do que a própria brutalidade aparente do já conhecido, posto, visto e revisto.

Do já antigo e antiquado, que é a própria força bruta. O ensinamento verdadeiro transpassa esta antiguidade estranha, e mostra a inexistência sutil (e por sê-la assim, torna-se uma existência diferente, e por ser diferente, torna-se especial) da força pouco conhecida, do conhecimento que é secretamente passado de consciência para consciência, impedindo que a força das barreiras de ferro se extingam, se alastrem, se fortifiquem em tamanho e formato, em cor e em obra, em persuasão e em vitória!

A inexistência sutil da força pouco conhecida, como posso chama-la de força conhecedora de todas as coisas, por isto mesmo ela tem de ser mantida como uma “inexistência”, mas que em seu supro e vasto axioma, guarda as forças mais potentes do mundo, modificadoras de visões conscientes – a força sublime, inexistente na demonstração de si mesmas, mas fortificadoras, potentes e impulsificadoras de ações em longa distância, na intimidade mais entranhável e hermética; aquela intimidade que só pode, em si, ser entendida um terço de sua dimensão se somente explicada através de uma abstracionismo linguístico muito distante da lógica usual. É desta força inexistente que menciono! A força inexistente por ser sutil demais, a salvadora dos grandes marginalizados.

E a salvação estava aqui, agora, bem em minha frente. Talvez eu tinha, um dever pouco contundente e talvez até mesmo promiscuo, de levar a verdade a eles. Digo

promíscuo pois não querer enaltecer-me, crendo que sou uma grande escolhida para semear as grandes máximas de salvaçãoes.

Isto! Era isto! Levar a verdade, e não buscá-la. A cada vez que se leva, se conquista; a busca isolada era inútil – leva-la sim, era um contrato mútuo! Um contrato mutuo de corações prestes a desabar em uniões e harmonias nunca ensinadas a nenhum dos dois lados – era a troca esperada pela humanidade residida em cada um; levar a verdade e colher uma outra parte dela, no momento em que a abandona lá, em outro terreno, em outro espaço com uma terra não afogada pelas suas mãos.

No terreno de outrem – e assim se ganha sua maior sabedoria: em saber deixar sua própria verdade no terreno do outro, permitindo que a semente brote com algum maleável aspecto, deixando-o suscetível ás mudanças de figurações. Assim como nós, que semeamos e colhemos as ideias.

Tudo bem; eu olhara para uma lanchonete e conseguia ouvir um homem falando em inglês pelo telefone – logo do outro lado da estrada, havia um morador de rua escrevendo ou desenhando algo na calçada; não pude ver com adequação do que se tratava sua obra. Apenas os contrastes entre as aparentes realidades superficiais e instantâneas: feitas na hora, no minuto, no segundo em que se olha, em que se foca.

Como quando escolhemos a dedo, preferências musicais, apenas pela aparência da capa, sem saber se aquela será a melhor escolha para seus ouvidos apenas porque foi a melhor escolha para seus olhos, tendemos a generalizar as realidades contrastantes e acreditar que fazem parte de opostos desconexos e indissociáveis; episódios meramente aleatórios na continuidade da saga da vida.

Mas não! Enquanto, quando mais nova, já sabia intuitivamente as noções de respeito e amor ao próximo, os da minha idade ainda não compreendiam – e por isto, xingavam-me de palavras imundas e sujas, e só agora quando crescem aprendem o significado de respeito e amor ao próximo; já eu, quando cresço, já tendo esta noção, estou em um nível de abstracionismo voraz e talvez ininteligível, na qual não sei nem mesmo se os da minha idade conseguiriam alcançar-me quando for conversar com os mesmos; meu adiantamento perante as noções mais importantes do convívio com o outro, me mostra como todas essas conexões entre uma pessoa e a outra, são visíveis de serem notadas e devem ser expostas, com o objetivo de saciar as interrogações dos que ainda não sabem, dos que ainda carecem de fontes de conhecimentos. Conhecimento puro, simples e sereno. Como o amor é; e quem sente, sabe na própria ocasião que é aquilo, o amor – e nada mais; sabe, e mesmo assim não sente a necessidade de nomeá-lo como tal.

Exatamente por isto; quando mais nova, meu medo de ser mal olhada pelos acomodados engomadinhos e os confortáveis em suas poltronas de ouro, por andar com os desprezados ou injustiçados era devastador! Hoje, porém – a história se modifica em tamanhas certezas, que eu mesma, agora, não me importaria de morrer por eles. Morrer pelos injustiçados. Perder tudo por eles, que já não possuem nada, de nenhum valor literal ou emocional. Se eu também perco – que diferença me faz, se tantos outros já perderam também?

– Ei você, venha cá! Achou alguma coisa de comer pra gente? – Um deles que nos acompanhava puxou a minha blusa, perguntando-me.

Lhe respondi delicadamente, mas sem parecer assustada com a abordagem.

– Ainda não.

– Faça logo. Você tem família para alimentar!

Eu ainda tentara entender todo aquele contexto na qual eu estava inserida. Se eu tinha família, provavelmente não estava aqui somente por pura vontade própria, mas sim pelo senso de dever e obrigação para com alguém consanguíneo.

O que mais me matara durante todas as minhas vidas convivendo em ambientes familiares, talvez seja esta minha fatal e matadora conclusão sobre elas: a família e todo seu conceito conservador e da preservação de costumes entre elas, destruía completamente o altruísmo e a empatia. Destruía, aos poucos – a minha empatia e o meu altruísmo natural; muito bem conscientes em mim. Pois, há de que se afirmar que o altruísmo é o ato de ajudar pelo prazer e dever a humanidade no geral; e a empatia, a força propulsora de conectar-se com o outro, sentindo-se assim, prazer em ajuda-lo, pois se percebe que o outro em sua frente é si mesmo! E os conceitos de família, os ideais que se tem de formação de família, são complementemente opostos a tudo isso – ou melhor dizendo para mim mesma: vão contra a minha própria natureza. Pois normalmente em conceitos de família, o próprio indivíduo se vê e de fato, começa a sentir-se (por efeito de osmose), obrigado, como uma obrigação ameaçadora – a ajudar a própria família. E quando algo torna-se obrigado, já não é, em si, de grandes efeitos altruísticos ou empáticos, mas sim, com efeitos e coincidências meramente materialistas!

O conceito de família é materialista; o conceito de altruísmo é idealístico.

Entende, por que não encaixo-me? Não sou uma perdida, entendam-me! Apenas uma altruísta, em busca de achar o meu melhor todos os dias, para, em consequência, poder encontrar esta mesma coisa na humanidade inteira; percorrendo o mesmo caminho com ela, do que como foi comigo. Atravessando todas as provas e testes possíveis e desejosa por compreender de forma profunda a níveis sensitivos até chegar na pele da camada da epiderme – tudo para poder racionalizar as minhas passagens sensoriais, e mostra-las ao mundo, os ajudando a cativar mais ainda suas próprias habilidades de atravessar seus próprios processos e chegarem eles, aos próprios ideais de quem devem verdadeiramente ser, ao final de tudo.

A família prende-nos a um grau mais baixo do que, de fato, somos, em realidade. Prende-nos somente a um dever com aquele próprio círculo particular, não permitindo a si, outras formas de enxergar o mundo. E o meu altruísmo com o tempo, vai tornando-se mofado! Como! Como um altruísmo torna-se mofado com este pequeno cubículo particular chamado família consanguínea, que insiste em prender meus dons mais preciosos em prol de uma insatisfação longínqua de não saber quem se é, senão pelos olhos das mesmas pessoas durante a vida toda? Senão expandido seus horizontes e percebendo por si mesmo, as milhares outras formas que outras pessoas existentes enxergam a vida, o mundo, as pessoas, você! É fascinante!

Quando se sai deste cubículo particular na qual foi criado, tudo torna-se fascinante! A vida então, torna-se incansável, todos os dias com objetos a lhe surpreender os sentidos.

Devemos ajuda-los, obviamente – mas ajuda-los como seres humanos merecedores de liberdade e autonomia, e não como coitados ou vítimas da vida. Ajudá-los como ajudaríamos alguém que está perdido ou assombrado por alguma ideia nefasta, e não ajuda-los como serviçais, lhes dando uma ajuda fútil e frívola material, como por exemplo, a prisão do indivíduo naqueles mesmos padrões na qual foi criado.

A sua aparência e como ela se mostra aos outros não passa de nossa intimidade mais profunda, na qual ainda não a acessamos com toda maestria condescendente possível. A sua aparência é ancestral, mas não é formada pelos que lhe criaram materialmente.

A ancestralidade transpassa e vai muito além da materialidade – lhe conecta com seres que nem chegou a conhecer e que de certa forma possui contato próximo, através do espírito. Ancestralidade não é este conceito familiar habitual; são cousas distintas. Ancestrais vêm do sangue, assim como a família – mas pregam conceitos discordantes:

O primeiro, passa adiante a sabedoria universal recebida de gerações passadas; a outra somente passa adiante construções e afirmações sociais recebidas das gerações passadas. Sabedoria universal não se iguala às pequenas e limitantes criações sociais, lhes servindo somente como meio para preservar imagens e status efêmeros e que só acariciam a camada mais superficial da pele.

A sabedoria universal, quando entendida por ouvidos atentos, lhe seguirá durante toda a eternidade; e em qualquer ambiente aonde circulará sua presença, estará ali, rastros e pegadas eternas da universalidade ancestral que deseja formar a unidade com todos com quem atra-

vessa os mínimos milímetros – permitindo pistas enigmáticas, aos ainda submersos na irradiação insuportável do contexto social.

Por isto, é o mesmo: prender-se ao que encarcera sua natureza é matar-se todos os dias, um pouco mais. Mas... O alimento! Eu havia me esquecido – é uma necessidade básica, claro, tola sou eu por vezes, de ater-me somente ao etéreo e esquecer-me do básico que mantém a saúde do meu próprio corpo físico e do de outros que estão ao meu redor.

Mas como transformar a sequencias de substâncias, todas em uma só? Sabendo que no plano de fundo de tudo, de todas as causas existentes, nunca saberemos se uma força que nos impulsiona ou nos retém, que nos puxa ou nos empurra, está vindo da extremidade direita ou da extremidade esquerda... Só a sentimos fortemente em nossa estrutura, nossa conjuntura, do âmagô até o plexo, e não saber de qual extremidade cai sobre nós esta força que nos rege dá-me mais certeza para perecer na certeza da força maior; que não existe na direita e nem na esquerda, mas sim acima de qualquer dúvida ou questionamento pequeno e circundante; que circula somente em áreas conhecidas, receosa e medrosa de atravessar a porta mágica – levando imediatamente ao conhecimento divino e ao mesmo tempo relativo – como um sopro que torna úmido todas as pedras, os pedregulhos, rochas e troncos. Como um vislumbre sonoro e imediato de uma melodia clássica no piano que amortece e acolhe ouvidos atormentados e suicidas.

Quando danço, sou eu que escolho fazê-lo. Quando rio, falo, toco, sinto, entro em contato, sou eu que escolho fazê-lo. Quando pinto, desenho, reajo, sou eu que escolho fazê-lo.

Não sou simplesmente levada pelos estímulos externos que me induzem a determinado comportamento. Não sou levada a dançar pela melodia atual de uma música na qual ouço; cabe a mim a decisão de ser levada ou não pela música, e não simplesmente deixar que ela grude em minha consciência como uma goma mal formada e que despeje opiniões e comportamentos em minha cabeça que não são nem mesmo minhas, não foram nem mesmo criadas por mim, pelo meu próprio fluxo particular de imaginação. Cabe, antes de tudo, o discernimento. Cabe o discernimento diante dos estímulos externos. Lembrai-os disso: discernimento!

Mas os idealistas são os que mais têm isso evitado em si; sabem discernir muito bem, e por isso, livram-se um pouco do trabalho, transformando seus horários de lazer, hobbies e entretenimentos em meras atividades de trabalho. Pois para eles, o trabalho em si, é prazeroso.

Mas, coube a mim, modificar o foco do meu próprio pensamento atual. Das ditas desgraças, alcei voo para a tranquilidade dos pássaros. Era engraçado para mim, observar seus comportamentos de equilíbrio diante da imensidão do céu, e, sem mais nem menos, pousar em algum fio elétrico qualquer e observar o movimento, para onde irá, para que sentido será suas próximas batidas de asas; e o mesmo virava a cabeça para os lados com a mesma velocidade que nós humanos piscamos os olhos. Fazendo eu, esta analogia dos animais voadores com os seres humanos, é importante formar imagens na nossa cabeça de como seria, se fossemos nós os voadores, e eles, os terrestres. Não teríamos a mesma habilidade, destreza, velocidade e vivacidade com que batem suas asas rapidamente para qualquer lugar que decide ir.

Nunca poderíamos virar a cabeça com tamanha velocidade como eles!

Isto é um sinal divino, de que os voadores sabem sempre o caminho; e os terrestres, seriam seus seguidores; de como poderíamos, nós, com os nossos pés, com ausência de asas, guiar-nos até o caminho da verdadeira liberdade – com o progresso mais lento, não tão ágeis como eles, mas ainda assim, liberdade.

– Mas espere um pouco. – Eu lhe disse, para aquele que havia me puxado.

Ele se virou e me olhou, esperando alguma fala minha.

– Eu tenho algumas ideias para ninguém aqui passar fome.

Ele mostrou-se curioso ao que eu tinha a dizer, então eu continuei; disse para ele sobre como podemos adaptar diversas filosofias, analogias e comparações á nossa condição atual de fome e escassez – disse-lhe que poderíamos simplesmente, olhar atentamente para o que está em nossa frente, e surgir-lhe de repente inspirações intensas e diversas sobre soluções para este nosso problema atual.

Então, com o passar da conversa, fui unindo filosofia com a praticidade da escassez; alguns dias se passaram, e os observava cada vez mais, fazendo este exercício de atenção total a determinada situação que olhavam na rua, até surgir uma solução inusitada para nossa situação de fome.

Disse-lhes também, que as imagens que eles formam na cabeça deles são de importante detalhe, e sua essência poderia até modificar por completo suas crenças atuais! Por isso, lhes ensinei didaticamente, á como formar imagens de cousas na quais eles gostavam e agracia-

vam sua visão, audição e tato. Expliquei-lhes também, que se eles não conseguem formar uma determinada imagem de algo, é porque este algo ainda não é real – que se esforçassem pela formação imagética de suas próprias fontes de alegria, em poucos dias aquilo apareceria.

Eu não esperava por isso – mas os resultados desses meus ensinamentos filosóficos e meio místicos foram excelentes para eles. Me ouviram, e em poucos dias, conseguimos fazer um pequeno banquete na praça para mais de dez pessoas que não tinham o que comer; que estavam comigo.

Percebi também, que as pessoas sem nada materialmente ou mesmo de baixa renda, são as que entendem melhor e conseguem pôr em prática o verdadeiro poder que rege todo o universo! Pelas minhas experiências com pessoas que já possuíam coisas materiais ou estavam simplesmente em estado de comodidade e conforto com o que já tinham, falhavam miseravelmente em pôr em prática este poder universal, e entender com o sentimento, de fato – as leis universais. Eles falhavam; quem tinha tudo falhava. Quem não tinha nada, sentia o que eu dizia com muito mais intensidade e vontade, fazendo o poder se concretizar e conseguirem de fato, o que realmente querem.

– Venha cá, menina, como você sabe de todas essas coisas? Você é uma bruxa? – Uma das crianças que estavam conosco me perguntou, mas em tom meio divertido ao mesmo tempo agradecido, enquanto mastigava um pedaço de sanduiche com muita vontade.

Eu dei risada de sua pergunta, apenas lhe disse que os maiores segredos estão sempre naquilo que guardamos e decidimos expressar. Ela então, arregalou os olhos e franziu a sobrancelha, tentando entender minha frase. Então, lhe disse:

– Eu não fiz nada! Foram vocês. Só lhes ensinei o caminho.

Ignorou-me, e logo então, voltou a prestar atenção em seu sanduiche.

Todos que passavam pela praça aonde nós estávamos comendo, estranhavam. Um dos trabalhadores parou em nossa frente, com as mãos na cintura, e disse:

– Alguém fez uma doação grande para vocês, hein?

Mas na verdade, ninguém fez doação alguma. Simplesmente fomos ganhando dinheiro com o passar dos dias, fazendo pequenos artesanatos com a grama – e ganhamos dinheiro suficiente para fazer um banquete! E a comida ainda sobrava. Diziam-nos que nossos artesanatos estavam muito bons; e que provavelmente nos contrataria para vende-los em grandes eventos. Nos empolgamos com isto.

Em poucos dias, observei as expressões destas pessoas que andavam comigo em busca de comida, mudar completamente. Suas expressões de fome e desespero se transformavam em expressões de tranquilidade e satisfação; simplesmente por que lhes ensinei o método da visualização em suas próprias cabeças!

Eu finalmente, estava doando conhecimento. Eu finalmente tinha achado a tão sagrada verdade: a doação do meu conhecimento. Eu era então, uma autodidata realizada, não mais atormentada, quando conheci este grupo de moradores da rua; na qual criei intenso afeto depois que lhes ensinei estes métodos. E também, falei de mim, e das minhas próprias experiências comigo mesma: disse a eles que desde pequena, meu corpo composto de átomos sempre obedeceu e aceitou que estas leis universais fossem feitas a mim, simplesmente por que eu as compreendia, e

então, simplesmente – eu deixava fluir com a vida, simplesmente pois os lugares aonde a vida nos coloca são variáveis, relativos e constantemente se movem.

Meu corpo nunca conseguiu mover-se, nem em sentido de ideias, nem em sentido físico – se alguém estivesse me observando. Por isso, em minhas vidas passadas, sempre fiz quase todas as minhas atividades físicas e intelectuais em puro isolamento; e não arrependo-me!

Pois eu não teria feito nada que sáísse bom ao meu ver, se eu estivesse em constante observação dos demais. E é exatamente assim que os átomos dentro dos nossos corpos materiais funcionam: não se movem, não progridem, não avançam, se está constantemente sendo observado. Expliquei-lhe isso, mas já achavam exagero de minha parte. Deixei-os então, achar que era um exagero. Deixei-os! Um dia entenderão. Como eu também entendi.

Os exageros, em sua grande maioria, são sempre montados a partir de fontes materiais e impressionantes, porém, aumentados, com o poder da imaginação. E quem possui esta habilidade presente, possui o mundo – os exagerados possuem os grandes dons da vida em suas mãos. Mas não o sabem, pois prendem-se aos exageros maléficos.

Então, como fui parar aqui neste autodidatismo conformado? Achando eu, que agora, está tudo finalizado, quando finalmente resolvi o problema de algumas pessoas acerca de seus próprios mistérios?

Eu então, tive um lapso: não há mais nada aqui. Tudo se acabou, se dissolveu de repente. O sentido foi achado e agora que se achou, se perdeu – pois se achou. Meu caminho estava segregado.

O caminho da intelectualidade restritiva, da pompa, e da arrogância de saber demais sobre tudo, ou o caminho da simplicidade e da sementeação destes conhecimentos com as pessoas necessitadas? O segundo, eu acabei de obter, o que me falta agora é matar o fantasma assombrado e insatisfeito, sugador de alma – do primeiro, a primeira opção quando eternizada na vida, somente provoca o mal a quem esconde e retém todo o conhecimento útil para toda a humanidade.

Fui sugada pela minha própria expansão e elevação de consciência, e não sei mais para onde fui, deixando todos ali, se alimentando às frentes da grande lei do uso do conhecimento na praticidade da vida, que souberam usar com destreza e habilidade.

## Cenário 11

Eu estava dentro de um carro, dirigindo! E falando coisas que eu nem mesma sabia o que eu falava para a jovem que estava ao meu lado agora. Eu não sabia quem era a jovem, ainda não olhara atentamente pois tinha de prestar o máximo de atenção no trânsito. E eu não me lembrava exatamente de como era a sensação de dirigir! Normalmente quando mudo de vida, costumo me lembrar do que estou a fazer no momento atual; mas agora, desesperei-me por estar em um volante sem saber o que estou a fazer. E desesperei-me também, por estar falando, sem saber o que estou a falar.

Mas fui tomando consciência cada vez mais de onde eu me encontrava, de quem eu era ali agora, e pude identificar-me com uma personagem bem específica, por mais

que a ideia me parecesse estranha, fui me acostumando com ela. A mulher que me pediu para achar o cristal para ela! Será que agora, era eu no lugar dela? E a jovem ao meu lado, seria eu mesma antes de ter entrado neste cenário daqui? Minha cabeça estava confusa. Mas minha boca continuava falando compulsoriamente.

Eu então, lhe disse, respondendo a algo que ela tinha me dito, mas que não pude ouvir pois estava atenta demais aos meus pensamentos conflitivos atuais:

– Saberá um dia, quando chegar a hora. Não terá mais dúvidas. Então, vai saltar aqui? Aqui é o lugar.

Antes da jovem saltar o carro, pude tocá-la na mão e sentir sua tensão em relação a estar em um carro com uma desconhecida. Porém, todos nós sabemos que o toque é calmante – eu senti sua tensão, mas ela poderia ter sentido a minha calma para com ela. Então, foi uma troca – não muito igualitária, mas continua sendo uma troca. A tensão também é necessária para determinadas circunstâncias de vida em sociedade. Estar tenso constantemente, com toda certeza, é uma sensação diabólica, porém ela lhe serve sim, para estar pronto para levantar as armas principais da coragem e do destemor; a valentia é partida, principalmente de um corpo tenso! Então, ela lhe serve para alguns casos específicos. Assim como a minha calma para ela, neste momento, irá lhe servir para refletir melhor sobre algo que acabei de lhe dizer, mas não tive a capacidade de ouvir a mim mesma, por conta dos pensamentos borbulhando em minha nuca, entrando diretamente em contato com minha coluna vertebral.

Algumas pessoas já me diziam de que, até quando eu estou em constante estado de desespero ou irritação, continuo com uma aparência de calma eterna na alma.

Bom! Tive então, que concordar com eles, pois olho-me no espelho e normalmente concordo; mas quando o espelho sai de minha frente o centro interior começa a desvanecer-se da imagem olhada e então me perco e me desvinculo da minha própria aparência e imagem de calma. Como será isto?

Toquei a jovem, e além desta troca de sensações opostas, o toque em si, mesmo sem a consciência plena das partes, é capaz de aliviar e até curar sangramentos do próprio espírito atormentado! Pois que, o toque estimula a circulação sanguínea, fazendo o sangue circular com mais vida, velocidade e força! A atenção do indivíduo melhora quando se é tocado; tanto por si mesmo, como pelo outro. Não que o toque de alguém seja estritamente necessário para sua cura, mas o auto toque, o ato de tocar-se deveria ser de extrema importância para um dos preceitos de saúde plena. Por isso estão todos doentes! Reprimem o toque. Mas talvez eu tenha acabado de libertar esta jovem dessa amarra agora mesmo, a tocando. Lhe abrindo uma possibilidade para o agora; para o que está acontecendo, neste exato segundo.

Ela então, saiu do carro. Com meu toque já perpassando em sua corrente sanguínea, e eu me perguntando como ela iria reagir a isso.

Eu fui fuçar algo em minha bolsa, e achei por coincidência, um cristal daqueles na qual eu tinha começado a procurar no começo de tudo isso.

Fiquei então, perguntando-me sobre o destino final desse objetivo do cristal. Talvez eu mesma já tenha o achado, e ele estava aqui, exatamente aqui, dentro da minha bolsa! E pedi para a jovem, que no caso, também seria eu, procurar para mim, quando na verdade, o cristal estava comigo o tempo todo!

Então, qual foi o sentido mais ou menos de ter progredido com essa missão para comigo mesma, fazendo eu passar por diversos sufocos e angústias com amigos e até no trato com o meu próprio corpo, fazendo-o também, passar por diversas provações e testes, em busca de uma verdade inútil, pois ela nunca será absoluta e nunca irá achá-la tentando percorrer o mundo exterior – para no fim das contas tudo se tratar de um mero cristal que representa superstições de determinada vertente religiosa, tudo para sanar meu conforto medíocre?

Não, não era bem isso. Estava eu, sendo dolorosa e rígida demais. Mas o meu discernimento para com os outros era extremo. Não queria esconder o que eu havia feito comigo mesma, mas também não queria expor; não queria que isso fosse causa de alardes maiores – mexer no tempo de forma tão abrupta e grotesca chegando a este extremo: de duas pessoas sendo a mesma pessoa se encontrarem e conversarem entre si no mesmo espaço de tempo. Não! Não queria que o tempo fosse visto dessa forma pelas pessoas comuns.

Então, não esconder e nem expor. E isto não significa omissão, mas sim equilíbrio. O espírito que necessita do equilíbrio quer ser o que se é e assumir sempre o que se faz e fala, mas sem provocar tamanhas revoltas nos que não possuem o mesmo nível de compreensão acerca das coisas que ele. Não é omissão – é o ato de aceitar as descobertas e acolher as consequências.

O equilíbrio é, acima de tudo em sua maior definição, é a harmonia dos extremos. Se se esconde algo, aparenta estar somente vendo o seu lado da situação – e quando se expõe (expor no modo mais grotesco da forma de exposição, o de fazer isto propositalmente para que os

terceiros se choquem), aparenta estar fazendo aquilo somente pelos outros, e não para si mesmo, perdendo assim, o gosto e a paixão por aquilo, pois não se está mais agindo com naturalidade. Então, isto não é omissão! É o equilíbrio destes dois extremos. Não me revolto, mas também não me mantenho passiva. Quando os seres em sociedade vão entender este verdadeiro e transcendental significado da harmonização?

Como aqueles que mantêm a postura de universidade, com seu falso equilíbrio em sala de aula, mas com suas questões materiais são tão desesperados quanto aqueles que não possuem nada, os mendigos; estes não possuem nada e vivem desesperados! E quem tem, não entende este desespero de quem não tem? Mas se agem da mesma forma quando também não tem? É ilógico, é enfadonho, é cinza, é desarmônico. Todos eles que habitam em sociedade, não compreendem o bom juízo da harmonia; lhes faltam este senso, para todo o vapor, todo o ardor, todo o sangro destas artimanhas caretas e destas armadilhas confidenciais!

O meu autodidatismo talvez sempre fique em resguardo... pois enquanto para as pessoas comuns o conhecimento ainda é, em si, suas necessidades vitais, o que lhes movem; a minha necessidade vital, o que me move pelo mundo é a inspiração de passar adiante o conhecimento, pois já sei de tudo que eles sabem e ainda vão saber! Alguns poderiam se perguntar o que um autodidata faz, se já sabe de tudo com tamanha facilidade. É isto – ele inspira, ele não é movido pelo mundo, mas é ele que move o mundo.

Por isso, meu autodidatismo necessita estar em resguardo, para procurar as devidas inspirações e passar todo

este conhecimento através de imagens e formas flutuantes e acessíveis a todos. Acessíveis a todos!

O conhecimento tão esperado, idolatrado, temido, venerado, questionado, intrigado... São tantas sensações para com ele que o mesmo se amedronta e foge. Mas é, ele deveria ser entregue na mão de todos – pois é ele que dá o impulso de vida e a energia vital para basicamente todos os seres humanos que respiram o ar daqui. A mente sem conhecimento algum é uma mente morta – por consequência, o corpo se torna um depósito de tralhas e lixos, o corpo se torna somente um pedaço de carne ambulante; sem o poder mental para lhe direcionar sobre suas devidas funções e ordens. E o espírito se corrompe, e daí não existe mais nada a se fazer se não aguardar sua própria deterioração.

E há também a minha forte imaginação para me abanar quando já começo a suspeitar que estou distante demais das demais culturas da minha própria época, e atada e presa à minha própria humanidade e sede de inspiração. Quando algo me acontece, não interpreto aquilo como uma experiência, como todos interpretam. Aquilo que me aconteceu entra em minha memória como se fosse somente uma possibilidade imaginativa da situação, fazendo eu a síntese de todas as outras possibilidades também.

Não vejo a experiência como experiência, mas como imaginação. E a minha imaginação normalmente, é o que parece ser as minhas verdadeiras experiências! Isto, em algum grau, é efeito intenso e dramático do meu próprio autodidatismo particular. Quando a realidade já não basta então a imaginação se torna campo rico, mina de ouro.

Quando a realidade torna-se exaustiva demais – não porque se vive ela demais, mas porque já se sabe tudo sobre ela. Então, não há o que viver. Quer dizer... não há o

que viver em sentido comum, com os outros. Mas há muito a viver em termos de entusiasmo e vontade! Em termos de sopros de vida e de centelhas divinas que pairam nas camadas mais impulsionadoras e influentes da concórdia humana.

Fiquei um pouco em meu carro, observando a jovem entrando no palácio. Haviam tumultos intensos, e logo depois de alguns minutos, surgiram algumas violências aleatórias. Não me importei, pois, sabia que aquilo passaria – e quando passaria, cada um que estava ali, sendo o centro, entenderia o seu lugar.

Não havia nada a se fazer, se não esperar que o contexto se apazigue por si próprio. Achar o seu próprio centro dentro de uma multidão é calamitoso – não investigue-se em meio às opiniões de terceiros! Preocupava-me esta jovem, dentro dos tumultos; tudo porque, esta jovem era eu, ainda com uma mentalidade pouco amadurecida sobre seus dons e capacidades.

Mas acabei adormecendo. Morria de sono após aquela estranha meditação na qual tinha acabado de sair – eu e a jovem. Puxei meu banco para trás, fechei os olhos e esperei ver o que acontecia com meu corpo dentro de um carro fechado e abafado em estado de hibernação profunda. Entretanto, meu coração ainda respondia com vigor e ânimo aos meus desejos e instintos de viver.



Logo quando acordei, fui imediatamente para casa. O chão na frente do palácio estava cheio de panfletos,

papeis amassados, manchas de tintas e de sangue. O que havia acontecido, só bastava eu mesma imaginar e deixar que as imagens que eu criaria, tomassem conta da possibilidade ocorrida. Mas, apesar disso, o meu coração batia de uma forma ritmada ao meu pensamento.

Na verdade, universalmente – eram os ritmos do coração, os que faziam gerar determinada velocidade ou profundidade dentro de um pensamento. Se o ritmo cardíaco se acelerava, o pensamento viria com maior velocidade e com maior intensidade – se o ritmo cardíaco diminuía, o pensamento viria com maior profundidade e reflexão, e não tanto com emoções intensas.

Ah! O coração! Quando não se segue seu ritmo; quando o mesmo resolve bater de determinada forma e não o persegue, não faz o que o coração lhe pede para fazer – quando o mesmo implora o tempo todo para ser seguido – hão de vir as piores consequências, desastrosas e catastróficas da humanidade! Isto pode aparentar maiores exageros – mas somente para quem não entende e nem mesmo segue os batimentos do próprio coração – pois sabe que isto se trata de pura bravura e coragem, que por mais que se demonstre exagero, os seguidores do coração não acreditam nunca em seus próprios exageros, pois isto retira automaticamente a coragem da ação genuína.

A fonte, aonde o sangue circula e necessita ser circulado para gerar vida. Sangue! Vida! Coração! O coração possui uma especialidade única em seu funcionamento: é o órgão que faz circular o grande ciclo da vida por todo o organismo; em companhia do cérebro – o agente criador de imagens mentais, que fortifica que este grande e complexo ciclo da vida se perpetue e se es-

tabilize como monumento perpétuo dentro de si! Como uma sensação e sentimento de casa pertencente.

E quem realmente segura o corpo neste desdobramento infinito do plano físico é este magnífico instrumento; cérebro – mente – raciocínio – sentidos – abstração – contemplação! E não há como negar que sem ele, seriamos simplesmente carnes mortas que têm a habilidade de andar. Ou talvez não!

Carnes vivas, porém, a mercê sempre do que está por vir, de um destino predeterminado na qual não se tem controle algum – e não tornando-se simplesmente dono e percursor de seu próprio destino; não tornando-se simplesmente comandante do seu próprio corpo, sendo ele seu servo, como deveria ser – mas invertem os papéis e então tudo se desmorona por completo. Tudo se transveste, se reverte em um abismo concreto de possibilidades já muito bem-postas no clima de exagero sob a intensidade dos nossos corpos, ignorando a plenitude da alegria constante que vibra em cada ser.

O que me faz pensar também, se os casos de família não são simplesmente dramas inventados pela sociedade para dispersarem os mesmos de suas próprias individualidades, criando crenças sobre doenças hereditárias e destinadas; quando tudo isso na verdade é reflexo da convivência com alguns dos familiares, que infiltram e sugam a mente dos mais novos – sugam! Pois percebem que a mente do jovem ainda está curiosa, querendo conhecer as inúmeras coisas que o mundo tem a lhe oferecer e a lhe ensinar, e os mais velhos com suas crenças prestabelecidas roubam esta alegria do jovem para colocá-lo em um lugar cinza, aonde sua vista, de nada alcança. De nada alcançará!

Enfim; cansei das minhas próprias elucubrações imaginativas e decidi realmente voltar para casa agora. Após muito tempo dirigindo com um estado de sonolência instantâneo, cheguei, sem muita noção de direção ou horário.

Quando passava entre as ruas, parava de vez em quando para caçar algum lanche para saciar minha fome, que na verdade era uma agonia intrínseca, agonia pelo o que estava a vir até a mim – disfarçada. Nestes períodos que saí do carro e aproximava-me mais das ruas, de pessoas reais, de longevidades intensas e infinitas! Cheguei às certas conclusões precipitadas sobre a visão das pessoas em relação ao meu todo – ao conjunto que me define em maior amplitude.

Quando me veem ao longe, minha aparência, na qual seria meus gostos e estilos respectivos, assemelham-me sempre a uma pessoa de pouca idade: uma jovem, adolescente em período de eterno descobrimento, reinvenção e construção de si mesmo.

Mas, quando começam a dialogar comigo, percebem já, uma outra personagem, uma outra imagem lhes vem à mente: começam a me assemelhar a um papel de pessoa adulta, madura e independente – pelo meu jeito de falar, gesticular, se movimentar e de interagir com o mundo e os objetos que nele se fazem presentes. É comum e até mesmo esperado que esta imagem se modifique quando se conhece o indivíduo depois de algum tempo – mas em mim, havia sempre uma terceira imagem, impressão, personagem, escondida e oculta ali, receosa para se mostrar como é!

Logo depois dos diálogos profundos e significativos com alguém, decidem então inesperadamente, querer

conhecer-me na intimidade pessoal, muito maior e com mais histórias arqueológicas do que se pode imaginar que houvesse dentro de um museu, com números limitados de ossos do passado. O número de ossos da intimidade pessoal de alguém beira á quantidade de estrelas do céu – fica-se impossível de contar, e quando se tenta contar, enlouquece-se bem antes de ter chegado a algum desfecho plausível e consistente.

Então, chegando a este estágio infinito, confortável, mas temido por alguns. Percebem, com seus próprios olhos, o milagre: eu saio da minha primeira imagem de jovem, e da segunda de adulta com diálogos feitos de ideias bem formadas e sobressaltadas de intensidades – para o estado inicial: uma criança. Eu torno-me enfim, uma criança! E me olham de repente, com olhos espantados. A imagem jovial e adulta foi-se toda embora, aquilo eram todos sangramentos indesejáveis de inseguranças da própria criança. Ela quer libertar-se, e liberta-se enfim, quando alguma alma caridosa decide caridosamente conhece-la, entrando na minha própria intimidade, entrando na intimidade da dita e antes conhecida pessoa adulta!

Apesar de saber que estas três fases podem constantemente ser confundidas como uma sendo parte integrante da outra; as outras pessoas ainda veem as três entidades como sequencialmente separadas uma da outra, como se não fizessem conexão alguma, uma com a alma emocional da outra. Como se uma, de repente, demolisse a outra, como se a anterior agora não tivesse mais destino.

Saindo da mediocridade insana das minhas conclusões precipitadas, entro em casa, e, para minha surpresa, a bagunça não era a mesma que eu tinha deixado antes de ter saído. Alguém havia entrado ali. Eu sentia; haviam

papeis amassados, rasgados e triturados. Havia telefones quebrados, jarros e potes com minhas anotações confidenciais sendo expostas.

Olhei para o lado, aonde estava a janela aberta, com as cortinas esvoaçando-se para dentro da casa por conta da enorme ventania que agora fazia questões de sobressaltar-se. Entre a dicotomia monótona do não mostrar-se e do aparecer-se como centro de tudo, estava meu fiel incomodo no olhar dos vizinhos para com a bagunça da minha sala: claramente ouviram barulhos durante a noite, e olhavam agora para certificar-me das minhas supostas reações.

E, claro – a visão forasteira dos vizinhos para com a minha privacidade e intimidade era o que realmente matava a minha criança. Eles me olhavam com um olhar jovial-adolescente – como quem a todo custo, deseja com urgência, menosprezar e maltratar a criança anterior que foram; e para isto, menosprezam as outras que a respeitam.

A visão dos vizinhos causava-me estranheza, não por eu não conhece-los, pois nem eu mesma me conhecia quando estava eu, em completa solidude e solidão – mas sim pelas opiniões formadas e coletivas – de um mundo ainda sem consciência de sua própria sujeira, que atravessam a barreira das paredes feitas de tijolos, vítimas de construções materiais – e conseguem, de algum modo, penetrar bem fundo na minha inocência. A inocência do bebê recém nascente de um útero aquecido e acolhedor, ainda conquistando e vislumbrando todos os seus sentidos, em extremo encanto com tudo que vê, respira, ouve, toca e saboreia.

Certo! A minha parede com papel cor de bege se aproximando do rosa me fazia sempre pensar em certezas mais leves e menos infelizes. Por que, falando-se sempre em infelicidade, sabe-se que toda causa das maiores

tragédias e crueldades surgem sempre da infelicidade. Os vizinhos não são em essência cruéis – mas não souberam cultivar sua própria felicidade – e o cultivo da felicidade parte sempre do próprio indivíduo, e não do coletivo, na qual se está sempre a mercê de receber suas respectivas crenças.

Quando se cultiva felicidade a partir do coletivo, quando o mesmo soube, sua felicidade automaticamente, também irá evaporar. Há de se perceber isto! Por isso, eu não sentia raiva dos vizinhos com seus olhos gigantes e esbugalhados, mas sim os dizia o que havia acontecido para que pudessem satisfazer suas curiosidades fúteis, para mascarar a vontade humana de querer trocar e conectar-se com os outros ao seu redor.

A minha grande barreira com as pessoas, em ambientes aonde não me encontro sozinha, com a humanidade no geral, aonde habitam grandes círculos de pessoas, era, na verdade esta, e muito mais complexa e inabitada pelo terreno do senso comum: a necessidade que a minha alma tinha para sentir-se confortável dentro de algo, era a sensação de respeito na qual as pessoas me davam.

Se não havia respeito, não havia dialogo comigo – pois eu mesma, não tolero conversas aonde há sempre a presença de desrespeito ou falta de atenção no que está sendo colocado em pauta. E para o mundo, talvez, seja difícil entender este grande fenômeno do respeito – mas que para mim soa como uma conduta tão óbvia e determinante de solução de grandes atribulações.

Mas tudo bem – logo ignorei este meu pequeno incomodo com a visão dos vizinhos perante a estrondosa tragédia em meu apartamento. Fui até o meu quarto, verificar se o mesmo tinha acontecido lá. Apesar de bagunças

exteriores, nunca me deixava abalar internamente – isto é, nunca que as bagunças de ambientes mexessem nas minhas organizações subjetivas. Então, sempre mantinha o autocontrole, independentemente da situação. Então, cheguei no meu quarto, e lá estava. Não exatamente uma bagunça, mas coisas jogadas no chão. E, lá estavam! Quadros. Quadros e mais quadros.

Os olhei atentamente, e lembrei-me que eu os tinha vendido para aquele palácio! Eram quadros antigos de minha mãe, e cada um representava uma fase de sua vida – ela me dizia que quem os olhasse saberia automaticamente o que fazer naquela fase específica da vida.

Funcionavam como hipnotizadores – os olhos de quem os encontrasse, já estava fadado a raciocinar corretamente, quase como um dogma – sobre aquela pintura que foi posta em frente aos seus olhos. E agora, apareceram ali no chão do meu quarto. Eu tinha-os vendido para o palácio, e em troca – eles me deram o cristal! Mas, de onde veio este cristal dele?

Acho que, nada passava de superstição de minha parte. De minha parte e da deles, talvez – os donos do palácio. Por que queriam com urgência as belas pinturas de minha mãe, me prometeram que o cristal faria belas mágicas em minha vida! O que, aparentemente, não adiantou.

Só me fez, na verdade, criar bagunças externas, e mexer com o tempo de forma indevida e indelicada! E claro, colocar uma jovem em risco por ela também, ter partido para uma jornada sem planejamento, somente por que meu toque a acordou de uma forma ou de outra. Querendo ou não, a fiz também, mexer com o tempo. Ninguém pode mexer com o tempo, pois não foi ela quem o criou – este conceito não nos pertence, e cabe a

nós, permaneceremos parados aonde nos encontramos – a mesma talvez tenha arriscado sua própria vida neste jogo egoísta de encontrar este maldito cristal!

Esta jovem no caso, talvez seja eu. Não sei se estou entrando em contato com ela agora ou não. Mas espero que a mesma fique bem a partir de agora. Nada mais irá incomodá-la – espero. A verdade já foi encontrada, e engarrafada.

Peguei meu número e disquei para o palácio. Eles atenderam imediatamente.

– Então, por que devolveram meu quadro? O cristal é uma farsa, não é? Eles de nada adiantam para poderes ocultos, como vocês me confirmaram? – Perguntei, sem mesmo saber com quem eu estava a falar.

– Senhora, deixe-me explicar uma coisa. – Aparentemente era a voz de um senhor – Coisas ocultas só funcionam para pessoas que acreditam em seu poder, se no seu íntimo precisou realmente de um objeto material para prosperar, é sinal de que nada entende de poderes ocultos. E devolvemos o seu quadro por que se envolver em relíquias familiares não é de nossa intenção, apesar deles serem belíssimos.

– Mas não posso ficar com eles. – Eu disse.

– Por que? – Perguntou.

– Quando os vejo pela noite, é como se eu visse minha mãe todos os dias. Não gosto disso, lido com o presente e com o que está vivo fisicamente.

Ouve um silêncio na conversa do telefone.

– Tudo bem – Ele disse – Então, se não quiser, pode devolver para nós, daremos um jeito neles.

– E se vocês já sabiam que o cristal de nada fazia, então por que inventaram sobre tais poderes? – Perguntei.

– Por que eles realmente existem! Basta se ter crença e foco no que se quer. – Mudou de assunto, logo após essa sua fala – Iremos buscar os quadros hoje aí. – E desligou rapidamente.

Claro; o senhor idoso se contradisse, sem se contradizer. Faz sentido mas para os leigos, irá soar como uma mera enrolação de conversa. Mas o que são as contradições se não meros fragmentos de verdade enrolados em pequenas cestas com embrulhos nas quais seus tecidos são questionáveis? Não é o que tem por trás do tecido e dentro da cesta – mas a forma e a origem da cesta e do tecido. As contradições estão à espera eterna de compreensões coletivas para suas principais funções entrarem em ação dentro do mundo – basta que abram-se as pálpebras! Para os globos oculares poderem trabalhar melhor em sentidos de servidão para as contradições.

Quando se tira o véu e se faz a síntese da contradição, descobre-se a verdade! Pois é isto que é, a principal roupa luxuosa das contradições – elas gostam de vestirem-se com roupas misteriosas, que nunca mostrem sua verdadeira aparência, seu verdadeiro eu. E a verdade do mistério – é nada mais nada menos, que mais mistério! E está aí a contradição: mais mistérios. Por isso ela representa a verdade – pois é uma charada impenetrável!

Assim como um sentimento nunca é anulado em essência, mesmo quando se muda o destino das duas polaridades deste sentimento, mesmo quando separa as duas completudes que formam um ser inabalável – assim é como a verdade: ela não é anulada somente por que se está fragmentada. E a contradição então, surge: para juntar todos estes fragmentos da verdade.

A ideia é sempre manter-se firme em assuntos pessoais, o tratando de forma pessoal. Quando se fala de coletivo e impessoalidade, nada toca o coração. Mas quando começa a se discursar tratando o assunto como pessoal, mesmo ele sendo assunto social e coletivo, todos se envolvem e percebem que todos representam a verdade!

Não são somente uma pequena minoria, mas todos ali, possuem intimidade; e esta intimidade representa a pessoalidade de tudo que é impessoal para progredir no campo coletivo, em grupo. Se é preciso falar em termos individuais, íntimos e exclusivistas; senão, o coletivo nunca se envolverá, nunca entenderá o sentimento e a sensação de respeito a si mesmo!

A paz reside e se estabelece aí. No respeito consigo por perceber o ser indivíduo que se é, com necessidades distintas de outros – e por consequência, dentro do grupo, perceberá, logo em seguida, as do outro, pois já se percebeu em si também. E assim se surge a neutralidade de todos os conflitos.

Tudo se anula, se acaba. Pois, a intimidade foi comungada, cooperada, compartilhada. As intimidades se encontraram e se entenderam; como um casal apaixonado, que se trancam em seu próprio mundo pois aquelas duas intimidades estão em estados constantes de êxtase e intensas amorosidades!

É o mesmo. A humanidade deve se comportar como um casal apaixonado! Os indivíduos participantes da sociedade devem sentir-se como casais apaixonados; para, assim, a colaboração existir e coexistir por toda a atmosfera da paixão – que possui suas ligações profundas com revolucionar-se, revolucionando o mundo ao mesmo tempo.

O esforço de revolucionar a si mesmo é perceptível para os de fora, e assim, seguem-se arrastando para quem vive dentro de si, buscando estas pequenas engrenagens a serem revisadas por constância!

A escravidão não poderá ser tanta se os desejos forem pequenos; se forem menores que a vontade. O desejo que falo, é guiado pelo pedantismo desenfreado da falta de contato com os outros – e a vontade é o guia para a comunhão; para a conexão intrínseca e extasiante.

Enfim, os contrassensos do senhor fizeram-me paralisar em questionamentos, como sempre. Não houve nem mesmo tempo algum para mim de depositar todas as minhas constantes aflições internas após uma conversa pouco compreendida por um lado só; enquanto o outro lado claramente dominava o diálogo e se beneficiava com isto – pois terá sido uma conversa manipulável, tida como inofensiva aos olhos de outros – pois foi somente uma simples conversa informal. E conversas informais sempre passam um ar de inofensivo; enquanto seus panos estão infestados de sujeiras!

Sujeiras, lugares pretos e obscurecidos com umidade de uma água duvidosa de sua limpidez. Panos umedecidos com falta de clareza. Este é o sentido de uma conversa, aonde somente um lado explica, se impõe e domina – e o outro somente escuta, obedece e aliena-se com a voz que ouve.

E por vezes, a alienação ocorre até na consciência de quem não é alienado – somente após um tempo, percebe a si mesmo, que estava seguindo aquela voz na qual tinha ouvido há um tempo atrás; e só então, se volta para si mesmo novamente, aonde tudo começou, aonde o reino se estabelece e se mantém: nos telhados principais de sua cabeça, feitos de telhas cristalizadas.

Mas ora! Podemos ver claramente quem é uma pessoa, quando a mesma para de tagarelar, manipular, reclamar, resmungar – tudo isso que faz com que uma pessoa envelheça mais rápido. E quando a vemos claramente, nunca é o que parecia ser, quando a mesma possuía estes hábitos que a prejudicava intensamente. Ela torna-se mais clara, limpa, pura. Assim como este senhor no telefone que não conheço, mas se não fosse seu jeito estranho de falar – creio eu que a conversa soaria muito mais agradável do realmente foi.

Minhas paralisas questionadoras foram interrompidas pelo bater na minha porta da frente. Fui imediatamente atender, mesmo ainda notando a incrível bagunça em minha sala. Notando, e não fazendo nada a respeito dela. De repente, após aquela conversa com o senhor do palácio tudo se tornou uma bagunça dentro de minha consciência. Se a história do cristal foi uma ilusão, o que poderia ser, então, de verdade? Se, tudo então, não passa de meras superstições? Percebendo agora – que tudo que nos acontece é fruto instantâneo de nossos próprios desejos inconscientes?

Abri a porta delicadamente, e eram dois homens sérios e exaustos. Lhes perguntei:

– Vocês trabalham no palácio?

Eles afirmaram que sim com a cabeça.

– Vieram buscar os quadros? – Perguntei.

– Não. Viemos buscar você.

Quando ouvi isso, somente senti pancadas intensas em meus olhos e em minhas pernas. Não estava mais consciente.



## 7. O DESCANSO

O ato de relaxar, repousar, manter-se em hibernação do mundo poderia ser chamado de uma morte fingida. Descansar da vida é dar brecha para a morte animar-se em si mesmo. Quando se quer descansar da vida são sinais claros de que a vida está parecida mais com uma morte do que a verdadeira vida em si! O descanso é necessário, mas somente para alertar a morte. Alertá-la sobre sua suposta intrusão em climas não pertencentes de sua natureza sugadora. Sua estação é outra. Sua vida é outra! A morte gosta do descanso pois é nessas brechas que ela deita, rola e diverte-se no tapete imundo da sala.

O descanso é bem paradoxal – ao mesmo tempo que necessitamos de algumas horas para poder nos revitalizar, essa revitalização acaba que por nos viciar em seu estado de comodidade. E a morte aprecia sempre a comodidade do corpo – pois assim fica mais fácil se aproximar, já que a morte também compartilha deste comodismo; a morte também é calma, como tudo que é confortável e calmo.

A revitalização tem de acontecer, mas em tempos abertos e pródigos, aonde as suspeitas estão suspensas e se pode colher bons frutos do repouso. O revitalizar do corpo é o revitalizar de tudo que o compõe – por isto mesmo, tudo deve ser preservado e mantido em segredo para que nada venha desvencilhara-o do caminho do equilíbrio,

para que seu líquido não derrame e esparrame nem para a direita, nem para a esquerda – mas manter-se em perfeita simetria com as quatro paredes insondáveis.

Quando abri os olhos, percebi que estava em uma cama de uma enfermaria.

– Violeta, você está bem?

– Pessoal, Violeta acordou. Venham aqui.

Falavam comigo em um tom muito baixo e quase se aproximando de sussurros.

Olhei para minhas roupas; tinha me vestido com roupões claros de bolinhas. Minha roupa na qual eu usara na casa de Amélia, estava ao meu lado, limpa e dobrada em cima da cabeceira da cama aonde eu estava deitada. A enfermaria era comum com cores usuais, e os moveis todos feitos de palha.

– Como está, Violeta? – Reconheci quem havia me perguntado isso, apesar de estar ainda despertando; era Fuinha, um dos guardas do Palácio.

Me levantei devagar, sentando na cama para acompanhar quem se aproximava e enxergar com mais força todo o ambiente que me cercava, e habitava o meu corpo.

E então, Fuinha voltou a falar:

– Não se preocupe, eu dei um jeito na mulher que estava mexendo com sua cabeça. Eu e um amigo meu. Ela não irá mais te incomodar.

Eu, ainda sonolenta, perguntei-lhe:

– Deu um jeito nela? Como assim?

– É, você estava perdendo sua razão, naquela procura desesperada por achar aquele cristal e por uma tal de verdade, para aquela mulher, quando na realidade, ela brincava contigo durante todo esse tempo. Quase te fez desistir da sua vida para ir morar em uma floresta isolada

de tudo! Mas fomos na casa dela e está tudo resolvido. Demos um sedativo para ela.

– E depois disso? – Perguntei, enquanto me davam água para beber.

– Deve estar descansando. – Ele riu maliciosamente, como se tivesse feito uma ação antecedente ao suposto descanso dela.

E assim, continuamos a suspeitar de toda ação humana: quando suas falas são sempre suspeitas e nunca possuem um tom mais firme, forte e sério, para indicá-lhes o respeito somente na indicação da postura. Somente em suas devidas posturas para se falar do outro, se percebem os sinais de desonra e desagrado ao próximo!

Mas, claro, quem me olha nunca imagina também, que eu tenha toda essa privação mental – por conta de valores muito bem pré-estabelecidos. Pois, de certa forma, quem possui valores, sabe quem se é e o seu lugar, priva-se de aventurar-se por aí, e isto tem um preço! Mas, quem olha para mim, não enxerga exatamente essa velhice e monotonia nas ideias, mas sim com as vivacidades ainda púberes, alimentando-se de emoções desenfreadas e ainda pouco desenvolvidas. Assim como, quem seduz só é capaz de fazer tal coisa, quando também, é um sujeito completamente seduzível. Só é sedutor, quem é capaz também de render-se às seduções de outros – sabe como é isto? O grande peso, de ser algo que domina, mas na qual se também é vítima desta mesma coisa.

A vítima e o dominador sendo facetas de um mesmo sistema. Assim é, pois, quem possui valores sólidos, mas que ao mesmo tempo, brinca de ser inúmeras personagens no jogo da vida. Ela faz isto para ressaltar e salientar para ela mesma a persistência em seus valores! Se não hou-

vessem outros personagens para a mesma experimentar, como saberia que aqueles valores eram tão sólidos? Não saberia, pois não sairia do lugar.

E assim como, um sujeito conhece outro sujeito na vida e crê que aquele sujeito que se conheceu, ficará perpétuo, como uma rocha pétrea, da mesma forma, quando se conheceu ele. Sem mudar cousa alguma: ideias, aparência, fisionomias, jeitos, trejeitos. Quando, a vida em si, é feita de conhecer e desconhecer, e logo depois, conhecer pela segunda vez. Feita de apresentar-se e ir embora, mas logo depois, conhecer mais a fundo o que se apresentou em sua frente. Feitas de idas e vindas, encontros e desencontros!

Feita, absolutamente, de comer a mesma comida todos os dias, mas com temperos diferentes, dando uma nova obra-prima para seu paladar; sabendo ele, que é a mesma comida que se ingere todo dia.

A vida é a repetição das formas e das geometrias relativas e diversificadas do que já se viu, já se conheceu, mensurou, absorveu, digeriu, completou em sua cabeça que era aquilo – mas se conhece de novo, e vê um objeto completamente distinto do que se realizou em sua cabeça. E aí então, acontece o choque e a surpresa, e o ciclo todo volta para o início.

Não é grandioso saber como todas as coisas se encaixam e se completam e forma uma corrente – ou correnteza – de certezas, aonde se começa a depositar fé para prosseguir e seguir adiante criando gênio e disposição advindos destes pequenos encaixes?

Bom! Posso dizer com firmeza se ele tem este pensamento, também já tive. Pois os meus pensamentos não são diferenciados da de ninguém que se aproxima de mim,

convive e já chegou a conviver comigo. A diferença é a grande consciência! Tenho a consciência dos processos dos meus pensamentos e quando eles se transformam ou deixam de se transformar em preconceito ou motivação; se se tornam intenções de melhoras ou pioras para o outro. Observo todos eles, e a partir disto, me entendo, e entendo o que leva o outro a pensar e a fazer certas coisas. Pois! Que, estamos todos juntos, unidos, e os pensamentos não se separam nunca; eles não podem sair da camada desta dimensão física, da carne – mas esta camada pode ser elevada até uma outra, a partir da reflexão e observação sobre os pensamentos que circundam em torno da carcaça flácida e resistente da pele, da camada fina da epiderme.

As redes se unem! As redes se fundem! As redes conectivas criativas estão cada vez mais poderosas e lapidando o que há de desligamento de memórias imaginativas para sentir o outro! E com isso, há sempre a minha ligação com o outro que instantaneamente faz algo de errado – posso ajuda-lo, pois já sei o que ele sente, mesmo nunca tendo passado pelo mesmo – mas já senti a mesma sensação, e a sensação unifica toda as escalas, esquemas e camadas globais e pessoais de praticamente todas as vidas.

Isto é interessante: a cada vez que me aproximo mais da escuridão, chego mais perto da luz. Pressinto que faço coisas erradas e injustas, e no mesmo momento do pressentimento, volto para a justiça e a certeza, pois penso em todas as pessoas que fazem estas coisas todos os dias, e provavelmente sentem-se como eu quando fazem algo de errado.

A diferença é que eles não acharam o caminho da porta, a chave que abre a porta para iluminar o quarto escuro. Esta fechadura é difícil muitas vezes, de ser que-

brada, mas quando se libertada da tranca, seu sol é tão poderoso que tem de se guardar e esconder todos os mantimentos sensíveis à luz, com receio de perderem-se de suas próprias consistências nutritivas.

Pois a luz deste sol acaba com tudo que não é verdadeiro. No mesmo segundo em que se abrir e permitir sua luz iluminar os móveis, o chão, seus pés descalços, cuidado com o que alimenta em sua mentalidade: pois quando ele chegar ao ponto de iluminar sua própria cabeça, nunca mais será o mesmo. A luz queima e faz mal a aqueles que ainda se encontram rígidos e extremamente trépidos para conhecimentos novos!

– Para onde pensava que estava indo? Saindo de si mesma por causa de uma missão impossível, ordenada por uma desconhecida? – Amélia de repente apareceu no meio das pessoas, perguntando – Você achava mesmo que tem capacidade para isso?

Mas, Amélia me conhecendo, achei que ela perceberia a minha disposição incansável para fazer parte da vida social – não me encaixo nela, mas eu possuía sim, o ânimo maior do que qualquer um que ali estava. Não por que me contento com conversas fúteis e supérfluas, saídas frívolas e insignificantes, voltando para casa com vazios estranhos de não ter me acrescentando em nada – mas sim, por que eu sabia: a vida social é aonde estavam as pessoas que realmente precisavam de ajuda.

Quem não precisa de ajuda, mantém-se sempre em sua casa, crê o lar e a casa como fontes eternas de deleite. Quem está na vida social está na procura de vida, ajuda, afetos, ou até mesmo intrigas e violências. Independente do motivo – eu estava lá por que aqueles lugares davam-me o ânimo do espírito necessário para usar toda a minha

sabedoria da introspecção, do lado antissocial que repudia tudo que acontece por estes lugares, e jogá-lo no meu ânimo de vida quando vejo pessoas vivas, querendo continuar vivas! Lutando pelas suas vidas, prazeres e dores.

E há sim, algo belo nisto; por ora sempre me camuflei nestes espaços, me passando como uma delas, para poder penetrar e digerir no espaço do outro á vontade, fazendo o mesmo se abrir como uma criança machucada!

A vida social não era meu habitat; mas era lá aonde minha alma de repente se acendia em vislumbre! Só daí, percebia comigo mesma: há muito trabalho a se fazer com a humanidade. Aonde eu estava?

No meu habitat – a solidude. Certo. Mas e o trabalho com o que não se está acostumado? Há de se expandir e de se abrir para isto. E agora eu estava aqui – deitada na cama da enfermaria, após algumas missões da vida social. Mas com a sensação pertinente e persistente de dever cumprido. E esta é a graça! Se machuca em prol do outro, porém, a sensação da alma é a que vale; muito mais do que a do corpo.

Basicamente: finjo eu, ser ingênua e inocente, não saber sobre nada da vida assim que entro em um espaço como este – somente para fingir ser um deles. Pois, se eu mostrar todo o meu conhecimento sobre a vida, irão achar-me estranha demais para conviver e ser amiga deles. Criara-se então, uma relação hierarquizada. E é tudo isto que não desejo indo para o social; eu desejo o contrário! A união de igual para igual, se foi para isto que vim para cá.

– Quase morreu de fome! – Uma das pessoas me disse.

Uma coisa de interessante percebi sobre a fome – quando se está sentindo ela, não se pensa em mais nada,

a não ser em suas necessidades básicas, de nutrição. Por mais que o cérebro se esforce por pensar em outras coisas, a fome quando sentida se assemelha a paixão: nada pode tirar seu foco pois aquilo está sendo visto como questão de vida ou morte, como questão de uma dimensão até mais importante que deus.

Por isso, quando se sente fome, a interação com as atividades intelectuais é drasticamente diminuída – por mais que se tenha a mera concentração naquilo em que se deseja, ao mesmo tempo o corpo também pede interação, não somente o cérebro.

O cérebro pode emanar energias para o corpo para sustenta-lo por mais tempo; mas ele sempre vai se redimir ao estado de calma que lhe falta, ao estado latente de nutrição que lhe corrói, enquanto não interage fortemente com alguma substância dentro de suas paredes estomacais.

O que era, no tocante de todas as estruturas que condessavam o edifício da humanidade – sua regularidade de opiniões sobre a fome? Suas interpretações sobre a fome? O que era, nas divergências de opiniões, que os fazia unidos? Era isto?

O compartilhamento de sensações semelhantes? Se foste, era isto, então, que todos se reconheciam imediatamente como humanos. E reconheciam aos seus semelhantes – pois não se tratava mais de fazer a máquina humana funcionar – mas sim de entende-la, questioná-la, sentir todo o seu emaranhado de complexos fortificando-se na união aleatória e espontânea de outros complexos fazendo-lhes companhia humanitária. Fazer a máquina humana funcionar é instintivo, logo quando se abre os olhos e se enxerga os objetos materiais já se está fazendo

isto – agora, entende-la vai além deste campo de enxergar somente as informações primeiras e primárias!

O que se faria se não existissem rádios, televisões, meios de comunicação? O que seria os indivíduos julgadores e altamente críticos destrutivos, no que acreditariam, o que sentiriam? Acreditariam em tudo? Os meios de comunicação possuem uma grande e responsável função: o de clarear a consciência! Mas, de que serve o instrumento para clarear a mente, se quem comanda o instrumento possui zonas escuras e cinzas em volta de sua áurea, em volta de sua glândula pineal? Em volta do seu comando intuitivo, distorcendo todos os campos saudáveis e objetivos?

– Como sabe que quase passei fome? – Lhe perguntei.

O que era fome para mim, provavelmente significa uma outra coisa para eles. A fome para mim era reflexo da ausência de algo que faltava sempre na alma; a pior pobreza, esta eu não passava: a ausência de auto percepção e de questionamentos próprios. Talvez seja isto que intensifique mais a fome do corpo – e ela é facilmente lapidada e dissolvida quando se desenvolve a riqueza do espírito.

Notei então, dentro as minhas humildes reflexões sobre a vida, este possível relato relativo: quanto mais se compreende, menos torna-se reativo ou impulsivo. Quando se compreende, toma-se sempre o máximo cuidado antes de verbalizar qualquer verdade – pois sabe-se normalmente que as verdades, quando pronunciadas, são passíveis de serem acreditadas com todo vigor.

A compreensão exige a racionalidade, e para isso, a amenização, e às vezes a anulação do impulso agressivo de revolta para com as injustiças e tudo que o engloba.

Não anular o instinto, mas a revolta. O instinto não se pode ser anulado, é impossível, pois faz parte da natureza individual – mas sim, canalizado para ser equilibrado com a racionalidade que se desenvolve nos espíritos humanos.

– Eu entendi a fome, não significa que eu quase morri de fome. A fome é interpretativa, assim como tudo na vida.

– Ah, Violeta! – Amélia revoltou-se – até em casos mais grave está querendo entrar com filosofia?

– O que é um caso grave? O quase morrer? A morte não é grave, o que o fazem pensar assim, com tanto fatalismo?

– Você é mesmo, uma pessoa estranha. – Um menino que estava com Amélia falou – No bom sentido, claro. Já tinham me falado sobre você. Às vezes sinto que, as pessoas precisam tomar substâncias para chegar a um estado de consciência que você já tem, eu acho.

Ah! Cheguei a um outro importante ponto: normalmente eu queria crer que a boa palavra só é bem-dita quando se pensada primeiramente. Entendi, por fim, que não. A palavra bem-dita só é bem-dita não porque se desenvolveu um raciocínio sobre ele, mas sim através do grande instrumento da intuição. A intuição faz os pensamentos virem à tona sem necessariamente se ter raciocinado sobre eles; e daí, surge sempre a palavra bem-dita, mas não através daquela racionalidade quadrada e conservadora; mas sim, pelo que há de mais antigo em nós mesmos: o instinto. E é através dele também, que se faz necessário uma reconstrução de valores afim de perceber como o mundo constantemente nos tira de nossa posição e nos coloca em outra por puro teste!

O estado de consciência não se dá através desta racionalidade quadrada, mas sim, através da fala não pensada vinda da intuição. E isto não significa ser agressivo! Mas, saber manejar a máquina chamada linguagem é essencial para que o instinto e a intuição trabalhem bem dentro da convergência entre o que se quer de si mesmo e o que o outro espera de si.

Pois até nisso, precisamos ficar atentos; a como o outro está enxergando a nossa casca. Como uma fruta, não irá causar grandes atrações ou vontades saciadas de comer, quando se vê sua casca suja, amassada e acinzentada! É o mesmo com nós; até de nossa capa necessitamos preservar, mesmo que ela só seja por pura proteção, mesmo que só sirva para funções meramente passageiras.

O passageiro também bate na porta e implora por acolhimento; pois ele esconde atrás do seu véu, o etéreo e invisível objeto da eternidade.

E sinto que, preocupar-se com sua fala, querendo planejá-la antes de verbalizar, seja um ato repressor da espontaneidade e preocupado apenas em ativar somente as primeiras impressões e a imagem do discurso que está sendo dito. De nada nutre ou aprofunda, o ato de planejar.

De nada acrescenta; somente na espontaneidade está escondida o ouro da essência, e somente nele se é capaz de se aprofundar. Talvez o mistério só exista quando a imagem está sendo mantida e preservada em prol da essência!

Fui imediatamente levada para um outro estado de consciência, mesmo tendo acordado inconsciente, e mesmo sem eles perceberem!

## Cenário 12

Era uma ausência de tudo. Literalmente, uma ausência de estímulos; ou melhor, uma ausência de vontade que os sentidos sejam saciados, ou seja – ausência de estímulos. Eu sentia meus olhos vibrando tão fortemente para lá alto no céu que não me dei conta do meu próprio esquecimento sobre os gostos e as vontades dos sentidos.

A vontade de experimentar sabores, de cheirar aromas perfumados, de tocar em linhagens macias e suaves; tudo estava sendo esquecido pelo meu próprio corpo, como se ele estivesse se dissolvendo, como se ele passasse a não existir mais. Como se, só o que estivesse aceso fosse só a minha própria consciência, os meus olhos contemplando o céu nublado e me permitindo ser engolida por esta imensidão! E, sem saber o que fazer com esta sensação, ficava inerte. Ficava eu, absorta em meus próprios pensamentos sobre a imensidão do céu.

Tinham me dito agora que eu estava sob o efeito de alucinógenos! Mas, não sentia diferenças tão gritantes com o meu estado atual de consciência. Apenas via coisas se mexendo; porém, as percepções sobre as coisas que se mexiam, continuavam as mesmas dentro da minha consciência – nada se modificou – os alucinógenos ativam receptores importantes em nós, provavelmente eu já os tinha ativos dentro de mim.

Sim! Eu tinha! Tudo que eu já tinha consciência sobre a vida, as pessoas dependiam de objetos externos para terem essa percepção. A percepção que eu já tinha. Realmente, não havia muito o que se fazer com este

efeito, para as pessoas com cabeças fracas, as sensações eram tão potentes, que começariam a necessitar desta substância externa para sentirem-se em êxtase.

Que pena. Uma pena! Espíritos pobres e caídos no esquecimento, desceram a terra, para experienciar situações que já conhecem.

Olhei para baixo, para o gramado aonde eu estava sentada, e saí de cena desaparecida de mim, dissociativa condensando apenas na lembrança do ventre, do foco, do eixo central de nós, e não do corpo necessitado que se preencha imediatamente os sentidos. Sendo sua consciência, sempre escrava dele. Há de libertar-se um pouco de suas vontades lacônicas e sedutoras!



– Violeta? – Alguém perguntou – Está tudo bem?

– Oi! – Eu falei alto, levantando novamente da cama – Estou aqui.

– Parece que tinha adormecido. – Um dos outros disse-me.

O mais engraçado dentro dessa minha situação de ter acordado inconsciente dentro de uma enfermaria é não conhecer ninguém que estava ali, somente Amélia e Fui-nha, e o fato também deu ter estado, alguma vez na vida, inconsciente! Sendo eu, uma autodidata – como uma autodidata se torna inconsciente se aprende tudo a cada tempo, a cada segundo, a cada instante? Se até na hora do desmaio, da inconsciência, se está aprendendo sobre aquela sensação que lhe está permeando o corpo?

Como uma autodidata consegue compreender, entender e assimilar a inconsciência, se tudo nele vibra para o lado oposto? Para o lado da compreensão sobre tudo?

Eu estava com a roupa de uma enfermaria! Um disfarce, uma farda de um doente. Roupas de internação – o quão estranha isto era para minha mente que tudo sabe, mas ao mesmo tempo, nada sabe?

Deve ser por isto mesmo que estou aqui – achando eu, somente por que aprendo coisas rapidamente, lembro e consigo associa-las a outras memórias e a outros aprendizados, achei-me no direito de dizer-me sabedora de todas as coisas; o resultado disso talvez seja a internação. E a internação deve-se ao alto grau de autoconvencimento que pode levar a uma espécie de loucura, que nada mais é que um ego rejeitado.

Deve-se tomar cuidado com as habilidades, dons e dotes que são excessivamente enaltecidos e glorificados. Quando se acredita muito na própria glória e vitória de uma característica particular sua, é capaz de cair no leito e acordar em uma enfermaria.

Os objetos externos (como essa farda de doente) possuem uma força tremenda no tocante de nossa primeira impressão ou em nossa figura visual. Como por exemplo pessoas idosas aparentam serem mais jovens quando estão com mochilas nas costas, e como mulheres jovens que andam com grandes bolsas aparentam serem mais velhas do que realmente são. A idade e a aparência material e cronológica está nas aparências, mas a verdadeira idade e essência se escondem nas entranhas da intimidade, sempre envergonha de si mesma, e receosa de se aparecer com toda sua plenitude quando já se tem aquela sua imagem pronta e acaba de sair do forno por grandes receptores de status.

Mas quem sente-se bem consigo mesmo na maioria das vezes é mal interpretado. E isto pode levar ao auto congelamento e a paralisação de suas próprias ações e habilidades, pelos outros não permitirem que o mesmo o seja, do jeito que é.

Nossa! Como a mente humana é incrível – consegue transformar algo que não é, no que é, e algo que é, no que não é. Constantemente confunde, troca e inverte sentimentos e se faz acreditar nisto e a crença é tudo! Quando se tem a crença, já se está feito; já se está fadado, acumulado e pronto!

O sentimento só é aquele pois se criou a crença de que era aquilo, pois o sentimento vazio e puro – sem a interpretação e a nomeação, somente é uma sensação, dentre tantas outras sentidas durante o restante das horas. Assim como a fome. A fome só é sofrida pois existe um contexto histórico de sofrimento a partir dele; por isso, é visto com tamanho desespero! Mas, a fome sem o seu contexto histórico de dores e labutas, sem seus rótulos e nomeações, seria apenas uma sensação.

Ah! Por isso, eu suspeitava da fala de todos. O que é quase morrer de fome, como disse-me o outro? O que é, de fato, a fome, em termos de sensação? Desespero, raiva? Cada um nomeará de uma cousa no momento que a sentir.

Eu poderia inverter os sentimentos de uma certa incompreensão e intolerância com as pessoas em alguns momentos, de simplesmente sentir fome. Ou poderia ser o contrário – eu poderia inverter a sensação da fome a transformando em um impulso ou energia de vontade; para a ação, movimentar-se.

– O que te faz pensar que adormeci? – Lhe perguntei, como uma forma de provocação.

Ele deu de ombros; fez um bico como se não se importasse com a própria resposta que me daria. E eu também não me importava.

Agora! Fuinha aproximou-se da cama aonde eu estava, e me analisou mais de perto, notando alguma coisa em meu rosto machucado. Eu não sabia muito bem aonde meu rosto estava machucado, mas ele olhava como se tivesse familiarizado com o machucado – e assim, foi. Começou a apresentar extrema seriedade em seu olhar, tocando devagar em meu olho. Por conta da dor que eu tinha sentido, tirei imediatamente seu dedo do meu olho.

– O que foi? – Lhe perguntei, expressando certo nível de dor ao seu toque, mesmo delicado – Doeu.

Ele continuou sério, ainda sem me dar uma resposta. Ele então, me perguntou, com cuidado, devagar, quase sussurrando:

– Você se lembra aonde se machucou assim? Digo, como você ficou inconsciente dessa forma? – Sua voz saiu trêmula, como se estivesse com medo de me perguntar, descobrindo algo muito inesperado em meu olho roxo.

– Eu não lembro, se eu estava inconsciente. Mas sei que, levei pontapés e socos. – Fui me levantando aos poucos para conversar com ele direito.

Enquanto isso, as pessoas se afastavam um pouco da cama para deixar eu e Fuinha termos nossa conversa em particular.

– O que foi? Você está me parecendo meio apreensivo. – Eu disse.

E ele estava realmente, aparentando tamanha apreensão com os meus machucados; olhava para o meu corpo, observando os outros machucados, que eu também

não havia notado em mim mesma. Roxos pelos joelhos, quadris e coxas.

Sua apreensão passou para um nervosismo sem tamanho! E seu nervosismo se tornou gotas de suor; suor e mais suor! Ele abaixou-se e começou a respirar fundo – tudo para não se desesperar. Eu então, comecei a preocupar-me.

– Fuinha, o que está havendo?

Ele então me puxou para um canto, certificando-se que ninguém ouviria sua suposta confissão. Pelo menos, é o que me parecia que ele ia fazer.

– Violeta, eu fiz uma coisa horrível com aquela mulher. A mulher que eu disse, que estava mexendo com a sua cabeça, e que eu tinha dado um jeito nela.

– O que você fez? – Lhe perguntei.

Ele então, começou a chorar em silêncio.

– Nós a espancamos. Mas entenda, fizemos isso por que vimos o que ela estava fazendo com você! Mas agora eu estou vendo, eu notei algo muito estranho...

– O que você notou? – Eu queria saber aonde todo aquele raciocínio ia dar.

– Notei que você está com as mesmas pancadas, os mesmos hematomas que esta mulher que machucamos! Violeta, eu não estou entendendo mais nada.

Fuinha agora, com essa sua fala, me comprovou uma das dúvidas mais letais que eu estava em minha cabeça: eu era, realmente, de fato, aquela mulher! A mulher que tinha me feito mudar completamente de rumo e direção. A mulher que quase me induziu às buscas introspectivas.

Eu achava que não – mas o mesmo acabou de me comprovar isto. Será que ela, dentro de toda confusão no espaço imenso, estava perdida no tempo? Saído misterio-

samente do tempo aonde residia, querendo provas maiores de que eu era uma espécie de peregrina? Querendo aventurar-se em um tempo que não era o dela, só para provar algo para si mesma? Eu mesma, querendo ainda, provar algo para mim mesma?

Uma pessoa viajante ou vivendo isolada nunca pode se convencer de que sabe de tudo; ele irá aventurar-se para se testar, para provar para si mesmo se realmente sabe sobre aquilo – observando a si mesmo na prática, no cotidiano, no dia-a-dia! Talvez, eu tenha feito isso em um tempo aonde eu não cheguei! Em um tempo que ainda não alcancei para me testar sobre todos os meus conhecimentos.

Eu não estava com raiva de Fuinha por ter me espancado, ou não sentia qualquer sentimento negativo – simplesmente por que não senti como se fosse eu que tivesse sido espancada. Só estava satisfeita por ele ter me dito isso, e aliviada por ter percebido que as minhas buscas desenfreadas por alcançar a verdade, na realidade, eram testes e vivências para meus autoconvencimentos.

Queria eu, me convencer de algo em mim mesma, e acabei tropeçando e me atropelando com uma outra versão de mim mesma, que também estava na mesma busca: o de autoconvencimento. O quão inteligente, mas ao mesmo tempo humilhante era isto?

Então, a busca pelos cristais foi uma superstição criada por mim mesma?

Ora! Eu constantemente achava-me injusta em ter tudo de mãos abertas, enquanto os outros não possuíam nada. Não sei bem, se era injustiça ou culpa; mas talvez um misto de sensações que se pronunciavam quase como uma mesma coisa. A inconsciência causa-nos uma estranheza de sensações injustas com nós mesmas e com o outro.

Ah! A minha inconsciência então, é um descanso! Eu não tinha que me preocupar com nada mais, se eu tinha acabado de sair de um transe de inconsciência – e estava eu, em pleno estado de conforto, repouso e reflexão; a inconsciência então, seria o meu descanso.

A consciência estar inconsciente é uma atitude nobre para si mesma; ela prova para si que até o brilho do sol precisa se resguardar e deixar algum outro astro brilhar em seu lugar enquanto descansa. A lua! A lua é o descanso do sol – as emoções inconscientes. O quão fenomenal é isto?

– Se acalme. – Eu falei para ele, tentando não transformar aquilo em um simples consolo – Vamos resolver isso, onde está essa mulher? – Eu agia como se não soubesse de nada.

Por que afinal, que pessoa cética acreditaria na minha suposta história alucinante sobre uma confusão no tempo e em um encontro comigo mesma em um lugar qualquer? Ninguém; eu não poderia dizer a verdade que eu achava ser a verdade – iria provavelmente, ser internada como lunática. Eu sabia as consequências da minha fala; por isso, era prudente. Algumas pessoas ainda não estavam preparadas para sair desta tão aclamada realidade tridimensional.

– Eu não sei.

– E como sabe que os meus machucados são iguais aos dela? Você se lembra de onde ficou roxo?

– Sim, lembro exatamente de onde a feri. E agora olhando para você, me parece que é ela de alguma forma, me mostrando como a machuquei.

A grande verdade é que ele não se importava com aquela mulher, e talvez, também não se importava comigo. Mas há um paradoxo interessante nas relações com as

pessoas no geral: ninguém importa-se com a sua pessoa até a hora em que você decide também parar de se importar com elas.

No momento em que elas não importam mais para seu coração já esmagado, elas de repente, renascem em sua vida querendo-lhe de volta.

As relações talvez sejam essas eternas trocas de jogos infantis, como um pega-pega e esconde-esconde. O que esperar? O que esperar das relações humanas que ao final das conclusões imediatas não sabemos se nos apunhala ou se nos estendem o braço? A imprevisibilidade das pessoas é o único objeto previsível de todos! Como saber, se Fuinha está aqui por mim, ou se ele não faria o mesmo comigo, que fez com a outra versão de mim?

As coisas são engraçadas quando se pensa deste modo. Não é desconfiança ao sentimento dele de arrependimento com o que fez, mas apenas uma observação dos constantes fatos que se sucedem e se apresentam defronte em mim e defronte a todos; apesar de saber que os fatos, eles por si só, podem facilmente ser transformados em meras interpretações. Então, o que é o fato? Traga-me um fato e eu facilmente o transformo em minha própria interpretação. O que é a interpretação, se uma muito bem explicada, argumentada e que se sustenta por si só, se transforma facilmente em um fato?

Como um espelho que está sujo durante muitos anos, e olha seu próprio reflexo naquela imundice durante anos! Claramente, percebe-se também sujo e feio. De repente, após anos, decide-se ter a incrível ideia de limpar o espelho.

O que acontece é o fenomenal, quase um milagre: torna-se bonito, e seu rosto torna-se de boa qualidade,

mesmo com imperfeições na pele. A limpeza transformou o fato da feiura em um fato de beleza! Apenas com a mera interpretação da limpeza do espelho, que agora, torna-se um fato; a limpeza do espelho é apenas uma suposição, mas a mudança de concepção sobre si mesmo após a limpeza é um fato.

Entende-me? O fato pode ser uma interpretação, e a interpretação torna-se fato.

– Me ajude a me acalmar. – Ele falou – Talvez eu tenha cometido o maior erro da minha vida.

Será que foi, realmente – o pior erro da vida dele? Será que – entre todas as coisas existentes e vividas que entrou em contato durante suas décadas de vida como um homem com trabalhos que envolvem lidar com a marginalidade da sociedade, este talvez tenha sido seu pior erro?

O que, provavelmente essa eu que foi espancada, acharia de uma pessoa como Fuinha? O julgaria como agressor, insensível? Mas a minha eu de agora não está vendo isso! Está presenciando um lado sensível e desesperado por ter ferido um outro alguém ser., Mas, aqui vai a grande realidade universal que rege a grande parte da humanidade: não há como ferir ou machucar alguém, sem antes, sentir isto dentro de si. Quando já se comete esses atos, é por que dentro de si já extrapolou os verdadeiros limites que o corpo aguenta e suporta – e por isso, têm de extravasar para o corpo não se emergir em sobrecarrego exacerbado em sua estrutura ambulante. Suas pernas precisam movimentar-se, precisa-se estimular e incentivar todas as suas partes para que as mesmas não atrofiem, tornando-o imáculo e contagiando todo o resto dos membros.

Não há, de forma alguma, como afetar o outro sem tornar-se o outro que se está afetando – não há como olhá-lo e não se ver ali. A agonia ou raiva perante as desgraças, e a felicidade e alegria diante de vitórias retrata muito bem como nos comportamos – em um estádio de futebol, quando um time ganha, a torcida imediatamente transforma-se.

Quando há alguém agonizando de dor no chão da rua, não há como ficarmos indiferentes a isto; alguma coisa se sente ao ver a cena ou a imagem. E quem não sente, é por que também se acostumou a agonizar-se internamente. Não há como separar-se do outro em sua frente, é inegável, uma solução insolúvel, uma filtragem que não filtra: a humanidade sentindo todas as dores um do outro o tempo todo!

A maioria das pessoas ignoram umas às outras por que sabem, dentro delas – que possuem um potencial máximo para sentir intensamente a dor do outro; mas se optam por fazer isto, será acumulado mais dor dentro delas, será mais uma bagagem em suas costas; a própria dor individual, com a dor do outro na qual se decide prestar atenção.

Quase ninguém ainda está preparado para este baque de consciência: somar a sua própria dor com a dor intensa do outro em sua frente! Ninguém ainda entenderá esta estranha sensação de altruísmo. Eles almejam o altruísmo, mas ao mesmo sentem medo quando estão chegando perto, e daí, recuam, dão ré para o lado da dor única e individual.

Durante a noite por exemplo, é o horário aonde os indivíduos marginalizados realmente se expressam – é aonde estão as pessoas que mais precisam de ajuda, quem é constantemente marginalizado. E dentro da noite, há uma cumplicidade e uma lealdade dentro das relações que são criadas por esse horário, que é sempre memorável e marcante.

Tudo por que, durante a noite, a subjetividade de todos tende a emergir e a sair de dentro do túnel aonde estava por conta da claridade solar – aonde as características mais positivas são expressadas, deixando as que devem ser trabalhadas, para o lado da noite. É aonde, a vontade de ser altruísta com o outro normalmente é ressaltada, e nos dias solares é uma vontade negada – pois todos estão se divertindo e felizes, evitando ao máximo o contato com a dor intensa do outro.

Mas hei de tomar cuidado também com as projeções! Eu digo isso para mim mesma e para quem me assiste. Não é porque Fuinha bateu na mulher que seria eu, que eu também devo levar isto para o pessoal, já que eu, nem ele – sabíamos do grande fenômeno de estar perdida em um tempo que não é o seu.

Muito menos ele – o que se culpava pelo ocorrido. Não posso projetar minha dor de ser eu neste tempo atual nele, que simplesmente desconfiou da personalidade de um outro alguém que passeava injustamente pelas esquinas e ruas daqui; injustamente pois aqui não é o seu lugar, e sim o lugar de alguém que ainda iria crescer para tornar-se ela – no caso, eu.

Mas, não irei me espantar com os maus agouros, más falatórios ou más ações – fazem parte de um processo natural de transmutação humana. O humano é um animal que possui consciência e ainda está aprendendo a lidar com ela.

O humano toma percepção de sua própria consciência aos poucos, conforme vive certas coisas que lhe fazem avançar em graus de compreensão; por isto é importante, analisar o processo de algo que se odeia e se detesta, pois o ódio facilmente não tem ainda o conhecimento propicio

com terreno fértil que lhe faça digerir toda a roupa que o veste, todo manto mofado e saído do armário há pouco tempo desesperado por ser limpadado para poder respirar sua própria sensação de acolhimento e conforto.

O ódio é uma emergência faminta; faminta de pratos quentes e saídos do forno. De carnes de mentira que não pesam o estômago e de grãos e massas que não provocam também, o peso consequente da falta de ânimo e do desleixo em se pendurar nas armaduras cintilantes da cama aonde é teu principal leito – como os desenhos e filmes são igualmente importantes: os desenhos possuem a imagem infantil, mas suas morais são compreensíveis apenas para os mais adultos.

E os filmes possuem a imagem de uma vertente mais adulta, mas em sua maioria, somente causam emoções primárias e primitivas, advindas normalmente do período infante. Assim é como a emergência do ódio em se tornar pó solúvel, não querendo ser mais a instância corrosiva de um líquido, transpassando pela corrente sanguínea manchando o sangue precioso e indeciso de cada um.

– Sente-se na cama. – Eu falei, tocando em seu ombro.

Ele ainda estava com seu uniforme de segurança aonde trabalhava no palácio. Sentou-se na beirada da cama como quem esperava por alguma emergência.

– Dê-me um pouco de água.

Eu então, fui até a margem da sala no bebedouro, pegando um copo plástico e enchendo até quase transbordar. Enquanto o copo enchia de água, me peguei em mais uma das minhas elucubrações.

Estava eu inconsciente, no momento da cama – mas mesmo assim, estava eu sem energia e memórias? Quando

o corpo fica inconsciente, o que dentro dele, exatamente, se esvai, vai embora? A energia vital, o amor, a alegria? As bagagens de conhecimento, as memórias emocionais, os afetos? O que de fato, é corroído dentro da essência neste instante da inconsciência – para se estar com a falta de alguma coisa necessária á humanidade? Obviamente. A inconsciência se dá pela falta de humanidade e sensibilidade, emergida em repressão por décadas.

O peso torna sempre algo mais caro – o preço se aumenta e se tem de pegar mais por algo que não vale seu preço, somente por que aquele peso mantém a estabilidade. Já as coisas que não possuem valor monetário, são de grátis ou simplesmente seu preço é tão mínimo que não se precisa nem fazer esforço para se conseguir a moeda de troca, são sempre as levezas de tudo, o que se carrega e nem se sente o peso do seu peso!

E só porque é leve e barato, não significa ser frágil – mas sim, ser ausente de tudo que proclama interesses materiais e no que tange as capacidades de ser passado para trás por questões sociais e financeiras! O que é leve, é barato – mas se é barato não por ser uma cópia do original, mas por ser diferente de todos os outros materiais já vistos para fabricação.

Então, de onde vem este peso todo sobre a concepção de uma vida boa, digna e agradável ser cara? Quem disse que a minha inconsciência foi um peso para todos que me assistiam deitada na cama, adormecida, submersa em sono profundo de princesa? O meu príncipe talvez seria o retorno da minha própria consciência autodidata. E recupero ela aos poucos, quando observo o comportamento de Fuinha em relação à sua ação – ao seu erro! Percebo sua falta de perdão. Perdão – consigo mesmo e

com os outros. Pois quando não se perdoa, é sempre incapaz de perdoar os outros. O olhava e olhava toda sua prepotência em olhar para si mesmo e para seus próprios comportamentos, os rebaixando e os punindo, ao invés de tentar entendê-los.

Mas, aqui, vemos também um outro comportamento interessante: o de importar-se muitas vezes, com o que a construção social crê ser o certo, e absorve e mastiga isto dentro de si, sem exatamente, fazer uma análise completa e sensata sobre a situação que se sucedeu, sem desenvolver um preconceito descabido e precipitado sobre o ocorrido.

Aqui vemos também – a importância que as pessoas dão para preencher seus próprios buracos negros e vazios; alguns usam pessoas para melhorar seu estado emocional e de espírito! E aqueles, nas quais já possuem seus buracos negros e vazios muito bem resolvidos consigo mesmo pois são eles que determinam seu próprio autodomínio, são normalmente taxados de egoístas – mas na verdade, eles só sabem conversar com eles mesmos sobre seus vazios – enquanto os julgadores evitam esta conversa e continuam procurando pessoas para preencher estes buracos. Como Fuinha fez, quando pediu minha ajuda.

E, aonde, todos os modelos de relacionamentos já inventados pela sociedade são sempre altamente destrutivos e manipuladores, aonde – uma criança intacta com sua alegria interior de viver não suportaria nunca entrar em contato – como quando ouve uma briga de seus pais de porta fechada, se assusta e se choca com tudo que ouve e com os tons de vozes apresentados dentro da briga!

A família e as relações afetivo-sexuais são sempre, em algum ponto, destrutivas. Talvez, a forma de relação

mais sincera e duradoura que exista é a amizade. Pois ela engloba tudo – ela pode existir com algum membro familiar, ou em alguma relação afetiva-sexual, e pode existir sozinha, sem precisar necessariamente de nenhum vínculo mais sério e aceito profissionalmente e socialmente.

Mas, retirando a amizade sincera e genuína, digamos que a sociedade cria os modelos de relacionamento para nos aprisionar.

As relações vão tendo, com o tempo, um tom e uma coloração meio acinzentada de seriedade, levando conseqüentemente a sisudez e a perda da energia vital de alguém – fazendo o mesmo esquecer de sua alegria interior. Toda seriedade que possui tons de sisudez pode ser considerada uma verdadeira ponte para a possível destruição da alegria interior! Alegria de viver não combina com seriedade – e ser sério também nada tem a ver com não ser alegre.

Fuinha, agora, estava sendo um exemplo perfeito disso para mim. O exemplo de uma isca que foi pega pelas criações inventadas do social.

Fuinha não se acalmava! Eu lhe dizia para respirar fundo. Eu lhe dizia que isto não era culpa sua, afinal.

– Eu te perdoo por ter feito isso comigo. – Eu falei, o acolhendo – Apesar de também não me lembrar de nada.

Minha capacidade de sabedoria voltava aos poucos! Ficava contente por me reconhecer novamente em minha própria carapaça ambulante, aonde era o meu principal guia – e sem ele, talvez eu já poderia ter me aproximado mais ainda da morte. Sim, a sabedoria ocorre em todos os meios, pessoas e âmbitos.

Aqui nesta estranha situação, eu poder analisar meticulosamente e minuciosamente a psique de Fuinha,

pode-se considerar uma sabedoria sobre a psique humana, pois que, eu nunca nesta vida, fui capaz de estudar teorias sobre a mente – foi tudo apenas baseado em empirismo e pesquisas para fortificar a minha sensação empírica, e para confirmar a minha quase-certeza daquilo sobre determinado assunto estar correta.

Então, era uma sabedoria sobre a mente humana, neste momento, neste instante, aonde eu o ajudava a acalmar-se. Envolvendo sutilmente a sua psique junto com sua biologia, fisiologia, linguagem e espiritualidade.

Pois que:

**Sabedoria = Saber, conhecimento, cabeça que pensa sozinha e consegue solução para os problemas através do conhecimento adquirido com sua força de vontade e com reflexões particulares – e não através da força de pressão de um terceiro, como um instrutor.**

É isto! É isto, consegui. O meu significado, principal significado de mim mesma na corrente da vida. Mas não era só isso – passeando pelas minhas vidas passadas com aquela máquina, pude notar que a minha sabedoria já estava entranhado em minha essência e o contato com as pesquisas, as artes, os livros, as instituições – só fizeram o conhecimento acordar e cintilar em meus tímpanos e entre as paredes do meu estômago – levando o doce para a proclamação da voz até a última gota, necessitando ser expressada. Ela não desenvolvida aqui e agora, ela foi desenvolvida lá atrás – então, eu poderia me chamar de uma sábia, ou simplesmente de uma pessoa que reflete sobre as coisas?

Surpreendentemente, Fuinha disse-me, depois de já calmo, exatamente a mesma coisa na qual eu acabara de pensar.

– Violeta. – Sua respiração já estava uniforme e o suor tinha parado de aparecer, e me olhou agora, com plena atenção e um olhar revelador – Vou lhe confessar o que eu acho.

– O que? – Lhe perguntei, tensa e ansiosa para que dissesse logo o que se passava em sua cabeça.

– Você pode ser uma espécie de eremita. Passeia por várias linhas de tempo, culturas e transita entre as demais pessoas e ambientes, mas ao mesmo tempo continua sempre isolada. Talvez, ter todo o conhecimento do mundo dentro de si só pôde ser possível graças a sua capacidade de isolar-se.

– Mas é claro. – Eu lhe disse com profunda convicção da minha existência – Quem irá desenvolver algo dentro de si estando sempre à mercê das crenças errôneas dessa sociedade melodramática?

– Me perdoe. – Ele falou, mudando de assunto, provavelmente se referindo às suas agressividades.

Ele se ajoelhou defronte a mim, pegando na minha mão, e a beijando, acariciando-a. Estranhei seu gesto, mas não tirei minha mão dali.

É passando por longos e intensos períodos de verdadeiro desespero, é que se aprende a valorizar a verdadeira calma – já diziam todos os milenares. E, de fato, concretizando toda a agonia instável, vê-se que quando a calma finalmente está chegando em seu devido lugar nas células imponentes e sedentas pela satisfação inigualável, ela percebe então, que não necessita de mais nada no mundo, a não ser a própria satisfação da contemplação estável de

sua própria tranquilidade, ao mesmo tempo em que, faz o mundo rodar e movimentar-se apenas com o poder imóvel de se estar parado no mesmo lugar.

Parado em matéria sim, mas vivo, ativo e comunicador em preliminares dos mínimos detalhes dos outros movimentos dos corpos materiais.

O que se percebe, no entanto – nas diversas interpretações da calma, que é uma forma de repouso ativo; ele ser visto como uma inércia, como um não fazer absolutamente nada durante muito tempo. Mas, na verdade – o não fazer nada, ou até mesmo a dita preguiça, é preciosa para fins sociais.

Ela, ao ser exposta e digerida pelas multidões, se torna paciência e compreensão, ao invés de uma corrida desenfreada de competição para conseguir o que se quer na hora em que se deseja. Quando se não faz nada quando se está sozinho e de repente vai às ruas, seu estado de vazio é tão grande que não há vontade de violentar, agredir ou ditar algo em voz alta para alguém. Então, o não fazer nada é realmente não fazer nada, ou seria também uma forma de alimentar a paciência, para que, quando chegasse a hora de estar em um coletivo, observar cada um ali sem julgamentos?

O erro é a falta de ensinamento quanto às demais interpretações sobre a linguagem e comunicação. Nos ensinam sobre a fala, mas não sobre as mãos, os olhos, a aproximação, as expressões, a respiração; estas diversas outras formas de se comunicar são aprendidas empiricamente pelos mais subversivos; não se contentando com a superficialidade das ordens, regras e demais contratos e critérios lhes dado durante a vida. E por isso, inventam coisas como: pecados capitais, bom e mau, punições e recompensas, medos da morte e da transformação subjetiva, etc.

E no fundo, todos desejam as coisas simples. Pois todos desejam a felicidade. Quem é simples, vive de artefatos e sustentos simples, ou sente-se feliz com as faculdades simples que se apresentam durante os dias, é atraído pelos complexos pois são centros de cura. Talvez a solução para o problema seja não pensar nele, apenas enfrenta-lo, abraçando-o como vier. E assim, ele se dissolve

Por fim, enquanto uma pessoa está liberta, outras cem pessoas estão trabalhando duro para esta pessoa usufruir de sua liberdade em sociedade, e trabalhando sem querer, sem liberdade, trabalhando como escravos; vendo este fato, a minha liberdade de ser nunca será uma liberdade justa e verdadeira se todos os outros também não se conscientizarem de suas próprias liberdades. E para isso, só basta simplificar a vida em todos os méritos e meios.

Simplificar o trabalho, recusar o trabalho sério e que exiga mais do que se possa dar; transformar esta recusa aos padrões repressores e advindos da pirâmide injustas – em inovações para criações de novos tipos e formas de trabalhos sustentáveis, dando-lhes prazer total e pleno, frutificando ainda por cima, o bem-estar. E eu não serei liberta – não porque faço parte da sociedade, pois não faço. Mas sim, por que todos os outros da minha espécie estão presos e enjaulados em crenças ilusórias! Então, como viver sozinha e isolada dos da minha espécie? Não há como – toda espécie necessita, como uma vitalidade essencial, das trocas, interações, conexões e intimidades.

Se eu acompanhei todo o meu processo evolutivo de consciência, de sair da manada para me fortificar, entender de onde tudo vêm e destruir o que foi criado

de forma involuntária e negativa dentro de mim – e não entender também, que os processos fisiológicos são o mesmo nos outros? Que eles também – não merecem a mesma chance?

Como eu irei ser pessimista e negativa em relação aos outros se todos somente tendem a ir para frente com seus próprios processos? Desrespeitar o tempo do processo do outro é também, não respeitar o meu próprio processo individual, que eu mesma acompanhei! Desrespeitar o processo do outro, é também negar a humanidade existente em mim, e nas demais potências humanísticas do outro.

Fuinha não estava certo em fazer isto, mas decidi interpretar sua ação como uma descompensação mental e inconsequente, ao invés de um pecado ou um erro fatal que arruinaria nossa relação pessoal.

– Você não precisa de perdão por que não guardo ou guardei sentimentos ruins por você, você só sentiu que tinha algo de errado, e essa sua ação foi uma alternativa que achou para tentar solucionar um possível problema. Mas que foi uma alternativa mal pensada e mal articulada, foi. Não nego. Não foi burrice, mas desprezo e intolerância com o outro. – Eu disse.

E claro, ter consciência não significa entender as mesmas coisas do que todo mundo, ir pelo mesmo caminho, sendo todos iguais, fortificando as mesmas características – ganhar consciência é passar a compreender coisas nas quais ainda não se entende e se familiarizar com elas; e há alguns que já entendem a direção leste, mas ainda não entendem a oeste.

E há alguns que já entendem a direção oeste, mas ainda não entendem a leste! E entender esta outra polaridade desconhecida é obter a consciência – ao invés de

todos seguirem a mesma direção, simultaneamente – senão, há alguns que irão conhecer de novo o que já conhecem, e desconhecer o que deveriam conhecer. E há a chance de se esbarrarem o tempo todo nos seus antigos eus – por isso, o caminho não é igual para todos, mas sim a compreensão do desconhecido para eles mesmos.

E de fato, a felicidade é um grande desafio para a civilização. Ninguém aceita a felicidade quando ela se torna real e atingível, pode ser vista e tocada. E começa o jogo de mantê-la sob controle: colocam-na sempre para baixo, para um patamar inferior ao que realmente está com a alegria interior; mas, o indivíduo que é feliz, não vê a inferioridade que o colocam, como um sofrimento, ressentimento ou punição.

Ao contrário: torna o patamar inferior que o colocaram, como um desafio, para desenvolver certas habilidades que ainda não possuía; como o da reflexão e pensamentos sobre si mesmo.

Uma pessoa realmente feliz nunca se torna amargurada convivendo com os amargurados, apenas profundamente reflexiva e pensativa sobre si e sobre o que o cerca, se camuflando facilmente como uma espécie de amargura. Porém, quando retorna ao seu trono da alegria, distante da amargura da civilização, ela então, volta sempre para seu reino.

O reino do amor – da onde emana todas as atrações que costumam lhe beneficiar. Esta pessoa sabe que nem todos entendem a felicidade; sabe que há algumas pessoas que ainda não alcançaram a compreensão da alegria interior. Por isso, fecha-se, enclausura-se, faz uma casa dentro de si mesmo com o objetivo de proteger sua relíquia, o ouro disposto a doar-se a quem entender de onde advém seu material tão reluzente.

– Há pessoas que sempre se lembram de nós, não importa o que aconteça. Há pessoas que tatuam os nossos corações. E elas lembram de nós também quando lembramos delas. – Fuinha disse.

– Como sabe que elas lembram de você também? – Perguntei.

– Por que eu sinto.

Sua voz saiu melódica, melancólica e firme.

Ele acabara de revelar um segredo coletivo de toda a humanidade, a salvação de todos os males crônicos. O sentir era a intuição necessitada de atenção pelos mais dispersos e inconsequentes! Será que, um segredo ao ser revelado para uma outra pessoa, já não torna-se mais segredo, pois se foi verbalizado?

Talvez não, o caminho da dissolução de um segredo, talvez seja a própria racionalização de um pressentimento, sentimento ou sensação sigiloso. O segredo passa a se dissolver no ponto de partida do expurgo; mas ainda não encomendou toda sua força para as glândulas salivares dando total impulso para a língua abrir a boca e vibrar as vozes aonde reinaram todo um raciocínio muito bem formulado pela corrente sanguínea viva que circula sangue até o cérebro!

E a voz então, se solta como uma confirmação dos inúmeros raciocínios presos dentro da carcaça carnal.

Ao mesmo tempo que se mostra mágica, se mostra mistério. A humanidade, os corpos que sustentam a multidão, e os segredos sobre o sentir e até aonde eles podem nos carregar.

– Violeta. – Ele falou meu nome novamente, ainda se ajoelhado em meus pés, segurando minha mão, já suada, com o extremo contato com a sua.

– O que? – Lhe perguntei, com um tom de aborrecimento em relação ao seu comportamento.

Ele apertou a minha mão e olhou em meus olhos, dizendo-me, como um mandato ou como uma sentença:

– Nunca perca a fé na humanidade.





